

MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

JOHN FLANAGAN

RANGERS

ORDEN DOS ARQUEIROS

RESGATE
DE
ERAK

Livro 7

EDITORA



FUNDAMENTO

EDUCACIONAL



RANGERS

ORDEM DOS

ARQUEIROS

LIVRO 7: RESGATE DE ERAK



JOHN FLANAGAN



O sentinela não conseguiu ver a figura verde-escura fantasma através da noite para o Castelo Araluen. Fundindo-se com os padrões vigentes de luz e sombra lançada pela meia-lua, o intruso parecia se misturar com o tecido da noite, combinando com o ritmo das árvores e sombras de nuvens em que se moviam com o vento moderado.

O posto de sentinela estava no cordão externo, fora das muralhas do castelo enorme, pela torre Sudeste. O fosso ondulava suavemente atrás dele, sua superfície agitada pelo vento para que os reflexos das estrelas na água escura ficassem definidos brilhando em mil pequenos pontos de luz. Antes dele, estendia-se a um parque enorme que circundava o castelo, bem cuidado, impecavelmente cortado e dotado de árvores frutíferas e de sombra.

O terreno descia suavemente longe do castelo. Havia árvores e pequenos vales sombrios onde os casais ou indivíduos poderiam se sentar e relaxar e ter um piquenique em relativa privacidade, protegidos do sol. Mas as árvores eram pequenas e elas estavam bem espaçadas, com abundância de terreno aberto entre eles para que ocultação fosse negada a qualquer grande força de ataque. Era um compromisso bem ordenado entre a prestação de privacidade e descontração e à necessidade de segurança em uma época em que um ataque poderia acontecer concebivelmente a qualquer momento.

Trinta metros à esquerda de onde o sentinela estava, uma mesa de piquenique tinha sido formada anexando uma carroça antiga para o coto serrado do que tinha sido uma grande árvore. Vários bancos rústicos foram colocados ao redor da mesa e uma pequena árvore havia sido plantada ao lado para fazer sombra durante o dia. Era o local preferido de piquenique para os cavaleiros e suas damas. Oferecia uma boa visão do verde, parques agradáveis que desciam longe para a linha distante escura de uma floresta. E foi colocada de forma que ele iria desfrutar do sol durante todo o ano — enquanto o sol brilhasse.

O intruso estava caminhando para essa mesa.

A figura escura escorregou nas sombras de um pequeno bosque a quarenta metros do banco, em seguida, caiu de bruços no chão. Tomando um último olhar para obter um rumo, o intruso serpenteava fora das sombras, o rosto para baixo, rumo ao abrigo da mesa.

O progresso era lento e trabalhoso. Ele era obviamente um espião treinado que sabia que qualquer movimento rápido seria registrado com a visão periférica do sentinela. Conforme as sombras de nuvens passavam sobre o parque, a figura rastejando moveria com elas, ondulando discretamente toda a grama curta, parecendo ser apenas mais uma sombra em movimento. A roupa verde escura auxiliava a dissimulação. Preto teria sido muito escuro e não teria criado também um fundo de sombra.

Verde escuro mesclava perfeitamente com o tom da própria grama.

Demorou dez minutos para percorrer a distância até a mesa. A poucos metros do objetivo a figura congelou quando a guarda de repente endureceu, como se alertado por algum som ou movimento leve — ou talvez apenas um sentido intuitivo que nem tudo estava muito bem. Ele virou-se e olhou na direção geral da mesa, nem mesmo registrando a forma escura, imóvel a poucos metros dele.

Eventualmente, convencido de que não havia perigo, o sentinela balançou a cabeça, e batendo os pés marchou alguns passos para a direita, em seguida, voltou para a esquerda, em seguida, mudou sua lança para a mão esquerda e esfregou os olhos cansados com a direita. Ele estava entediado e cansado, e disse a si mesmo, que era quando você ficava assim que você começava a imaginar coisas.

Ele bocejou, e então se estabeleceu em um buraco, seu peso descansando em um pé mais do que no outro. Ele cheirou ironicamente. Ele nunca iria se safar com essa postura relaxada em horário de sentinela. Mas era depois da meia-noite agora e era improvável que o sargento da guarda viesse verificá-lo na próxima hora.

Conforme o sentinela relaxou novamente, a figura escura caiu nos últimos metros, ao abrigo da mesa. Subindo lentamente para uma posição agachada, o intruso estudou a situação. O sentinela, depois de se impressionar e se confundir, havia se movido poucos metros mais longe da mesa, mas não o suficiente para causar um problema.

Havia uma longa correia de couro atada ao redor da cintura do intruso. Agora, desamarrada, ela poderia ser visto como um estilingue, com uma bolsa de couro macio em seu centro. Uma pedra lisa pesada foi para a bolsa e a figura subiu um pouco, começando a balançar a arma simples em um amplo círculo

lento, com um movimento do pulso mínimo e construindo gradualmente a velocidade.

O sentinela tornou-se ciente de um som externo durante a noite. Começou como um zumbido quase inaudível, e cresceu mais lentamente em tom. A mudança foi tão gradual que ele não estava certo em que momento ele se deu conta disso. Soou como um inseto de alguma sorte, ele pensou... uma abelha gigante, talvez. Era difícil de detectar a direção que o som estava vindo. Então, uma memória despertou. Um dos sentinelas outras havia mencionado um som semelhante alguns dias antes. Ele disse que era...

CLANG!

Um míssil invisível bateu na cabeça de sua lança. A força do impacto arrancou a arma de suas mãos, enviando-a para longe dele. Sua mão caiu instintivamente para o punho da espada e tinha ela meio retirada quando um corpo esguio subiu de trás da mesa à sua esquerda.

O grito de alarme congelou em sua garganta conforme, o intruso empurrava para trás o capuz negro que havia ocultado uma massa de cabelos loiros.

"Relaxe! Sou só eu" disse ela, a diversão evidente em sua voz.

Mesmo no escuro, mesmo com trinta metros de distância, a voz rindo e o distintivo cabelo loiro a marcou como Cassandra, princesa de Araluen.



"É preciso parar, Cassandra", disse Duncan.

Ele estava irritado. Ela podia ver isso. Se não tivesse sido evidente a partir da maneira como ele passeou por trás da mesa em seu escritório, ela teria conhecido a partir do fato de que ele a chamou de Cassandra. Seu nome usual para ela era Cass ou Cassie. Só quando ele estava completamente irritado com ela, que ele usava a forma longa do nome dela.

E hoje, ele estava completamente irritado com ela. Ele uma manhã cheia de trabalho pela frente. Sua mesa estava repleta de petições e sentenças, havia uma delegação comercial em Teutônia clamando por sua atenção e ele tinha que ter tempo para lidar com uma reclamação sobre o comportamento de sua filha.

Ela estendeu as palmas das mãos para fora diante dela — um gesto que misturava frustração e explicação em partes iguais. "Pai, eu estava apenas... "

"Você só estava escondendo em torno do campo depois da meia-noite, perseguindo um sentinela inocentes e, em seguida, assustando o diabo fora dele com aquele seu maldito estilingue! E se você batesse nele, em vez da lança?

"Eu não iria", ela disse simplesmente. "Eu bati no que mirei. Eu mirei na ponta.

Ele olhou para ela e estendeu a mão.

"Deixe-me tê-lo", disse ele, e quando ela levantou a cabeça dela, sem entender, ele acrescentou "O estilingue. Deixe-me tê-lo. "

Ele viu a determinação definida em seu qumachado antes que ela falasse. "Não", disse.

Suas sobrancelhas dispararam. "Você me desafiando? Eu sou o rei, depois de tudo".

"Eu não estou desafiando você. Eu apenas não estou dando o que estilingue. Eu fiz isso. Levei uma semana para fazê-lo certo. Eu tenho praticado com ele por meses para que eu não perca a mira. Eu não vou entregá-lo para que possa destruí-lo. Desculpe. Ela acrescentou a última palavra depois de uma pausa.

"Eu também sou seu pai", ele destacou.

Ela acenou a aceitação do fato. "Eu respeito isso. Mas você está com raiva. E se eu entregar meu estilingue para você agora, você vai cortá-lo sem pensar, não vai? "

Ele balançou a cabeça em frustração e se virou para a janela. Eles estavam em seu escritório, um grande, arejado e bem iluminado, quarto com vista para o parque.

"Eu não posso ter você perseguindo no escuro surpreendendo os sentinelas", disse ele. Ele podia ver que eles tinham chegado a um impasse sobre a questão de o estilingue e ele achou melhor mudar o seu ponto de ataque. Ele sabia quão teimosa sua filha poderia ser.

"Não é justo para os homens.", Continuou. "Esta é a terceira vez que isso aconteceu e eles estão se cansando de seus jogos bobos. O sargento da guarda pediu para me ver mais tarde hoje e eu sei sobre o que vai ser." Ele virou-se para encará-la. "Você me colocou em uma situação muito difícil. Vou ter que pedir desculpas a um sargento.

Você entende o quão embaraçador isso será?

Ele viu a raiva em seu rosto desaparecer um pouco. "Sinto muito, papai", disse ela. Ela estava combinando sua formalidade. Normalmente, ela o chamava de pai. Hoje era Cassandra e papai. "Mas não é um jogo bobo, acredite em mim. É algo que eu preciso fazer. "

"Por quê?" perguntou ele, com algum calor. "Você é a princesa, não alguma camponesa boba, por piedade! Você vive em um castelo com centenas de soldados para protegê-la! Por que você precisa aprender a esgueirar-se ao redor no escuro e usar a arma de um caçador?

"Pai", disse ela, esquecendo-se da formalidade, "pense sobre a minha vida até agora. Eu fui perseguida por Wargals em Céltica. Minha escolta foi morta e eu quase não escapei com vida. Então eu fui capturada pelo exército de Morgarath. Eu fui arrastada para a Escandinávia, onde eu tive que sobreviver nas montanhas. Eu poderia ter morrido de fome lá. Depois disso, eu estava envolvida em uma batalha em larga escala. Essas centenas de guardas não me mantiveram exatamente segura então, não é? "

Duncan fez um gesto irritado. "Bem, talvez não. Mas — "

"Vamos resumir, "Cassandra continuou," é um mundo perigoso e, como princesa, eu sou um alvo para os nossos inimigos. Eu quero ser capaz de me defender. Eu não quero ter que confiar em outras pessoas. Além disso..." Ela hesitou e ele a estudou mais de perto.

"Além disso? Perguntou ele. Cassandra pareceu considerar se ela deveria

dizer mais. Então, ela respirou fundo e mergulhou dentro.

"Como sua filha, vai chegar um momento em que eu deverei ser capaz de ajudá-lo — para compartilhar alguns de seus cargos.

"Mas você faz isso! O banquete na semana passada foi um triunfo ... "

Ela fez um gesto de desprezo com as mãos. "Não quero banquetes e ocasiões de Estado e piqueniques no parque. Quero dizer as coisas importantes — ir a missões diplomáticas em seu nome, na qualidade de seu representante quando há disputas a serem resolvidas. O tipo de coisa que você esperaria que um filho fosse fazer por você. "

"Mas você não é meu filho" disse Duncan.

Cassandra sorriu um pouco triste. Ela sabia que seu pai amava. Mas ela também sabia que um rei, qualquer rei, esperava um filho para continuar o seu trabalho.

"Pai, um dia vou ser rainha. Não muito em breve, espero, "ela adicionou apressadamente e Duncan sorriu em acordo com o sentimento. "Mas quando eu for, eu vou ter que fazer essas coisas e vai ser um pouco tarde para começar a aprender a esse ponto."

Duncan estudou-a por um longo momento. Cassandra era obstinada, ele sabia. Ela era corajosa e capaz e inteligente. Não havia maneira de ela se contentar em ser uma figura de governante, deixando os outros tomarem as decisões e fazerem o trabalho duro.

"Você está certa, eu acho", disse ele eventualmente. "Você deve aprender a cuidar de si mesma. Mas Sir Richard estava ensinando-lhe o sabre. Por que se preocupar com o estilingue — e porque aprender a esgueirar-se em torno invisível?

Não era incomum para jovens senhoritas bem-nascida estudar esgrima. Cassandra estava tendo lições do Assistente do Mestre de Guerra por alguns meses, usando um sabre leve feito especialmente para ela. Ela virou uma expressão de dor em seu pai.

"Eu estou bem com o sabre," ela admitiu. "Mas eu nunca vou ser realmente uma especialista e só assim eu poderia agüentar contra um homem com uma arma pesada. É a mesma coisa com um arco. É preciso anos de prática para aprender a usar corretamente e que eu simplesmente não tenho tempo.

"O estilingue é uma arma que eu já sei. Eu aprendi a usá-lo quando era uma criança. Ele me manteve vivo na Escandinávia. Eu decidi que seria a minha arma escolhida e eu desenvolveria minhas habilidades básicas até que eu fosse realmente perita."

"Você poderia fazer isso em um alvo. Você não precisa aterrorizar meus sentinelas", disse Duncan.

Ela sorriu se desculpando. "Eu admito que não era justo para com eles. Mas Geldon disse que a melhor maneira de praticar era tornar a situação tão real quanto possível".

"Geldon? As sobrancelhas de Duncan deslizaram juntas em uma carranca. Geldon era um Arqueiro aposentado que tinha um quarto no Castelo Araluen. Ocasionalmente, ele atuava como conselheiro de Crowley, o Cavaleiro Comandante do Corpo. Cassandra corou quando percebeu que ela tinha falado mais do que ela pretendia.

"Perguntei-lhe por alguns pontos em se movimentar invisível", ela confessou, em seguida, adicionando às pressas: "Mas ele não sabia sobre o estilingue, eu prometo."

"Vou falar com ele mais tarde," disse Duncan, embora ele não tivesse dúvidas de que ela estava dizendo a verdade. Geldon não seria tolo o suficiente para incentivá-la nas sessões de práticas irresponsáveis que ela planejou.

Ele sentou-se, respirando profundamente durante alguns segundos para deixar sua raiva diminuir. Então ele disse em um tom mais razoável, "Cass, pense nisso. As suas sessões de prática podem conseguir colocá-la, ou colocar o próprio castelo, em perigo."

Ela inclinou a cabeça para um lado, sem entender.

"Agora que os sentinelas sabem o que está fazendo, eles podem simplesmente ignorar o barulho ocasional ou o sinal de movimento fora dos muros. Se eles vissem uma figura escura rastejar através da noite, eles assumiriam que era você. E eles podem estar errados. E se um agente inimigo estivesse tentando se infiltrar no castelo? Isso poderia resultar em um sentinela morto. Você gostaria disso na sua consciência?"

Cassandra baixou a cabeça, ela considerou que ele tinha dito. Ela percebeu que ele estava certo.

"Não", ela disse, em voz baixa.

"Ou o contrário pode acontecer. Uma destas noites, um sentinela poderia ver alguém perseguindo ele, e não perceber que era apenas a princesa. Você poderia ter até morrido"

Ela abriu a boca para protestar, mas ele parou-a com uma mão levantada.

"Eu sei que você acha que é muito hábil para isso. Mas pense nisso. O que aconteceria com o homem que matou você? Será que você quer que ele viva com isso na consciência?"

"Acho que não," ela disse sombriamente e ele concordou, vendo que a

lição foi aprendida.

"Então eu quero que você pare esses seus jogos perigosos." Mais uma vez ela ia protestar, mas ele continuou antes dela. "Se você deve praticar, deixe Geldon elaborar um plano adequado para você. Tenho certeza que ele estaria disposto a ajudar e que poderia ser mais difícil de passar por ele do que por sentinelas sonolentos.

O rosto de Cassandra ampliou em um sorriso quando ela percebeu que, longe de confiscar seu estilingue, seu pai tinha acabado de dar a sua permissão para que ela continuasse sua prática de armas.

"Obrigado, pai" disse ela, a ânsia evidente em sua voz. "Vou começar a trabalhar com ele mais tarde hoje."

Mas Duncan já estava balançando a cabeça.

"Há tempo para isso mais tarde. Hoje eu preciso de sua ajuda planejando uma viagem — uma viagem oficial. Eu quero que você decida quem deve acompanhar-nos. E você provavelmente precisará ter roupas novas feitas também — roupas de viagem adequadas e vestidos formais, não a túnica e calças que você está vestindo. Você diz que quer ajudar, então aqui está sua chance. Você organizará tudo.

Ela assentiu, franzindo ligeiramente enquanto pensava sobre os preparativos que ela teria de fazer, os detalhes que ela teria que arranjar. Uma viagem real oficial tinha um monte de planejamento e envolvia um grande número de pessoas. Ela estaria ocupada por umas duas semanas, ela percebeu. Mas ela estava feliz que a atenção dele foi desviada da sua ordem para ela entregar o estilingue.

"Quando é que vamos?" Perguntou ela. "E para onde?" Ela precisa saber para onde eles estavam viajando para que ela pudesse organizar as paradas noturnas ao longo do caminho.

"Em três semanas," o rei disse a ela. "Nós fomos convidados para um casamento no Castelo Redmont no décimo quarto dia do mês seguinte."

"Redmont? Ela repetiu, obviamente despertando interesse pelo nome. "Quem vai se casar em Redmont?"



Halt corria os dedos pelo cabelo desgrenhado conforme ele estudava a lista de nomes.

"Pelas barbas de Gorlog! Ele disse, usando um juramento Escandinavo ele havia se tornado muito afeiçoado. "Quantas pessoas estão aqui?"

Lady Pauline o assistia com serenidade. "Duzentas e três", disse ela calmamente.

Ele olhou para a lista, horrorizado. "Duzentas e três?" ele repetiu e ela concordou. Ele balançou a cabeça e dmachadou cair a folha de pergaminho em sua mesa.

"Bem, vamos ter de condensá-las" disse ele.

Pauline franziu a testa um pouco da concentração, ela considerou a sua declaração. "Poderíamos nos livrar dos três", disse ela. "Eu não tenho certeza de que eu realmente preciso do embaixador ibérico e suas duas filhas idiotas no meu casamento."

Ela pegou uma pena e marcou os últimos três nomes na lista, então olhou para ele e sorriu brilhantemente.

"Pronto. Tudo feito. Não foi fácil?"

Halt balançou a cabeça distraidamente, pegando a lista novamente lendo-a. "Mas...duzentas pessoas? Será que realmente precisamos de duzentas pessoas para se casarem?"

"Eles não vão se casar, querido. Nós vamos", disse ela, deliberadamente mal entendendo ele. Ele fez uma careta para ela. Normalmente, a carranca de Halt era uma coisa terrível. Mas ele não tinha qualquer terror de Lady Pauline. Ela levantou uma sobrancelha para ele e ele percebeu que poderia muito bem cair a carranca. Ele voltou à lista, espetando o dedo indicador em uma seção.

"Quero dizer... Suponho que o Rei tem que vir", ele começou.

"Claro que ele tem. Você é um de seus conselheiros mais antigos", ressaltou.

"E Evanlyn — bem, Cassandra. Ela é uma amiga. Mas quem são esses outros? Deve haver quinze pessoas no grupo do Rei!

"Dezessete" Lady Pauline disse. "Afinal, o Rei não podem viajar sem a sua comitiva. Ele e Cassandra não podem apenas montarem em seus cavalos e chegarem no dia, dizendo: "Estamos aqui para o casamento. Onde é que vamos sentar?" Há uma certa quantidade de protocolo envolvido.

"Protocolo!" Halt bufou escárnio. "Que monte de lixo!"

"Halt", disse a diplomata elegante, "quando você me pediu para casar com você, você pensou que poderia apenas deslocar-se para uma clareira na mata com alguns amigos próximos e se casar?"

Halt hesitou. "Bem, não... Claro que não. "

Por uma questão de fato, isso era exatamente o que ele pensava. Uma cerimônia simples, alguns amigos, boa comida e bebida e, em seguida, ele e Pauline seriam um casal. Mas ele sentiu que não seria sensato admitir isso agora.

O engajamento do Arqueiro grisalho e a bela Lady Pauline tinha sido a conversa do Feudo Redmont por algumas semanas.

As pessoas ficaram espantadas e encantadas que esses dois, aparentemente mal acompanhados, mas muito respeitados, estavam a tornar-se marido e mulher. Era algo a se perguntar sobre, a fazer fofocas. Pouco, além disso, havia sido discutido no refeitório de Redmont por semana.

Havia aqueles que fingiam não estar surpreendidos. O Barão Arald de Redmont era um deles.

"Sempre soube!" ele disse para quem quisesse ouvir. "Sempre soube que havia alguma coisa acontecendo com esses dois! Vi isso chegando anos atrás! Sabia disso antes deles, provavelmente ".

E, de fato, tinha havido rumores ocasionais vagos ao longo dos anos que Halt e Pauline tinham sido algo mais do que amigos no passado. Mas a maioria das pessoas tinha rejeitado essa conversa. E nem Halt nem Pauline nunca disseram nada sobre o assunto. Quando era para manter segredos, poucas pessoas poderiam ser mais inarticuladas que Arqueiros e os membros do serviço diplomático.

Mas chegou um dia em que Halt percebeu que o tempo estava passando com velocidade crescente. Will, seu aprendiz, estava em seu último ano de formação. Em poucos meses ele estaria pronto para a formatura e promoção à Folha de Carvalho de Prata — a insígnia de um Arqueiro de pleno direito. E isso significava que Will estaria se afastando de Redmont. Ele seria atribuído um feudo e Halt percebeu que seu dia-a-dia, tão cheio de energia e diversão com Will voltaria a ser assustadoramente vazio. Conforme essa realização tinha crescido, tinha inconscientemente, procurado a companhia de Lady Pauline

com frequência crescente.

Ela, por sua vez, tinha visto a sua crescente necessidade de companhia e carinho. A vida de um Arqueiro tende a ser solitária — e uma vida que se pode discutir com poucas pessoas. Como uma Mensageira, a par de muitos dos segredos do feudo e do Reino ambos servidos, Pauline era uma dessas poucas. Halt poderia relaxar na companhia dela. Eles poderiam discutir o trabalho dos outros e dar conselhos ao outro. E havia, de fato, certa história entre eles — um entendimento, alguns poderão chamar-lhe — que voltou para um momento em que ambos eram jovens.

Para dizer claramente, Lady Pauline tinha amado Halt por muitos anos. Silenciosamente e pacientemente, ela havia esperado, sabendo que um dia ele iria propor.

Sabendo também que, quando ele fizesse, esse homem extremamente tímido e se aposentando teria visto a perspectiva de um casamento muito público com horror absoluto.

"Quem é essa? Disse ele, vindo com um nome que ele não reconhecia. "Lady Georgina de Sandalhurst? Porque estamos a convidando? Eu não sei dela. Por que nós estamos convidando pessoas que não conhecemos?"

"Eu a conheço," Pauline respondeu. Havia algo duro em sua voz que Halt teria feito bem em reconhecer. "Ela é minha tia. Um pouco velha e chata, realmente, mas eu tenho que convidá-la. "

"Você nunca a mencionou antes, "Halt desafiou.

"Verdade. Eu não gosto muito dela. Como eu disse, ela é um pouco uma velha chata. "Então por que estamos convidando-a?

"Nós estamos convidando-a" Lady Pauline explicou, "porque a tia Georgina passou os últimos vinte anos, lamentando o fato de que eu estava solteira. "Pobre Pauline!"Ela chorava para quem desejasse ouvir. "Ela vai ser uma velha donzela solitária velha! Casada com o seu trabalho! Ela nunca vai encontrar um marido para cuidar dela!" É apenas uma oportunidade boa demais para perder. "

As sobranceiras de Halt se juntaram em uma carranca. Pode haver algumas coisas que lhe incomodam mais do que alguém criticar a mulher que amava, mas para o momento, ele não conseguia pensar em uma.

"Aprovada", disse ele. "E vamos sentar-la com as pessoas mais entediadas possíveis na festa de casamento.

"Bem pensado" Lady Pauline disse. Ela fez uma nota sobre a outra folha de papel. "Eu vou fazer dela a primeira pessoa na "mesa dos entediados" ".

"Mesa dos entediados? Halt disse. "Eu não tenho certeza de que eu já

ouvi esse termo."

"Todo casamento tem que ter uma mesa dos entediados", sua noiva explicou pacientemente. "Você pega todos os entediados, chatos, as pessoas bombásticas e as sentam juntas. Dessa forma, todos eles suportam um os outros e não incomodam as pessoas normais que você convidou."

"Não seria mais simples convidar apenas às pessoas que você gosta? Halt perguntou. "Exceto a tia Georgina, é claro, há uma boa razão para convidá-la. Mas por que convidar outros chatos?"

"É uma coisa de família" Lady Pauline disse, adicionando um segundo e um terceiro nome para a mesa dos chatos conforme ela pensava neles. "Você tem que convidar a família e cada família tem a sua quota de chatos irritantes. É apenas parte da organização de um casamento".

Halt se demachadou cair em uma poltrona, sentado um pouco de lado, com uma perna enganchada por cima do braço. "Eu pensei que os casamentos deveriam ser motivo de alegria", ele murmurou.

"Eles são. Contanto que você tenha uma mesa de Chatos". Ela sorriu. Ela estava prestes a acrescentar que ele tinha sorte de não ter família para convidar, mas ela verificou a declaração a tempo. Halt não tinha visto nenhum membro da sua família em mais de vinte anos e ela percebeu que, no fundo, o fato o entristeceria.

"A coisa é," ela continuou, desviando o tema das famílias, "agora que o Rei está envolvido, a coisa toda toma certa formalidade. Há pessoas que devem ser convidadas — nobres, cavaleiros e suas damas, dignitários locais, conselheiros da aldeia e assim por diante. Eles nunca nos perdoarão se lhes tirarmos a chance de esfregar os ombros com a realeza."

"Eu realmente não dou a mínima se eles não me perdoarem" disse ele. "Ao longo dos anos, a maioria deles saíram do caminho para me evitar."

Lady Pauline inclinou-se e tocou-lhe o braço suavemente.

"Halt, vai ser o ponto alto de sua vida para alguns deles. Afinal, nada mais acontece no país. Será que você realmente quer privá-los de um pouco de cor e glamour em sua existência monótona? Eu sei que eu não iria."

Ele suspirou, percebendo que ela estava certa. Ele também percebeu que ele poderia ter protestado um pouco demais. Ele estava começando a perceber que a perspectiva de um grande casamento formal pode não ser tão desagradável para Pauline como era para ele. Ele não conseguia entender o sentimento, mas se era isso que ela queria era o que ele lhe daria.

"Não. Você está certa, claro."

"Agora", continuou ela, reconhecendo que ele havia capitulado e grato a

ele pelo fato, "Você escolheu um padrinho?"

"Will, naturalmente", disse ele prontamente.

"Não Crowley? Ele é seu amigo mais antigo". Ela estava consciente, se ele não estivesse, que a atribuição de papéis oficiais era uma questão perigosa.

Halt franziu a testa. "Verdade. Mas Will é especial. Ele é mais como um filho para mim, afinal."

"Claro. Mas vamos ter de encontrar um papel para Crowley.

"Ele poderia levar a noiva" Halt sugeriu. Pauline considerou, mastigando o fim de sua pena.

"Eu penso que o Barão Arald assume que ele vai fazer isso. Hmmm. Complicado. Ela pensou por alguns instantes, em seguida, chegou a uma decisão. "Crowley pode levar- me. Arald pode realizar o casamento. Isso está resolvido! Ela fez mais duas notas em sua lista crescente.

Em Araluen, o casamento era uma cerimônia de Estado, não uma religião. Era normal para os oficiais seniores presentes realizarem o ritual. Halt pigarreou, fazendo um grande esforço para manter a seriedade.

"O protocolo não", disse ele, com uma falsa preocupação, "exige que o Rei faça isso?"

A carranca amassou as características elegantes de Pauline quando ela percebeu que ele estava certo. Ele também estava completamente muito satisfeito consigo mesmo. O olhar inocente nos olhos confirmava isso.

"Droga!" disse ela. Isso não parece ser forte o suficiente para que ela emprestasse sua praga, "Pelos dentes de Gorlog!" Ela bateu os dedos no topo da mesa em aborrecimento.

"É pela barba" Halt disse suavemente.

"Ele tem os dois, pelo que eu ouvi", disse ela. Então a inspiração lhe deu um soco. "Eu sei. Vamos convidar o Rei Duncan para ser o patrono-patrocinador do evento. Isso deve resolver!

"O que um patrono-patrocinador faz?" Halt perguntou e ela encolheu os ombros jogando a questão de lado.

"Não tenho certeza. Eu acabei de inventar a posição. Mas Duncan não vai saber. A compreensão dele do protocolo é tão fraca quanto a sua. Vai ser uma espécie de mestre de cerimônias glorificado para a coisa toda. Vai dar certo... toque real a nossa união. Hmm, isso é bastante bom", ela murmurou. "Eu vou escrever isso."

Ela fez isso, fazendo uma nota mental de que ela teria que dividir o conceito de patrono- patrocinador com o mordomo do rei. Mas, Lord Anthony era um velho amigo.

"Agora, quem mais? Nós perdemos alguém?"

"Horace? Halt sugeriu. Ela concordou imediatamente. "Vamos fazer dele um arrumador", disse ela, escrevendo furiosamente. "É alguma outra coisa que acabou de lembrar?" ele perguntou e ela olhou para cima, ofendida.

"Claro que não. É oficial. Você sabe: "amigo da noiva? Amigo do noivo? Sente-se para a esquerda. Sente-se para a direita." Um arrumador.

Halt franziu a testa. "Eu continuo achando que está faltando alguém..."

Pauline bateu a mão contra a testa. "Gilan!" disse ela. "Ele vai ficar terrivelmente ferido se não dar a ele um papel oficial."

Halt bateu os dentes em aborrecimento. Ela estava certa. Gilan era alto, alegre, leal — e o aprendiz anterior de Halt. "Eles teriam de encontrar algo para ele."

"Posso ter dois padrinhos? ele sugeriu.

"Não. Mas você pode ter um amigo do noivo extra. Bom raciocínio! Isso significa que eu vou ter que encontrar uma dama de honra extra. Eu só estava com Alyss.

"Bem," disse Halt, satisfeito que ele estava se tornando melhor a isso, "Isso dará a Cassandra alguma coisa para fazer."

Ele ficou surpreso ao ver um flash de carranca rápido em toda a fisionomia de Pauline. Ela tinha uma idéia sagaz que Alyss, sua assistente, ficaria menos do que excitada para ter a princesa Cassandra na mesa do casamento com ela e Will. Melhor se ela fosse mantida a uma distância para a noite, na mesa Real do Patrono-Patrocinador.

"Não-o-o," disse ela durante um tempo. "Nós não podemos ter isso. Como uma princesa real, ela iria tirar o foco da noiva. "Bem, nós certamente não podemos ter isso! Halt concordou.

"Talvez a jovem Jenny, se Chubb puder poupá-la. Afinal, ela e Alyss e Will foram todos criados juntos.

Ela fez outra nota, encontrando uma folha de papel para fazer isso. A lista estava crescendo. Tanta coisa para se organizar. Um pensamento atingiu-a. Sem olhar para cima, ela disse:

"Você vai ter um corte de cabelo, não vai?"

Halt passou a mão pelos cabelos mais uma vez. Estava ficando um pouco longo, pensou.

"Eu vou dar-lhe uma aparada" disse ele, soltando a mão inconscientemente para o cabo da faca Saxônica. Desta vez, Pauline olhou por cima de sua escrita.

"Você vai ter um corte de cabelo", ela disse e Halt percebeu que certas

liberdades que ele tinha adquirido ao longo dos anos poderiam não existir mais.

"Eu vou ter um corte de cabelo," ele concordou.



"Pegue a vela" disse Erak, Oberjarl da Escandinávia e, atualmente, o capitão do navio Wolfwind. Svengal e um pequeno grupo de manipuladores de vela estavam prontos ao lado do mastro. A sua ordem, eles lançaram as adriças* (cabo para içar vela) que mantinham a enorme vela em posição e começaram a baixá-la para o convés. Conforme a vela grande descia, ficando fora de condição de capturar o vento do litoral, outros três homens reuniram-na rapidamente em dobras arrumada para que ela pudesse ser colocada no armário de velas.

A vela foi separada do mastro e girou cuidadosamente, evitando qualquer excesso de ruído ou batida, na sua frente e atas ao longo do deck levantado entre as fileiras de bancos duplos de remadores. Normalmente, os Escandinavos não teriam sido tão cuidadosos mantendo um mínimo de ruído durante a tal operação. Mas esta não era uma ocasião normal. Isso era uma invasão.

Com a última parte do percurso ainda no navio, Erak virou a proa para o porto, paralelo à linha costeira de baixa altitude de Arrida, quase a trinta metros de distância.

"Remos para fora" disse ele, na mesma voz baixa. E acrescentou: "E com silêncio, por amor de Torrak.

Um dos aspectos úteis sobre a religião Escandinava, ele pensou, era a multiplicidade de deuses, semideuses e os demônios menores se poderiam apelar para enfatizar uma ordem. Com quase um cuidado exagerado, a corpulenta equipe de remo pegaram seus remos e os colocaram nos buracos que alinhavam ambos os lados do navio. Não havia nada além de um "clunk" pouco silencioso e chocalhos para marcar o movimento, mas, mesmo assim, Erak rangeu os dentes. Apesar de aqui ser geralmente uma parte deserta da costa de Arridi, havia sempre a chance de que um pastor solitário ou cavaleiro pudesse estar ao alcance da voz, prontos para passar uma palavra que o Wolfship Escandinavo estava deslizando silenciosamente através do pré-escuridão da madrugada para a cidade de Al Shabah.

Havia um risco envolvido na vinda de tão perto da costa, ele sabia. Mas

era o menor dos dois riscos. Eles mantiveram um curso constante sul — leste durante a noite, impulsionados pela brisa que soprava do norte inabalável em direção ao litoral nesta época do ano. Suportados pelo vento, Erak havia navegado no próximo a terra, dentro de uma enorme baía, que tinha pegado boa parte do litoral. No extremo leste da baía, sobre um promontório levantado, estava o município de Al Shabah. Ao colocar seu barco no interior da baía, e adentrar no local onde a cidade estava Erak sabia que ele iria ser rastreado pela massa de terra escura para trás. Além disso, quando o sol levantasse — lentamente, o que seria feito em cerca de quarenta minutos, o navio ainda estaria na escuridão, enquanto o promontório e a cidade, a leste da sua posição, estariam iluminados.

Ele poderia ter voltado para Al Shabah enquanto eles estavam ainda mais para o mar, evitando o risco de serem detectados a partir da costa. Mas o que teria aumentado o risco de ser visto a partir da própria cidade. Mesmo à noite, Wolfwind teria sido uma sombra mais escura na superfície do aço cinzento do mar. E quanto mais perto chegassem da cidade, maior era o risco de serem descobertos.

Não, era mais seguro desta maneira. Diminuir a vela e fluir ao longo costeira, escondidos pela massa escura da terra por trás deles.

Ele balançou longe dos pensamentos de distração. Ele estava fora de prática para ser distraído num momento como este.

"Pronto para liberar", ele sussurrou. A ordem foi transmitida ao longo das bancadas de remo. As linhas gêmeas de remos dos homens tinham os olhos grudados nele. Ele levantou uma mão, então ela abaixou e os remos mergulharam na água para começar a tarefa de arrastar Wolfwind para seu destino.

Erak sentiu o leme ganhando vida em suas mãos conforme o casco começava a deslizar pelo mar.

Os remos gorgolejaram e bateram contra seus lados de carvalho e um assobio suave subiu de onde sua proa cortava através da água preta, levantando uma pequena onda de branco fosforescente.

Era bom estar de volta a invadir novamente, pensou satisfeito.

A vida como Oberjarl tinha suas atrações, teve que admitir.

Era agradável receber vinte por cento de tudo que as frotas de invasão traziam para o Hallasholm. Mas ele tinha nascido para ser um invasor do mar, e não um administrador cobrador de impostos. Os vários anos sentados no Grande Salão de Hallasholm, vendo sobre as receitas e as estimativas com Borsa, seu hilfmann, tinha deixado ele entediado e sentindo a necessidade de

distração. Considerando que o seu antecessor, Ragnak, poderia olhar o imposto cobrado sobre os capitães dos navios e por agricultores com uma alegria indisfarçável aquisitiva, Erak vagamente sentiu desconfortável com os montantes que se acumulavam em seus cofres. Como capitão do Wolfship, suas simpatias sempre foram mais do lado daqueles que poderiam procurar evitar pagar o imposto integral, e não do Oberjarl e do olho de água hilfmann que cobrava.

Eventualmente, ele tinha deixado cair uma enorme pilha de pergaminhos, as estimativas, os retornos, os números da colheita e inventários detalhados de bens e saques capturados pelo seu jarls no colo de Borsa e anunciou que iria invadir novamente.

"Apenas um último ataque" ele disse ao hilfmann indignado. "Eu vou enlouquecer se eu sentar aqui atrás desta mesa por mais tempo. Preciso estar de volta ao mar.

Relutante, Borsa admitiu o ponto. Ele nunca tinha sido o tipo guerreiro. Ele era um administrador e ele era muito bom em seu trabalho. Ele nunca entendeu por que os grandes facínoras capitães do mar que eram invariavelmente eleitos Oberjarl não partilhavam a sua paixão para o estudo e detecção de valores de renda não declarada. Mas ele sabia que eles não fariam. Mesmo Ragnak, no começo de seu governo, continuou a ir a incursões ocasionais. Foi apenas mais tarde, quando se tornou preguiçoso e um pouco avarento, que ele encontrou prazer em permanecer na Hallasholm e contando suas riquezas, uma vez e outra vez e outra.

Erak então foi ao encontro de Svengal, seu ex-segundo comandante, que tinha assumido o comando do Wolfwind, e informou que ele estava assumindo o comando novamente, para uma incursão a mais.

Alguns homens poderiam ter ficados desagradados com a perspectiva de ser rebaixado. Mas Svengal ficou encantado ao ver Erak de volta ao controle. Os dois homens eram bons amigos e Svengal sabia que Erak era de longe o melhor navegador.

Então aqui estavam ao largo da costa Arrida, aproximando-se a pequena cidade comercial de Al Shabah.

Al Shabah era uma das cidades que os fornecia equipamentos, madeiras, cordas e cordas para os navios que entravam no Mar Constant. Era um lugar normal, construído sobre um promontório acima de uma pequena praia, com um homem do porto, no lado norte, acessado por escadas. Nesta época do ano os navios das frotas comerciais tinham começado a fazer o seu caminho para o mar Constant em números crescentes, com o comércio de mercadorias, das

ilhas para o sudoeste no oceano infinito.

Quando chegavam, eles pararam em Al Shabah, ou um dos municípios irmãos, para reabastecer de água, comida e lenha e reparar os danos causados por tempestades. Quando eles zarpavam do porto, eles deixavam para trás uma desconcertante variedade de moedas de ouro e metais preciosos que tinham usado para pagar suas contas. Como tantas vezes, em resposta a uma mensagem secreta da cidade, uma caravana armada do interior de Mital Mararoc chegaria e recolheria o tesouro das cidades, levando-a de volta para os cofres de Etntikirs. A primeira caravana do ano chegaria em duas semanas, Erak sabia. O calendário era um segredo muito bem guardado, por razões óbvias. Se os potenciais invasores tinham conhecimento se o tesouro sido removido ou não, era reduzido o risco de ataque. Nenhum pirata consciente iria arriscar sua vida na esperança de que possa haver tesouro na casa-forte da cidade. O sigilo e a incerteza eram a melhor defesa de Al Shabah — particularmente quando, a alternativa implicaria a manutenção de uma grande e cara guarnição para o ano inteiro.

Mas segredos podem ser descobertos, e uma semana mais cedo, a oitenta quilômetros ao longo da costa, Erak tinha pagado um informante quarenta rolos de prata para obter uma cópia do cronograma. Ele disse-lhe que enquanto outras cidades já haviam sido esvaziadas de suas riquezas, os cofres de Al Shabah ainda estavam temporariamente cheios — e assim continuariam a ficar por alguns dias para vir.

Havia uma pequena guarnição na cidade — não mais do que quarenta homens. Quarenta sonolentos, com excesso de peso, confortáveis contrerrâneos Arridi, que não tinham lutado um empenho real em vinte anos ou mais, não dariam muita resistência a trinta Escandinavos gritando, demoníacos, cruéis, e enlouquecidos por ouro que viriam gritando acima da praia, como os cães do inferno.

Olhando através da escuridão à frente, Erak podia ver o pedaço de terra que marcava uma pequena praia na base do promontório. Além dela os edifícios brancos da cidade também estavam se tornando visíveis. Não havia luzes, ele notou. Nenhuma baliza ou mesmo tochas para iluminar o caminho dos sentinelas que deviam estar patrulhando.

Ele deu de ombros. Não é uma má idéia, pensou. A tocha queimando pode fazer um sentinela sentir seguro e protegido, mas arruinava sua visão noturna e tornava quase impossível enxergar qualquer coisa além dos poucos metros iluminados pela lanterna.

Mais uma vez ele reconheceu a sabedoria de sua decisão de abordagem do

lado interior, com a vela abaixada.

Ele podia ouvir o barulho suave das ondas quebrando na praia agora. Não havia arrebentação, apenas ondas pequenas que caíam sobre si. Navegando a cana do leme sem problemas, ele estabeleceu o navio em uma posição quarenta e cinco graus em relação à abordagem de areia. Ele levantou a mão livre palma para cima, em um sinal previamente combinado e os dezesseis remos levantaram escorrendo para fora da água. Houve um grunhido ocasional de esforço conforme os remadores levantavam os remos em vertical, e em seguida os abaixavam com cuidado para guardar-los ao lado dos bancos de remo. Um ou dois batiam ruidosamente, o som parecendo ser ampliado com o silêncio em torno deles. Erak encarou os remadores ofensivamente. Ele ia falar com eles mais tarde — quando ele pudesse falar com mais força do que a atual situação permitia.

Houve um som de ralar fora e ele sentiu uma vibração arrastando através da sola dos seus pés conforme a quilha corria na areia. Quatro homens estavam posicionados sobre a amurada de proa, a ponto de pular na água rasa e tornar o navio seguro.

"Devagar manipuladores de corda!" Svengal murmurou em sua voz rouca.

Os homens, que normalmente teriam deixado cair ruidosamente profundamente na água, lembraram no último instante e abaixaram cuidadosamente. Tomando duas cordas de arco com eles, correram até a praia, os pés na areia rangendo, e arrastaram o barco um pouco mais acima na terra seca.

Eles prenderam as cordas de arco na areia com dobradiças, em seguida, olharam para o interior, as mãos em seus machados de guerra, alertas para qualquer sinal de ataque.

Erak olhou para a cidade acima deles. Ainda não havia nenhum som de alarme, nenhum sinal de guardas ou patrulhas. As construções pintadas de branco, parecendo quase fantasmagórico na pré-luz da madrugada, apareceram silenciosamente acima do Wolfship.

Mais homens estavam se abaixando sobre o arco agora, e outros estavam cuidadosamente desarrumando escudos e machados de guerra do lado dos bancos de remo e passando para os outros, que levou com um cuidado exagerado e os empilharam na praia acima da linha d'água elevada. Os escudos, que foram mantidos arrumados sobre a amurada exterior ao longo do comprimento do navio, tinham sido cobertos com um pano escuro para torná-los menos notáveis. Os homens agora fora do barco encontraram suas

respectivas armas e estavam prontos para o seu capitão.

Erak passou seu escudo e machado para baixo para um dos homens que estavam na água rasa, então se abaixou sobre a amurada também. Ele estendeu os braços para baixo e lançou seu aperto, caindo apenas alguns centímetros antes de bater os pés na areia molhada. Ele tomou o seu escudo e machado para trás de seus tripulantes, e moveu-se para onde os trinta homens do grupo de ataque estavam alinhados. Os quatro manipuladores de linha que tinha estado primeiramente na terra ficariam com o navio.

Erak não pôde deixar de sorrir quando ele sentiu uma emoção pequena clara de adrenalina através dele. Era bom estar de volta, ele pensou.

"Lembrem-se" ele disse ao grupo de ataque, "mantenham o ruído a um mínimo absoluto. Vejam onde vocês estão colocando seus pés. Eu não quero que vocês percam um passo e deslizem ladeira abaixo em sua avalanche pessoal. Queremos chegar o mais próximo que puder antes que nos vejam. Com alguma sorte e, a partir do olhar das coisas, nós vamos estar dentro da cidade antes que alguém levante o alarme.

Ele fez uma pausa, olhando em volta dos rostos barbudos resistentes perto dele. Houve em resposta alguns acenos. Em seguida, ele continuou.

"Por outro lado, se formos vistos, todas as apostas estão fora. Comecem a gritar para ressuscitar os mortos e partam para cima deles. Os façam pensar que há um exército aqui fora vindo pegá-los."

Muitas vezes, ele sabia, uma guarnição sonolenta podia ficar paralisada pelo medo ao som de um gritante ataque. Às vezes, algumas guarnições poderiam até desertar de seus postos e correrem apavorados para a noite.

Ele olhou em volta. Havia um caminho áspero, no sopé da colina, para a cidade, dormindo em silêncio sobre eles. Ele apontou para ela com a cabeça de seu machado.

"É o nosso caminho para o topo", disse ele. Então, engatou seu escudo acima em seu ombro esquerdo, ele soltou o antigo chamado de um líder Escandinavo honrado para ação.

"Sigam-me, rapazes."



O caminho era estreito e irregular, e a subida era íngreme. Mas os Escandinavos, apesar da sua maioria, estavam todos em excelente condição física e eles mantiveram um ritmo vivo atrás de seu líder. Houve um esforço de alguns grunhidos de vez em quando e, ocasionalmente, uma pedra seria desalojada para baixo.

Mas, no geral, os trinta invasores fizeram pouco barulho enquanto movimentavam-se no caminho para Al Shabah.

Tudo era um compromisso, Erak pensou. Assim como ele tinha tomado o menor dos dois riscos, se aproximando ao longo da costa da baía, agora ele tinha de equilibrar velocidade contra permanecer invisível. Quanto mais tempo eles levassem para atingir seu objetivo, maior a chance de que se sua presença fosse descoberta. Isso tornaria a luta muito mais difícil. Pela mesma razão, se eles corressem até o caminho a toda velocidade, eles também aumentariam a chance de serem ouvidos.

Portanto, a melhor maneira era continuar em um curso médio, mantendo um movimento constante.

Suas botas de pele de foca caíam suavemente sobre a areia e pedra sob os pés. Era mais ruído do que ele teria gostado, mas ele estima que permaneceriam despercebidos, mesmo que houvesse ouvintes no topo do penhasco.

Houve um momento ruim, quando um dos homens imediatamente atrás de Erak perdeu o equilíbrio e cambaleou, os braços acenando desesperadamente na borda da encosta íngreme que conduzia ao mar. Felizmente, o machado estava em seu cinto, caso contrário, seu braço acenando poderia ter separado algumas cabeças de seus amigos.

Ele soltou um grito involuntário e seus pés embaralhados lançaram uma saraivada de pedras e rochas que ecoavam pela encosta abaixo. No instante em que ele estava prestes a cair, um punho de ferro conseguiu segurar a gola de lã e ele se sentiu puxado de volta para terra firme pelo Oberjarl.

"Graças a deus! Obrigado, chefe..." Ele começou. Mas uma grande mão calou sua boca, cortando as novas palavras. Ele meteu a cara perto do outro e

sacudiu-o, não muito delicadamente.

"Levante-se, Axel" Ele sussurrou ferozmente. "Se você quer quebrar o pescoço, faça-o baixinho ou eu vou quebrá-lo para você."

Ele era um grande homem, um dos membros da tripulação de remo. Remadores não eram consideradas como as pessoas mais inteligentes na tripulação de um navio e ele estava prestes a dizer a Erak que não havia nenhum ponto em ameaçar quebrar seu pescoço por uma segunda vez. Não era lógico.

Então ele teve dúvidas. O Oberjarl, ele sabia, não era bom na lógica quando ele estava irritado. Ele era, no entanto, bom usando os punhos para resolver um desentendimento e, grande como ele era, ele não tinha desejo de discutir com Erak.

"Desculpe chefe. Eu só..." Ele murmurou e Erak o sacudiu novamente.

"Cale a boca!" ele assobiou. Em seguida, liberando o seu controle sobre o pescoço do outro homem, ele olhou ansiosamente para o topo do penhasco, esperando para ver se havia algum sinal de que o remador barulhento e gritando tinha sido ouvido.

O grupo de ataque inteiro esperou em silêncio por vários minutos. Então, como não havia nenhum som de alarme sendo levantado acima deles, houve uma liberação geral de tensão.

Erak apontou para cima e abriu o caminho novamente, movimentando-se constantemente na ladeira íngreme. A poucos metros do topo, ele sinalizou para os homens para parar. Em seguida, apontando para Svengal para acompanhá-lo, ele cobriu a distância restante para o topo rastejando, olhando com cautela sobre a crista conforme chegava a ela. Svengal, um metro ou mais atrás dele, espelhava suas ações e os dois grandes Escandinavos ajoelharam-se lado a lado, fazendo um balanço da situação.

Al Shabah ficava a quarenta metros, através de um caminho de terra nua. A cidade era cercada por uma muralha de estuque baixo, com menos de dois metros de altura.

Mesmo que houvesse patrulhamento sentinelas, isso não apresentaria nenhum obstáculo real aos Escandinavos. Eles eram hábeis em escalar muralhas como essas. Dois homens estariam na base da parede, segurando um comprimento de um remo velho entre eles, na altura da cintura. O resto do grupo teria início a uma corrida, um de cada vez. Conforme cada homem subia com ajuda do remo, os dois homens segurando seriam alçados para cima, enviando seus companheiros subindo pela parede. Era preciso prática para acertar o tempo, mas era uma das habilidades que todos os Escandinavos

praticavam desde a infância.

Hoje, não haveria necessidade disso.

Não havia sentinelas na parede. No entanto, havia um arco de quatro metros à sua direita. O portão estava aberto e a entrada estava sem guarda.

"Fácil demais" sorriu Svengal.

Seu capitão franziu a testa. "Isso é o que eu estava pensando" disse ele.

"Onde estão os guardas? Onde estão os vigias?"

Svengal encolheu os ombros. Apesar da ausência de guardas, ambos estavam ainda mantendo sua voz baixa, falando mal acima de um sussurro.

"Nós estamos os apanhando com a porta traseira aberta, chefe" ele acrescentou. "Os guardas, se existem, estão provavelmente na parte de frente da cidade, de frente para o oceano. É onde eu esperaria vir um ataque."

Erak esfregou o qumachado, desconfiado. "Talvez", disse ele. "Espere aqui enquanto eu dou uma olhada."

Levantando em um meio-agachamento, ele moveu para a abertura na muralha. A cada segundo, ele esperava um desafio. Uma mensagem. Ou um toque do sino de alarme.

Mas Al bah estava em silêncio. Alcançando a parede, ele superou o seu caminho para o portão aberto. Com um movimento fluido, ele estendeu seu enorme machado de batalha fora de seu cinto e dmachadou-o cair em sua mão direita e, em seguida, movendo-se com velocidade impressionante para alguém tão volumoso, ele pulou pela porta aberta, logo em seguida, virando da direita para esquerda, machado pronto e escudo para proteger o seu lado esquerdo.

Casas brancas de teto-plano esticaram longe dele em uma rua estreita. As poucas janelas eram negras no estuque branco. As portas estavam bem fechadas.

Nada mudou. Ninguém se mexeu. Al Shabah estava deserta.

Erak hesitou alguns segundos. Parecia errado. Deveria haver um guarda. Pelo menos um homem patrulhando na muralha. Então ele deu de ombros. Talvez Svengal estivesse certo e os guardas de Arridi estavam concentrados no lado do mar da cidade. Talvez todos os vigias estivessem esticando os olhos para a primeira vista de um navio que se aproximasse. Ou talvez eles apenas ficaram complacentes. Fazia mais de vinte anos desde que um navio Escandinavo tinha invadido aqui. O segredo que rodeava o calendário das caravanas de tesouro mantinha as cidades costeiras em segurança. Foi apenas a aquisição de sorte do calendário que levou Erak a planejar o ataque.

Ele balançou a cabeça. Talvez ele estivesse ficando muito nervoso. Talvez o tempo que ele gastou sentado em Hallasholm estava fazendo ele se comportar

como uma tia solteira nervosa. De repente, ele fez a sua mente, voltou para o portão e sinalizou para Svengal e os outros se juntarem a ele.

O baque macio de botas de pele de foca em todo o solo arenoso não despertou nenhuma resposta da cidade. Svengal olhava indagador ao seu líder.

"Para onde agora chefe?"

Erak gesticulou com o machado. "Centro da Cidade. Vamos seguir essa rua. Parece estar indo na direção certa. Mantenha seus machados prontos e os olhos abertos."

Ele abriu o caminho de novo e o grupo de ataque seguia em duas filas, olhando à sua volta para as casas em silêncio. De tempos em tempos, os dois últimos homens na linha iriam fazer uma varredura, através de um círculo completo para se certificar de tropas inimigas não vinham atrás deles, e estudando os terraços das casas em ambos os lados de seu caminho para um sinal de inimigos. Mas não havia nada para ser visto.

A rua feria seu caminho em direção ao centro da cidade, eventualmente se abrindo em uma pequena praça, onde um prédio maior ficara de frente para eles, levando todo um lado da praça. Este seria o apartamento oficial do chefe cidade, Erak adivinhou. Ele procurou em sua memória para o nome do edifício — O Khadif, ele lembrou. O equivalente a uma prefeitura ou uma casa de fiscal em outras cidades.

Meia dúzia de ruas estreitas abriam para o pequeno quadrado. As construções que formavam os outros três lados — provavelmente lojas, restaurantes e pousadas — eram colunadas com varandas profundas que dariam sombra acolhedora do calor do sol durante o meio do dia. Conforme ele tinha o pensamento, Erak olhou para o leste, onde o céu já estava iluminando com estrias de cor de rosa.

A frente do Khadif encarando a praça também era colunado. O edifício em si era a única estrutura de dois andares em vista. Como os outros, no entanto, tinha um telhado plano, oculto por uma fachada decorativa concebida para dar uma adicionada sensação de domínio ao edifício atrás dela.

No centro da praça havia uma pequena fonte. Seu reservatório estava atualmente cheio de água, mas o mecanismo que permitia a água fluir a partir do seu bico central parecia estar desligado.

Erak saiu para a praça, os seus homens o seguindo.

À medida que saíram da rua estreita, eles formaram uma formação compacta de diamante, com o Oberjarl, Svengal e Axel no ponto de ligação do diamante. Alguns homens balançaram seus machados experimentalmente enquanto eles cruzavam o prédio de dois andares. Nele havia um quadrado de

luz nas duas portas. A luz crescente aumentava suas sombras alongadas, formas fantásticas por trás deles. Erak parou na frente da varanda de mármore antes das grandes portas duplas de Khadif. Ele as estudou brevemente. Sólidas, ele pensou. Madeira pesada com latão de ligação e um bloqueio bem forte. Ainda assim, Escandinavos levavam suas próprias chaves para portas como esta e ele apontou para dois de seus remadores darem mais um passo à frente.

"Machados", disse ele, apontando para a porta.

Os homens sorriram para ele. Um deles pôs o seu machado para baixo por um momento, cuspiu em suas mãos, em seguida, pegou o machado em um aperto de duas mãos. Erak se afastou, dando espaço ao homem para um bom golpe no bloqueio.

"Pare aí!"

O comando veio de fora, atravessando a praça e os Escandinavos viraram em surpresa. Uma figura apareceu em uma das ruas que desembocavam no espaço aberto. Alguns dos invasores amaldiçoaram em alarme. Os olhos de Erak se estreitaram e ele sentiu uma sensação de afundamento no poço de seu estômago. Tudo tinha sido muito fácil, ele pensou.

O recém-chegado era alto e magro, vestido à moda de um guerreiro Arridi. Leve camisa branca e calças, sem dúvida, de linho fino, estavam cobertas por uma armadura de metal e couro. Uma espada curva comprida pendurada ao seu lado e um escudo circular de metal — bronze, provavelmente — estava no seu braço. O escudo, Erak observou, era equipado com uma parte afiada no centro. Era uma arma de ataque, bem como de defesa. Um simples estilo de capacete redondo, também cravado, encima de um pequeno rolo de tecido fino que envolvia a cabeça do homem. Provavelmente, Erak pensou, ele era projetado para evitar o contato do metal aquecido ao sol sobre a pele durante o meio do dia.

O capacete era altamente polido, e uma cortina de prata brilhante desprendia dele, protegendo o pescoço nas laterais e atrás. Isso, e o metal altamente polido da armadura, eram suficientes para mostrar que este era um oficial sênior.

Enquanto observavam, uma dupla fileira de guerreiros, equipados em trajes semelhantes, moveu rapidamente para fora da rua, abanando para os lados de seu líder. Erak estimou que houvesse pelo menos quarenta deles. Houve um aumento do movimento de seus próprios homens quando os guerreiros Arridi apareceram.

"Mantenham-se" ele rosnou para eles. Fora do canto da boca, ele disse a Svengal "Nós estamos em desvantagem."

"Não muito" Svengal respondeu. Ele também estava contando a oposição. "Eu penso que os nossos meninos podem tomar esses fantasiados sem muita dificuldade.

Ao contrário de Erak, ele não se preocupou em manter a sua voz baixa e foi escutado por toda a praça até o oficial Arridi. Eles viram sua estreita barba dividir em um sorriso quando ouviu o comentário de Svengal. Ele levantou um apito de prata aos lábios e soprou uma vez.

Houve um som de batidas de madeiras pesadas arrastando pedras e os Escandinavos viram cada uma da meia dúzia de saídas que levavam para a praça de repente bloqueada por barreiras pesadas empurrada para fora das paredes.

"Não as notamos" Erak disse calmamente para Svengal.

Eles devem ter passado por uma das barreiras quando eles entraram na praça, mas ele estava ocupado demais para perceber o seu significado.

"Você parece estar preso" O Arridi disse.

Erak ficou um pouco mais firme e trouxe seu escudo até a posição de defesa. Seus homens copiaram o movimento. "Tanto quanto você" ele respondeu.

Mais uma vez o outro homem sorriu. Os dentes brancos eram muito óbvios em seu rosto de barba escura.

"Ah", disse ele. "Mas quantos arqueiros você tem com você?"

Ele levantou o pequeno apito prata à boca e soprou uma explosão muito estridente. Houve um mistura de sobrecarga de movimento e conforme Erak observava, os telhados dos três lados da praça em frente de repente eles estavam vivos com arqueiros. Ele não tinha dúvidas de que havia mais em cima do telhado do apartamento Khadif também. Mesmo sem contar com o que ele podia ver, havia cerca de cem homens, todos armados de arco recurvo curtos, cada um deles com uma seta armada e pressionada, tendo em mira o grupo rebelde de Escandinavos.

Erak olhou tristemente ao longo da linha de arqueiros. Os arcos eram armas de curto alcance. Em um campo de batalha, ele poderia ter ignorado-os. Mas aqui, no espaço confinado da praça, eles seriam mortais.

"Ninguém se move" disse ele calmamente. Um movimento em falso poderia significar agora uma saraivada de flechas enviadas em sua direção.

Axel, ao lado dele ainda, grunhiu de frustração. Seu sangue lutador estava agitado e ele não gostou da ameaça de uma centena de flechas destinadas a ele. Seu instinto era para atacar alguém e causar dano.

"Eles não podem pegar todos nós chefe" disse ele. "No mínimo podemos

fazer um estrago para o menino bonito aqui".

O Arridi alto sorriu com as palavras, a mão caindo casualmente à empunhadura do sabre curvo que ele usava. Erak conhecia um homem bom de luta quando via um e apesar dos apetrechos altamente polidos, tinha a sensação de que este era um guerreiro perigoso.

"Cale-se Axel" ele disse, não pela primeira vez naquela noite. O Arridi tomou um ritmo para frente. Ele levantou o braço para os homens nos telhados e fez um sinal de mão. Os arqueiros liberaram a tensão sobre os seus arcos, embora Erak percebesse que eles mantiveram as setas armadas e prontas. "Não há nenhuma necessidade que termos de lutar" disse ele. Sua voz era educado e agradável. Seu tom era razoável e inofensivo.

"Há apenas um de vocês que nós estamos interessados. O deixe conosco e o resto de vocês pode ir livre."

"E quem poderia ser esse homem?" Erak perguntou, embora sentisse que ele já sabia a resposta à pergunta.

"Oberjarl Erak, o que eles chamam de Oberjarl" o Arridi olhou para ele.

Impulsivamente, Axel tomou um passo à frente, levantando seu machado ameaçadoramente.

"Você vai ter que passar pelo resto de nós para levá-lo!" gritou em tom desafiador. Erak deu um suspiro profundo e agitou-se em irritação.

"Bem feito, Axel" ele disse. "Você acabou de dizer a eles que estou aqui."



Sem dúvida Barão Arald pensou, com um profundo sentimento de orgulho e satisfação, esse seria o casamento do ano. Talvez da década.

Já tinha todas as características de um sucesso estrondoso. A Mesa dos Chatos estava ocupado por um grupo de oito pessoas, atualmente competindo para ver quem poderia ser o mais desinteressante, pesado e repetitivo. Outros convidados olharam em sua direção, dando graças silenciosas aos organizadores que separava pessoas tão terríveis.

Houve o inevitável agito de lágrimas e recriminações estridentes quando a namorada de um dos guerreiros mais jovens da Escola de Guerra de Sir Rodney pegou seu namorado beijando outra garota em um corredor escuro. Não seria uma recepção de casamento, sem isso, Arald pensou. Ele suspirou com contentamento enquanto ele examinava o cenário colorido de Redmont no salão de jantar, onde casais brilhantemente vestidos sentaram em mesas, enquanto aprendizes de Mestre Chubb corriam pela sala, proporcionando uma desconcertante variedade de comidas deliciosas: carnes assadas e aves, pratos de legumes vapor, temperadas especialidades da cozinha, surpreendentes e fantásticas criações na pastelaria tão leves que pareciam explodir em fragmentos de penas leves na primeira mordida. E, pensou com imensa satisfação, havia pudins e frutas ainda por vir!

O lado cerimonial do dia tinha ido perfeitamente, ele pensou, graças em grande medida, ao seu próprio desempenho como celebrante. Ele sentiu que a seu rico e carregando tom quando ele recitou a fórmula do casamento para o feliz casal tinha acrescentado apenas o toque exato de seriedade ao processo.

Como seria de esperar de um orador experiente como ele, ele tinha aliviado o humor com um particularmente espirituoso conto sobre a paixão secreta que tinha queimado entre Halt e Lady Pauline nestes últimos vinte anos — uma paixão aparentemente despercebida por qualquer pessoa além dele. A piada era baseada em um jogo bastante inteligente de palavras em que ele se referia a afeição incessante de Pauline para o Arqueiro, muitas vezes ausente como seu "amor sem parar"* (fica melhor em inglês, "Love without halt")

Ele fez uma pausa após a piada para permitir que o público ter algum momento para rir. O fato de que ninguém fez foi uma decepção suave. Talvez, pensou ele, seu humor era sutil demais para as massas.

Pauline, naturalmente, tinha sido uma noiva belíssima.

A postura da mulher e o gosto eram insuperáveis no Reino. Quando ela apareceu no fundo do corredor na sala de audiência de Redmont, com as jovens Alyss e Jenny, houve um consumo de massa de ar daqueles sentados — um silenciado "Aaaah" que correu ao redor da sala.

Seu vestido era branco, é claro, uma variação inteligente formal sobre o uniforme elegante de Mensageira que ela normalmente usava. Simplicidade, ele pensou. Essa era a chave para a boa moda. Ele olhou para seu próprio gibão de veludo roxo, decorado em azul e dourado de diamante em forma de losangos, com destaque para o bordado de prata, e teve um momento de dúvida de que talvez fosse apenas uma sombra muito ocupada. Em seguida, ele descartou a idéia. A figura masculina mais volumosa pode resistir a um pouco mais de enfeite, decidiu.

Mas Pauline tinha estado realmente impressionante. Com seu cabelo loiro cinzento- varrido acima na cabeça e um colar de ouro simples em sua garganta, ela deslizou pelo corredor central como uma verdadeira deusa. Suas assistentes estavam devidamente sedutoras também. Alyss, igualmente alta e elegante, usava uma variação do vestido de sua mentora, mas em azul pálido. Seu cabelo loiro estava para baixo, caindo naturalmente para os ombros. A jovem Jenny, a segunda dama de honra, não poderia competir com as outras duas em altura e elegância. Mas ela tinha seu próprio charme.

Pequena, uma figura mais arredondada com um largo sorriso simpático parecia saltar para o corredor onde os outros deslizaram. Jenny trazia um senso natural de exuberância e divertido a qualquer processo, Arald pensou. Seu vestido amarelo refletia a sua disposição ensolarada e abordagem à vida.

Quanto à parte do noivo, Crowley tinha realmente chegado triunfante. Naturalmente, todo mundo tinha se perguntado o que Halt usaria. Afinal, ninguém se lembrava de vê-lo em outra coisa senão os o manto verde-cinza-marrom de Arqueiro. As discussões atingiram seu auge quando se soube que, poucos dias antes do casamento, ele tinha realmente visitado o barbeiro de Redmont para cortar o cabelo e aparar a barba.

Crowley, em seguida, revelou a sua surpresa — um uniforme oficial formal para o Corpo de Arqueiro que seria usado pela primeira vez no casamento por Halt, Will, Gilan e ele próprio.

De acordo com a tradição dos Arqueiros, a cor básica era "verde — um

verde-folha escuro. No lugar de sua tediosa roupa, jaquetas e bermudas e casacos de camuflagem encapuzados, cada Arqueiro usava uma túnica sem mangas, com cinto sobre a camisa branca de seda. As túnicas eram feitas do couro mais fino e todos tinham a mesma folha verde rica. Alta no peito esquerdo, tecida em fio metálico, estava uma insígnia de folha de carvalho em miniatura — prata para Halt, Gilan e Crowley, bronze para Will.

Bermuda verde escura, botas até o joelho em couro macio acrescentando para o efeito, enquanto que o cinto largo que a túnica amarrava na cintura apoiado em uma versão ornamentada da emissão padrão da bainha dupla do Arqueiro. O modelo era negro e brilhante e folheado com a prata Halt tinha duas facas feitas especialmente, uma faca Saxônica e uma faca de arremesso. Ambos estavam perfeitamente equilibradas e os punhos eram folheados em prata também. Eram um presente de casamento de Crowley para seu velho amigo.

"Eu sei que você não vai usá-los no campo" ele disse, mas os mantenha para ocasiões formais. Ele, Gilan e Will usavam em seu dia-a-dia, suas armas utilitárias.

O toque final, todos concordaram, foi um pequeno toque de gênio. Se Arqueiros eram conhecidos por todos, era por suas "capas malhadas" — uma peça em que eles poderiam realmente desaparecer quando surgia a necessidade. Essa capa poderia estar fora do lugar em uma ocasião formal, assim Crowley tinha colocado um item que refletia o sentido do original. Cada Arqueiro usava uma capa curta. Feita em cetim embotado, mantinha o padrão verde-mosqueado-marrom-cinza da capa, com um arranjo de quatro flechas estilizadas, em um fio de prata, corridas em diagonal para baixo. A capa era compensada para pendurar no ombro direito, atingindo apenas da cintura para cima. Em uma só jogada representava o manto e a aljava de flechas que todos os Arqueiros usavam em seu ombro direito. Todos concordaram que os quatro Arqueiros estavam impressionantes e bonitos nestes novos uniformes. Simples e elegante, mais uma vez, pensou Arald, e sofreu outro enjôo momentâneo sobre a sua própria roupa.

Ele virou-se para sua esposa, muito bonita e ruiva Senhora Sandra, ao lado dele e apontou para o gibão colorido.

"Minha querida" ele disse, "você não pensa que eu estou um bocado... muito nisso, não é?"

"Muito, querido?" repetiu ela, tentando esconder um sorriso. Ele fez um gesto pouco duvidoso.

"Você sabe... muito colorido... exagerado. Vindo de pavão, por assim

dizer?

"Você acha exagerado, meu senhor?" ela perguntou.

"Bem, não. Mas talvez..."

"Você é o Barão de Redmont, afinal" disse ela, agora mostrando um rosto completamente reto. Ele olhou para si mesmo, analisando com cuidado, então, tranqüilizado, acenou com agradecimento a ela.

"Não. Claro que não. Você está certa, minha querida. Como sempre. Minha posição merece um pouco de pompa e show, eu suponho. Não... você está certa. Estou perfeitamente bem. O tom correto, de fato."

Nessa hora, a senhora Sandra teve de se desviar, encontrando algo urgente para dizer para a pessoa sentada na sua frente, Arald garantiu que ele não tinha cometido uma gafe fashion, voltou para sua meditação sobre os acontecimentos até agora.

Após a cerimônia oficial, os convidados tinham procedido da sala de audiência para a sala de jantar e tomado seus assentos. As mesas haviam sido cuidadosamente colocadas no que diz respeito à classificação.

A festa de casamento estava sentada na mesa central, é claro. Arald, Senhora Sandra, Sir Rodney e o resto dos funcionários de Redmont estavam à sua esquerda na outra mesa. O Rei, como patrono-patrocinador do evento, ocupava uma terceira tabela, juntamente com a princesa Cassandra e sua comitiva.

Quando as pessoas tinham tomado os seus lugares em suas cadeiras, as das três mesas no entraram e ficou pronto — festa de casamento em primeiro lugar, em seguida, a comitiva real, então o grupo de Arald. Rei Duncan fez sinal para o quarto para se sentar, não havia uma raspagem de cadeiras em todo o imenso salão.

Duncan permaneceu de pé. Quando a comoção de deslocar as cadeiras e os pés arrastando finalmente morreu, ele falou sua voz profunda chegando facilmente a todos os cantos. "Meus lords, senhoras, senhores..." Ele começou, então, vendo cada entrada da sala lotada com caras pertencentes a funcionários e agentes do castelo, acrescentou com um sorriso, e as pessoas do Castelo Redmont. Houve uma onda de diversão através da sala. "Hoje eu tenho a honra de ser o patrono-patrocinador desse evento muito feliz."

Arald tinha se inclinado com atenção e rodando esticou para ver o rei do outro lado da plataforma. Esta posição de Patrono-patrocinador era nova para ele. Ele tinha sido perguntando por algumas semanas agora o que implicava. Talvez agora ele fosse descobrir.

"Eu devo admitir" Duncan continuou: "Eu estava um pouco confuso

para saber quais as funções que um patrono-patrocinador poderia ter. Então eu consultei com o meu Chamberlain, Lord Anthony — um homem para quem os mistérios do protocolo são um livro aberto."

Ele indicou seu Chamberlain, que inclinou a cabeça gravemente em resposta.

"Aparentemente, os deveres de um patrono-patrocinador são relativamente claros." Ele enfiou a mão no bolso de sua manga e produziu uma pequena folha de pergaminho em que ele havia escrito notas. "Como patrono-patrocinador, estou encarregado", ele fez uma pausa e consultou as notas, "a acrescentar um sentido de prestígio real para o processo hoje."

Ele esperou enquanto uma onda de conversa corria ao redor da sala. Ninguém tinha certeza do que esse adicionar um sentimento de prestígio real realmente queria dizer. Mas todos concordaram que parecia realmente impressionante. A boca de Lady Pauline contorceu em um sorriso e ela olhou para a mesa. Halt encontrou algo de interesse grande nas vigas do teto alto. Duncan continuou.

"Meu segundo dever é..." Novamente ele consultou suas notas para se certificar de que tinha o texto correto, "dar um presente muito caro para a noiva e o noivo..."

A cabeça Lady Pauline ergueu nessa. Ela se inclinou para frente e virou-se para fazer contato visual com o Lord Anthony. O Chamberlain encontrou o seu olhar, com o rosto completamente desprovido de expressão. Então, muito lentamente, uma pálpebra deslizou em uma piscadela. Ele gostava de Pauline e Halt bastante e ele acrescentou esse dever sem consultá-los. Depois de certos eventos no passado, ele achou que devia, muito para Halt.

"E, finalmente" Duncan estava dizendo: "É meu dever declarar oficialmente aberta esta celebração. Que eu faço agora, com grande prazer. Chubb! Traga a festa!"

E, enquanto a multidão reunia aplaudindo, ele sentou-se e a festa começou.



"Eu gostei do seu discurso" Alyss disse a Will, conforme os pudins eram eliminados.

Ele deu de ombros.

"Espero que esteja tudo bem", disse ele. Como o padrinho, ele propôs o brinde para Halt e Lady Pauline. Era uma marca da sua crescente maturidade,

pensou Alyss, que tinha a confiança para falar com o coração de seu profundo afeto por seu professor e amigo. Como um membro do Serviço Diplomático, ela era uma palestrante treinada e ela admirava a forma como ele não havia se esquivado de expressar seus sentimentos verdadeiros, mas evitou o sentimentalismo barato. Ela olhou uma vez para Halt durante o discurso e viu o sombrio Arqueiro furtivamente enxugando os olhos com um guardanapo.

"Foi muito melhor do que tudo bem" ela assegurou.

Então, quando ela o viu começando a sorrir, ela bateu-o com o cotovelo. "O quê?"

"Eu estava pensando, eu não posso esperar para ver Halt na dança nupcial com Pauline. Ele não é conhecido por seus conhecimentos de dança. Deve ser uma senhora visão. Um pé totalmente torto!"

"É mesmo?" ela disse secamente. "E como acha que você vai fazer?"

"Eu?" disse ele em alguma surpresa. "Eu não vou dançar! É a dança nupcial. A noiva e o noivo dançam sozinhos!"

"Para um circuito da sala," disse ele. "Depois deles juntam-se o padrinho e a primeira dama, a dama de honra e segundo padrinho.

Will reagiu como se tivesse sido picado. Ele se inclinou para frente para falar através de Jenny, à sua esquerda, para Gilan.

"Gil! Você sabia que teremos de dançar?" ele perguntou. Gilan concordou com entusiasmo.

"Ah, sim claro. Jenny e eu temos praticado nos últimos três dias, não temos Jeri?"

Jenny olhou para ele com adoração e assentiu. Jenny estava apaixonada. Gilan era alto, vistoso, bonito, charmoso e muito divertido. Além disso, ele era envolto em mistério e romance que vinham com um Arqueiro. Jenny só tinha conhecido um Arqueiro e tinha sido o rabugento de barba grisalha Halt.

Bem, havia Will é claro. Mas ele era um velho amigo e não teria lugar no sentido do mistério para ela. Mas Gilan! Ele era bonito, ela pensou.

E ele era dela para o resto da recepção, ela prometeu a si mesma.

Will sentiu uma sensação de pânico, quando ele ouviu a orquestra tocar a abertura de Juntos para sempre, a tradicional dança nupcial. Halt e Pauline se levantaram de seus lugares e as pessoas se levantaram e aplaudiram, esticando para ver quando ele a levava para baixo da escada do palanque para o piso principal, onde um espaço tinha sido liberado para a dança.

"Bem, eu não vou dançar " Will disse rangendo os dentes. "Eu não sei como."

"Oh sim você vai" Alyss disse a ele. "Vamos ter esperança que você

aprende rápido."

Ele olhou para ela e não via perspectiva de fuga. "Bem, pelo menos eu não serei o único" disse ele. "Halt será terrível também."

Mas claro, que ele e nem ninguém na assembléia sabia que, nos últimos dez dias, Halt tem tido aulas de dança com Lady Sandra. Ele sempre foi bem equilibrado, coordenado e rápido em seus pés, e que tinha tomado apenas algumas horas para que a esposa do Barão, uma especialista, transformá-lo em um bailarino consumado. Agora, ele e Pauline deslizavam em volta da sala como se tivessem nascido para dançar juntos. Houve um suspiro de surpresa da platéia, em seguida, um rugido de aplausos entusiasmados.

Will sentiu o aperto surpreendentemente firme de Alyss em seu antebraço quando ela levantou-se e levou-o a seus pés ao lado dela. Vamos, Pé-torto, disse ela.

Não havia como escapar, Will sabia. Ele precedeu-a para baixo da escada, dando-lhe o braço enquanto ela descia. Então ele se virou para ela incerta.

"Braço ali" disse ela. "Idiota o outro braço. Agora, mão lá... Pronto? Nós vamos começar com o pé esquerdo. Em três. Um. Dois... Que diabo ele está fazendo aqui?"

Ela estava olhando por cima do ombro para a entrada principal do salão, onde um tumulto havia estourado. Havia uma figura enorme, de pé dentro da porta, argumentando com os servos postados lá, que tentavam contê-lo. Seu jaqueta e o capacete com chifres o marcavam como um Escandinavo. As cabeças tinham virado para o ruído e, Horace já estava indo para o corredor para tomar conta. Mas depois de alguns passos, ele parou em surpresa, reconhecendo o homem ao mesmo tempo em que Will fez.

"É Svengal", disse Will.



Horace atingiu o grupo dentro da porta principal e rapidamente acalmou as coisas, assegurando aos servos e guardas que o Escandinavo era um amigo, e não estava a ponto de fazer um ataque de um homem ao Castelo Redmont. Will viu quando o alto guerreiro falou rapidamente para Svengal, em seguida, levaram para uma sala ao lado. Conforme eles foram, Horace voltou, chamou a atenção de Will e fez um gesto inequívoco para ele se juntar a eles.

Aos poucos, as pessoas na sala relaxaram quando se tornou evidente que o incidente tinha sido resolvido e que não havia perigo imediato. A orquestra, que tinha parado na chegada de Svengal, pegou a melodia mais uma vez e voltou os olhos para os noivos. Will viu que Halt e Lady Pauline haviam parado e estavam em pé parados no meio da pista de dança. Ele atravessou rapidamente para eles.

"Conclua a dança", disse ele calmamente. "Eu vou cuidar disso". Halt acenou com gratidão. A última coisa que queria era qualquer tipo de perturbação nesse dia especial para Lady Pauline. "Descubra o que ele quer", disse ele.

Will sorriu. "Talvez ele lhe trouxe um presente de casamento."

Halt sacudiu a cabeça em direção ao fundo da sala. "Vá" disse ele. Will sorriu novamente e se virou, tomando a mão Alyss quando ele passava.

"Venha", disse ele, levando-a fora da pista de dança com ele. Ele olhou para cima para pegar olhar intrigado de Gilan enquanto o alto Arqueiro liderava Jenny na dança. Will sacudiu a cabeça para Halt e Pauline e mostrou as palavras, "Continue dançando".

Gilan assentiu. Quanto menos perturbações ao funcionamento normal dos acontecimentos, melhor, ele percebeu.

Pauline viu a rápida troca entre os dois jovens Arqueiros, em seguida, assistiu quando Will pegava o seu caminho através das mesas, Alyss o acompanhando. De vez em quando, ele fazia uma pausa, sorria para uma pergunta de um dos convidados e fazia o que parecia ser um comentário tranquilizador. Ela admirava a velocidade com que ele tivesse reagindo, o jeito

que ele estava controlando a situação.

"Ele está crescendo" ela disse a Halt conforme eles começavam a dançar novamente. Gilan e Jenny já circulavam no chão com eles também. Então Duncan e Cassandra se juntaram a eles, seguidos do Barão e Senhora Sandra. Esse foi o sinal para outros dançarinos lotarem o palco. Dentro de alguns minutos, a maioria das pessoas tinha esquecido que um viajante Escandinavo cansado tinha acabado de chegar na festa de casamento.

Rei Duncan dirigiu seu caminho para Halt e Pauline, Cassandra se movendo levemente no tempo com ele.

"Halt? Alguma idéia do que está acontecendo?" ele disse com o canto da boca.

"Will está descobrindo agora, sua majestade" respondeu Halt e o Rei assentiu, satisfeito.

"Mantenha-me informado" disse ele, e ele e Cassandra circularam para longe. Eles foram substituídos por Arald e Sandra, com o Barão dançando através da pista lotada. Considerando que Duncan e Cassandra tinham circulado graciosamente, Barão Arald tomou uma rota direta, parecido com um cavalo de batalha roxo azul e dourado. Lamentavelmente, a senhora Sandra nunca tinha sido capaz de passar sobre os pontos mais delicados da arte de bailarino para o marido.

"Halt" disse ele à medida que se aproximava.

"Will está verificando, senhor" Halt disse a ele e o Barão assentiu.

"Bom. Mantenha-me informado."

Ele e sua esposa se afastaram. Halt rapidamente olhou para sua parceira, tendo que olhar para cima um pouco para fazê-lo. Pauline era alta para uma mulher.

"Assim eu não sei nada", disse ele.



Quando chegaram à entrada do salão, Alyss parou e virou Will para ela.

"Talvez eu deva voltar para a mesa" disse ela. "Esse Svengal não me conhece e ele pode se sentir mais à vontade para falar se não há estrangeiros presentes."

Como uma Mensageira, seus instintos para a intriga eram finamente afiadas e Will percebeu que ela estava certa. Havia, obviamente, algo fora do comum acontecendo. O aparecimento abrupto de Svengal provou isso. Ele acenou e brevemente tomou a mão dela em ambas as suas.

"Você poderia estar certa", disse ele. "Além disso, ficará melhor se um de nós voltar a festa."

Ele apertou a mão dela em seguida liberando. Ela sorriu para ele, então se virou e voltou para a sala lotada. Will a assistiu ir, então se virou para a ante-sala pequena, onde Horace tinha levado seu visitante inesperado.

Svengal estava cansado despencou em um banco quando Will entrou.

"Will", disse o Escandinavo com um sorriso cansado, subindo com firmeza para apertar as mãos. "Desculpe atrapalhar um momento como este."

Will olhou para Horace. "O que está acontecendo?" ele perguntou. Do abatimento de Svengal, da forma cansada, ele reuniu a notícia não era boa.

Horace encolheu os ombros. "Eu pensei em esperar por você. Salvá-lo de dizer tudo duas vezes. O que está acontecendo lá fora?" Ele indicou a sala com um gesto de cabeça rápido.

"Está tudo volta ao normal. Você teve as coisas resolvidas antes que muitas pessoas tivessem a oportunidade de observar. Bom trabalho.

Horace fez um pequeno gesto auto-depreciativo e Will tomou outro olhar para o Escandinavo.

"Você está quase morto, Svengal. Está tudo bem?"

Svengal tinha caído de volta para o banco. Ele sorriu tristemente, facilitando a sua dor nas costas. "Eu me sinto melhor", disse ele. "Eu passei dois dias e mais uma noite em seus malditos cavalos — todo o caminho do Castelo Araluen para aqui. Eu mal posso mover as pernas ou as costas."

"Araluen?" Horace interrompeu. "O que você estava fazendo lá?"

"Nós navegamos o Wolfwind até o mesmo rio que fizemos da última vez. Eu pensei que fosse o melhor lugar para encontrar todos vocês." Will e Horace trocaram olhares. "Eu imagino o deva ter acontecido", disse Will. Havia um tratado em vigor entre Araluen e a Escandinávia, mas mesmo assim, a visão inesperada de um Wolfship chegando a terra só poderia ter causado alarme.

"Levantamos a flâmula de Evanlyn" Svengal disse-lhe. "Nós ainda a tínhamos no nosso armário de bandeiras. Existe alguma coisa para beber por aqui?"

Will ergueu as mãos em um pedido de desculpas. "Desculpe. Você provavelmente poderia querer alguma coisa para comer também", disse ele.

Svengal assentiu com a cabeça várias vezes. "Sim. Isso seria muito bom. Não tenho comido por um bom tempo."

Will chamou um servo que tinha sido parado fora da porta. O menino pôs a cabeça em torno da moldura da porta, olhando curiosamente para o enorme Escandinavo, que sorriu para ele.

"Traga-nos um pouco de vinho... Não, espere!" Will disse quando o menino começava a ganhar distância. O menino voltou. "Traga-nos um prato de comida também. Um prato grande. Um prato grande, na verdade. Muita carne e pão. Não se preocupe com os legumes ou hortaliças. Ele sabia que Escandinavo tinha um desprezo profundo para saladas como fonte de alimento.

"Traga o vinho em um frasco", acrescentou Horace. "Não em um daquelas taças minúsculas que eles estão usando lá fora. E rápido!

"Sim, senhores," o menino disse. Ele correu para fora.

"Então nos diga" Will disse "o que o traz aqui no meio do casamento de Halt?

Svengal balançou a cabeça em desculpas. "Não sabia sobre isso" ele disse a eles. "Nós estivemos no mar por meses. Precisamos de ajuda e vocês eram as únicas pessoas que nós pensamos que poderiam ajudar."

"Nós?" Horace perguntou.

"Erak e eu. Bem, Erak basicamente. Ele me disse para vir aqui e encontrá-lo — e Halt."

"Então ele ainda está em Hallasholm, eu acredito?" Will disse.

Ele estava consciente de que Erak tinha dado seu barco para Svengal quando ele assumiu o cargo de Oberjarl. Mas Svengal balançou a cabeça.

"Arrida" ele disse a eles. "Ele foi capturado pelos Arridi e eles estão prendendo-o como refém."

O quê? A voz de Will aumentou para um tom mais alto do que ele esperava. Ele parou e se recompôs. "O que diabos ele estava fazendo em Arrida?"

"Estávamos atacando", explicou Svengal. "Ele estava entediado em ficar sentado conversando com Borsa todos os dias."

"Posso imaginar" Will acrescentou. Ele ainda nutria ressentimento para o hilfmann Escandinavo, que o designou para a vida como um escravo de pátio — uma sentença de morte quase certa no inverno amargo Escandinavo.

"Esqueça isso" Horace disse a ele e apontou um dedo para Svengal. "Vamos ouvir a história."

Mas o menino escolheu esse momento para voltar com uma bandeja carregada com pernas de frango, costeletas de porco e uma perna de carneiro pequeno. Havia também uma caneca de vinho na bandeja que ele estabeleceu. Svengal olhou avidamente para a comida e bebida.

"Ah, vá em frente" Horace disse a ele.

Svengal bebeu um terço do vinho em um barril, em seguida, agarrou a carne de carneiro e arrancou o suficiente para alimentar uma família pequena

com os dentes. Ele mastigou e engoliu por alguns momentos, de olhos fechados alegremente conforme a comida e a bebida enviavam energia fluindo através dele.

"Ele estava com fome" Will murmurou. Svengal disse que estava a cavalo por dois dias — não era uma maneira popular de viajar para Escandinavos. Tornava-se óbvio que ele não tinha parado de comer. O lobo do mar engoliu um último pedaço de carne de carneiro e tomou outro gole de vinho gigantesco. Limpou a gordura e vinho do bigode com as costas de uma mão enorme, soltou um arrote alto o suficiente para acordar os mortos.

"Eu acredito que ele gosta de nosso alimento" Horace disse. Will revirou os olhos impaciente.

"Svengal" ele disse "recomponha-se. Como Erak foi capturado? E como você fugiu? O que em nome de Deus que você estava fazendo em Arrida? E -"

Svengal ergueu uma mão manchada de graxa. "Ei, duas ou três perguntas por vez, tudo bem? Olha, Erak estava entediado. Ele queria ir para o mar novamente. Então ele decidiu ir a um último ataque." Ele fez uma pausa, considerando. "Bem, ele disse que seria seu último, mas eu duvido. Presumo que ele -"

"Continue" Will e Horace falaram juntos.

"Ah... Sim, desculpe. Bem, nós planejamos uma invasão."

"Em Arrida? Horace disse incrédulo e Svengal olhou para ele, um olhar ferido no rosto.

"Sim. Em Arrida. Afinal, não estamos autorizados a invadir aqui esses dias, estamos? Temos de ir mais longe."

Will e Horace trocaram olhares. "Eu suponho que é culpa nossa", disse Will. "Vá em frente, Svengal."

"Enfim, nós planejamos pegar uma cidade chamada Al Shabah. É uma cidade de comércio onde ficam os navios de provisões e que nós figuramos — bem, Erak figurou — que haveria um monte de dinheiro lá. Você vê -"

"Svengal" Will disse "Tenho certeza de que haviam excelentes razões para invadir este El Shibah... "

"Al Shabah," Svengal corrigiu-o, olhando uma perna de frango, em seguida, pegando-a. "Mas só fale o que aconteceu, tudo bem?"

"Bem, nós desembarcamos antes do amanhecer e tudo parecia deserta. Sem guardas. Sem vigias. Nós fizemos o nosso caminho para a cidade e depois percebemos que eles estavam esperando por nós. Havia mais de uma centena de soldados lá — as tropas de linha de frente também. Não os habituais amadores que encontramos nas pequenas cidades. Eles estavam nos esperando. Eles até

sabiam que Erak estava por vir. Eles o chamavam pelo nome, sabia que ele era o Oberjarl. Disse que ele era o único que eles estavam interessados"

Deixe-me ver se entendi. Eles emboscaram todos vocês? A tripulação do navio inteiro? Horace franziu o cenho para o pensamento. Svengal assentiu.

"Eles deixam o resto de nós ir porque eles precisavam de nós para recolher o resgate. Eles até devolveram as nossas armas, uma vez que estávamos de volta a bordo. Disse que eles não querem que nós fossemos capturados por piratas, enquanto estávamos ir buscar o dinheiro." Ele bufou amargo. "Irônico, não é?"

"Quanto é este resgate? Will perguntou.

"Oitenta mil bobinas" Svengal disse e os dois jovens assobiaram.

"Isso é um monte de prata" disse Horace.

Svengal encolheu os ombros. "Erak é Oberjarl, afinal de contas".

Will estava carrancudo enquanto ele pensava sobre o que Svengal tinha dito. Havia algo que ele não entendeu.

"Svengal, oitenta mil é muito dinheiro. Mas certamente Erak poderia colocar as mãos sobre esse montante. Como você disse, ele é o Oberjarl. Por que você veio aqui para isso?"

"Erak me disse para vir aqui. Poderia levar a melhor parte de um ano para que possamos chegar a Escandinávia e depois voltar para Arrida com o dinheiro..." Ele parou de falar, o pensamento não completamente concluído.

Will assentiu. "Isso faz sentido", disse ele. "E eu tenho certeza que o Rei Duncan vai emprestar o dinheiro. Afinal, Erak salvou a vida de sua filha." Ele sentiu que Svengal tinham algo mais em sua mente, algo que ele estava relutante em dizer.

"Mas?" ele solicitou e o lobo do mar suspirou pesadamente.

"Erak não queria que eu voltasse a Escandinávia com a notícia de que ele era um prisioneiro" disse ele. "Ele está certo de que ele foi traído por um de nosso próprio povo".



"Traído?" Rei Duncan disse. "Por que seu próprio povo o traiu? Na ultima vez que ouvi, Erak foi uma escolha popular como Oberjarl.

Era a manhã seguinte e mesmo o espaçoso escritório de Barão Arald estava parecendo um pouco lotado com os membros presentes. Além do Rei e sua filha, Sir Anthony, Crowley, Halt e Pauline, Barão Arald e Sir Rodney, Horace, Gilan, Will e Alyss estavam todos sentados à volta da mesa central, onde Arald tinha dado deferência para com o rei. Svengal, esgotado por sua cavalgada para Araluen, ainda estava dormindo pelos efeitos da viagem. Embora, Will pensou com humor sombrio, os efeitos podem ser mais duradouros do que ele esperava. Um líder novato, Svengal estaria duro e dolorido em cada músculo e articulação, quando ele acordasse.

Na noite anterior, depois de Will relataram os fatos básicos da chegada de Svengal, tinha sido decidido abandonar uma discussão detalhada até a manhã. A celebração do casamento continuou como se não tivesse havido interrupção. Isso tinha sido decisão Lady Pauline. Como ela tinha dito a Halt algumas semanas antes, esta era uma grande ocasião para muitos dos convidados — talvez uma oportunidade única para escovar os ombros com a realeza.

"Deixe eles se divertirem" ela havia dito. "Nós podemos lidar com isso de manhã."

Halt sorriu para ela quando ela disse. Foi a confirmação do bom senso do Barão de nomeá-la à sua alta posição diplomática.

Pauline também tinha um motivo oculto. Ela sabia muito bem que esta seria uma das poucas ocasiões em sua vida que ela iria convencer Halt a dançar com ela e ela não tinha nenhuma intenção de deixá-la passar pelo simples fato de Oberjarl Erak tinha descuidado e foi capturado pelos Arridi. Era, pensava ela, uma questão de manter um sentido de perspectiva.

Assim, a dança e a festa continuaram. Então pouco antes da meia-noite, uma carruagem aberta, puxado por duas éguas brancas, tinha chegado à entrada da sala de jantar. Os recém-casados conduziram uma procissão pelo corredor central e foram aplaudidos a bordo por uma multidão de simpatizantes. Além

disso, centenas de outros, tinham chegado a partir da própria aldeia, onde o Barão tinha contribuído com dois bois para serem torrados e vários barris de cerveja para uma festa gigante ao ar livre.

Estes recém-chegados forraram o caminho para a portaria, onde a enorme ponte levadiça estava aberta. Outros esperavam fora, de cada lado da estrada que descia a colina em direção ao bosque. Conforme o carro passava, eles atiraram-lhe flores e aplausos em quantidades iguais. Halt, que passou sua vida em atividades secretas, movendo-se invisível e despercebido pelo país, achou uma estranha experiência desconfortável ser o centro das atenções. Sentia-se estranhamente exposto sem a ocultação reconfortante do seu manto de camuflagem e caiu baixo em seu lugar, tentando desaparecer nas almofadas de pelúcia. Lady Pauline, por outro lado, sentou rigidamente e acenou para as pessoas aplaudindo. E já que a grande maioria das pessoas que chegaram ficava de boca aberta em qualquer casamento para ir ver a noiva, em qualquer caso, a sua reticência passou praticamente despercebida.

"Para onde eles estão indo? A esposa de um ferreiro perguntou para ninguém em particular, conforme o transporte descia o morro.

Uma dona de casa ao lado dela — uma daquelas pessoas que sempre sabem a resposta para cada questão, respondeu com segurança presunçosa.

"Ouvi dizer que, no fundo da floresta, há um ninho de amor especial que foi construído para eles. Um pavilhão de flores e materiais preciosos, onde vão passar a noite." Sua imaginação foi auxiliada por sua própria declaração, ela adicionou então autoritariamente, "Além do mais, tem pássaros especialmente treinados nas árvores e puro tapete de veado será posto na clareira para o deleite da minha senhora."

A realidade era mais mundana. A carruagem pararia na pequena cabana apenas na orla da floresta, onde Halt e Pauline iriam esperar até que a multidão se dispersar. Então eles iriam entrar em outra carruagem, menos ornamentada, puxada por duas baías anódino e voltar ao castelo, onde Arald tinha reservado uma suíte de quartos de sua residência permanente.

Então, aqui estavam todos eles, discutindo a incrível virada de eventos que Svengal tinha trazido a sua porta.

"Erak era popular com a maioria" Will disse o Rei, em resposta à sua pergunta. "Mas há uma pequena facção em Hallasholm que gostaria de vê-lo perder a sua posição.

Pequena, mas atuante e persistente".

"Eu suponho que nosso tratado tem algo a ver com isso?" Crowley perguntou. Quando Halt tinha levado os Escandinavos a vitória sobre uma

força invasora Temujai, ele aproveitou a situação para criar um tratado onde grandes invasões de larga escala em Araluen fossem desencorajadas pelo Oberjarl. No caso de Erak, "desencorajada" era traduzido muito bem como "proibida".

"Isso não ajuda, é certo" disse Will. "E a facção anti-Erak estão usando-o como uma alavanca para criar discórdia entre os outros. Mas vai mais profundo do que isso."

"Se há uma facção anti-Erak" Lady Pauline disse, "supõe-se que eles também devem ter seu próprio líder em mente. Quem pode ser esse? Nós sabemos?"

"Nós sabemos" Will disse a sala. Embora ele e Horace ambos tivessem recebido a notícia de Svengal, eles tinham decidido que Will ia conduzir a conversa com os outros. Fazia parte da formação de Arqueiro de saber como montar e relatar fatos tão coesos quanto possível. "É um homem chamado Toshak, um amigo íntimo de Slagor."

Seus olhos se encontraram com os de Cassandra conforme ele disse o nome e ele viu a compreensão aparecendo lá. Slagor tentou fazer Cassandra ser executada quando ela e Will tinham estado entre os Escandinavos. Mais tarde, ela havia descoberto sua parte em uma conspiração para trair as forças Escandinavas com os Temujai.

Alyss viu o olhar entre Will e a princesa loira. Seus lábios apertaram um pouco, mas, diplomata como ela foi treinada, ela rapidamente recompôs seus traços, antes que alguém notasse.

"Slagor?" disse o rei. "Mas com certeza ele está morto? Erak ele tinha executado por traição, no final da guerra, não foi?"

"Eu tentei convencê-lo a não fazer" Cassandra acrescentou "Eu pensei que era uma má idéia e eu me sinto... responsável, eu suponho."

O Rei balançou a cabeça. "Não. É desagradável, minha querida, mas tinha que ser feito. Slagor traiu seu país em tempo de guerra. Você não pode deixar essas pessoas impunes. Ele merecia o que ele teve e você não tem nada a responsabilizar-se".

"A princesa tem um ponto, no entanto," Halt disse. E quando os outros olharam para ele, ele passou a explicar: "A execução de um criminoso muitas vezes faz dele um mártir. Depois que ele está morto e enterrado, as pessoas muitas vezes esquecem os crimes que ele cometeu e começa a ver uma versão mais limpa. Uma pessoa assim começa a ser visto como uma vítima, então, como uma figura para quem tem um machado para moer. Sem trocadilhos" ele acrescentou, lembrando que Slagor havia sido decapitado. Will assentiu com a

cabeça. "Isso é basicamente a forma que Erak entendeu, de acordo com Svengal. Toshak, o líder de um bando de rebeldes, não dá a mínima sobre o destino de Slagor. Ele está usando-o como um símbolo para promover seus próprios fins. Que é assumir como Oberjarl."

O Rei assentiu lentamente. Fazia sentido. "Isso explica por que Erak não quer que Svengal volte a Escandinávia com a notícia de que ele foi capturado — e que vai custar aos Escandinavos oitenta mil bobinas para resgatá-lo. Poderia ser mais rápido e mais barato apenas para eleger um novo Oberjarl."

Sir Rodney tinha escutado a conversa até agora sem falar. Agora, ele franziu a testa, pensativo e fez uma pergunta.

"Dado que pode haver pessoas que querem Erak fora do caminho, ainda não há prova de que eles estavam envolvidos na sua captura, é?" ele perguntou. "Afinal, só poderia ter sido boa sorte por parte do Arridi."

Will assentiu. "Isso poderia estar certo, Sir Rodney. Mas há mais nisso. A frota de invasão Escandinava se encontra antes de qualquer temporada de invasão e atribui territórios por sorteio. Então, os outros capitães — e Toshak era um deles — sabiam que o navio de Erak estaria invadindo a parte da costa."

"Ainda assim," Crowley disse "Rodney tem um bom ponto. Poderia ter sido sorte simples por parte do Arridi que lhes permitiu fazer uma emboscada a Erak. Eles poderiam ter ouvido que um Wolfship estava na área e estabeleceram a armadilha — organizando para lhe vender o calendário falso. Não há nenhuma evidência concreta de que Toshak estava envolvido."

"Exceto por uma coisa," Horace acrescentou. Ele sentiu que Will estava sendo cercado por todos os lados e poderia precisar de uma ajudinha. "Eles não estavam apenas esperando por qualquer Wolfship. Eles sabiam que era Erak que estava chegando e eles sabiam que ele era o Oberjarl. Apenas um Escandinavo poderia ter dito isso a eles."

Rodney e Crowley ambos assentiram pensativos, vendo a lógica no argumento. Cassandra estava assistindo ansiosa o pai. Ela sentiu que eles estavam ficando fora do ponto real.

"Vamos emprestar o dinheiro a Erak, não é mesmo, papai?" disse ela. O pai olhou para ela. Ele estava inclinado a fazê-lo, mas ele não estava totalmente feito a sua mente. Oitenta mil era muito dinheiro. Não é uma quantidade enorme, era certo. Mas não era uma soma para você apenas jogar fora.

"Eu tenho certeza Erak é bom para o dinheiro, sua majestade," Halt disse. Ele já havia decidido que, no caso improvável de que Duncan não concordar com o empréstimo, ele iria liberar Erak das garras da tribo Arridi.

"Sim, sim", disse Duncan, considerando ainda. "E a quantidade real é a

certeza de ser menos. O Arridi seria insultado se não pechinchássemos um pouco."

"Eu devo Erak minha vida, Papai," Cassandra disse calmamente, mas com firmeza. A utilização da palavra papai alertou Duncan para o fato de que ela estava começando a pensar que ele pode estar relutante em ajudar Erak. Antes que ele dissesse alguma coisa, ela prosseguiu.

"Não é apenas quando ele me ajudou e Will a fugirmos. Mas depois, quando Slagor expôs minha verdadeira identidade e tentou me matar, Erak estava pronto para me levar embora dali.

Duncan levantou a mão para acalmá-la. Ele podia ouvir sua voz levantando-se em campo e ele não queria um confronto com tantas pessoas presentes.

"Cassie, concordo plenamente a intenção de pagar o resgate. É a mecânica da coisa toda que é um pouco difícil." Ele podia ver que essa declaração satisfez sua filha, mas ela parecia confusa, então ele continuou. "Para começar, eu não estarei colocando oitenta mil bobinas — ou o que o montante final pode ser — em um Wolfship dando adeus enquanto ela navega para Arrida. Há também uma grande chance de que poderia ser perdido... tempestades, naufrágios, piratas. É muito arriscado."

Lord Anthony tossiu se desculpando. "Há sempre o Conselho Silasian, sua majestade", disse ele, e Duncan cabeça em sua direção.

"Isso é o que eu estava pensando, Anthony."

O Conselho Silasian era um acordo que negociava em moedas, e não em mercadorias. Eles forneciam um meio pelo qual os países poderiam trocar fundos sem o risco de envio de dinheiro ou ouro em longas viagens arriscadas. Países depositavam o dinheiro com os Silasians, que pagava juros ao depositante. Eles também se comprometeriam a entregar quaisquer montantes que poderão requerer a transferência — de fato ou como depósitos em conta de um país para outro. O Conselho tomava um percentual de cada transação como penalidade e garantia a passagem segura dos fundos, como parte de seu serviço. O risco de perda durante a transmissão era mais do que coberto pelo seu pagamento.

"Os Arridi são signatários aos acordos Silasian, Anthony?" Duncan perguntou a seu Chamberlain agora. O rosto de Lord Anthony se contorceu em pensamento.

"Eu duvido, sua majestade. Na última lista, eles não estavam lá."

"Nesse caso, vamos ter de arranjar para o Conselho fazer uma entrega de dinheiro real. Isso significa que alguém vai ter que negociar os termos e o valor

final com os Arridi e levá-los a concordar com o arranjo, e a taxa a ser paga ao Silasians.

As taxas eram normalmente pagas pelo emissor e pelo receptor.

"Eu posso fazer isso, sua majestade" disse Halt rapidamente. Mas o Rei balançou a cabeça.

"Não. Acredito que você não possa Halt. Há um protocolo envolvido. Estamos lidando com o resgate do governante de um país. E sobre o lado prático, há negociações para serem realizadas. Isso precisa de alguém do alto escalão — um portador do selo nacional. É uma questão de fundos nacionais então precisa de alguém de posição real. Idealmente, eu deveria ir."

Halt encolheu os ombros. Isso seria muito bem com ele.

Então Duncan acrescentou, em tom frustrado: "Mas eu não posso no momento. Eu tenho que organizar as conversações de paz entre quatro dos seis reis Irlandeses. Eles vão se desfazer se eu não arbitrar entre eles. "

"Então me dê o seu selo e eu vou em seu lugar. Vamos dizer que eu sou seu primo há muito perdido" Halt disse. Ele tinha muito pouco tempo para a forma correta de fazer as coisas. Duncan suspirou e olhou para Crowley.

"Você nunca explicou a seu homem selvagem como o sistema de selos reais e funcionam no mundo civilizado, Crowley?"

Crowley ergueu as sobrancelhas. Ele suspeitava que Halt tivesse se comprometido em numerosas atividades fraudulentas que fazer com os selos reais ao longo dos últimos vinte anos. Mas desta vez, eles não poderiam correr o risco.

"O selo real só pode ser usado por um membro da família real, como você sabe, Halt", disse Lord Anthony. "Se você tivesse que usá-lo, todas as negociações que realizar, e quaisquer acordos que você alcançasse, seria fraudulento e, portanto, nulo. Se isso fosse exposto, levaria anos para Araluen reconquistar a confiança dos outros países. Nós não podemos correr tal risco".

Halt bufou, sua reação habitual de formalidades e protocolos. Lady Pauline colocou a mão sobre sua própria acalmando-o e ele olhou para ela e deu de ombros se desculpando. Então, tentando manter sua voz razoável, ele perguntou: "Você não poderia me dar um mandato para agir em seu nome, assinado por seu selo?"

"Se fosse outro país — Teutônia ou Gállica, por exemplo — é exatamente o que eu faria", respondeu Duncan. "Mas, infelizmente, apesar de os Arridi falarem a língua comum, eles têm seu próprio alfabeto e língua escrita, que não tem qualquer semelhança com a nossa. Nós temos ninguém que possa escrever ou lê-lo e, presumivelmente, eles não têm ninguém que possa ler o

nosso. Assim, um mandado de autorização a agir em meu nome poderia muito bem ser uma lista de compras dada sob o meu selo. Duncan fez uma pausa, mastigando-lhe o lábio inferior em frustração. "Não. Vou ter que ir eu mesmo" disse ele. "Mas teremos que esperar até que eu lide com esses Irlandeses condenados. Sem ofensa, Halt "ele acrescentou, lembrando que o Halt tinha originalmente vindo daquele país irracional. Halt balançou a cabeça.

"Nenhuma ofensa recebida, majestade. Mas deve haver alguma outra maneira", insistiu.

"A resposta está bem aqui na frente de todos" Cassandra disse. "Eu vou."



Todos os olhos se voltaram para ela. Houve um momento de silêncio na sala enquanto os presentes consideravam sua sugestão. Então o rei respondeu bruscamente.

"Você não vai. Está fora de questão."

O rosto de Cassandra ficou vermelho enquanto falava. Controlando a raiva com um grande esforço, ela falou com muita calma. "Por quê? Por que deveria estar fora de questão? Nossa família, nosso país, tem uma dívida de honra para Erak. Os Escandinavos são nossos aliados por causa dele. Então, porque não devo ser a responsável por negociar a sua libertação?"

"Porque ..." O rei hesitou e ela o interrompeu.

"Você disse que a tarefa exige um portador do selo. Um membro da família real. Bem, eu não vejo nenhum outro por aqui. Porque eu não deveria ir em seu lugar?" Ela fez uma pausa, depois acrescentou, com maior intensidade, "Pai, isso é exatamente o que estávamos discutindo algumas semanas atrás. Um dia vou ser rainha. Se eu não começar a tomar em alguns desses deveres agora, eu nunca vou estar pronta para ser uma verdadeira rainha — alguém que você vá se orgulhar."

"Cassandra, você não vai e pronto final. Agora vamos parar esta discussão. É embaraçosa."

Ela sentiu a fraqueza em seu argumento e sabia o que estava por trás dele.

"É só embaraçoso porque você sabe que está errado sobre isso. Devo a minha vida a Erak. Eu tenho o direito de ajudar a resgatar ele."

Havia um surto de raiva no rosto do rei e agora ela percebeu que ela tinha marcado um ponto. Não havia nenhuma razão racional para que ela devesse comprometer a missão. Sua objeção de que era puramente pessoal. Era compreensível, ela percebeu. Mas ele estava errado.

"O problema é, Cassandra" disse ele, também a trabalhar para manter a sua voz calma "você é..."

"Uma garota", ela interrompeu.

Ele balançou a cabeça obstinadamente. "Isso não era o que eu ia dizer."

Eu ia dizer que você é inexperiente. Você nunca realizou negociações como esta."

"Eu negocieie o tratado Escandinavo" ela atirou de volta e ele sacudiu a cabeça como um urso desajeitado frustrado por um pequeno cachorro beliscando em seus calcanhares.

"Você tinha Halt lá para aconselhá-la" ele disse e ela respondeu de imediato, não lhe dando trégua, sabendo que ela tinha que pressionar sua vantagem se fosse para ter alguma chance de ganhar esse argumento.

"Ele pode aconselhar-me sobre isso", disse ela. Ela olhou para o Arqueiro. "Halt, você vem comigo, não é?"

"Claro que irei, Sua Alteza" disse ele. Ao contrário do Rei, não via nenhuma razão para que Cassandra não devesse ir para a missão. Em Escandinávia, ela provou ser corajosa e engenhosa. E ela não era uma inútil. Ela revelou isso na linha de batalha contra os Temujai, quando ela calmamente dirigiu seu grupo de arqueiros enquanto os ferozes cavaleiros soldados invadiram sua posição. Ele não tinha nenhuma dúvida de que ela podia cuidar de si mesma.

"Halt... "O rei começou, olhando com raiva a seu velho amigo. Mas, Senhor Anthony já interveio também. "Na verdade, sua majestade, há certo mérito na idéia. Os Arridi são uma sociedade matriarcal. A sucessão é a linha da mãe. Assim, eles não têm nenhuma objeção a lidar com as mulheres — ao contrário de alguns países. Isso faz com que a princesa é uma excelente escolha como seu representante."

O Rei levantou abruptamente. A pesada cadeira que estava sentado oscilou por um momento com suas pernas traseiras com a força de seu movimento. Em seguida, ele caiu de volta para um nível novamente.

"Vou agradecer a todos se ficarem de fora disso!" disse ele, em uma voz bastante elevada. "Este é um assunto de família. É entre mim e minha filha e é de nenhum interesse para qualquer um de vocês! Isso está absolutamente claro?"

As quatro últimas palavras foram entregues em uma mensagem e houve um silêncio constrangedor na sala por alguns segundos. Então Barão Arald falou.

"Não, sua majestade. Eu acho que você está errado" disse ele com firmeza. O olhar furioso do Rei virou para ele. Arald o encontrou com firmeza.

"Barão Arald, isso não lhe diz respeito. Você entendeu?"

Arald balançou a cabeça. "Não, senhor. Eu não entendi. Pelo contrário, ele me diz respeito. Diz respeito a todos nós."

"Eu sou o rei, Barão Arald, e eu digo se o assunto é -"

Will assistia Barão Arald com algum espanto. Ele tinha visto a coragem do corpulento cavaleiro na batalha várias vezes, mas isso era algo diferente. Esta era uma forma muito maior de coragem — a coragem moral de falar quando a sua consciência lhe dizia para fazê-lo.

"E essas duas afirmações se contradizem, sua majestade. Porque você é rei, esta questão não pode ser privada. Porque o que lhe diz respeito e à sua família são preocupações do país. No passado, você disse que você valorizava o meu conselho -"

"Bem, eu não o valorizo agora!" o Rei agarrou.

Arald encolheu os ombros. "Se você apenas vê valor em meu conselho, quando eu concordo com você, você não o valoriza realmente" disse sem rodeios. O rei encolheu como se Arald o atingisse. Ele percebeu que o outro homem estava certo. Mas ainda...

"Arald, você não entende. Você não tem filhos. Ela é minha filha e esta será uma jornada perigosa..."

Cassandra bufou, mas Arald olhou rapidamente para ela para silenciá-la, em seguida, estendeu as mãos em compreensão. "Tudo bem, majestade. Assim como era perigoso quando você conduziu o exército contra Morgarath. Assim como era perigoso quando Rodney e eu lutamos com o Kalkara. Este é o preço que pagamos por nosso posto privilegiado. Nós apreciamos os privilégios, porque, quando chegar a hora, temos de enfrentar o perigo. E sua filha não é exceção. Ela sabia isso quando ela e Will destruíram a ponte de Morgarath, e isso os levou a serem capturados.

O rei era um homem relativamente jovem, mas com a menção daquele tempo terrível, seu rosto parecia ficar mais e velho. Aquele tinha sido o pior momento de sua vida, ele pensou. Sentou-se lentamente. Arald suavizou o tom um pouco.

"Sua majestade, você está certo, não tenho filhos por isso não posso compreender como você sente. Mas sua filha também está certa. Ela será rainha de um dia e ela quer manter o que você definiu. Há um risco em tudo isso. Mas Cassandra está disposta a levá-lo assim como você."

Rei Duncan olhou para cima e varreu seu olhar lentamente em volta da sala. Cassandra, ele viu, estava desafiante como nunca. O rosto de Arald estava fixo e determinado. Os rostos de Halt e Crowley eram inescrutáveis nas sombras das suas capas. Os dois homens mais jovens estavam ambos um pouco de olhos arregalados — obviamente desconfortáveis com as emoções que foram descobertas no quarto. Havia ainda uma sugestão de admiração aos olhos

de Will, no entanto, enquanto ele continuava a olhar fixamente para o Barão. Rodney estava assentindo de acordo com as declarações de Arald, enquanto Gilan fez um show de estudar as unhas. O rosto de Anthony estava pedindo desculpas, mas determinado. Alyss estava, obviamente, tentando mascarar seus sentimentos, mas estava claro que ela compartilhava o desconforto dos meninos.

Pauline só estava composta e calma. Não havia nenhum sinal de acordo em sua expressão. Ele sentiu um possível aliado. "Senhores, Cassandra, Alyss, eu me pergunto vocês se importariam de me dar alguns momentos a sós com Lady Pauline" disse ele.

Houve murmúros de confirmação do seu pedido, e as dez outras pessoas saíram da sala, deixando o rei e a Mensageira sozinhos. Quando a porta se fechou atrás de Will, o último a sair, Duncan voltou-se para a alta mulher sentada em frente.

"O que devo fazer Pauline? Como posso colocar isso para eles? Você tem que me ajudar com isso." Ele fez o seu melhor para manter um razoável, não-argumentativo tom.

"Vossa Majestade", respondeu Pauline uniformemente, "se é por isso que você me pediu para ficar, você pode me mandar embora com os outros. Concordo com Arald. Você está errado sobre isso."

"Mas ela é apenas uma garota..." Ele começou.

"Assim é Alyss. No entanto, eu já lhe enviei em várias missões muito perigosas. Sua filha é mais valiosa do que a minha assistente?"

"Ela é a princesa!" ele disse com raiva e Pauline levantou uma sobrancelha.

"E, como tal, ela tem um dever maior para o país do que uma mera órfã como Alyss. O Barão está certo. Aqueles de nós que gostam de grande privilégio tem a maior dever. E o privilégio de Cassandra é apenas o segundo antes do seu."

Duncan se levantou e começou a andar pela sala. Pauline permaneceu sentada, mas ela seguiu com os olhos.

"Quando você me indicou para um alto cargo no serviço diplomático, você hesitou por causa do meu sexo?"

"Claro que não", respondeu ele. "Você era a melhor pessoa para o trabalho."

Ela acenou reconhecendo o elogio. "Você é o primeiro governante a aceitar mulheres em posições de responsabilidade sem levar em conta o fato de serem mulheres. E sem se preocupar que suas decisões possam colocá-las em

perigo de vez em quando."

"A habilidade é um valor acima de tudo" disse ele. "De homem ou mulher.

Ela estendeu as mãos em um pequeno gesto de "você tem um ponto".

"Então entenda o valor de sua filha. Ela é uma excepcional jovem. E ela não é daquelas que sentam perto do fogo, enquanto os homens fazem todo o trabalho perigoso. Ela já provou isso. Ela já fez mais do que a maioria dos homens irá fazer em suas vidas inteiras. A garota tem um gosto pela aventura e você não vai quebrar isso dela. Pessoalmente, quando eu vejo o caráter e a coragem de quem irá sucedê-lo, agradeço ao bom Deus por isso. Você é um bom Rei, vossa majestade. E ela vai ser uma boa rainha. Mas você tem que dar a ela a chance."

Os ombros do rei Duncan caíram quando ele percebeu que ela estava certa. Ele se permitiu um sorriso cansado em sua direção. Ele estendeu as mãos em um gesto de rendição e voltou para a alta cadeira.

"O que sempre me fez pensar que você estaria do meu lado?" ele perguntou a ela. Lady Pauline se permitiu um sorriso em troca.

"Estamos todos do seu lado" respondeu ela. "Você era o único fora da etapa." Ela fez uma pausa, em seguida, pediu-lhe suavemente. "Devo chamar os outros de volta?"

Ele balançou a cabeça. "Por que me pergunta? Vocês todos que estão fazendo as decisões."



O grupo entrou para a sala, indo para suas antigas posições em torno da mesa.

Lançaram olhares curiosos na Lady Pauline, tentando avaliar o que passou quando eles estavam à espera na ante-sala exterior. Mas a diplomata era hábil em esconder seus sentimentos e não lhes deu qualquer indicação quanto ao que havia sido decidido.

Duncan estava sentado, os cotovelos sobre a mesa, a cabeça entre as mãos, enquanto ele reconstruía seus pensamentos. Quando a baralhar habitual e o deslocamento de cadeiras acabou, ele olhou para o grupo em torno dele.

"Muito bem" disse ele durante um tempo, "eu decidi. Cassandra vai levar as negociações com o Arridi."

Houve uma rápida entrada de ar de sua filha, então ela apressadamente reorganizou suas feições, a chance de que ele poderia mudar de idéia. Ele olhou

para ela e balançou a cabeça. Então ele fixou o olhar em linha reta na frente dele de novo.

"Halt, você vai com ela como seu principal conselheiro. Ajude-a nas negociações e a proteja."

"Sim, senhor" disse Halt impassível.

"Will, você vai também, é claro" disse o rei. "Você a manteve segura antes. Faça isso novamente".

"Sim, senhor" disse Will, sorrindo amplamente. Ele tinha assumido que iria acompanhar o seu mentor, mas nunca se sabe. Então ficou ainda melhor.

"Horace, para o caso de eles não possam controlar entre eles, você está indo como guarda-costas pessoal de Cassandra. Entendeu?"

"Sim, majestade" disse Horace, e ele e Will trocaram sorrisos. Will mostrou na boca as palavras "como nos velhos tempos" e Horace assentiu. Cassandra sorriu para os dois e se mudou um pouco mais perto deles. De um lado, uma carranca tocou o rosto de Alyss.

"Certo. Agora, para além dos três de vocês, eu quero enviar uma força razoável também. Digamos vinte homens armados da Guarda Real. O Rei fez uma pausa quando Halt levantou a mão para intervir. "Sim?"

"Senhor, não vamos precisar deles" ele começou, mas o rei o interrompeu.

"Este não é um assunto de seu ego, Halt. Eu não estou feliz em enviar minha filha nessa missão em primeiro lugar, e eu insisto que você precisa de uma força suficiente para protegê-la. Vocês três não são suficientes em minha opinião."

"Eu concordo, sua majestade. Mas você está esquecendo que teremos trinta Escandinavos armados conosco também. Eles são os melhores guerreiros do mundo."

Horace não poderia ajudar a si mesmo. Ele resmungou em acordo, em seguida, às pressas fez um gesto de desculpa para interromper. O rei olhou de Halt para Horace, em seguida, volta a interromper novamente.

"Você confia neles?" ele perguntou sem rodeios e parar com a cabeça.

"Com a minha vida, sua majestade".

Duncan apontou o dedo, pensativo. "Não é sua vida que eu estou preocupado."

"Eu confio neles com a minha vida também, pai" Cassandra disse com firmeza.

Halt adicionou novas garantias.

"Vou fazer Svengal jurar um juramento timoneiro que ele e seus homens

vão protegê-la. Assim que tiver feito isso, você teria que matar todos os trinta deles antes mesmo de chegar perto Cassandra."

Duncan batia os dedos, considerando. Eventualmente, ele desistiu "Tudo certo então. Mas quero ter certeza." Ele olhou atentamente ao redor da sala. "Gilan, você vai também".

"Sim, senhor!" Gilan disse ansiosamente. A perspectiva de uma missão com Halt e Will era muito atraente para ele. Mas Crowley estava carrancudo.

"Isso é altamente incomum, sua majestade," ele se opôs. "Você conhece o velho ditado: "um motim, um Arqueiro".

O provérbio originou de um evento lendário no passado. Um feudo menor tinha se levantado contra o seu senhor cruel e avarento, com centenas de pessoas em torno de sua casa senhorial, ameaçando queimá-lo ao chão. A mensagem de pânico por ajuda foi respondida pela chegada de um único Arqueiro. Espantado, o nobre confrontou a figura solitária encapuzada.

"Eles enviaram um Arqueiro?" ele disse incrédulo. "Um homem?"

"Quantos tumultos você tem?" o Arqueiro respondeu.

Nesta ocasião, no entanto, Duncan não estava inclinado a ser influenciado por uma lenda. "Tenho um novo ditado" ele respondeu. "Uma filha, dois Arqueiros." "Dois e meio" Will corrigiu. O rei não pôde deixar de sorrir para o rosto ansioso jovem dele.

"Não se venda barato" disse ele. "Dois e três quartos."



No dia seguinte, os três Arqueiros, acompanhados por Horace e Svengal, estavam na estrada, indo para o Castelo Araluen.

Os outros tinham visto com largos sorrisos quando Halt conscientemente beijou sua nova esposa em adeus. Lady Pauline levou sua separação filosoficamente. Quando ela aceitou a proposta de Halt, ela sabia que sua vida junta seria interrompida por missões urgentes e partidas súbitas. Ainda assim, ela pensou com ironia, poderia ter sido bom se esta partida particular tivesse sido um pouco menos de repente, um pouco menos urgente.

Alyss tinha ficado ao lado dela, acenando com ela enquanto as cinco figuras montadas cavalgavam abaixo pela estrada sinuosa que os afastavam do Castelo Redmont. Pauline olhava de soslaio para sua protegida e não pode resistir ao menor vestígio de um sorriso no rosto de Alyss.

"Por que tão triste?" ela perguntou inocentemente. Alyss olhou para ela, fazendo careta.

"Ele está saindo com ela novamente" disse a jovem. Não havia necessidade de Pauline para perguntar para ela o que isso significava. Alyss e Will estavam se vendo bastante um ao outro no ano passado, ela sabia. Eles se tornaram muito próximos. Agora estava obviamente incomodando Alyss que Will estava saindo em uma missão com Cassandra, uma vez mais. Alyss sabia que o aprendiz de Arqueiro e a Princesa compartilhavam uma relação especial. Ela só não sabia quão especial poderia ser.

"Eu estava tentando descobrir um motivo para eu ir junto com eles" acrescentou ela, um pouco desconsolada.

"Para manter um olho em seus investimentos?"

Alyss assentiu. "Exatamente. Eu pensei que poderia ir como voluntário para um companheiro para ela — e como conselheira diplomática. Eu sou bom em negociações, você sabe."

"Isso é verdade." Pauline considerou a idéia. "Na verdade, poderia ter valido a pena sugerir. Eu teria apoiado a idéia. Por que você não sugeriu?"

Alyss parecia longe dela agora, seus olhos intensos no pequeno grupo

diminuindo gradualmente de vista. Pelo menos, Pauline corrigiu, os olhos tinham a intenção de um membro do grupo pequeno.

"Duas razões. Eu decidi que Will e Halt e os outros não precisam da responsabilidade de outra mulher para cuidar. Se eu estivesse lá, isso significaria muito menos proteção para Cassandra. E ela é a princesa, depois de tudo."

"E a outra razão?" Pauline a alertou. Alyss sorriu um pouco triste.

"Eu pensei que eu poderia ceder à tentação de bater na cabeça dela com um remo", disse ela. "Isso não teria sido uma boa coisa para minha carreira."

Pauline sorriu por sua vez. "E ela é a princesa depois de tudo" elas repetiram.

Os cavaleiros tinham desaparecido na floresta. Pauline deslizou o braço em Alyss e levou-a para longe das muralhas de onde elas estavam em pé.

"Não se preocupe muito com ele", disse ela. "É certo que existe um forte vínculo entre Will e a Princesa. Isso é inevitável, por tudo que eles já passaram..." Seu tom de voz indicou que não havia mais a ser dito. Foi a vez de Alyss perguntar.

"Mas?" disse ela.

"Mas Will fez uma escolha a vários anos atrás, quando ele optou por continuar a ser um Arqueiro. Ele sabe que uma vida de Arqueiro não se mistura com a vida na corte. A princesa e um Arqueiro não são apenas um bom par. E seria duas vezes mais difícil quando Cassandra eventualmente tornasse rainha.

"Considerando que" disse Alyss, "há muito a ser dito para Arqueiros e Mensageiras casarem?"

Lady Pauline se permitiu um sorriso lento. "Oh, certamente. Naturalmente, a Mensageira tem de aceitar que o Arqueiro será muitas vezes chamado para longe em uma missão urgente.

"E seria melhor ele aceitar que eu vou ter minhas próprias missões" disse Alyss, abandonando a pretensão de falar na terceira pessoa.

Pauline afagou-lhe o braço suavemente. "Essa é minha garota" disse ela.



"Por que eu não posso ir com os outros?" Cassandra perguntou talvez pela vigésima vez.

Ela estava nos quartos que tinham sido reservados para seu uso em Redmont, apressadamente guardando sua roupa nas malas de couro de viagem. Duncan levantou uma sobrancelha para o seu tratamento descuidado das sedas finas e cetins que ela tinha em mãos.

"Talvez você deva deixar seu pessoal fazer isso" ele sugeriu, vendo que ela nunca iria conseguir fechar as malas com a confusão de vestidos, casacos, sobretudos e saias e lenços que empinou nas malas. Cassandra fez um gesto impaciente.

"Esse é meu ponto. Eles poderiam estar embalando tudo isso. Eu podia estar montando com Will e Horace."

"E me privar de alguns dias a mais em sua companhia" Duncan disse suavemente e ela imediatamente lamentou sua impaciência. Ele estava preocupado com o envio dela para Arrida, ela sabia. Ele não tinha feito qualquer pretensão de que ele não estava. E ela sabia que ele iria se preocupar a partir do momento em que ela saísse até o momento em que ela voltasse sã e salva.

Como ela tinha o pensamento, ela percebeu que ela iria perder a sua presença calma e confiante, enquanto ela estava ausente. E seu calor. Eles podem brigar de vez em quando, mas isso não muda o fato de que eles se amavam profundamente.

Ela foi até seu pai e colocou os braços suavemente em seu pescoço, puxando-o para ela. "Desculpe, papai" ela disse suavemente. "Eu gostaria de ter mais alguns dias com você, também."

"Os outros tem que aprontar o barco" ele lembrou a ela. "Cavalar de volta comigo não vai segurá-la no longo prazo."

Ele acariciou seu ombro. Ele podia sentir a pressão em seus olhos quando as lágrimas começaram a se formar. Ele iria sentir falta dela. Ele iria se preocupar com ela. Mas acima de tudo, ele sabia, ele ficaria orgulhoso dela. Orgulhoso de sua coragem, seu senso de dever, seu espírito.

"Você será uma grande rainha" disse ele.

Svengal gemia sobre a sela. Suas coxas eram pura agonia. Suas nádegas doíam. Seus músculos da panturrilha estavam pegando fogo. Agora, depois de ter caído fora do pequeno pônei que ele esteve montando e caindo fortemente para o chão com a ponta de seu ombro, o ombro iria doer muito. Ele concentrou-se em tentar encontrar uma parte de seu corpo que não era uma fonte gigante de dor e falhou miseravelmente. Ele abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi o rosto do idoso pônei que estava cavalgando com ele olhar para ele.

Agora, o que fez você fazer uma coisa estranha assim? A criatura parecia estar se perguntando.

Gradualmente, à medida que o foco de Svengal ampliava, ele tornou-se ciente de que outros olhos estavam olhando para ele. Três cavalos de Arqueiros,

para começar, e acima deles, três Arqueiros, todos com a mesma expressão perplexa. Apenas Horace e seu cavalo maior pareciam vagamente simpáticos.

"Você sabe, ele me confunde" Halt disse "como essas pessoas podem equilibrar no convés de um navio que vai para cima e para baixo e lado a lado três ou quatro metros de cada vez. No entanto, os coloque em um velho pônei plácido que é tão gentil quanto um cavalo de balanço e ficam instantaneamente tentando sair."

"Eu não estava tentando sair", Svengal disse a ele. Ele rolou lentamente e levantou-se de joelhos. Seus músculos gritaram em protesto. "Ah pela grande baleia azul, porque está tudo doendo!" disse ele. Depois continuou o seu pensamento original. "Esse bruto cavalo me jogou fora."

"Jogou-o fora? Gilan disse, escondendo um sorriso. "Alguém aqui viu Plod fazer qualquer pinote?"

Will e Halt balançaram a cabeça. Para seu descrédito, Halt apreciava isso apenas um pouco demais. Durante a invasão Temujal, tinha ficado a bordo de um Wolfship enviado para verificar a traição de Slagor. Svengal tinha sido um dos tripulantes que mais se divertiram com a reação do estômago de Halt para os movimentos do mar. Halt tinha uma memória longa, Will tinha aprendido, quando vinha para as pessoas que riram de alguns momentos constrangedores como esse.

"Ele deu pinote, eu te digo" Svengal insistiu, em pé, mais ou menos vertical e gemendo novamente. Ele não conseguia endireitar na cintura. "Eu senti um movimento distinto."

"Ele se virou para a esquerda" Gilan disse a ele.

"De repente" Svengal insistiu. Os Arqueiros trocaram olhares incrédulos.

"Plod nunca fez nada de repente em sua vida" Halt disse. "Pelo menos não nos últimos quinze anos dela."

"É por isso que nós o chamamos de Plod" Will acrescentou prestativo. Svengal olhou para ele.

"Isso não é o que eu o chamaria" disse ele venenoso. Novamente, os três Arqueiros trocaram olhares divertidos.

"Bem, sim, eu admito que ouvimos alguma linguagem colorida, esta manhã" disse Gilan. Ele virou-se para parar. "Quem é esse tal de Gorlag, a propósito? E ele realmente tem chifres e dentes e longo cabelo desgrehado?"

"Ele é uma pessoa muito útil" Halt disse a ele. "Você pode chamar-lhe por todas aquelas características diferentes. Ele é a alma da variedade. Nunca se fica entediado com Gorlag ao redor."

Svengal durante este breve intercâmbio olhava o enforcamento do

machado de batalha do arco de sela de Plod. Ele não tinha certeza se ele preferiria usá-lo no cavalo, ou nos três Arqueiros que estavam desfrutando de sua situação tão completamente.

Horace decidiu que todos tinham ido longe o suficiente. Ele caiu da sela de Kicker e pegou Plod, levando-o para o Escandinavo em dor.

"Vocês três não têm muita simpatia, não é?" ele perguntou. Os três Arqueiros trocaram olhares de novo, um para o outro.

"Não realmente" Gilan concordou alegremente. Horace despediu-os com um aceno de sua mão e virou-se para Svengal. "Vamos. Vou te dar um impulso." Ele estendeu as mãos, formando um estribo para ajudar Svengal para a sela. O Escandinavo recuou, segurando sua dor nas costas com uma mão. "Eu vou a pé" ele disse.

"Você não pode andar todo o caminho para Araluen" Horace disse razoavelmente. "Agora vamos lá. A melhor coisa que você pode fazer quando você tem uma queda é subir de volta na sela de novo. Ele olhou para os três Arqueiros. "Estou certo?"

As três cabeças encapuzadas assentiram. Pareciam abutres verde e cinzento, Horace pensou.

"Ir de novo?" Svengal perguntou. "Nisso?"

Horace assentiu, encorajando-o.

"Você está me dizendo que a melhor coisa que eu posso fazer, após esse demônio do inferno tem travado e girado e saltado e quebrado todos os ossos no meu corpo, é voltar e dar-lhe outra chance para mim?"

"Isso mesmo. Vamos. Vou levantar você."

Dolorosamente, Svengal mancou para frente, levantando o pé direito e colocando-o nas mãos em concha de Horace. A próxima parte, o súbito salto para cima convulsivo, envolvendo completamente tudo abusando de seus principais grupos musculares, ia doer como o diabo, ele sabia. Ele olhou nos olhos de Horace. Honesto. Encorajador. Livre de culpa.

"E eu pensei que você fosse meu amigo" disse ele amargamente.



"Loower afasta!" chamava Svengal. "Devagar agora! Um pouco mais... Olaf, pegue a folga lá! Traga para esquerda! Segura! Um pouco mais ... aí está!"

Puxão, suspenso por uma grande tela lançada que passava sob a sua barriga, mostrou o branco dos seus olhos quando ele disparou para o alto, em seguida suspenso sobre o espaço vazio para ser baixado suavemente as penas do último estábulo que havia sido construído no Wolfwind.

O Wolfship num primeiro momento pareceu ser nada mais do que um barco grande e aberto. Mas Will sabia que essa era uma falsa impressão. A seção central adornada que decorria entre as bancadas de remo era realmente composta de três largos compartimentos separados, o que dava fluidez ao navio, no caso de uma onda que inundasse. Os grandes compartimentos fechados também serviam como espaço de armazenamento para o espólio que a tripulação "liberava" em seus ataques. Agora, um desses compartimentos era usado para acomodar os três cavalos de Arqueiro e o cavalo de batalha de Horace, Kicker. Os decks foram retirados e quatro baías pequenas foram construídas para os cavalos. O trabalho foi realizado de forma tão rápida e eficiente que era óbvio os Escandinavos tinham feito isso antes.

As baías eram um pouco apertadas, mas era melhor que fosse assim para quando o navio atingisse o mau tempo. Os cavalos seriam menos propensos a escorregar e cair. Em caso de condições extremas, Svengal e seus homens tinham preparado lonas mais fundas que apoiariam os cavalos e evitaria que caíssem.

Will escorregou na baía agora com Puxão e soltou a tela de levantamento que tinha sido anexada em sua barriga. Ele amarrou o pequeno cavalo em um anel na parte da frente da baía. Abelard, outra baía, afanou uma saudação. Puxão olhou nervosamente para seu mestre.

O que foi isso? Os cavalos não são supostamente feitos para voar, ele parecia estar dizendo. Will sorriu, deu um tapinha no nariz e deu-lhe metade de uma maçã.

"Bom rapaz", disse ele. "Você não vai estar aqui por muito tempo. "

A tripulação estava a dismantelar as pernas de tesoura que tinha reunido para levantar os cavalos a bordo. Toda a operação tinha corrido bem. Kicker foi o mais tenso dos cavalos então ele tinha ido a bordo primeiro. Considerou-se que ele poderia entrar em pânico com a visão de seus irmãos voando no ar, as pernas balançando. Se ele não sabia o que estava por vir, Halt disse, ele tinha mais probabilidade de se comportar. Conforme cada cavalo estava abaixado no poço raso no convés, seu cavaleiro estava esperando com palavras suaves e segurança. Will abanou a orelha de Puxão mais uma vez e saiu da baía.

"Você já fez isso antes" disse ele à Svengal. Como Escandinavos não montam a cavalo, em regra, só havia uma explicação para isso.

Svengal sorriu. "Às vezes nos deparamos com os cavalos abandonados na praia. Seria cruel deixá-los, então os levamos a bordo até que possamos encontrá-los uma boa casa."

"Abandonados?" Will disse. Svengal estava de olhos arregalados inocência.

"Bem, ninguém nunca pediu de volta", disse ele. Então ele acrescentou: "Além disso, depois que eu ouvi sobre Halt e os cavalos dos Temujai, eu não faria um barulho muito grande sobre isso se eu fosse você".

Muitos anos atrás, Halt havia "emprestado" alguns reprodutores dos rebanhos Temujai. Os cavalos de Arqueiro de hoje eram uma semelhança inconfundível desses animais emprestados. É triste dizer, Halt ainda estava para devolvê-los.

"Ponto justo" disse Will. Então, olhando para o deck ele disse "Parece que estamos quase prontos para ir."

Cassandra e seu pai estavam se aproximando para baixo do cais, seguidos por um pequeno séquito de amigos e funcionários. Duncan tinha seu braço sobre os ombros de sua filha. Seu rosto mostrava a sua preocupação persistente sobre a sabedoria desta viagem. Cassandra, por outro lado, parecia ansiosa e alerta. Ela já estava sentindo as muitas limitações da vida no castelo escapulindo. Em lugar dos vestidos elegantes que ela era normalmente obrigada a usar, ela usava calças, botas até o joelho, uma camisa de lã e um gibão até a coxa de couro com cinto. Ela usava uma faca em seu cinto e levava um sabre leve em uma bainha. Sua outra bagagem seguia atrás, levada por dois servos.

O tempo que ela passou na Escandinávia tinha ensinado a Cassandra o valor de viajar leve. Ela sorriu uma saudação quando ela avistou Horace e Will encostados no trilho do navio. Os dois rapazes sorriram para ela.

Svengal, com agilidade surpreendente para um homem de sua massa, pisou levemente no trilho do navio, saltando em terra e se aproximou do casal real. Por deferência ao Rei, ele levantou a mão na testa para saudar. Duncan

admitiu o gesto com um aceno rápido de cabeça.

Tem que ser dito que Escandinavos não eram grandes sobre o protocolo e as sutilezas do discurso judicial. Svengal estava um pouco perdido a respeito de como ele deveria abordar o rei. Escandinavos nunca chamam alguém de senhor, o que implicava que o falante estava de alguma forma inferior à da pessoa que ele estava se dirigindo. Do mesmo modo, títulos formais, como "sua majestade" ou "meu senhor" não era algo confortável com os nortistas igualitários. Em sua própria sociedade, eles resolveram o problema usando o título de outra pessoa ou posição: skirl, Jarl ou Oberjarl. Nenhum Escandinavo nunca chamou Sir Erak ou "meu senhor". Se eles queriam mostrar o respeito, eles se dirigiam a ele com a palavra que descrevia o que ele estava — Oberjarl. Se isso era bom o suficiente para o seu próprio governante, Svengal pensou, deveria ser bom o suficiente para o Rei de Araluan.

"Rei", ele disse, "você tem a gratidão da Escandinávia pela ajuda que você está nos dando".

Duncan concordou novamente. Isso não parece ser necessário dizer nada em resposta. Svengal olhou agora para a garota magra loira ao lado do rei.

"E eu sei como deve ser difícil para você enviar sua filha em uma missão como esta."

"Eu não vou negar que eu tenho dúvidas, capitão" Duncan respondeu desta vez. Svengal acenou rapidamente.

"Então eu dou-lhe este juramento. Meu juramento timoneiro — você está familiarizado com o juramento do timoneiro, Rei?"

"Eu sei que nenhum Escandinavo nunca irá quebrá-lo" disse Duncan.

"É verdade. Bem, aqui está o juramento, e ele me liga e todos os meus homens. Vamos proteger a sua filha como se ela fosse um dos nossos. Enquanto um de nós está vivo, nenhum dano será permitido chegar a ela."

Houve um rosnado baixo do parecer favorável dos membros da tripulação, que se reuniram em comboio em direção à praia do navio para assistir o processo. Duncan olhou em seus rostos agora. Com cicatrizes e emoldurados pelos cabelos envoltos em rabos de cavalo desordenados e cobertos por capacetes com chifres. Duncan era um grande homem, mas os Escandinavos foram construídos em uma escala maciça. Eles eram volumosos, com músculos duros e bem armados. E os caras mostraram mais uma coisa — determinação de defender juramento de seu líder. Pela primeira vez nos últimos três dias, ele se sentia um pouco melhor sobre toda a situação. Estes homens nunca deixariam sua filha. Eles iriam lutar com unhas e dentes para defender e proteger.

Ele levantou a voz um pouco, de modo que sua resposta visava não apenas a Svengal, mas em toda a tripulação.

"Obrigado, homens de Wolfwind. Eu não acredito que minha filha poderia estar em melhores mãos".

A sinceridade em sua voz era evidente, e novamente houve um rugido feroz do parecer favorável dos Escandinavos.

"Uma coisa, porém. Acho que a partir deste ponto, até chegar à Al Shabah, talvez seja mais seguro se Cassandra viajasse incógnita. Ela decidiu retomar o nome que vocês a conhecem mais — Evanlyn.

Will cutucou Horace nas costelas. "Graças a Deus por isso. Eu nunca consigo me acostumar a chamá-la de Cassandra. Fico com a língua presa ao redor quando eu me lembro que ela é uma princesa."

Horace sorriu. Isso não o incomodava de qualquer maneira. Mas, então, estacionado em Araluen como ele estava, ele estava mais acostumado a ver Cassandra no dia-a-dia.

Evanlyn, já que ela passaria a ser conhecido assim, abraçou o pai mais uma vez. Eles já tinham passado pelas despedidas prolongadas em privado. Então ela olhou para a flâmula balançando no mastro — sua flâmula pessoal representando um falcão vermelho.

"Nesse caso, é melhor descer isso, por enquanto" disse ela.

Enquanto um dos membros da tripulação movia-se para as adriças para baixar a bandeira, seu pai murmurou-lhe: "Certifique-se de reavê-lo agora. Eu não sei se gosto da idéia de um bando de piratas que navegam sob a sua bandeira."

Ela sorriu e tocou seu rosto com a mão. "Você está certo. Pode ser constrangedor em uma data posterior."

Afastou-se dele e pisou levemente a bordo do navio, tomando a mão de Axel para firmar-se conforme ela o fazia.

"Obrigado", disse ela. Ele corou e acenou com a cabeça, murmurando alguma coisa indiscernível enquanto ela movia-se para a popa, onde seus companheiros estavam esperando.

"Mais alguma coisa?" Svengal pediu e Halt apontou para o leste.

"Vamos começar", disse ele.

"Certo! Remos para cima! A voz de Svengal subiu no tom familiar que Escandinavo usavam quando davam ordens. A equipe de remo batia em suas bancadas, desarrumando os remos e levantando os três metros de postes de carvalho longo verticalmente no ar.

"Liberar e afastar!"

Os manipuladores de linha soltaram as velas e as linhas de popa que os ocupava rapidamente para o cais. Ao mesmo tempo, três outros tripulantes colocaram longas varas contra as tábuas do cais e empurrou o navio, fixando-se à deriva na corrente. Conforme o espaço entre o navio e terra alargava, Svengal chamou sua próxima ordem.

"Descer os remos!" Houve um estrondo prolongado de madeira em madeira conforme os dezesseis remos eram encaixados em seus buracos abaixo dos lados do navio. As lâminas eram armadas em frente para o arco, prontas logo acima da água, prontas para o primeiro curso.

"Vamos alf!" Svengal ordenou, apreensão do leme. O os remos cruzaram e os remadores soltaram-se para trás contra eles. Wolfwind saltou para frente através da água e o leme veio vivo na sua mão. O remador de proa a bombordo chamou para outro curso e aumentou a velocidade conforme uma onda pequena começou a rir na proa do Wolfship.

Eles estavam em curso no passado.



A viagem transcorreu sem incidentes. Várias vezes, eles viram os trabalhadores agrícolas e viajantes parando às margens do rio pasmos com a visão de uma totalmente equipada Wolfship deslizar silenciosamente. Uma ou duas vezes, cavaleiros tinha fixado esporas aos seus cavalos após o primeiro avistamento e a galope idos embora, provavelmente para fazer soar o alarme.

Will sorriu com o pensamento de moradores escondidos atrás de uma paliçada ou em uma das torres defensivas que tinham sido construídos em locais estratégicos, à espera de um ataque que nunca chegaria.

Mesmo que não tivesse havido rusgas Escandinavo nos últimos três anos, as memórias daqueles que viveram perto da costa eram longas, e séculos de invasões não foram esquecidos rapidamente. Pode haver um tratado em vigor, mas tratados eram conceitos abstratos escritos no papel. O Wolfship nas proximidades era uma dura realidade, e uma probabilidade de gerar desconfiança.

Finalmente, Wolfwind escorregou para fora das águas abrigadas do estuário e se virou para o sul no Mar Estreito. A costa Gálica era uma fina linha escura no horizonte, mais sentida do que vista. Poderia muito bem ter sido um banco de nuvens. O Wolfship subia e descia pelos rolos suaves que passavam embaixo da quilha. Evanlyn, Will e Horace estavam na proa do navio, sentindo os regulares movimentos de sobe e desce abaixo de seus pés.

"Isto é um pouco melhor do que da última vez", disse Will.

Evanlyn sorriu para ele. "Pelo que me lembro, você disse a mesma coisa a última vez:

Se isso é tão ruim quanto está, deve estar tudo certo. Algo nesse sentido."

Will sorriu tristemente, em resposta. "O que eu poderia saber?" Horace olhou curiosamente, os dois. "Qual é a piada?" ele perguntou.

Evanlyn encostou o cotovelo no reduto onde começava a curva para formar o arco, fechou os olhos e deixou seu fluxo de cabelo na brisa salgada.

"Aaaah, isso é bom", disse ela. Então, em resposta à pergunta de Horace, ela prosseguiu. "Bem, logo após Will proferir essas palavras imortais, fomos

atingidos por uma das piores tempestades que Erak e Svengal nunca tinham visto."

"As ondas eram enormes", disse Will. "Absurdamente enorme." Ele apontou para o mastro altaneiro, onde a tripulação estava ocupada agora a verga para a vela grande praça. "Eles eram duas ou três vezes a altura do mastro ali."

Horace olhou para o mastro, mentalmente projetando duas ou três vezes a altura real e olhou para seu velho amigo, a descrença educada nos seus olhos. Horace tinha aprendido que quando as pessoas falavam de uma terrível tempestade ou uma batalha terrível, eles tendem a exagerar nos detalhes.

Evanlyn viu o olhar e apressou-se a apoiar Will. "Não, realmente, Horace. Eles eram enormes. Pensei que íamos morrer."

"Eu tinha certeza que íamos morrer", Will acrescentou. Horace franziu a testa, olhando para o mastro novamente. Ele pode estar pronto para suspeitar o exagero de Will. Evanlyn era uma questão diferente.

"Mas" disse ele com relutância "Isso faria as ondas maiores do que o próprio Wolfship..." Ele não podia imaginar uma coisa dessas, mas ele percebeu que seus velhos amigos estavam acenando animadamente.

"Exatamente!" Will disse a ele. "Nós estávamos realmente remo até em algumas delas."

"Bem, nós não estávamos" Evanlyn corrigiu. "Nós estávamos amarrados ao mastro para que não fossemos varridos pela borda fora. Ainda bem", acrescentou ela, lembrando como eles eram impotentes contra a força maciça da água verde varrendo para baixo do convés.

Horace olhava ansiosamente em torno dele. Até agora, ele estava apreciando a luz, o movimento fácil do navio.

"Bem, eu espero que nós não peguemos nada disso hoje", disse ele.

Will deu de ombros casualmente. "Oh, não se preocupe. Wolfwind pode lidar com qualquer coisa que o mar pode atirar nele. Ela é um navio muito navegável.

Ele falou com a certeza confiante de quem tinha estado por mau tempo no mar. Era também a confiança de alguém que havia interrogado Svengal minuciosamente na noite anterior e sabia que havia pouca chance de uma tempestade semelhante nesta época do ano. Mas Will não sentia que era necessário dizer a Horace. Mas não ainda, de qualquer maneira. Ele estava aproveitando o nervosismo de seu grande amigo e ele manteve a forma como varria o olhar em torno do horizonte, buscando o primeiro sinal de uma possível tempestade.

"Elas estão em você antes que você possa piscar, as tempestades" Will

disse suavemente. Evanlyn deu-lhe um olhar acusador. Ele deu de ombros, toda a inocência. Ela balançou a cabeça em sua tentativa de preocupar Horace.

"Para ouvir você dizer isso, você esteve a bordo do navio toda a sua vida", disse ela.

Will sorriu para ela. Ela virou-se para Horace. "O que ele não é cuidadoso mencionar é que é demasiado cedo na estação para uma dos grandes tempestades."

Horace parecia um pouco aliviado com a notícia.

"Ainda assim, você nunca sabe" Will disse em uma voz sombria e ela inclinou a cabeça para ele.

"Exatamente," disse ela. "Você, particularmente, nunca se sabe. É por isso que você estava tão ansioso na noite passada, perguntando a Svengal se haveria qualquer tempestade desagradável."

"O que ele disse?" Horace perguntou, sentindo que Will estava puxando sua perna.

"Ele disse: "Você nunca sabe"" Will respondeu um olhar sério sobre o seu rosto.

Evanlyn suspirou exasperada. "Ele disse" ela enfrentou Horace conforme ela responde à pergunta, despedindo Will com um aceno de sua mão casual, "que seria como uma lagoa todo o caminho até o Mar Constant."

Horace olhou rapidamente à Will, que havia assumido um ar de inocência ferida. Não pela primeira vez, Horace lembrou-se que os Arqueiros eram muito tortuosos.

"Vai ficar bem então" disse ele. Ele sorriu para Evanlyn, que sorriu de volta.

Will balançou a cabeça tristemente para a princesa.

"Você está sem diversão para mais nada, é?" disse ele. Mas ele não poderia ajudar um sorriso rompendo enquanto ele disse isso. Na verdade, ele estava gostando de se familiarizar com Evanlyn mais uma vez.

Seus caminhos se afastaram após o retorno da Escandinávia, e ele sabia que ela teria sido desapontada, mesmo ferida, por sua decisão de continuar a ser um Arqueiro, negando uma comissão no Royal Scouts. Ele não sabia a profundidade dessa ferida. Ele tinha sido oferecido à comissão somente após Evanlyn apelar a seu pai a encontrar uma forma de manter Will no Castelo Araluen. Ela tinha visto a sua recusa como uma rejeição a ela e, por algumas vezes desde quando eles se encontraram socialmente, ela fez questão de assumir ares reais mantendo uma distância gelada dele. Agora, no cenário agreste e pronto de um Wolfship, com lembretes para muitas de suas aventuras passadas

em torno deles, essas barreiras pareciam estar derretendo.



"Você está bem?" Gilan perguntou a Halt. Era a terceira vez que ele tinha feito a pergunta. E como tinha em duas ocasiões anteriores, Halt respondeu com uma voz apertada.

"Eu estou bem."

Mas algo estava errado, Gilan sentiu. Seu ex-mentor parecia estranhamente distraído. Havia um pequeno franzir a testa e suas mãos apertavam o ferro com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

"Você tem certeza? Você não parece certo" De fato, Halt estava bastante pálido, por trás da barba e abaixo da sombra de seu capuz. "Tem algo incomodando você?"

O rosto pálido de Halt com raiva se voltou para ele. "Sim", disse ele. "Alguma coisa está me incomodando. Estou sendo constantemente perguntado "Você está bem?" por um idiota. Eu realmente gostaria..."

Seja lá o que ia dizer foi interrompido abruptamente e Gilan viu o seu rosto definido em linhas determinadas conforme ele cerrava os dentes com força. O fato de que a interrupção coincidiu com uma guinada maior do que o habitual no Wolfwind foi perdido pelo Arqueiro mais jovem. Ele lançou um olhar preocupado com seu antigo professor. Halt teve grande importância em sua vida por anos. Ele era invencível. Ele era onisciente. Ele era o homem mais capaz que Gilan tinha conhecido.

Ele também estava enjoado.

Era algo que sempre afligia as primeiras horas de uma viagem marítima. Era a incerteza, Halt sabia. Era tudo mental. Quando o navio balançava ou soltava ou laminava, ele era apanhado de surpresa — descrente de que algo tão grande e substancial poderia ser lançados tanto ao redor.

No fundo, ele sabia que as atuais condições não estavam muito ruins. Mas, nas primeiras horas de uma viagem por mar, a mente de Halt questionava o fato de que a qualquer momento poderia vir uma grande onda, mais uma guinada repentina, um rolo fatal que seria longe demais. Ele sabia que, uma vez que ele se acostumasse com a idéia do navio em movimento e recuperar, mover e recuperar, ele chegaria a um acordo com seu estômago e os nervos. Mas isso iria demorar várias horas. Entretanto, ele pensou sombriamente, qualquer que seja sua razão poderia lhe dizer, ele estaria bem servido se ele ficasse perto dos trilhos. Ele desejou que Gilan o deixasse sozinho. Mas ele não conseguiu

encontrar uma maneira de sugerir uma coisa dessas sem ferir os sentimentos do jovem. E isso era algo que Halt, rude e mal-humorado e sisudo como poderia parecer, nunca faria.

Svengal, grande, barulhento e entusiasta, apareceu no parapeito ao lado dele, respirando o ar de sal profundamente e expirando com suspiros de satisfação. Svengal estava sempre feliz por estar de volta no mar — uma atitude que Halt pensava beirava a loucura.

"Mmmmm! Aaaaah! Não há nada como o ar marítimo para te levantar, não é?" ele cresceu. Halt olhou desconfiado para ele. Svengal não encontrou o seu olhar. Em vez disso, ele olhou para fora da água com gás. "Nada como isso!" Ele disse-lhes. Ele tomou mais algumas respirações profundas, ignorando a condição Halt, então finalmente disse a Gilan, "Você sabe o que eu não entendo?"

Confiante de que Svengal estava prestes a responder à sua própria pergunta Gilan não viu necessidade de responder além de levantar as sobrancelhas.

"Eu não entendo como as pessoas podem andar todos os dias em um daqueles espasmos, balançando, saltando, e pinotes demônios do inferno, sem o menor problema..." Ele apontou um dedo para os quatro cavalos em suas baias a meia-nau. "Mas os coloque em um movimento suave, contínuo, do navio e de repente seus estômagos querem transformar-se avesso ao menor rolo."

Ele sorriu para Halt, lembrando a falta de simpatia dos Arqueiro, quando o cavalo tinha jogado Svengal durante a viagem de volta para Araluen.

"Halt?" disse Gilan, finalmente entendendo. "Você não é enjoado, está?"

"Não" disse Halt em breve, não confiando em si mesmo para além de uma sílaba.

"Não, claro que não" Svengal concordou. "Provavelmente, apenas com pouca cor porque você perdeu o café da manhã. Você perdeu o café da manhã?"

"Não" respondeu Halt. Desta vez, ele conseguiu mais palavras. "Tive o café da manhã."

"Provavelmente só um pedacinho de pão e um pouco de água" Svengal disse com desdém. "Um homem precisa de café da manhã decente na barriga", continuou ele, dirigindo-se a Gilan, que estava olhando com interesse e alguma descrença a Halt. "Salsichas são boas. Ou um pedaço de carne de porco. E eu gosto de batatas. Embora haja quem diga repolho é o melhor. Sólido para o intestino, o repolho é. Vai bem com um bom pedaço de toucinho gorduroso."

Halt gemia baixinho. Ele apontou para Svengal, resmungando algumas palavras imperceptíveis.

Svengal franziu a testa e se inclinou para perto dele. "Desculpe, eu perdi isso", disse ele alegremente.

Halt, as mãos segurando a amurada do navio como garras, moveu-se mais perto do grande Escandinavo e disse, com um esforço enorme, "Empresta-me..."

"Emprestá-lo? Emprestar-lhe o quê?" Svengal perguntou. Halt apontou, mas Svengal não entendia.

Halt parou, levantou a mão, reunindo o juízo e disse claramente, "Capacete. Empresta-me o seu capacete."

"Bem, é claro. Por que você não disse? Svengal disse. Ele começou a desvinculação do capacete com grandes chifres no lugar. Então ele parou, capturando a vista em um sorriso terrível de vingança ao rosto pálido torturado de Halt. A memória voltou de outro tempo, outro navio e um capacete emprestado. Rapidamente, ele empurrou o capacete longe da mão estendida de Halt.

"Encontre o seu próprio balde!" disse ele severamente.



Depois de dois dias no mar, Halt estava misericordiosamente no controle de seu estômago mais uma vez. Isso não impediu um Svengal com sorriso maldoso perguntar sobre sua saúde em todas as oportunidades possíveis, ou oferecendo-lhe petiscos escolha da despensa limitada do Wolfship.

"Perna de frango?" disse ele, dividindo um sorriso inocente seu rosto. "Um pouco gorduroso, mas bom mesmo assim. Uma boa coisa para furar a costela de um homem."

"Svengal" disse Halt, pela décima vez "Eu já passei por isso". Estamos entendidos? Eu não estou mais nauseado com o mar. E eu estou cansado de suas tentativas de fazer minhas entranhas alçarem sobre os trilhos.

Svengal não parecia convencido. Ele conhecia a força de espírito de Halt, e ele tinha certeza de que ele estava blefando — que, no fundo, no estômago, o Arqueiro ainda estava em tumulto. Tudo que precisava era de um estímulo pouco sugestivo.

"Se não for o seu gosto, eu tenho um pouco de molho de castanha você pode refogar em cima?" ele sugeriu com esperança.

"Muito bem" concordou Halt, "me dê à perna de frango. E busque o molho de castanha — e alguns pepinos em conserva enquanto você estiver pegando ele. Ah, e é melhor você me trazer uma caneca grande de cerveja escura, se tiver algum."

Svengal sorriu convencido de que Halt estava blefando. Em poucos minutos ele teve a comida necessária disposta sobre uma pequena mesa dobrável no posto de comando.

Ele assistiu com expectativa enquanto Halt mordeu a galinha, mastigou e engoliu lentamente. Jurgen, um dos membros da tripulação, encheu uma caneca com cerveja escura e estava segurando o barril, pronto para mais instruções.

"Tudo bem, então?" Svengal perguntou esperançosamente. Halt assentiu.

"Ótimo. Pouco exagerado e pegajoso, mas em um geral é bom." Ele tomou um gole profundo da cerveja escura, que ele sabia que era o favorito de Svengal e que ele sabia que estava em estoque limitada. Ele empurrou a caneca

para fora para Jurgen.

"Mais", disse ele brevemente. O Escandinavo tirou a rolha do barril e deixou um córrego da cerveja escura espuma correr para a caneca. Halt bebeu novamente, drenando a maior parte das cervejas. Ele limpou os lábios com a mão.

"Não é mau. Não é mau de todo", disse ele e segurou a caneca de novo. O sorriso no rosto de Svengal começou a desvanecer quando viu mais de sua bebida favorita jorrando na caneca de Halt. A brincadeira era uma piada, pensou, mas isso estava começando a ficar caro.

"Quantos barris que nos resta?" ele perguntou ao marinheiro.

"Este é o último, skirl" veio a resposta. Ele agitou o barril experimentalmente para verificar o quanto tinha restantes e a orelha praticada de Svengal poderia dizer do som oco que era menos de metade do total. Ou, como ele pensou em seu estado de espírito ansioso, de repente, mais do que meio vazio. Halt tomou outro longo gole e segurou a caneca quase vazia para encher.

"Melhor encher" disse ele.

"Não!" O grito ansioso Svengal parou o tripulante enquanto ele levantava o barril mais uma vez. "Deixe-o, Jurgen."

Jurgen assentiu, escondendo um sorriso de si mesmo. Ele gostava de Svengal. Mas como todos os Escandinavos, ele também apreciava uma boa piada prática. Ele admirava a forma como o pequeno Araluan tinha virado a mesa sobre o seu capitão.

"Você tem certeza?" ele perguntou. "Ele parece estar gostando." Halt arrotou levemente na confirmação e deu outra mordida de molho-untado de coxa de frango.

"Ele está gostando muito", respondeu Svengal breve. Ele lançou um olhar ofendido a Halt. "Algumas pessoas não sabem quando uma brincadeira foi longe demais."

Halt sorriu maldosamente para ele. "Tal como eu tenho notado" ele respondeu. "Então me diga. Acabamos com as perguntas sobre minha saúde e o estado do meu estômago?"

"Sim", Svengal murmurou sombriamente. "Eu só estava preocupado com você, isso é tudo."

"Meu coração está tocado por seu interesse", disse Halt sério. Então, olhando por cima dos trilhos do navio, ele apontou para uma longa linha branca de praia que era visível na costa da Ibéria.

"Seria um bom lugar para levar os cavalos em terra?" ele perguntou. Ele

sabia que se Puxão, Abelardo, Blaze e Kicker passaram muito tempo sem se exercitar, os músculos iriam estar duros e macios e sua condição sofreria. Ele e Svengal tinham discutido a necessidade de colocá-los em terra a cada poucos dias e dar-lhes uma corrida.

Svengal, sem piadas dessa vez, ferrou os olhos até que ele olhou para o litoral.

"Bom como qualquer lugar" disse ele. "Essa parte da costa é um longo caminho a partir de qualquer grande assentamento. Não quero que os ibéricos pensem que estamos os invadindo." Ele pegou a meia caneca de cerveja escura que Halt lhe ofereceu e bebeu dela. "Obrigado".

"Está tudo bem" Halt disse a ele, com o menor traço de um sorriso. "Eu não gosto dessas coisas de qualquer maneira."

Svengal olhou longo e duramente para ele.

"Não fique surpreso se eu deixar você e seus preciosos cavalos na terra" disse ele. "Não sei por que você precisa deles de qualquer maneira. Estaremos desembarcando em Al Shabah para entregar o dinheiro, então embarcando para casa novamente".

"Nós esperamos isso" Halt disse a ele. "Eu aprendi que sempre vale a pena estar preparado para o inesperado. E um Arqueiro sem seu cavalo é como um Escandinavo sem o seu navio."

"Justo", Svengal concordou. Olhou para o indicador — um fio de luz soltando a partir do topo do mastro para medir a direção do vento. Vendo que não haveria necessidade de redefinir a vela, ele soltou no leme e virou a proa do Wolfship rumo à longa praia longe.



Uma hora depois, a proa do Wolfwind correu suavemente sobre a areia, o navio chegando a uma parada com um ruído de ralar.

As lonas de elevação novamente foram manipuladas, e mais uma vez os cavalos foram içados para o lado em águas rasas. Puxão olhou malignamente na Halt. Ele estava se divertindo nos últimos dois dias, em silêncio balançando de um lado para o outro em sua confortável e acolchoada baia, comendo em intervalos regulares, cochilando ao sol e, em geral, aceitando fácil, enquanto o Wolfship navegava bem. Não era a primeira vez que ele e Halt tinham discordado sobre o assunto de quanto descanso um cavalo deve ter, quantas maçãs que deveria ser permitido comer ou quanto exercício é realmente necessário.

Ainda assim, foi bom ter um solo firme sob os pés mais uma vez e eles não estavam a bordo do navio o tempo suficiente para desenvolver o que os Escandinavos chamavam de "terra oscila" — onde o terreno parecia pedra e duro abaixo de você como a plataforma móvel de um navio.

Puxão se sacudiu todo, vibrando em seus ouvidos e crina curta a sua cauda felpuda na forma como os cavalos fazem. Então ele estava pacientemente enquanto Will escorregava uma rédea no nariz. Eles não iriam se incomodar de selar os cavalos. Sem sela seria bom para o propósito atual. Evanlyn assistia um pouco de inveja seus quatro amigos mexendo em seus cavalos. Não havia nenhum motivo para trazer um cavalo especialmente para ela. Se ela precisava de carona, eles poderiam comprar um cavalo em Al Shabah. Mas Kicker e os três cavalos Arqueiros eram especialmente treinados. Nenhum cavalo comprado localmente teria as habilidades ou vigor que eles possuíam. Se os três Arqueiros ou Horace precisassem de cavalos, eles precisavam dos que estavam habituados.

"Devagar nas primeiras poucas centenas de metros" Halt disse aos outros. "Eles vão querer correr, mas nós não queremos nenhuma distensão."

E, de fato, apesar do descontentamento inicial de Puxão por ter interrompido a sua viagem por mar, ele descobriu que ele queria correr. Ele queria mostrar a Abelardo e Blaze — e esse grande e cheio de músculos cavalo de batalha — apenas quem era quem quando se tratava de velocidade.

Ele fez um grande esforço contra as rédeas conforme eles se afastaram rumo ao sul. Mas Will o segurava, permitindo-lhe apenas andar no começo, depois a trotar e, finalmente, libertá-lo em um lento galope.

Os quatro cavalos varreram a longa curva da praia em linha corrente, galopando lado a lado, cada um deles sacudindo a cabeça e puxando teimosamente as rédeas. Cada um convencido de que ele era o mais rápido, o que pisava mais certo e, a mais espalhafatosa criatura no mundo dos cavalos. Eles reviraram os olhos para o outro, bufando e desafiando uns aos outros — e aceitando os desafios que os outros estavam jogando fora. Mas as mãos firmes as rédeas os impedia.

Puxão sentia o sangue correndo por ele e a rigidez que fluía para fora de suas pernas.

Ele se sentiu bem. Sentia-se vivo. Ele sentiu que estava fazendo o que ele nasceu para fazer. A areia sob os pés era firme, sem ser demasiada rígida. Ela voava em torrões de terra molhada por trás dele. A maresia enchia seus pulmões e ele respirou profundamente. Ele sentiu as mãos de Will relaxar um pouco e ele se jogou para frente, por alguns momentos se deslocando à frente

dos outros cavalos até seus cavaleiros lhes permitissem acelerar um pouco e Will verificasse o seu próprio ritmo crescente. Ainda ombro a ombro, os quatro cavalos foram a um completo galope na faixa ao longo da praia.

No alto da popa do Wolfship, Evanlyn estava na grade, protegendo os olhos para vê-los conforme eles diminuía a distância. Ela odiava ser deixada para trás assim. Horace tinha se oferecido para deixá-la andar atrás dele, mas ela recusou, não era a mesma coisa. Ela não queria ser uma passageira. Ela queria montar com seus amigos.

Svengal soltou-se para cima do parapeito com ela, olhando para os cavaleiros.

"Eu realmente não sei como vocês fazem isso", ele lhe disse calmamente. Ele havia assistido à montagem dos Araluans, em seguida, se afastado, sentando-se facilmente como se cada um de repente fizesse parte do próprio animal. Era uma habilidade que ele nunca saberia, nunca viraria mestre. Parecia tão divertido, ele pensou. Mas não tinha nada a ver com o aperto, o cambaleando, a imperícia e o medo que sentiu quando ele subiu em um cavalo.

Ela viu a leve melancolia em seus olhos e acariciou a mão dele.

"Não é difícil. Só precisa de prática" disse ela. "Eu poderia lhe ensinar."

Mas ele balançou a cabeça. "A prática que é a parte difícil" ele respondeu distraidamente esfregando o traseiro, onde seus músculos ainda tinham uma leve memória do passeio para Redmont e de volta.

"Capitão!" Axel chamou, a partir do posto de vigia no poste do mastro. Svengal olhou para cima e viu o seu braço estendido para o norte.

"Nós temos companhia," Axel continuou. Svengal atenuou seus olhos. Longe ao norte, nas baixas montanhas no interior da praia, ele viu um brilho de luz solar em metal — um capacete ou um escudo. Uma pequena nuvem de poeira podia ser vista também. Cavaleiros, ele pensou. E uma porção deles. Ele deu de ombros. Não era muito surpreendente. Mesmo que esta fosse uma parte pouco habitada do litoral, os ibéricos teriam patrulhas para fora, e a visão de um Wolfship encalhado seria uma questão para investigação. Os cavaleiros ainda estavam a pelo menos uma hora de distância, estimou. Havia tempo de sobra para chamar de volta os quatro Araluans, carregar os cavalos para bordo e voltar ao mar. Mas era melhor ter cuidado.

"Melhor chamá-los de volta" ele falou a um tripulante, que tinha um chifre de carneiro para tal efeito.

O homem acenou com a cabeça, respirou fundo e soprou duas explosões de longo prazo — o conhecido sinal de retorno.

Três quilômetros abaixo da praia, Halt ouviu as longas explosões. Ele

freou em sinalização, os outros fizeram o mesmo, e rodaram na sela, olhando para trás ao longo da praia para o navio. De sua posição, ele não podia ver os cavaleiros que se aproximavam. Mas ele sabia Svengal teria uma boa razão para soar o retorno.

"Hora de voltar", disse ele. "Vamos dar-lhes uma..."

Antes que ele pudesse terminar a declaração, Will e Puxão foram embora, as pernas do pequeno cavalo se agitando enquanto ele atirava para um galope no espaço de alguns passos. Blaze estava logo atrás dele e Horace e Kicker pesadamente para trás dos outros dois, construindo lentamente a velocidade de trovão do cavalo de batalha.

"...corrida, "Halt disse a ninguém, mas a si mesmo. Então ele tocou Abelardo com o joelho e o cavalo finalmente treinado se jogou para a distância, como uma flecha de um arco. Ele pegaria Kicker, Halt sabia. Mas não havia jeito de ele ia chegar perto de Blaze e Puxão.

Particularmente Puxão...



A costa Arridi era uma fina linha marrom fora do lado estibordo enquanto o Wolfwind escorregava suavemente através da água. Estava estranhamente calmo agora que o grupo tinha sido capaz de distribuir os seus remos e colocar a grande vela. Nos últimos quatro dias, o vento soprava de forma constante a partir do leste, em contradição direta com a sua direção de viagem. Mas quando o sol se tinha levantado sobre hoje, o décimo quinto dia de sua viagem, o vento tinha mudado para o sul. Svengal tinha a vela levantada e apoiada em um ângulo de quarenta e cinco graus para pegar o vento. O

Wolfship tentou virar contra o vento imediatamente, como um cata-vento. Mas o controle firme de Svengal das cordas manteve a proa apontada para o leste. O Wolfwind ainda guinchava ao norte, inevitavelmente, mas as forças em conflito criadas pelo vento na vela, a resistência da quilha na água e transformando a força do leme em um curso leste-norte-leste para o navio.

E mesmo se estivesse a perder algum terreno para o norte, estava fazendo mais progresso para o leste do que ela estaria com remos. Svengal sabia que um capitão de sábio conservaria a força de seus remadores na medida do possível.

"Nós estamos indo um pouco para o norte" ele disse a Halt, "mas nós vamos ficar com o vento até estarmos mais perto de Al Shabah."

Halt acenou em acordo. Svengal sabia o que estava fazendo e não havia nada que o Arqueiro pudesse sugerir para melhorar o seu progresso. Ele confiava na habilidade e julgamento do grande Escandinavo e quase tanto quanto ele confiava em Erak.

Halt, Evanlyn e Svengal estavam conversando agora na parte da popa do navio, discutindo planos para as próximas negociações. Horace estava agachado ao lado de Kicker em sua bia, trabalhando para remover uma pedra que tinha ficado presa debaixo do calço do cavalo de batalha na sua última corrida.

Will ficou sozinho na proa do navio, o queixo descansando apoiado em seu antebraço conforme ele inclinava-se sobre a amurada. Talvez pela décima vez em tantos dias, ele estava se sentindo desconfortável com o que o futuro poderia trazer.

Não as negociações para a liberação de Erak. Ele estava certo de que eles iriam continuar sem problemas e com êxito. Afinal, Halt estaria ao lado de Evanlyn para guiá-la e aconselhá-la de quaisquer possíveis armadilhas.

E esse era o ponto crucial, ele percebeu. Ele passou a maior parte dos últimos cinco anos contando com Halt, confiando em seu julgamento, seguindo sua liderança. Assim como todos eles estariam fazendo quando o navio chegasse finalmente a Al Shabah e saíssem em terra para resgatar Erak. A presença de Halt, seu conhecimento, sua perícia, sua habilidade inata para resolver qualquer problema que se levantasse, era uma enorme fonte de segurança para o Will. Ele estava firmemente convencido de que não havia nada que Halt não pudesse fazer, não havia problema que não pudesse resolver.

E em breve, Will sabia que ele estaria deixando o guarda-chuva de proteção e golpeando para fora sozinho. Em três meses ele iria enfrentar suas provas finais de avaliação — projetada para verificar se ele tinha ou não o que levava a ser um Arqueiro bem sucedido.

No ano passado, a avaliação final teve grande importância em sua mente. Ele tinha a visto como o ponto culminante de sua formação, o último obstáculo que ele devia pular antes que ele recebesse a Folha de Carvalho de Prata — o símbolo de um Arqueiro graduado. E ele olhava para frente com alguma impaciência.

Mas agora, ele percebeu, a avaliação não seria o fim. Seria apenas o início de uma fase nova e ainda maior de sua vida. A avaliação real viria a seguir. E nunca deixaria, enquanto ele permanecesse um Arqueiro. Todo dia ele seria testado. Ele seria chamado a tomar decisões de vida ou morte — às vezes sem tempo suficiente para considerá-las corretamente. As pessoas olhariam para ele por conselho e liderança e, de repente, ele duvidou que ele pudesse fornecer. Ele percebeu agora que ele não estava preparado para o papel. Ele não estava pronto para isso. Ele nunca poderia ser como Halt — tão calmo, confiante, experiente.

Tão incontestavelmente certo sobre tudo.

Ele não era Halt. Ele era Will. Jovem, impulsivo, verde como a grama. Sem realmente pensar sobre isso, de alguma forma do princípio de que uma vez que ele se graduasse, ele e Halt continuariam a viver na pequena cabine confortável apenas dentro da borda da floresta. Mas o casamento de Halt tinha trazido Will para a compreensão de que esses dias estavam quase acabando e Halt percebia isso, mesmo que Will não tivesse. Halt já havia se mudado para o apartamento que ele e Lady Pauline compartilhavam no castelo, apesar de ele continuar a usar a cabana na floresta como base para a sua observação sobre os

acontecimentos no feudo.

No começo Will tinha visto a mudança das circunstâncias com equanimidade. A idéia de ter a cabine só para ele tinha certo apelo. Ele poderia convidar amigos para as refeições. Horace, se ele passasse visitando Redmont, como fazia de tempo em tempo. E Alyss.

Alyss, ele pensou. Sim. Seria agradável para sentar perto do fogo na cabine aconchegante com a bela garota loira, falando sobre os velhos tempos e os novos desenvolvimentos em seus trabalhos. Ela já era uma Mensageira graduada e já estava sendo enviada em missões pela sua mentora, a Lady Pauline. Alyss gostava de estar com ele, ouvi-lo tocar o mandola, balançando a cabeça no tempo da batida.

Ao contrário de Halt, ele pensou com um sorriso irônico, que gemia e mexia quando Will tirava o pequeno instrumento do seu estojo de couro duro.

Mas então, ele percebeu que esse não seria o caminho de sua vida. Ele não estaria na cabine, com ou sem Halt. Ele não estaria em qualquer lugar perto do Castelo Redmont. Uma vez que ele se graduasse, ele iria ser atribuído a outro feudo, um dos cinqüenta em todo o Reino. Ele poderia ser enviado a centenas de quilômetros de todos e de tudo o que sabia. E quando ele chegasse lá, as pessoas esperariam que ele soubesse o que estava fazendo. Eles olhariam para ele por orientação e aconselhamento e proteção.

Em suma, eles iriam pensar que ele era como Halt.

E ele sabia muito bem que ele não era. Ele suspirou profundamente no pensamento.

"Tai um som feliz", disse uma voz alegre em seu cotovelo. Ele virou com surpresa. Ainda absorto em seus pensamentos como tinha estado, ele teria esperado ter conhecimento de alguém se aproximando tão perto dele.

Alguém além de Gilan, ele se corrigiu. Possivelmente Halt, mas definitivamente Gilan. O jovem Arqueiro parecia ser capaz de se mover em silêncio total quando ele escolhesse. Ele era reconhecido mestre de movimento invisível do Corpo de Arqueiros.

Gilan inclinou-se agora no trilho ao lado de Will, olhando-o curiosamente.

"Algo em sua mente?" perguntou ele calmamente. Gilan sabia por experiência própria que havia alguns problemas que um aprendiz não queria perguntar sobre para seu mentor. Ele sabia, também, que ele estava em uma posição única. Como um ex-aprendiz de Halt, ele poderia entender a maioria das dúvidas que possam estar passando pela mente de Will no momento. Na verdade, Gilan tinha uma idéia muito astuta da razão pela qual Will estava

suspirando.

"Não... bem, eu suponho, uma espécie de... Bem, sim", disse Will.

O sorriso de Gilan se alargou. "E há uma escolha de três respostas para mim. Nunca diga se você não tem a resposta completa da pergunta."

Will ensaiou um sorriso em troca, mas foi um pequeno esforço.

"Gil" disse ele, finalmente, "quando você estava prestes a pegar a prata, você achou que era..." Ele hesitou, sem saber como colocar, em seguida, tentou outra tática. "Quero dizer, você não se sentia..."

Ele estava prestes a dizer "inadequado", mas ele não poderia imaginar a palavra aplicável a Gilan. Gilan tinha um crédito de respeito de Will, que era o segundo apenas para Halt. Ele era um perito arqueiro, como todos os Arqueiros. Mas ao contrário de qualquer um dos outros, ele também era um mestre espadachim. Ele era o único dos cinquenta Arqueiros servindo que carregava uma espada além das armas regulares de Arqueiro. Ele era também, como Will tinha acabado de ser lembrado, um especialista na arte do movimento silencioso. E ele era respeitado entre o Corpo pelos outros Arqueiros, muito mais velhos que ele. Em várias ocasiões, Will tinha ouvido Crowley e Halt discutindo o futuro Gilan no Corpo e ele sabia que Gilan estava marcado para altos cargos.

O fato de que isso pode ter algo a ver com Gilan ser o antigo aprendiz de Halt não ocorreu a Will. Mas a palavra "inadequado" seria um insulto a alguém tão capaz e qualificado como Gilan.

Gilan estudou o jovem perturbado ao lado dele e sentiu uma onda de afeição por ele.

"Você vai dizer 'despreparado'?" ele perguntou e Will pegou a palavra em gratidão.

Era menos ofensivo do que o que ele quase tinha usado.

"Sim! Exatamente! Você se sentiu despreparado para isso tudo?"

Gilan assentiu várias vezes antes de responder. Seu sorriso tornou-se um pouco melancólico conforme ele pensava de volta a esses anos atrás, quando ele sentiu exatamente as mesmas dúvidas que ele tinha certeza de que Will estava sentindo agora.

"Você sabe, um ano antes da minha final, eu tinha certeza que sabia tudo."

"Bem, sim. Claro" disse Will. Gilan teria estado mais do que pronto um ano antes da maioria dos aprendizes. Então ele percebeu que um ano atrás, ele sentia exatamente da mesma maneira. Ele se virou para olhar o alto Arqueiro.

"Então", continuou Gilan, "nas ultimas semanas, eu percebi o quanto eu

não sabia." "Você?" Will disse incrédulo. "Mas você é -"

Gilan ergueu a mão para silenciá-lo. "Eu comecei a pensar: "O que vou fazer sem Halt para me aconselhar? O que vou fazer quando ele não estiver ao redor para esclarecer os erros que eu cometi?" E a coisa toda me fez tremer nas minhas botas.

"Eu pensei: "Não posso fazer este trabalho. Eu não posso ser Halt! Como eu posso ser tão sábio e inteligente, e vamos concordar, tão francamente sorrateiro como ele é?" Isso é basicamente como você está se sentindo agora?" ele concluiu.

Will estava sacudindo a cabeça em assombro. "É isso, em poucas palavras! Como posso ser como Halt? Como alguém pode?" Novamente, a enormidade de tudo isto pesava sobre ele e seus ombros caídos. Gilan colocou um braço reconfortante em torno deles.

"Will, o próprio fato de que você está se preocupando com isso diz que você vai estar pronto para o trabalho. Lembre-se: ninguém espera que você seja Halt. Ele é uma lenda, afinal. Você não ouviu? Ele tem oito metros de altura e mata ursos com as mãos..."

Will tinha que sorrir para isso. A reputação de Halt em todo o Reino era basicamente na forma que Gilan havia dito. As pessoas encontrando-o pela primeira vez ficavam surpresas ao descobrir que ele realmente era um pouco menor que a média.

"Então você não pode viver de acordo com isso. Mas lembre-se disso, você tem sido treinado pelo melhor nesse negócio. E você teve o privilégio de estar ao lado dele durante os últimos cinco anos e ver como ele se aproxima de um problema. Acredite em mim, um monte disso você aprendeu. Depois de ter seu próprio feudo, em breve você vai perceber o quanto você sabe."

"Mas e se eu cometer um erro?" Will perguntou.

Gilan jogou a cabeça para trás e riu. "Um erro? Um erro? Você deveria ser sortudo. Você vai cometer dezenas! Eu cometi quatro ou cinco no meu primeiro dia! Claro que você vai cometer erros. Só não faça qualquer um deles duas vezes. Se você confundir as coisas, não tente escondê-las. Não tente racionalizar. Reconheça e admita e aprenda com ele. Nós nunca paramos de aprender, nenhum de nós. Nem mesmo Halt", acrescentou sério.

Will acenou com gratidão. Ele sentiu um pouco melhor. Ele levantou a cabeça desconfiado.

"Você não está apenas dizendo isso para me fazer sentir melhor, está?" ele perguntou.

Gilan balançou a cabeça. "Ah, não. Se você não acredita em mim, peça

Halt para informá-lo sobre alguns dos meus deslizes. Ele adora me lembrar deles. Agora vamos ver o que eles estão falando tão sérios."

E ainda com o braço sobre os ombros do jovem, ele o levou para longe da proa de volta ao pequeno grupo no leme. Halt olhou para cima conforme eles se aproximaram, pegou um olhar de Gilan e teve uma idéia bastante astuta do que tinham estado a falar.

"Onde você dois estavam?" ele perguntou, seu tom leve.

"Admirando a vista" Gilan disse a ele. "Pensei que você talvez precise de algum conselho das duas cabeças mais sábias a bordo."

Halt não disse nada. Mas sua sobrancelha levantou, falando por ele.



O Wolfwind deslizou pela abertura estreita no paredão que protegia o porto de Al Shabah. Ele estava sob remos e as velas tinham sido recolhidas e enroladas ao mastro. No auge do mastro voava a flâmula de Evanlyn — quatro metros de comprimento, lentamente ondulando ao vento do mar para mostrar um falcão vermelho sobre um fundo branco.

Mesmo se o falcão vermelho se não fosse reconhecido, o extremo comprimento da flâmula, e sua forma — ampla onde o falcão era mostrado, em seguida, estreitando rapidamente até que se dividir em duas caudas engolindo um metro de seu fim — eram suficientes para indicar que o navio transportava uma delegação real — um embaixador, pelo menos, ou talvez mesmo um membro da família real. Svengal havia colocado a flâmula aberta enquanto eles ainda estavam a um quilômetro do porto, deixando claro que seu navio não tinha qualquer intenção bélica.

Apesar desse fato, as tripulações das dúzias de navios mercantes que estavam ancorados no porto ou amarrados às docas tinham se armado e se colocado ao longo de seus baluartes prontos para repelir qualquer tentativa de ataque dos Escandinavos. Os marinheiros nesta parte do mundo, e na maioria das outras partes também, conheciam a reputação Escandinava muito bem. A presença de um padrão real fez pouco para acalmar as suas suspeitas.

O Wolfwind inclinou-se no estreito após o primeiro dos navios ancorados, o que para todo o mundo parecia como um lobo escapulindo entre um rebanho de gordas e nervosas ovelhas.

"Parece que temos um comitê de recepção" disse Halt, indicando o cais principal, que decorria ao longo do lado interior do porto. Lá, eles puderam ver um corpo de homens elaborado — talvez cinquenta ao total — e de vez em quando, o sol brilhava reluzente nas armaduras ou armas. A bandeira verde estava acenando a partir do cais — o sinal internacional que eles foram liberados para vir junto.

Svengal inclinou-se no leme e na proa virou em direção ao porto interior. O remador de proa deu um golpe e o Wolfship moveu suavemente até o porto.

"É melhor eu começar minhas roupas na recepção" disse Evanlyn. Ela desceu para a cabine pequena triangular na popa do navio. Havia pouco espaço para a cabeça dela para ficar ereta lá, mas pelo menos tinha um pouco de privacidade. Poucos minutos depois, ela reapareceu. Ela tinha substituído a seu habitual túnica de couro por uma mais longa, de cetim vermelho maçante, que ia quase aos joelhos. Era maravilhosamente bordado e continua um pequeno falcão vermelho no peito esquerdo. Um cinto de couro largo envolvia a túnica vermelha na cintura. Will notou que o cinto foi decorado com o que pareciam ser tiras de couro entrelaçadas, enfiadas de dentro para fora através das fendas no cinturão de si, e cruzando-se por todo o seu comprimento.

As botas longas e mangueira permaneceram, assim como a camisa de seda branca que usava sob a túnica. Em seu cabelo louro escovado, ela usava um chapéu vermelho de abas estreitas com um longo bico. Uma pena de falcão única estava fixada na faixa do chapéu.

Ela usava um colar que Will nunca havia visto antes. Era feito de pedras cinzentas maçantes, todas do mesmo tamanho. Elas não pareciam ser caras ou mesmo pedras semipreciosas. Mais como mármore suave, na verdade. Ele assumiu que era apenas um pedaço favorito de bijuterias. Talvez ela usasse para dar sorte.

Evanlyn puxou a túnica reta, eliminando algumas últimas rugas onde o cinto tinha fixado bastante. Ela limpou a garganta nervosamente.

"Como eu estou?" ela perguntou a Halt.

Ele acenou com a cabeça de aprovação. "A exata mistura de praticidade e formalidade" respondeu ele.

Ela deu um sorriso rápido para ele. Ela estava nervosa, Halt via.

"Svengal e eu vamos falar por enquanto. Estes serão apenas funcionários menores — capitão do porto e assim por diante" disse ele. "Sua vez virá quando nos reunimos com o Wakir. Por enquanto, olhe arrogantemente e condescendente."

Ela começou a sorrir, percebeu que tal expressão não se encaixava em suas instruções e, em vez arqueou as sobrancelhas e ergueu o queixo, inclinando a cabeça para trás imperiosamente para que ela pudesse abaixar o nariz para ele.

"Assim?" ela perguntou. Ela pensou ter visto o menor traço de um sorriso nas sombras sob sua cobertura. "Isso é perfeito. Você poderia ter nascido para isso."

"Não me faça sorrir ou eu vou ter que te castigar" disse ela calmamente.

Halt assentiu. "Você poderia estar pegando muito rápido", disse ele. Em seguida, sua atenção foi atraída para o negócio de ancoragem do navio.

Svengal era um marinheiro extravagante e ele trouxe-nos rapidamente. No último momento, ele rosnou uma ordem e os remadores levantaram da água ferozmente, tendo a maior parte fora dela.

"Oars!" ele chamou e as lâminas de gotejamento aumentaram para fora da água, vindo em vertical antes do previsto batendo em seus suportes. Havia o barulho habitual de carvalho batendo em carvalho.

O navio navegou por alguns metros mais. Eles estavam em um ângulo de cerca de trinta graus para a doca e um dos membros da tripulação lançou uma linha da proa. Um estivador Arridi rapidamente agarrou-a, amarrando-a de uma vez em torno de um cabeça e começando a puxar.

Poucos segundos depois, outra corda subiu sobre a água da popa. Isso também foi apreendido e os homens em terra começaram a puxar o Wolfship ao lado. A equipe jogou feltro e defesas de vime para o lado para proteger as bitolas do navio da pedra dura do cais. Conforme as cordas eram apertadas para frente e para trás, o Wolfwind balançava suavemente ao lado do cais, as defesas gemendo e rangendo um pouco enquanto ele fazia.

A grade do navio estava mais ou menos um metro abaixo do nível do cais. Evanlyn começou a andar, mas a voz baixa de Halt a parou.

"Fique onde você está. Olhe imperiosa. Temos de ser convidados para a terra em primeiro lugar."

Os homens armados que tinham visto de mais longe estavam ao longo do cais agora, em duas fileiras, de frente para o Wolfship. Todos eles tinham seus escudos pendurados pronto para a ação e suas mãos pairavam perto dos cabos de suas espadas. Um oficial destacou-se a partir da linha e caminhou para a borda do cais. Svengal o reconheceu.

"Este é o galo de briga que nos emboscou na praça da cidade" disse ele, no que ele pensava que era um sussurro. Halt olhou Svengal sarcasticamente.

"Eu tenho certeza que ele está emocionado ao ouvir você dizer isso" respondeu ele.

O alto guerreiro Arridi parou agora, a alguns passos atrás da borda do cais. Halt o estudou profundamente e chegou à conclusão rápida de que este era um homem para ser considerado. Havia um ar de segurança sobre ele. Halt percebeu que este não era um homem de bravatas ou blefe. Ele sabia o que estava fazendo e ele transpirava uma calma confiança. Ele tinha o olhar de um urso, o Arqueiro pensou.

O Arridi deu-lhes a saudação tradicional do deserto, tocando a mão direita aos lábios, em seguida, testa, em seguida, os lábios novamente. O gesto nasceu do velho provérbio tribal de primeiro encontro, Halt sabia: Nós vamos

comer. Nós vamos considerar.

Vamos conversar.

O protocolo correto era devolver o gesto, mas Svengal não sabia disso. Ele acenou com a mão no ar vagamente numa paródia desajeitada de movimentos graciosos do homem.

"Você está de volta, Homem do norte." Os tons eram profundos e cultos. A voz era calma e serena. O dono da voz tinha aprendido a habilidade de projetar suas palavras sem aparente atirá-las.

"Eu vim pelo Oberjarl" Svengal disse. Ele não era acostumado com as sutilezas do protocolo ou enrolar. O Arridi sorriu. "Svengal, não é?"

Svengal assentiu meio briguento. "Sim. Sou eu. Mas você uma vantagem de mim." Ele se sentiu desconfortável, situando-se abaixo do outro, forçado a olhar para o alto para ele. Ele perguntou onde o Arridi tinha aprendido seu nome e decidiu que Erak deve ter mencionado isso a ele. Em seu encontro anterior, não houve apresentações. Svengal e a tripulação havia sido presa separada de Erak até o dia de sua soltura, quando o Oberjarl deu a Svengal suas instruções sobre o resgate.

"Eu sou chamado de Seley el"then pelo meu povo", disse o Arridi a ele. "Os estrangeiros geralmente acham mais conveniente encurtar o nome para Selethen. Eu sou um capitão da Guarda Arridi."

"Bem... encantado" Svengal respondeu bruscamente. Ele recordou a palavra de alguma memória de aulas de educação que ele tinha tido quando era mais jovem. Ele assumiu que era apropriado. O rosto de Selethen permanecia inexpressivo, mas Will tinha certeza de que podia ver um traço de sorriso nos olhos escuros.

"Nós não esperávamos você de volta tão cedo" disse Selethen. Então ele apontou para a longa flâmula que ainda flutuava preguiçosamente na brisa ligeira. "Nem esperávamos em tal companhia. Certamente você não teve tempo de retornar ao seu país de origem? Que bandeira é essa que voa no seu mastro?"

Halt pensou que era hora de alguém tirar a palavra de Svengal. O Escandinavo era um mestre em navegação e marinha, mas suas habilidades de negociação eram limitadas a brandir um machado gritando: "Entregue tudo o que tem." Uma abordagem mais suave era chamada aqui.

"Capitão Svengal é um amigo da família real de Araluen" disse ele, dando um passo à frente. Enquanto falava, ele deslizou seu capuz para trás de modo que seu rosto e feições não estavam mais na sombra. "Isso é uma flâmula padrão Real de Araluan, pertencente a minha senhorita aqui."

Ele indicou Evanlyn, que estava fazendo o seu melhor para olhar

desinteressada e condescendente ao mesmo tempo. O Arridi olhou para ela e ela sentiu os olhos afiados sobre ela. Ela pensou que um desprezo ao atirar de cabeça poderia ser suficiente. Ela jogou-a com desprezo.

Selethen mudou seu olhar de volta para Halt.

"E sua senhorita é?" perguntou ele.

"Minha senhorita está disposta a negociar os termos da soltura do Oberjarl com seu líder" Halt disse-lhe suavemente. "Erak, também, é um amigo íntimo da família real de Araluen."

Ele sentiu que era melhor manter o capitão adivinhando a identidade e posição real de Evanlyn. Incertezas como essas poderiam trabalhar para eles. E não havia nenhuma necessidade real para revelar-lhe o título a um subalterno.

Selethen considerou este fato por alguns segundos. Obviamente, era uma reviravolta inesperada no processo. Seu rosto, no entanto, não mostrou nenhum sinal do pensamento rápido e de avaliação do que estava acontecendo por trás de seu calmo e , orientado olhar. Eventualmente, ele falou novamente.

"Infelizmente, o Wakir não está disponível hoje" ele disse. Ele encarou Svengal novamente. "Como eu disse, nós não esperamos que você voltasse tão cedo. A não ser que..." Ele deixou o pensamento cair.

"A não ser o quê?" Svengal quis saber. O Arridi inclinou a cabeça se desculpando.

"A menos que você reunisse alguns de seus compatriotas e voltasse aqui para libertá-lo pela força", disse ele.

Svengal resmungou. "O pensamento me ocorreu."

Desta vez, todos viram o sorriso no rosto escuro de Selethen.

"Eu tenho certeza ocorreu. No entanto, a verdade é que é impossível organizar uma reunião com o Wakir num prazo tão curto. Nós não poderíamos contemplar tal coisa antes de amanhã."

Halt assentiu em acordo. "Amanhã está bom." Ele hesitou. "Poderíamos, talvez, ver Oberjarl Erak nesse meio tempo?"

Selethen já estava balançando a cabeça antes de ele terminar o pedido. "Infelizmente, isso não é possível para qualquer um. Mas eu posso oferecer à senhorita quartos confortáveis até amanhã. Temos uma pousada que certamente será mais confortável do que um navio invasor Escandinavo."

Ele indicou uma construção substancial dois andares um pouco atrás do cais. Ao contrário dos sólidos armazéns inexpressivos ao longo do cais, tinha varandas sombreadas e portas largas e janelas no andar superior.

"Há espaço lá para a senhorita e seu grupo imediato" disse ele. "Os tripulantes do navio terão que permanecer a bordo, lamento dizer".

Seu tom ainda lhes disse que ele não lamentava muito profundamente. Halt encolheu os ombros. Nenhuma cidade gostaria de trinta Escandinavos armados em terra. Ele estava certo de que a maior parte dos soldados Arridi atualmente no cais permaneceria lá para manter um olho nas coisas.

"Tudo bem por mim" Svengal disse rispidamente. Não havia nenhuma maneira que ele estaria disposto a deixar o navio vazio e indefeso enquanto ele estava em um porto potencialmente hostil. Ele preferia ficar mantendo um olho no Wolfwind. Qualquer Escandinavo em terra sempre foi consciente de que seu navio era sua única linha de retirada.

"Então se vocês me seguirem?" O capitão Arridi fez um gesto na direção da pousada e começou a se afastar. A voz nítida de Evanlyn o parou.

"Capitão Seley el"then! Você não está esquecendo alguma coisa?"

Ele virou-se para trás, impressionado com seu tom de voz de comando e pelo fato de que ela havia dominado a forma completa do seu nome perfeitamente, depois de ter ouvido uma única vez. Ele curvou-se profundamente.

"Minha senhorita?" ele perguntou e ela caminhou para frente para o trilho do navio, segurando seu punho direito exibindo um grande anel no segundo dedo.

"Com certeza você irá precisar transmitir meu selo para o seu Wakir antes que ele possa consentir ao nosso encontro?"

Mais uma vez, sua pronúncia era perfeita conforme ela conseguiu adicionar o som gutural leve à letra inicial de Wakir. Selethen assentiu desculpando-se e pegou uma pequena caixa de impressão de cera. Era do tamanho de uma caixa que conteria um anel. Ela era feita de ébano reluzente e tinha uma tampa articulada.

"Mas é claro, minha senhorita," disse ele. Ele passou a pequena caixa para Halt, que levantou a tampa e entregou-a Evanlyn. Dentro havia uma camada de cera. Ela pressionou seu anel nela, deixando a impressão clara de seu dispositivo de falcão. Então ela agarrou a tampa fechando para protegê-la contra danos e devolveu-a para Halt. O Arqueiro passou-a de volta para Selethen, que escondeu de volta em um bolso de seu cinto.

"Agora, talvez eu possa mostrar-lhe a sua acomodação?" disse ele.

Halt e Gilan saíram para o cais conforme Selethen recuou para permitir-lhes acesso.

Eles se viraram e seguraram suas mãos para baixo para Evanlyn e ela saiu levemente depois deles. Will e Horace seguiram. Svengal, após algumas breves palavras de instrução para Axel, principalmente sobre "Ninguém está

autorizado a subir", saiu também.

Selethen olhou as três figuras em encapuzadas com capas cinza e verdes, olhando os grandes arcos longos que cada um deles tinha nos ombros.

Estranho, pensou ele. Eu precisarei descobrir mais sobre estes.

Ele deu uma ordem de silêncio e uma fila de dez soldados se desligou do contingente do cais e liderou o caminho para a pousada. Conforme Horace passou por Selethen os dois guerreiros se entreolharam e se reconheceram. Selethen viu os ombros largos, quadris e o tronco equilibrado. Uma espada reta longa pendurada na cintura do Araluean.

Este eu já descobri, pensou Selethen. Esse seria um inimigo perigoso.

Ao mesmo tempo, Horace estava olhando o magro, mas atlético, e a espada longa curva que pendia ao lado Selethen.

Este seria um pouco complicado, ele pensou. Ambos estavam certos.



Eles passaram uma noite confortável na pousada. Uma dúzia de homens de Selethen permaneceu do lado de fora de guarda, mas os visitantes estavam autorizados a deixar a casa e passear nas imediações, se quisessem.

Eles foram servidos com alimentos e bebidas — sucos de frutas e água em último caso. A comida estava deliciosa — Aves frias de algum tipo, servidas com salada verde com um molho de limão distintivo afiado e pão fresco. Horace rasgou uma pata da ave e levou vastas quantidades de pão para a boca.

"Isto está bom" disse com entusiasmo. "Nós estamos bem para prisioneiros."

"Nós não somos prisioneiros" Halt o lembrou. "Nós somos uma delegação diplomática."

Horace assentiu. "Eu continuo esquecendo" disse ele, atirando migalhas de pão em todas as direções. Halt rapidamente recuou. Então a atenção do guerreiro estava distraída pela ave meio-desmembrada no prato e ele revirou os pedaços.

"Alguma pata a mais?" ele perguntou a ninguém em particular.

"Se eles inventarem uma galinha de quatro patas" Will disse: "Horace vai pensar que ele está no céu."

Horace concordou com a cabeça.

"Galinha de quatro patas" ele disse. "Excelente idéia. Devemos falar com Mestre Chubb sobre isso."

Ele encontrou a outra pata e não perdeu tempo rasgando pedaços grandes dela com os dentes. Gilan o assistia com alguma curiosidade.

"Não me lembro de ele comendo tanto assim quando estávamos em Céltica" disse ele.

Horace sorriu. "Nós não tínhamos muito para comer em Cética" disse ele. "Além disso, eu senti um pouco intimidado e nervoso na companhia de vocês Arqueiros misteriosos."

"Eles não o deixam mais nervoso?" Evanlyn perguntou, seus olhos sorridentes enquanto ela cortava um pêsego ao meio. A fruta era realmente

deliciosa, ela pensou. Talvez tivesse algo a ver com o clima quente.

"Nem um pouco" disse Horace. Ele estava sorrindo, mas agora ele se lembrou que houve uma época em que ele tinha ficado distintamente inseguro de si mesmo na presença de Arqueiros — primeiro com Gilan e Will em Céltica, e mais tarde na companhia de Halt enquanto atravessavam a Gállica. Estranho pensar que agora eles eram seus amigos mais próximos. "Eu aprendi desde então. Halt é realmente um gatinho manso" ele acrescentou.

Will e Gilan ambos aspiraram na tentativa de esconder o riso. A sobrancelha de Halt subiu fracionada conforme ele considerava o sorridente jovem.

"Um gatinho manso" ele repetiu.

Svengal estava observando essa troca com interesse. Agora, ele se juntou com uma gargalhada.

"Mais como um gato com bastante idade, eu teria imaginado" disse ele. O olhar intimidante de Halt balançou para o grande Escandinavo, que permaneceu resolutamente não-intimidado.

"Todo mundo é um comediante de repente" Halt, disse. "Eu acho que vou para a cama."

Ele saiu da sala com pouca dignidade que lhe restava. Não era muito.

O café da manhã foi servido no pátio interno na manhã do dia seguinte uma hora depois do sol nascer. O ar estava fresco com a brisa do mar de manhã, mas já se podia sentir o calor do dia.

Os três Arqueiros ficaram contentes ao encontrar, entre as travessas de pão, frutas fatiadas, conservas e jarras de suco, uma panela de um quente líquido negro rico.

"Café!" Gilan disse reverentemente, servindo-se um copo. Havia açúcar mascavo para adoçar e ele adicionou-o, enquanto Halt e Will também ajudavam a si próprios. Evanlyn balançou a cabeça na mira deles.

"Se você alguma vez quiser capturar esses três" ela disse, "você só precisa por a isca na armadilha com um pote de café."

Will assentiu. "E nós iríamos com prazer" ele concordou. Então ele disse aos outros: "Este é o café realmente bom."

"Deve ser" Halt disse, inclinando-se para trás com o seu copo e colocando os pés em cima da mesa baixa na frente dele. "Os Arridis inventaram isso. Todo mundo dormiu bem?"

Na verdade, a maioria deles tinha dormido parcialmente, desacostumados com a sensação de uma cama que não rola e cai ritmicamente abaixo deles. Mas os colchões haviam sido suaves e os quartos eram frescos e bem ventilados.

Eles estavam discutindo o fenômeno que Svengal descreveu como "oscilações da terra", que a maioria dos marinheiros sente quando vão para a terra depois de uma longa viagem, quando um dos funcionários entrou e se inclinou para Halt.

"Capitão Selethen está aqui, senhor."

"Peça-lhe para entrar" Halt disse, tirando os pés da mesa e levantando-se para cumprimentar o oficial Arridi conforme ele entrou no pátio. Como antes, Selethen fez o gesto com a mão aos lábios, sobrelanceiras e lábios em saudação.

"Bom dia, minha senhorita, e senhores. Está tudo satisfatório?"

Halt devolveu a saudação da mão e apontou o capitão a um assento.

"Tudo é excelente. Você vai juntar-nos para um café?" ele ofereceu mas Selethen balançou a cabeça com pesar.

"Infelizmente, tenho deveres para atender." Ele olhou para Svengal. "Seus homens receberam o café da manhã, capitão" disse ele. "Não há necessidade de verificar."

Svengal assentiu. Na noite anterior, ele fez questão de visitar o navio para se certificar de seus homens estavam a ser cuidados. Eles tinham o seu próprio abastecimento a bordo, é claro, mas ele sentia que eles deviam ser alimentados pelos Arridi, conforme eles eram parte de uma delegação oficial.

"Obrigado" disse ele ríspidamente. Selethen virou para Halt e Evanlyn agora.

"Sua Excelência o Wakir terá o maior prazer em recebê-lo na décima hora" disse ele.

Evanlyn olhou incerta para Halt e ele fez um discreto gesto com a mão, sinalizando para ela para responder.

"Isso é adequado para nós" disse ela.

Selethen sorriu e chamou a si a atenção.

"Eu vou acompanhá-la" disse ele. "Eu estarei de volta quinze minutos antes da décima hora. Por favor, esteja pronta para sair nesse momento."

Evanlyn não disse nada, olhando para longe com uma expressão desinteressada. Princesas não respondem a ordens, Will pensou.

"Nós estaremos prontos" disse Halt. Ele e Selethen trocaram o gesto gracioso de saudação e despedida mais uma vez e o Arridi recuou alguns passos antes de virar para sair. Horace observava, maravilhado com a facilidade com que Halt manejava situações como esta. Ele disse isso a Will quando os dois voltaram para o quarto que estavam compartilhando, e ele estava um pouco surpreso com a resposta sombria de seu amigo.

"Eu sei. Ele é incrível, não é?" Will disse. "Ele sempre sabe exatamente o

que fazer e dizer."

Horace olhou para ele, curiosamente, se perguntando a sua maneira pouco entusiasmada. Ele não tinha idéia de que Will estava pensando exatamente a mesma coisa, e comparando-se ao seu mestre — uma comparação que ele encontrou menos favorável. Mais uma vez Will estava se perguntando como ele algum dia iria lidar como um Arqueiro em seu próprio direito.



Quinze minutos antes do tempo que Selethen deveria retornar, Halt convocou Will e Gilan para seu quarto.

Os dois homens mais jovens entraram curiosamente, perguntando o que seu líder tinha reservado para eles. Conforme eles viraram, era uma mudança agradável e muito bem-vinda ao seu equipamento.

"Deixem sua capa aqui" disse-lhes Halt. Eles perceberam que ele não estava usando a sua. "Elas são projetados para o clima de Araluan, não de Arrida. E não há uma grande quantidade de florestas e vegetação em torno daqui."

Ele estava certo, Will pensou. As capas verdes e cinzentas mosqueadas foram projetadas para misturar-se a cor de fundo da sua terra fértil, e não a vista seca, torrada de sol que eles se encontravam no momento. E os casacos de lã pesados eram decididamente desconfortável no calor Arridi. No entanto, eles eram parte de um uniforme de Arqueiro e Will estava relutante em se desfazer dele.

Halt estava abrindo um pacote que ele havia trazido do navio. Ele retirou uma roupa dobrada, a balançou e passou para Gilan.

Era um manto, um manto de Arqueiro encapuzado, Will viu. Mas, em vez das cores verdes e cinzentas que eles usavam, esta era uma forma irregular mosqueada em vários tons de marrom claro. Além disso, ele percebeu, conforme Halt pegava o segundo manto e entregava a ele, era feito de linho pesado, não lã.

"Questão de Verão" Halt disse. "Esfria no calor e muito melhor se nós temos a mistura para o fundo daqui."

Gilan já haviam balançado sua capa ao redor de seus ombros. Ele olhou para ela, impressionado. Era definitivamente mais confortável do que o peso do casaco de inverno que ele tinha colocado nas costas de uma cadeira. Will vestiu, examinando a coloração mais de perto. Ele gostava da sensação familiar do manto, a confiança que vinha com a capacidade de misturar-se na paisagem e

parecer desaparecer. Essa capacidade tornou-se muito parte de sua vida nos últimos anos.

"De onde você conseguiu isso?" ele perguntou. Halt o considerou zombando.

"Nós já visitamos essas partes antes, você sabe" disse ele. "Crowley pediu a mestre de roupas do Castelo Araluen para fazê-las no momento em que ouvimos que estávamos vindo aqui".

Ele esperou enquanto Gilan e Will moviam as capas experimentalmente, observando cada um e estudando as cores incomuns, vendo como eles se misturariam com a paisagem de rochas e deserto que cercava Al Shabah.

"Tudo bem, senhoritas" disse ele "se vocês terminaram o desfile de moda, vamos conhecer o Wakir."



Ladeado por uma escolta de uma dúzia de guerreiros Arridi, o pequeno grupo seguiu Selethen enquanto ele abria o caminho para o centro da cidade, onde o khadif, a residência oficial do Wakir, estava localizado.

Conforme eles se afastaram do porto, e da influência da fria brisa do mar, a temperatura começou a subir. Era um calor pesado, seco e os três Arqueiros estavam gratos que tinham mudado para suas capas novas.

Os Arqueiros, Horace e Evanlyn mantiveram seus olhos para frente, como convinha a dignidade de uma missão diplomática. Svengal não sentia essas inibições. Ele olhou ao redor, curiosamente, observando tudo na cidade. A abordagem para a praça da cidade foi semelhante a que ele havia feito algumas semanas antes, em companhia de Erak, apesar de terem se aproximado do lado oposto da cidade. A rua estreita ferida pelos mesmos inexpressivos edifícios brancos. Os telhados eram planos e de vez em quando ele via rostos marrons curiosos espiando por cima das balaustradas para o pequeno grupo, sem dúvida, atraídos pela sólida caminhada escoltada na rua.

Ele estudou as casas que passaram. Havia poucas janelas, varandas ou outras aberturas olhando para a rua. Mas agora que ele tinha visto o interior da pousada, ele percebeu que as casas dos Arridi tendem a olhar para dentro, para pátios sombreados centrais, onde os habitantes relaxavam.

Eles chegaram ao espaço aberto da praça. Ao passarem de fora da rua estreita para a ampla área pavimentada, Svengal observou barricadas de madeira dobradiças para trás contra as paredes de cada lado. Era óbvio que elas eram uma instalação permanente. Pena que ele não as tinha notado da última vez, ele refletia, ou percebido sua importância.

Selethen os levou por toda a praça. A fonte que Svengal havia notado em sua visita anterior agora estava funcionando e ele podia ouvir o barulho musical de água caindo.

Engraçado como só o som da água a correr fazia um homem se sentir um pouco mais frio de alguma forma, ele pensou. Ele estava prestes a compartilhar esse conhecimento com os outros, mas, pela primeira vez, ele percebeu suas

expressões firmes e percebeu que poderia não ser o tempo ocioso para bate-papo.

Eles pararam na sombra fresca da graça colunata. As portas maciças de bronze estavam abertas neste momento e Seletchen ficou de lado, gesticulando para que precedessem. Suas tropas se espalharam para os lados da porta.

Evanlyn liderou o caminho, com Halt um passo atrás dela. Gilan, Will e Horace andaram lado a lado e Svengal correu para alcançá-los, caindo ao lado de Horace.

"Eles ocupam bastante lugar."

O jovem guerreiro sorriu para ele.

Depois da luz da manhã rígida externa, refletida na quantidade de edifícios brancos, ela era fraca no interior do edifício tal qual levou alguns segundos para os seus olhos se ajustarem. Mas era agradavelmente fresco, bem como, Svengal observou com gratidão.

Eles estavam sozinhos em uma sala grande, obviamente, o salão de audiências do Wakir. Em três dos lados havia outras salas e galerias de segundo andar, onde as portas para os quartos eram ainda mais visíveis. Mas o corredor central tomava a altura de dois andares do edifício. Ele estendia para cima para um teto arqueado, onde foram inteligentemente projetadas aberturas de vidros duplas e defletores de luz indireta entrando na sala, sem pagar a pena do calor que viria com a luz solar direta.

As paredes foram pintadas em branco onipresente, enquanto que o chão era de azulejos na elaboração de padrões de mosaico, com um padrão global de luz azul. A frieza dos azulejos pés parecia irradiar para cima, contribuindo para a sensação de frescor no quarto grande.

O quarto lado da sala, o que eles haviam adentrado, era o local onde o Wakir recebia as delegações. Havia uma cadeira alta de madeira, esculpida em intrincados padrões e muito decorada com talha dourada e tinta vermelha, de pé em uma posição central, sobre um trono ligeiramente levantado. Vários bancos baixos, presumivelmente, para aqueles que queriam uma audiência, estavam distribuídos para cada lado.

Evanlyn parou a alguns passos na sala, à espera de novos desenvolvimentos. Ela olhava para frente, sabendo que seria um erro virar para Halt por um conselho. Isso mostraria a qualquer observador invisível que ela estava insegura de si mesma, e não no comando da expedição. Ela sabia que se Halt quisesse dar-lhe conselhos, ele iria fazer isso de uma maneira discreta. No momento, ele estava contente de seguir seu exemplo. Ele parou meio passo atrás dela e à sua direita. Os outros pararam também.

Selethen paro ao lado dela e disse calmamente: "O Wakir estará chegando em alguns instantes."

Ele fez um gesto em direção ao palanque levantado. Sua intenção era óbvia. Eles deveriam avançar e aguardar a chegada do Wakir.

"Quando ele chegar" Evanlyn disse em uma voz clara e de transporte, "nos juntaremos a ele."

Will viu o ligeiro movimento da cabeça de Halt quando o Arqueiro assentiu. Havia uma questão de protocolo, e ainda mais importante, dignidade, aqui. Eles haviam discutido o sistema local de classificação e nobreza no navio. O Wakir era o chefe local, com autoridade sobre a província de Al Shabah, e responde perante o Emfikir, o governante nacional. Isso lhe fazia o equivalente a um barão em Araluen. E desde que a província de Al Shabah era uma importante província, este Wakir seria um barão sênior, o equivalente a alguém como Arald.

Mas Cassandra era uma princesa e era muito superior na classificação de qualquer governante local. Não seria decente para ela ficar esperando enquanto a Wakir levava seu time a chegar. Claro que, como chefe de uma delegação, ela tinha que mostrar alguma deferência à sua posição. Ela não poderia, por exemplo, insistir para que ele viesse a ela na pousada.

Parando aqui, apenas dentro da entrada para a sala de audiência, era um compromisso que servia tanto a dignidade dela quanto a do Wakir. Halt olhou para o capitão Arridi conforme ele registrava sua declaração. Ele pensou que ele viu uma pequena luz de aprovação lá também. Ocorreu-lhe que talvez o senso de auto-estima e confiança de Evanlyn estava sendo testado — e isso provavelmente não seria a última vez que isso aconteceria.

"Vou informar sua excelência" disse Selethen. Desta vez, Halt teve certeza que ele viu o menor vestígio de um sorriso no rosto escuro antes do alto guerreiro se afastar.

Ele desapareceu em uma das muitas portas laterais. Provavelmente seriam galerias e corredores que funcionavam no comprimento do edifício, Halt pensou, bem como escritórios e salas para o pessoal do Wakir.

Agora que eles estavam sozinhos, ele sentiu que era um momento oportuno para deixar Evanlyn saber que ela tinha agido corretamente.

"Bem feito" disse ele em voz baixa. Ela não virou para olhar para ele, mas do ponto de vista que ele tinha, ele viu seu movimento da maçã do rosto e sabia que ela tinha permitido um leve sorriso tocar seu rosto.

"Não estava certa do que fazer" ela murmurou de volta para ele.

"Confie nos seus instintos" ele disse a ela. Ela sabia mais sobre estas

situações que ela pensava, ele pensou. Ela passou anos ao lado de Duncan e ela era perspicaz e inteligente. "Quando em dúvida" ele acrescentou, "seja pomposa."

"Não me faça rir, Halt", disse ela com o canto da boca. "Estou tão nervosa quanto um gato aqui."

"Você está indo bem", disse ele. Quando ele disse isso, uma porta se abriu na extremidade oposta da sala, no lado esquerdo, e meia dúzia de homens surgiu liderados por um homem que só poderia ser o Wakir.

Ele era uma figura decepcionante, Will pensou. Até agora, ele só tinha experiência de Selethen e seus soldados. Eles eram altos e magros e tinham a aparência de homens treinados para lutar. O Wakir parecia um escrivão — uma hilfmann, pensou ele, lembrando seu antagonista desprezado no Tribunal de Justiça Escandinavo.

O Wakir era uma boa cabeça menor do que qualquer dos outros, em sua comitiva. Uma cabeça-e-uma-metade se comparado a Selethen, que, como um mero capitão da guarda, tinha trazido até a traseira. O Wakir também estava um pouco acima do peso — não, Will corrigiu, ele era gordo — um fato que não pode ser escondido pela roupa que ele usava. E o rosto sob o turbante enorme parecia ter sido formado a partir de argila mole, moldada às pressas para formar recursos, com um caroço esmagado de um conjunto de nariz no meio. Ele olhou em volta incerto, viu a delegação Araluan, coçou a bunda e tomou assento na cadeira esculpida, decorada. Ele tinha que sentar-se bem a frente para se certificar de que suas pernas curtas realmente tocavam o solo. Se ele tivesse se sentado para trás, teria balançado infantilmente, cerca de cinco centímetros do soalho de madeira polida da plataforma. "Um gigante, não é?" Horace murmurou com o canto da boca.

"Cale-se" Halt respondeu da mesma forma.

"Crianças, crianças" disse calmamente Evanlyn em uma advertência falsa. Will a considerou com admiração. Ela estava de costas e confiante. Ela estava lidando com tudo com grande habilidade e desenvoltura, ele pensou, como se tivesse nascido para isso. Então ele encolheu os ombros mentalmente. Ela nascera para isso. Por um momento, ele tinha outro flash de sua própria inadequação. Então, quando Evanlyn saiu em direção ao tablado, apressou-se a andar com os outros.

Suas botas tocaram no chão de azulejos, ecoando nas paredes nuas enquanto avançavam no quarto grande. Evanlyn parou muito próximo do palco, esperando para ser anunciado.

Selethen deu passo à frente, entre ela e o Wakir.

"Sua Excelência, gostaria de apresentar a delegação da princesa Cassandra do Reino de Araluen. Princesa, gostaria de apresentar a sua Excelência Aman Sh'ubdel, Wakir e soberano da província de Al Shabah."

Evanlyn inclinou a cabeça profundamente. Ela havia sido dita pelo senhor Anthony que esse protocolo era estritamente necessário uma mulher para curtsey neste tipo de situação. Mas ela disse-lhe que ela ia ser condenada se ela fizesse.

"Excelência", disse ela, segurando a curvatura durante vários segundos, em seguida, olhando para cima.

O Wakir fez um gesto para ela se aproximar e assim que ela entrou para o estrado baixo, ele disse, "Por favor, se sente minha senhora."

Evanlyn congelou no meio-passo. Uma carranca pequena atravessou seu rosto.

"Eu sou a Princesa do Araluen, Excelência. Como tal, eu sou chamado de 'Vossa Alteza'. Ou, se isso não é aceitável para a sua própria dignidade, 'Princesa Cassandra' seria adequado."

Boa garota, pensou Halt, embora seu rosto permanecesse inescrutável como sempre.

O Wakir pareceu um pouco perturbado por sua reação. Ele olhou para um lado e por um momento, Evanlyn teve a nítida impressão de que ele estava olhando para Selethen por orientação. Ela tinha um desejo de olhar para o capitão também, mas ela sabia que ela deveria manter o olhar fixo no Wakir.

"Claro, claro! Um deslize da língua. Minhas desculpas, Princesa... Vossa Alteza", disse ele, acenando com a mão para fechar sua gafe involuntária. "Por favor, por favor, sente-se comigo."

Por um momento, Evanlyn lutou contra uma vontade enorme de rir quando ela se perguntou o que ele faria se ela o levasse literalmente, e pulasse para sentar em seu joelho na cadeira maciça esculpida. Ela se esforçou para manter a seriedade, ciente de que a urgência seria uma reação de seu nervosismo. Sua hesitação serviu-lhe bem, no entanto, quando o Wakir tomou-a como mais um sinal do seu descontentamento. Ele se levantou da cadeira. Will tinha que esconder um sorriso, ele viu como esse movimento foi inábil. As pernas-curtas do governante Arridi tinham que derrapar para trás a sua frente até a borda do assento, então praticamente cair ao chão.

Tendo sido menor do que a maioria das pessoas em torno dele toda a sua vida, Will gostava de ver alguém lutando com o problema.

"Sente-se, Vossa Alteza, por favor!" ele repetiu e Evanlyn acenou com a autorização, se movendo para um banco ricamente estofado que Selethen

colocou à sua frente e sentou-se graciosamente. O Wakir assentiu. Ele subiu novamente em seu assento, contorcendo seu traseiro novamente para entrar em posição, lançou outro olhar para os lados, depois lambeu os lábios nervosamente. Evanlyn pensou que ela poderia muito bem cuidar das tais questões.

"Nós viemos para discutir o resgate do nosso amigo Erak, Oberjarl da Escandinávia", disse ela. Sua voz era alta e clara. "Nós entendemos que você definiu uma verba para isso?"

"Nós definimos," o Wakir respondeu. "O montante necessário é..." Mais uma vez ele hesitou, e novamente houve essa mudança de lado dos olhos. Evanlyn franziu a testa. O homem parecia muito inseguro de si mesmo, pensou. Em seguida, ele continuou. "Oitenta mil rolos de prata." Havia um tom de confiança renovada em sua voz, agora que ele falou da quantia, como se tivesse acabado de ser confirmada por ele.

Evanlyn balançou a cabeça. "Muito alto", disse ela com firmeza. O Wakir recuou em sua sede em surpresa.

"Muito alto? ele repetiu e Evanlyn assentiu. Ela estava consciente das instruções de Anthony sobre este assunto. *Eles esperam que você barganhe*, ele tinha dito. É um insulto virtual se você não fizer.

"Nós estamos oferecendo cinqüenta mil" Evanlyn disse-lhe calmamente. As mãos do Wakir voaram sobre a cabeça de forma agitada.

"Cinqüenta mil? Mas isso é..." Ele hesitou e Evanlyn completou para ele.

"A nossa oferta".

A mão Wakir foi para o queixo, puxando a carne solta abaixo dele. Seus olhos assumiram um olhar astuto.

"Tudo bem oferecer um preço tão baixo, Alteza. Mas como eu saberei que você é capaz de pagar, mesmo essa quantia? Como eu sei que você está autorizado?"

"Você tem meu selo", disse simplesmente Evanlyn. Ela tinha visto a caixa de selo que ela tinha voltado para Selethen do dia anterior. Ele estava sentado em uma mesinha ao lado da cadeira Wakir. Ele olhou para ele agora, pegou e abriu o topo articulado.

"Aaah, sim. Seu selo" ele disse estudando-o.

"Ele me identifica como a princesa Cassandra de Araluen," Evanlyn respondeu e Halt, escutando atentamente, detectou a menor nota de desconfiança na voz dela.

Novamente os dedos do Wakir foram ao queixo.

"Então, você diz. Mas este selo, é claro, poderia pertencer a..." Ele olhou

ao redor da sala, acenou com a mão indefinidamente e acabou "...ninguém."

Evanlyn sentou para trás em seu banco por alguns segundos, sua mente correndo. Ela sabia que os países mantinham um registro dos selos oficiais, e ela sabia que Arrida estava na lista dos países com os quais Araluen havia trocado informações. Antes que ela tinha deixado Araluen, Duncan e Anthony tinham garantido a ela que na última troca, uns seis meses antes, seu selo tinha sido incluído no de Duncan como uma coisa natural. O Wakir deveria saber isso. Se ele não sabia, só poderia significar uma coisa...

De repente, ela se levantou da cadeira e se virou para seus cinco companheiros de espera.

"Vamos", disse ela decidida.

Ela não hesitou, mas caminhou decisivamente por meio deles. Eles correram para seguir o seu rasto, seus saltos altos batendo no chão frio. Atrás deles, havia uma agitação de atividade no tablado. Will olhou para trás e viu que o Wakir tinha levantado novamente, e gesticulava com incerteza para Selethen. O capitão se adiantou e chamou pro ela.

"Princesa Cassandra! Por favor, aguarde!"

Evanlyn parou e virou-se deliberadamente.

"Esperar?" ela perguntou e ele moveu-se para ela, estendeu as mãos em um gesto suplicante. "Por que eu deveria esperar para ser insultada mais ainda? Você tem me tratado com um impostor. Vou esperar na pousada, mas apenas enquanto o Wakir real não tornar-se conhecido até próxima maré, então, vamos embora."

Selethen hesitou, então os ombros relaxaram e ele sorriu com tristeza.

"Minhas desculpas, Sua Alteza." Ele virou-se para a pequena figura rechonchuda sobre o palco. "Obrigado, Aman. Você fez o seu melhor."

O Wakir falso encolheu desconsolado. "Sinto muito, Excelência. Ela me pegou de surpresa".

A suspeita que vinha crescendo na mente de Evanlyn foi confirmada. Ela levantou uma sobrancelha para o capitão. "Excelência?" ela repetiu e ele deu de ombros.

"Aman é o meu contador, ele disse." Como eu acho que você adivinhou, eu sou o Wakir de Al Shabah. Agora talvez você pudesse voltar e nós vamos começar a negociar com seriedade. "

Evanlyn hesitou. Ela estava tentada a ficar em sua dignidade. Então ela pensou em Erak e percebeu que cada segundo de atraso lhe causaria desconforto e insegurança.

"Muito bem", ela disse e voltou para o palanque. Os quatro Araluans e

Svengal seguiram. Enquanto eles marcharam de volta até o salão de audiências, Horace inclinou-se à Will e sussurrou em seu ouvido.

"Ela é boa nisso, ou o quê?"



Selethen os conduziu para fora da grande sala de audiência para uma pequena câmara de um lado. Havia uma mesa baixa central rodeada por grossas e confortáveis almofadas. Arqueadas, janelas sem vidro davam para uma varanda sombreada, enquanto um ventilador lento, obviamente mantido em movimento por um servo invisível, balançava frente e para trás em cima, mantendo uma brisa fresca que se deslocava pela sala.

Selethen gesticulou para eles se sentarem. Desta vez, Will percebeu, não havia nenhuma posição de poder para o Wakir. Sentou-se no mesmo nível que os seus convidados. Dois de seus soldados permaneceram na sala de pé, impassíveis de cada lado da porta. Ao sinal de um, os funcionários surgiram através de um canto e colocaram tigelas de frutas sobre a mesa, junto com café e copos pequenos. Evanlyn escondeu um sorriso quando viu os olhos dos Arqueiros se iluminarem com a visão dos últimos itens.

"As minhas desculpas para o jogo atuando lá fora", disse Selethen suavemente. Ele parecia um pouco divertido por todo o procedimento, Will pensou. Evanlyn mostrou nenhum sinal de diversão recíproca.

"Era realmente necessário?" ela perguntou friamente e Selethen inclinou a cabeça.

"Eu estou receoso que eu senti que era, sua Alteza", disse ele. Evanlyn estava para falar, mas ele continuou, "Você precisa entender que eu precisava ter certeza de que estava lidando com alguém que tem plenos poderes para negociar. Afinal, eu esperava Svengal aqui", ele assentiu com a cabeça em direção ao Escandinavo, que tentava tornar-se confortável sentado de pernas cruzadas sobre uma almofada, "para retornar daqui a alguns meses, portanto, com o dinheiro do resgate. Uma delegação do Araluen, chegando tão cedo e, aparentemente, agindo em seu nome, foi definitivamente uma surpresa. Eu suspeitava de um truque."

Seu olhar desviaram para Svengal novamente. "Sem ofensa", ele acrescentou e o Escandinavo encolheu os ombros. Se ele tivesse sido capaz de pensar em um truque de valor para liberar Erak, então ele teria tentado.

"Você tinha o meu selo, "Evanlyn disse a ele. "Certamente que era uma prova suficiente." Não era uma pergunta. Era uma declaração. Selethen inclinou a cabeça, pensativo.

"Eu reconheci o selo, é claro. Eu não sabia nada da pessoa que o levava. Afinal, o selo poderia ter sido roubado ou mesmo copiado. Eu estava confrontado com a perspectiva de negociação com uma jovem mulher. Eu precisava ter certeza de que você era a princesa real. É por isso que eu pedi a Arman para passar por mim. Eu sabia que você iria provavelmente ver através da decepção. Mas se você estava planejando trapagens de seus próprios você iria continuar com ele. Só uma princesa verdadeira teria a coragem e dignidade para chamar o meu blefe e sair como você fez."

Ele sorriu Halt. "Sua Princesa tem um nervo forte. Ela seria uma grande Arridi."

"Ela é uma grande Araluan", respondeu Halt e o Wakir reconheceu a declaração.

Então esfregou as duas mãos juntas e sorriu com sobriedade.

"Então, agora, talvez possamos negociar!" disse ele.



As discussões tomaram a maior parte do resto da manhã. Selethen retornou ao seu valor de base de oitenta mil rolos. Evanlyn combatia com uma oferta de quarenta e cinco mil. Quando ele deu a ela um olhar ferido e ressaltou que antes, ela havia começado a cinquenta mil, Evanlyn disse que ele havia tentado enganá-la e sua dignidade agora exigia um valor mais baixo como ponto de partida.

A negociação continuou. Selethen salientou o fato de manter Erak guardado e cuidado já havia custado a sua província uma quantidade considerável de dinheiro.

"Os soldados podem ter tido emprego em outro lugar," disse ela. "Os bandidos Tualaghi invadem nossas aldeias constantemente."

Halt olhou para o nome. As Instruções de Crowley para ele se baseavam em informações de mais de um ano. Ele tinha ficado com a impressão de que os Tualaghi, uma tribo do deserto selvagem de bandidos e ladrões, haviam sido suprimidos com sucesso. Aparentemente, se o Wakir pudesse ser acreditado, eles tinham recuperado alguma da sua força tradicional. Era fato que valia a pena conhecer, pensava ele — a menos que fosse apenas um jogo de barganha por parte de Selethen.

Evanlyn expressou sua simpatia pelas despesas incorridas. Mas o tom não deixou dúvida de que ela estava menos do que preocupada com isso. Em resposta, ela rebateu com as despesas de sua viagem para Arrida — e o custo de manutenção de sua própria comitiva.

"Muito poucos expedições desfrutaram da presença de três Arqueiros", disse ela. "Suas habilidades são muito demandadas pelo meu país."

Foi a vez de Selethen para reagir a uma palavra. Seus olhos se estreitaram cuidadosamente quando ela disse "Arqueiros". Ele sabia que havia alguma coisa sobre os três homens com capa. Eles tinham a aparência de madeireiros simples, arqueiros ou caçadores. No entanto, havia um ar de autoconfiança sobre todos eles e, o mais velho, o conselheiro principal da Princesa, falava com profundidade de uma autoridade que jamais poderia esperar de um arqueiro simples. Arqueiros. Sim, ele tinha ouvido o termo. Havia rumores sobre os Arqueiros de Araluan — histórias contadas pelos marinheiros que haviam visitado o seu país. Elas eram vagas e sem fundamento, e sem dúvida exageradas, para ter certeza. Mas o suficiente para fazê-lo olhar para eles com renovado interesse.

Mesmo que sua mente estivesse correndo ao longo destas linhas, ele continuou sua discussão sobre funcionamento dos custos e despesas — juntamente com níveis adequados de reparação que possam estar envolvidos.

"Que seja lembrado que o seu amigo e aliado veio aqui como um invasor", disse ele.

"Ele planejou roubar a tesouraria de Al Shabah." Seu uso sutil do amigo a expressão "e aliado" transmitiu a implicação vaga que o Reino de Araluen tinha dado algum tipo de acordo tácito para invadir Erak. Ela lhe deu um passo em cima de moral elevado. "Deve haver alguma pena exigido para essa intenção."

Evanlyn admitiu o ponto — ela não poderia fazer o contrário. Ela respondeu com o fato de que nada tivesse sido realmente roubado, mas Selethen venceu aquela rodada. Ela foi forçada a aumentar sua oferta de cinquenta e cinco mil. Ele disse que iria considerar — considerar que, note-se — a soma de setenta e oito mil.

E assim foi. Selethen estava claramente apreciando o processo. Negociação era um assunto querido ao coração de qualquer Arridi. E, depois de um tempo, para sua própria surpresa, Evanlyn descobriu que estava se divertindo também. O homem era charmoso e bem-humorado. Era impossível ofender a ele. E ela teve que admitir que ele era muito bonito, de uma forma exótica.

Eventualmente, eles chegaram a um acordo provisório. O valor era de

sessenta e seis mil, quatrocentos e oito rolos de prata, a ser pago sob a forma de um mandado ao Conselho Silasian. A figura ímpar de quatrocentos e oito bobinas foi atingida quando Selethen reclamou que os Silasians levariam uma comissão do que recebe o valor final. O fato de que a entrega da prata era absolutamente garantida que lhe permitiu dar um pouco de figura. Mas ele ainda se ressentia da comissão.

Ele escreveu o montante final em um pergaminho e balançou a cabeça várias vezes. "Vou considerar isso pela hora seguinte", disse ele.

Levantou-se, oferecendo a mão para Evanlyn para ajudá-la. Mesmo ela que era tão ágil e atlética como uma gata, ela aceitou, desfrutando do contato. Ela viu um ligeiro franzir de Horace quando ela o fez, e sorriu para si mesma. Uma menina nunca pode ter muitos admiradores, ela pensou. Will, ela observou, parecia imperturbável pelo fato de que ela segurou a mão de Selethen um pouco mais do que a cortesia ditava. Mas então, os Arqueiros foram treinados para olhar imperturbável. Ele foi, provavelmente, fervendo com ciúmes, ela pensou.

Os outros se levantaram, bem como, Svengal grunhindo quando ele levantou seu enorme corpo.

"Eu terei você escoltada de volta para a casa de hóspedes" Selethen a disse. "Vou trazer-lhe a minha resposta em uma hora.

Apesar do atraso, ela sabia que o valor seria aceito. Halt tinha dito antes que eles deixaram a pousada que a fachada de considerá-lo de uma hora era simplesmente parte e parcela da negociação dos Arridi.

Ela sorriu e curvou a cabeça. "Obrigado, Excelência. Aguardo a sua decisão."



De volta à pousada, quando eles se sentaram em volta da mesa, no pátio, Svengal balançou a cabeça, impaciente.

"Por que eles têm de passar por todas essas baboseiras?" ele perguntou. "Nós sabemos que eles vão aceitar o acordo. Eles sabem que estamos indo aceitá-lo. Porque não basta dizê-lo e ser feito com ele?"

"É um tipo de elogio" Halt disse a ele. "Ele faz parecer que você dirigiu um negócio tão rígido que não pode aceitar de imediato. Eles têm que parecer relutantes. Eles gostam de sutilezas como essa."

Svengal bufou. Como a maioria dos Escandinavos, ele preferia uma abordagem direta. As sutilezas tortuosas da diplomacia o deixavam frio.

Gilan sorriu. "Eu gostei de sua implicação sutil que nós estávamos de alguma forma envolvidos na invasão."

Halt assentiu. "Você quer dizer que a sua referência a nós sermos "um amigo e aliado"? Foi um belo toque."

Svengal ainda estava irritado com o que viu como um desperdício de tempo. Além disso, ele estava entediado, cansado com o comportamento diplomático e procurando um argumento para passar o tempo.

"Bem, de certa forma, ele está certo. Tudo isso é em parte culpa de vocês, vocês sabem", disse ele.

Halt inclinou-se na cadeira, sobrancelha levantada. "Culpa nossa?"

Svengal fez um gesto vago. "Sim. Afinal, se você não tivesse insistido que deixássemos de invadir seu país, nunca teríamos vindo aqui, em primeiro lugar."

"Perdoe-me se eu discordo", disse Evanlyn. "Você certamente não pode estar tentando nos culpar pelo hábito de Erak de cobrar em terra agitando um machado e pegar tudo o que não está pregado para baixo?" Ela percebeu quando ela disse que poderia parecer um pouco dura, então ela adicionou uma nota de desculpas, "Nenhuma ofensa,

Svengal."

Svengal encolheu os ombros. "Nenhuma tomada. É uma descrição bastante precisa de Erak em um ataque, como uma questão de fato. Mas a questão continua a ser..."

Seja qual for o ponto que poderia ter sido nunca ficou claro, quando um servo apareceu naquele momento, informando-os da chegada de Selethen. O Wakir seguia alguns metros atrás, sorrindo conforme eles se levantavam de suas cadeiras ao redor da mesa.

"Aprovada", disse ele e havia sorrisos por toda a mesa.

"Isso é maravilhoso, Excelência", Evanlyn o disse. "Eu tenho um mandado contra o Conselho Silasian na minha bagagem. Tudo que precisa é o montante ser preenchido e que eu adicione o meu selo. Podemos fazer isso imediatamente. "

Selethen acenou satisfeita. "Sempre que for conveniente, sua Alteza", disse ele. "Não há nenhuma pressa."

Felizmente, não haveria nenhum problema com ambos os lados na compreensão do mandado. As garantias do Conselho Silasian eram bem conhecidas em toda a área e, embora os Araluans e os Arridi usassem uma linguagem diferente na escrita, ambas as nações usavam o mesmo sistema de numeração. O valor acordado e assinado pelo Evanlyn seria inconfundível.

"Eu tenho certeza que Erak não concordaria," Halt disse. "Quando é que seremos capazes de vê-lo e dar-lhe a notícia?"

Selethen hesitou.

"Ah... sim. Vamos trazê-lo para você", ele concordou eventualmente.

"Hoje?" Halt e pediu novamente que houve aquela ligeira hesitação.

"Talvez ele possa demorar um pouco mais do que isso" Selethen disse. Halt olhou-o desconfiado.

"Quanto tempo? ele perguntou muito deliberadamente. Selethen lhe deu seu maior sorriso desarmante. Halt permaneceu resolutamente não-desarmado.

"Quatro dias? Talvez cinco?" Selethen disse.

Evanlyn e Halt trocaram olhares exasperados.

"Onde exatamente ele está?" a princesa perguntou a Selethen. Houve uma aresta de corte definida em sua voz, Will pensou. Selethen pareceu concordar. Seu sorriso desarmante tornou-se um pouco menos confiante.

"Na fortaleza de Mararoc", disse ele. "São quatro dias de passeio pelo interior."



"Quando você estava pensando em compartilhar estas informações com a gente?" A voz de Halt estava incrivelmente calma.

Selethen encolheu os ombros. "Uma vez que a negociação fosse concluída. Eu lhe retirei de Al Shabah três dias atrás, quando o navio de vocês foi avistado. Havia sempre a possibilidade de que nós não pudéssemos chegar a um acordo e, nesse caso, eu queria o prisioneiro onde a sua tripulação não poderia tentar um ataque surpresa para resgatá-lo." Ele olhou para Svengal. "Sem Ofensa".

O Escandinavo respirou fundo e soltou muito lentamente. Ele estava obviamente fazendo um esforço enorme para se controlar.

"Você sabe, um dia desses, eu irei realmente me ofender se as pessoas continuarem jogando esses insultos. E então as coisas vão ficar um pouco feias. Quando nós Escandinavos nos ofendemos, fazemos com um machado de batalha."

Selethen inclinou a cabeça. "Nesse caso, aceite minhas mais profundas desculpas. De qualquer forma, agora que a negociação teve sucesso, vou enviar a palavra a Mararoc e trazer o Oberjarl aqui. Assim que o mandado for selado e entregue a mim."

"Oh, não. Eu não penso assim", disse Evanlyn imediatamente. "Eu não estarei entregando a melhor parte de setenta mil bobinas até eu ver que a mercadoria não está danificada." Por um momento, ela estava prestes a dizer "não ofensa" para Svengal para se referir ao seu Oberjarl como "mercadoria". Mas depois da sua declaração anterior, ela achou mais prudente não o fazer.

Eles haviam chegado a um impasse. Selethen não estava disposto a trazer Erak de volta para a costa até que o dinheiro havia sido trocado. Igualmente, Evanlyn não iria pagar até que ela tivesse provas de que Erak estava ileso. Os dois negociadores entreolharam teimosamente. Will finalmente quebrou o silêncio.

"Porque não vamos à Mararoc buscá-lo?" ele perguntou a Selethen. "A princesa pode tranquilizar-se que Erak está bem e entregar o mandado de lá."

Isso era significativo, pensou ele, que tanto Evanlyn e Selethen olharam imediatamente a Halt por uma resposta. O Arqueiro mais velho estava concordando.

"Eu acho que é uma boa idéia", disse ele. Era um compromisso justo. E, além disso, ele podia ver que não haveria vantagens para viajar para o interior de Arrida. Muito poucos Araluans jamais se aventurou mais de um quilômetro da costa e a sede dos Arqueiros para o conhecimento estratégico era insaciável. Ele olhou para Selethen. "Eu suponho que você vá garantir a segurança da princesa?"

"Nós vamos ter uma escolta de cinquenta dos meus homens", ele concordou. "E minha equipe", Svengal acrescentou "Afinal de contas, nós juramos proteger a princesa."

Desta vez, porém, Selethen não concordou.

"Não", ele disse categoricamente. "Eu não estarei permitindo que uma força armada de Escandinavos vá marchando através de Arrida."

"Há apenas trinta deles," disse Svengal ingenuamente. Selethen sorriu sombriamente.

"Trinta Escandinavos", disse ele, "são o equivalente a um pequeno exército."

Svengal teve que sorrir modestamente para tal avaliação. Selethen mudou seu olhar para Halt.

"Eu não posso permitir isso", disse ele simplesmente.

Halt assentiu. "Ele está certo, Svengal. Você não iria permitir que uma centena de guerreiros Arridi vagueasse pela Escandinávia, iria?"

Svengal mastigava o bigode pensativo e, eventualmente, ele teve de concordar que Halt tinha razão.

O Arqueiro o viu vacilante e acrescentou: "E eu acho que os cinco de nós, juntamente com os cinquenta e guerreiros de Selethen, devem ser suficientes para manter a segurança da Princesa."

Evanlyn tossiu levemente e todos olharam para ela.

"Acho que a princesa", disse ela maliciosamente, "preferiria que se você não discutisse sobre ela como se ela não estivesse na sala." Ela sorriu para Svengal e, em seguida, acrescentou: "Estou feliz por libertar o seu juramento de seus homens para o pouco tempo que nos levará para chegar ao Mararoc."

Então ela virou-se para Selethen.

"Então, quando vamos começar?"



Eles saíram no cinzento pré-amanhecer do dia seguinte. Selethen salientou que os Arridis preferiam viajar nas horas antes do meio dia, altura em que o sol atingiria o seu pleno calor. Nenhum dos Araluans viu nenhum motivo para discordar dele.

A brisa do mar os seguiu pelo primeiro quilômetro ou dois. A manhã era fresca e eles cobriram bastante caminho rapidamente. Selethen tinha fornecido a Evanlyn um cavalo — um da raça local usados pelos guerreiros Arridi. Era mais alto do que os cavalos que os três Arqueiros cavalgavam — ossatura mais fina e mais delicada olhando. Sua pelagem era lisa e curta, em contraste com os pequenos cavalos peludos. Tinha um focinho curto e um rosto bonito inteligente. Obviamente criados para bastante velocidade em tiros curtos, pensava Halt enquanto ele admirava a besta. E, sem dúvida, capaz de lidar com o calor e a secura do deserto.

O líder Arridi tinha oferecido a Horace uma montagem semelhante, mas Horace tinha escolhido ficar com o Kicker.

"Ele conhece os meus modos", disse ele, sorrindo.

Havia uma longa e fina faixa de laranja rastejando acima das colinas baixas no leste conforme eles cavalgaram para o interior. A brisa do mar desapareceu à medida que se afastam da costa, mas o ar ainda estava frio. As noites em claro do deserto permitiam a fuga de calor para a atmosfera, Selethen tinha avisado a eles. Noites eram surpreendentemente frias, enquanto o dia se tornava quente e abrasador.

"Eu pensei que desertos deviam ser completos de areia", disse Horace à Will, examinando a superfície dura, rochosa que estavam passando.

Selethen ouviu o comentário e se virou para ele.

"Você vai ver muito disso quando chegarmos a Depressão de Areia", disse ele. "A terra que estamos atravessando agora é a planície costeira. Então há um cinturão de dunas de areia que se estende por trinta quilômetros antes de chegarmos ao interior. Subiremos algumas centenas de metros do local do Mararoc."

"Então, vamos ver bastane do país", disse Horace alegremente.

Os três Arqueiros trocaram olhares rápidos. Na noite anterior, Halt tinha chamado Will e Gilan para seu quarto. "Esta é uma ótima oportunidade para aprender algo sobre as zonas do interior do Arridi", disse ele. "Após os primeiros poucos quilômetros, o que temos em mapas Araluen são pura adivinhação."

Will e Gilan escutaram ansiosamente. Arqueiros eram obcecados com o

recolhimento de informações e conhecimentos sobre a topografia de um país podem ser vitais se alguma vez houver qualquer confronto futuro com os Arridi.

"Tome nota de todas as características principais da terra — penhascos, montes, picos rochosos, poços. Particularmente poços. Quando descansarmos, anote tudo. Vamos comparar as notas de cada noite, para se certificar de que as mantemos o mais preciso possível. Em seguida, iremos elaborar um plano de progresso do dia. Você dois tem seus Procura-Norte? ele perguntou.

Os dois homens mais jovens com a cabeça. Os Procura-Norte (atuais bússolas) eram tiras magnetizadas de aço fixadas em um recipiente protetor e livre para rodar conforme o campo magnético da Terra ditava. Seu uso e valor inicialmente tinham sido descobertos pelos Escandinavos. Todos os Arqueiros carregavam consigo.

"Então use os" Halt prosseguiu. "Mas tentem ter certeza que Selethen não perceba muito do que estamos fazendo." Selethen não era bobo. Ele viu o olhar rápido que passou entre os três Arqueiros e resolveu ficar de olho neles. Não havia nenhuma animosidade existente entre os seus países. Mas quem sabia quando isso poderia mudar?

O olhar brilhante do sol tinha deslizado por cima do aro da terra agora — uma grande bola vermelha subindo para o céu. Interessava Will que nesta altura do dia era possível perceber o movimento do sol. Um momento era apenas abordar o horizonte, próximo estava subindo livremente. E seu calor já estava começando a morder, dissipando o frio remanescente da hora escura.

"Não gosto da aparência disso" Svengal murmurou. Ele estava montando um cavalo pesado. A delgada raça Arridi teria sido muito leve para carregar seu corpo volumoso durante uma longa viagem. Selethen olhou com curiosidade e o Escandinavo apontou para o sol.

"Quando você vê um nascer do sol vermelho, como esse no mar, você começa a procurar um porto", disse ele.

O Wakir assentiu. "Assim como no deserto. Muitas vezes significa uma tempestade.

Mas nem sempre", acrescentou, dando um sorriso tranquilizador para Evanlyn.

Durante as horas antes do amanhecer, eles tinham montado como um grupo, com os homens de Selethen montando em um anel em torno deles. Agora que a visibilidade melhorou, ele apitou um pequeno apito de prata e as tropas tomaram posições à luz do dia. Um pelotão de cinco cavaleiros tomou a frente até que eles estavam um quilômetro de antecedência — ainda em vista,

mas capaz de dar aviso amplo de qualquer ataque iminente. Eles se espalharam para fora em linha lado a lado, cada homem várias centenas de metros do seu vizinho.

Outros cinco caíram para trás e formaram uma tela semelhante na retaguarda. Os quarenta homens restantes se dividiram em dois grupos de cavalo de cada lado do grupo de comando, uma centena de metros para fora e em caminhos paralelos. Era uma vantagem de viajar em tal país, nu inexpressivo, Halt pensou. Selethen poderia implantar seus homens em um espaço amplo, sem ter que mantê-los amontoados em uma trilha.

A outra característica notável da formação era que impedia os homens de conversar entre si e perderem qualquer possível ameaça. Os cavaleiros nas duas fileiras paralelas estavam todos virados para o exterior, ele percebeu, com os olhos vasculhando o horizonte.

Ele cutucou Abelard de nível com garanhão branco puro de Selethen.

"Esperando problema?" ele perguntou, apontando para a tela escancarada dos homens os protegendo. Selethen encolheu os ombros.

"Sempre espere problemas no deserto. Então, você normalmente não irá encontrá-los." Halt assentiu apreciativo. "Muito sábio", observou ele. "Quem disse isso primeiro?"

Selethen se permitiu um sorriso fino. "Um homem muito sábio, disse ele. "Eu, na verdade."

Ele olhou em volta. Ele podia ver o mais novo dos três Arqueiros fazer uma observação sobre uma pequena folha de pergaminho. Ele estava olhando fixamente para uma colina na distância com uma forma distinta agarrado ao seu pico. Ele decidiu que havia pouco que pudesse fazer para parar esta atividade.

Ele percebeu que Halt estava fazendo outra pergunta.

"Você mencionou os Tualaghi" o Arqueiro disse. Ele acenou com a cabeça de forma significativa para a tela de proteção em torno deles. "Eu ouvi que você os mantinha muito bem sob controle."

Selethen balançou a cabeça, exasperado. "Ninguém pode manter sob controle os demônios por muito tempo. O que você sabe deles?"

Halt encolheu os ombros. "Eles são invasores. Bandidos. Assassinos" disse ele.

Selethen acenou sombriamente. "Tudo isso é pior. Chamamos-lhes Os Esquecidos de Deus, os Cavaleiros Azuis-Velados. Eles desprezam a religião verdadeira. Eles adoram demônios e eles estão comprometidos com o assassinato, roubo e pilhagem. O problema é que eles conhecem o deserto com a palma das suas mãos e podem atacar e desaparecer antes que nós tenhamos a

chance de revidar. Eles não têm nenhum sentido de honra e de piedade. Se você não for um deles, você não é humano. Sua vida não vale nada."

"Mas você conseguiu derrotá-los em um estágio?" Halt solicitou.

"Sim. Nós formamos uma aliança com o Bedullin." Selethen viu a questão nos lábios do outro homem e continuou a explicar. "Eles são uma tribo nômade do deserto.

Guerreiros. Independentes e muito orgulhosos. Mas eles são pessoas honradas. Eles conhecem o deserto quase tão bem quanto os Tualaghi e eles se juntaram a nós em uma aliança temporária para os perseguirem."

"Pena que você não conseguiu torná-la permanente", disse Halt.

Selethen olhou para ele. "De fato. Mas como eu digo, os Bedullin são orgulhosos e independentes. Eles são como falcões. Você pode usá-los para caçar com você por um tempo. Mas eles estão sempre a caça realmente para si próprios. Talvez seja hora de eu me aproximar deles novamente para colocar os Tualaghi de volta em seu lugar."

Halt percebeu que o Wakir olhava mais e mais vezes para o horizonte sul. Ele seguiu o olhar do homem e podia ver uma fina linha escura lá.

"Problema?" disse ele. Selethen piscou-lhe um sorriso tranquilizador.

"Talvez. Mas pelo menos os Tualaghi não vão nos preocupar. Eles se movem em grupos de no máximo dez. Cinquenta guerreiros seria uma força muito grande para eles atacarem." "Isso mesmo" Halt murmurou. "No entanto, um homem sábio deve sempre esperar o problema, você não disse?" Inconscientemente, a sua mão tocou a corda do arco enorme pendurado em seus ombros. Selethen percebeu a ação. Ele olhou para o horizonte sul novamente. A linha escura havia engrossado visivelmente. E parecia mais perto. Sua mão foi até o apito de prata dentro de sua camisa.

"Acho que vou chamar os batedores em um pouco mais perto", disse ele. "Invisibilidade pode se tornar um problema muito tempo antes."

Svengal instigou seu cavalo resistente ao lado deles. Ele fez um gesto para a tempestade que se aproximava.

"Viu isso?" ele perguntou, e Selethen assentiu. "Quando somos atropelados por uma delas no mar, é cheia de vento e água e de chuva tão densa que você não pode respirar.

O que há em que um desses?

"Areia", Selethen lhes disse. "Montes e montes de areia."



Havia uma nova urgência em Selethen na forma como os batedores chegaram perto, em resposta ao seu sinal. Ele olhou em volta dos estrangeiros, assegurando que eles estavam todos vestindo a kheffiyeh que ele tinha dado a eles quando eles partiram de Al Shabah. Estas eram as roupas de deserto — essencialmente um quadrado simples de algodão, dobrado em triângulo, então envolto na cabeça de modo que as caudas alongadas pendiam para os dois lados e na parte traseira, proporcionando proteção contra o sol. Eles eram mantidos no lugar por uma bobina de cabo trançado de pêlo de camelo.

Agora, ele rapidamente mostrou-lhes como as caudas alongadas poderiam ser puxadas por todo o rosto, em seguida, rapidamente torcidas umas sobre as outras para cobrir o nariz e a boca do usuário. Era uma forma simples, mas eficaz de proteção da cabeça no deserto.

"Vocês vão precisar deles", disse ele. "Uma vez que a parede de areia nos atingir, vocês serão incapazes de respirar sem eles."

Will olhou para o sul. A fina linha escura que ele havia notado alguns minutos atrás era agora uma faixa de espessura que se espalhava de um lado do horizonte para o outro. Na verdade, ele percebeu, o horizonte parecia ter se aproximado. Ele olhou para o norte para confirmar o fato. A tempestade estava borrando o horizonte para o sul. Era uma cor castanha suja na base, quase preta. E agora ele podia vê-la como torres de milhares de metros no ar, bloqueando o céu. A tempestade estava rapidamente tomando o limite do seu mundo.

Selethen levantou nos estribos, procurando qualquer abrigo disponível.

"Ali". Ele chamou. "Há um barranco raso. O aterro vai nos dar um pouco de proteção".

Ele puxou o seu cavalo em direção ao barranco, uma ravina seca que avançava através do chão duro de pedra. As paredes eram apenas de três metros de altura, mas elas oferecem alguma proteção pelo menos. Eles correram para segui-lo. Ele parou a poucos metros da borda curta para que pudessem passar.

"Meu Deus", disse Horace, "olhe o quão rápido isso se move!"

Eles olharam para cima. O turbilhão marrom de areia agora obstruía completamente a visão para o sul. Não havia nada além da tempestade, e agora eles podiam ver a rapidez com isso estava avançando sobre eles. Ela estava se movendo como o vento, Will pensou. Então ele percebeu, isso era o vento.

Ele olhou para cima e pegou os olhos Evanlyn sobre ele. Eles trocaram um olhar preocupado e ele sabia que ambos estavam pensando a mesma coisa — a tempestade maciça que os tinha varrido para baixo quando eles estavam presos no Wolfwind anos atrás. Ele tentou seu sorriso tranquilizador para ela, mas naquele momento o primeiro sopro da tempestade os atingiu — inacreditavelmente quente e fétida e carregada de invisíveis grãos de areia.

Puxão mergulhou nervosamente quando a areia bateu em seu rosto e nos flancos. Will manteve uma mão firme nas rédeas. Normalmente, Puxão só precisava dele para prendê-las suavemente, mas nessas condições, ele sabia, seu cavalo iria responder melhor ao senso de controle que uma pressão firme daria a ele.

"Relaxe, garoto", disse ele. "É só areia".

O vento era agora uma presença viva em torno deles, lamentando terrivelmente. E a luz estava morrendo. Will ficou surpreso ao descobrir que Evanlyn, a menos de cinco metros de distância, era agora uma sombra, sombria indistinta na escuridão. Os outros não eram claros.

Selethen andava no meio deles e eles se aproximaram mais perto dele para ouvi-lo, os cavalos tossindo e relinchando nervosamente. Ele puxou o protetor de boca do kheffiye e gritou suas instruções.

"Cavalguem baixo no barranco. Desmontem e virem a cauda de cavalo ao vento. Tentem cobrir suas cabeças com seus mantos se você puder. Então nós iremos..."

Tudo o que ele estava indo adicionar se perdeu em um acesso de tosse gigante quando ele desenhrou em um bocado de areia fina voando. Ele dobrou, puxando seu cocar em seu rosto novamente e acenando-os para o barranco.

Halt mostrou o caminho. O senso de pânico de Will aumentou quando ele percebeu que seu mentor estaria fora da vista em poucos metros se ele não tivesse pressa para segui-lo. Ele estava consciente das outras figuras desfocadas perto dele como Gilan, Horace, Evanlyn, Svengal e todos seguiram o exemplo. Mais longe havia formas vagas que se deslocavam na tempestade e ele percebeu estas eram as tropas Arridi movendo para o abrigo.

A sombra escura que era Halt e Abelard parecia afundar-se no chão e ele percebeu que eles deveriam ter atingido a borda do barranco. Puxão os vendo desaparecer, tornou-se nervoso, sentindo que o chão antes dele era inseguro.

Ele relinchou estridente e parou, resistindo aos esforços de Will para ir para frente. O vento estava gritando ao seu redor, aterrorizante em sua intensidade e poder, desorientando o pequeno cavalo. Nunca antes Puxão tinha recusado o comando de Will, mas agora ele se manteve firme. O vento impediu a audição dos tons de voz tranquilizadores de confiança de seu mestre e ele sentiu algum perigo à frente. Ele tinha visto Halt e Abelard desaparecerem e ele foi treinado para proteger o seu mestre em situações como esta. Ele preparava suas pernas e pôs-se rapidamente de cabeça para baixo com os gritos do vento.

Will viu a figura de sombra do movimento Horace passando ele, reconhecível apenas pelo fato de que as mãos no Kicker estavam mais altas do que em Puxão. Alguém passou por ele também. Ele não tinha idéia de quem era. As condições estavam piorando, tão inacreditável quanto possa parecer. O vento era como a explosão de um forno, o ar superaquecido, e os milhões de partículas de areia picadas rasgando em qualquer pedaço de pele exposta. Os grãos abriram caminho para a roupa, embaixo das máscaras de rosto kheffiyehs, em botas, dentro de colares e em qualquer fenda na pele — as pálpebras, orelhas, nariz estava cheias dela e Will tossiu violentamente.

Ele descobriu que a ação de tosse lhe fez inalar mais areia do que ele expulsou, mas era inevitável.

Ele não podia ficar aqui assim, ele percebeu. E ele não podia deixar Puxão. Ele teria que desmontar e levar o pequeno cavalo, esperando que a visão de seu mestre na frente dele iria acalmar seus medos o suficiente para ele se mover. Ele levou um aperto firme nas rédeas e foi para o chão. Normalmente, ele teria confiado que Puxão ficaria parado quando ele desmontasse. Mas ele sabia que o cavalo estava pouco perto do pânico neste gritante e infernal vento carregado de areia.

Ele deslizou o braço direito por força do pescoço de Puxão, acariciando-o e falando com ele, todo o tempo mantendo uma as rédeas firmes com a outra mão. Isso parecia estar funcionando. Os pés apoiados de Puxão relaxaram e ele se permitiu ter poucos passos vacilantes em resposta à insistência de Will.

"Venha garoto, está tudo certo. É só areia". Ele tentou cantarolar as palavras tranquilizadoras mas ele estava assustado com o som da sua própria voz, que saiu como um seco e vacilante 'croak'. Ele duvidou que o cavalo pudesse ouvi-lo, mas ele sentiu que o contato de seu braço direito e a proximidade do seu corpo estava mantendo o pequeno cavalo sob controle.

Ele abaixou conforme ele conduzia Puxão para frente, tentando ver o ponto onde o terreno descia para o barranco. Era tudo o que ele podia fazer no solo entre os restos da tempestade. Ele olhou para o rosto de Puxão uma vez.

Os olhos do pequeno cavalo estavam fechados apertados contra o vento. Tinha areia fina e crosta de poeira sobre a umidade em torno das órbitas dos olhos e pálpebras.

Onde diabo estava aquele barranco? Ele tropeçou frente, inábil com o peso do corpo resistente relutante de Puxão. Ele puxou as rédeas firmemente e o cavalo cedeu um pouco, indo mais três hesitantes passos em frente. Ele percebeu que o instinto de Puxão era virar a cauda ao vento, protegendo os olhos e as narinas das chicotadas de areia. Mas ele tinha que continuar forçando o pequeno cavalo pouco para frente para o abrigo exíguo oferecido pelo barranco do wadi. Ele tinha um sentido que não, a tempestade ainda não tinha atingido o seu pico.

Areia bateu em seus olhos, cegando-o, e ele lançou-se em volta do pescoço de Puxão por um momento para tentar limpá-las claramente. Foi um esforço inútil. Ele suspirou e balbuciou, cego e sufocado pela tempestade. Ele puxou as rédeas mais uma vez e deu um passo à frente, a cabeça curvada contra as trevas gritando ao seu redor.

E sentiu seu pé cair no espaço vazio.

Fora de equilíbrio, ele estava à beira da margem do barranco, balançando seu braço livre no ar para tentar recuperar sua posição. Seu braço girando atingiu Puxão no nariz e o pequeno cavalo recuou surpreso e em alarme, sem sentido pela areia ao redor dos olhos e não viu que o golpe tinha vindo.

Will começou a cair e se jogou desesperadamente para trás da borda do barranco.

As rédeas perderam aderência quando Puxão empurrou afastando, apavorado com o barulho estrondoso do vento, assustado com o golpe, súbito e inesperado em seu focinho e em pânico com a perda de contato com seu mestre. Cego pela areia, ele instintivamente cavalgou para longe do vento, em busca de algum sentido de Will na tempestade próxima a ele. Mas os seus sentidos, normalmente tão fortes e muito bem afinados, estavam amortecidos pelo todo-penetrante grito da tempestade, o calor e a areia voando chicoteando. Ainda tentando fazer algum contato com Will, ele tomou um passo, depois outro, relinchando estridentemente em alarme. Mas ele já estava indo na direção errada.

Will se debateu a seus pés. Ele tentou chamar seu cavalo, mas sua voz era quase um ‘croak’ agora. Ele pensou — pensou — ele podia sentir uma presença na tempestade a poucos metros de distância. Ele tropeçou em sua direção, sabendo que era Puxão.

Mas a forma vaga, nada mais do que uma meio-percebida massa mais

densa nas trevas que o cercava, afastou-se e se perdeu de vista. Ele tropeçou para frente, o vento atrás dele agora.

"Puxão!" ele tentou gritar. Mas o som estava inaudível até para seus próprios ouvidos, abafados pelo grito triunfante do maciço vento. Ele estendeu a mão, mas, tocou nada além de areia voando.

Então, milagrosamente, ele viu uma sombra ameaçadora na massa escura de vento e areia e detritos.

"Puxão!" ele engasgou. Mas uma mão agarrou a gola do casaco e puxou-o para frente. Vagamente, percebeu que ele estava cara a cara com Selethen.

"A ... baixe!" o Wakir gritou para ele, arrastando-o para o chão áspero. Will lutou contra o punho de ferro.

"Cavalo..." Ele conseguiu forçar a palavra para fora. "Meu cavalo..."

"Deixe... ele!" Selethen falou devagar e deliberadamente para que ele pudesse ser ouvido acima da tempestade. Agora ele estava exortando seu próprio cavalo, treinado e habituado a estas condições, de joelhos, todo o tempo retendo Will com a mão livre. O cavalo Arridi abaixou, por seu lado, a cabeça enrolada em volta do abrigo de seu próprio corpo. Will sentiu um pé escorregar entre seus pés para pegar ele e ele Selethen e caíram ao chão em conjunto, o Arridi arrastando-o para o abrigo escasso fornecido pelo corpo do cavalo.

"Puxão!" Will gritou, o esforço queimando a garganta seca de agonia. Selethen estava atrapalhado com seu manto, tentando arrastá-lo sobre suas cabeças para protegê-los da areia. Ele se inclinou para falar diretamente no ouvido de Will.

"Você vai morrer lá fora!" gritou ele. "Você nunca vai encontrá-lo agora. Tente fazer isso e você vai morrer! Ele se foi! Entendeu?"

Entorpecido, Will percebeu que ele estava certo. Ele não teria nenhuma chance de encontrar seu cavalo no cegante redemoinho de areia que os rodeava. Ele sentiu uma grande facada doer no coração ao pensar em seu cavalo — sozinho e aterrorizado em todo aquele horror — e ele chorou copiosamente, grandes soluços que soltavam e estremeceram todo o corpo inteiro.

Mas não havia lágrimas. O calor e a asfixia, areia e poeira negaram-lhe mesmo esse pequeno conforto.



A tempestade passou por cima deles. Will não tinha idéia de quanto tempo ela os agrediu, gritou para eles, os torturou. Devem ter sido horas. Mas, eventualmente, ela passou.

Enquanto ela se enfurecia ao redor deles, era como se seus sentidos desligaram então ele estava consciente apenas dos gritos, atormentadores da voz do vento. No silêncio repentino que saudou sua passagem, ele tomou conhecimento de outras sensações.

Havia algo pesado atravessando suas pernas e corpo, e na parte superior do manto que Selethen tinha puxado sobre suas cabeças. Ele sentiu Selethen movendo e ele contorceu, lutando contra o comprimido peso também, percebendo que era de areia empilhada sobre eles, jogada lá pelo vento furioso.

Selethen tossiu ao lado dele e conseguiu jogar um canto da capa clara. Areia suja amarelo-marrom em cascata sobre os dois. Will rolou nas costas e empurrou o manto longe de seu próprio rosto, conseguindo olhar para si mesmo.

Não havia nenhum sinal de seu corpo ou nas pernas. Não era nada mais que um surto de areia coberta. Ele se esforçou para sentar-se, jogando areia longe de sua parte inferior do corpo com as mãos. Ao lado dele, ele estava consciente de Selethen fazendo a mesma coisa.

A terra parecia mover-se atrás dele e ele girou ao redor assustado, a tempo de ver o cavalo de Selethen rolando e levantando-se. O garanhão ficou em duas patas fazendo um peso enorme de areia cair perto dos dois homens que tinham se protegido nele. Em seguida, de pé, o cavalo sacudiu-se vigorosamente e mais sujeira voou.

Will levantou-se para trás no espaço livre deixado pelo corpo do cavalo e sentiu as pernas ficando livres. Com um último esforço, ele quebrou a aderência da areia e cambaleou aos seus pés.

Abaixo deles, no leito do barranco, os outros estavam fazendo o mesmo. Ele podia ver o movimento nas linhas de areia empilhadas que marcavam onde os outros tinham se abrigado. Então, a superfície da areia soltou em uma

contagem de pontos, como se em resposta a algum terremoto de menor importância, e os corpos começaram ficar claros. Protegidos pelo banco, os outros tinham se saído melhor do que ele e Selethen. A cobertura de areia que se estendia entre eles não era tão profunda ou pesada. Mas ainda foi preciso algum esforço para ficarem limpos. Os cavalos, capazes de ficar de costas ao vento e protegidos pelo barranco, estavam em melhor condição. Pelo menos eles não estavam metade enterrado.

Ele olhou em volta na cara do Selethen. Estava revestida e incrustada com a muita areia amarela. Os olhos, ressecados e doridos, pareciam como buracos em uma máscara grotesca. Will percebeu que ele não deveria estar melhor. O Wakir sacudiu a cabeça cansada. Ele pegou a garrafa de água na sela do cavalo, molhou o fim de sua kheffiyeh, e começou a limpar a areia entupida longe dos olhos do animal, cantando baixinho para ele. A visão do cavalo respondendo com confiança as instruções de seu cavaleiro trouxe uma realização horrível de volta à Will e ele olhou em volta freneticamente, esperando contra toda a esperança que ele iria ver um outro surto na areia — uma corcova que iria resolver-se na forma peluda de Puxão enquanto ele lutava para se levantar. Mas não havia nada.

Puxão tinha ido embora.

Ido a algum lugar na terra inculta do deserto. Will androu poucos passos de distância da extremidade do vale, e tentou chamar o seu nome. Mas a garganta seca e com areia derrotou o esforço e nenhum som saiu. Uma mão tocou seu ombro e ele se virou quando Selethen deu a garrafa de água para ele. Ele tomou um gole, lavou e cuspiu. Em seguida, outro, sentindo a umidade quente embeber os tecidos moles da garganta.

Ele percebeu que Selethen não tinha bebido ainda e entregou a garrafa de água de volta para ele, viu quando ele enxaguou, cuspiu, em seguida, tomou um gole ou dois si mesmo. Finalmente, ele abaixou a garrafa.

"Você...está...bem?" perguntou ele hesitante. Will balançou a cabeça, apontando vagamente para o deserto para trás.

"Puxão", disse miseravelmente. Então ele não pôde dizer mais nada. Ele ouviu botas escorregando e deslizando na areia e se virou para ver Halt escalar cansadamente até o barranco. Seu rosto estava coberto e amarelo-crostado também. Seus olhos estavam avermelhados e doloridos.

"Você está bem?" ele repetiu a pergunta de Selethen. Então, seus olhos correram de um lado para outro e um olhar horrorizado veio sobre o rosto. "Onde está Puxão?" perguntou ele com medo. Will inclinou a cabeça a ele, sentindo as lágrimas tentando se formar. Mas, como antes, seu corpo não tinha

umidade para lhes permitir.

"Foi", disse ele amargamente. Ele conseguiu apenas uma sílaba. Ele acenou com a mão para o deserto.

"Foi?" Halt o ecoou. "Foi onde? Como?"

"O cavalo entrou em pânico e se soltou no vento", Selethen o disse. Will olhou para Halt, os olhos assombrados, sacudindo a cabeça.

"Eu o perdi!" ele deixou escapar. "Eu larguei as rédeas! A culpa é minha...minha culpa!"

Ele sentiu os braços Halt irem ao redor dele, sentiu-se puxado para o abraço do homem mais velho. Mas não havia nenhum sentimento de conforto para Will. Não havia nenhuma maneira que qualquer um pudesse diminuir a dor que ele sentia. Seu cavalo, seu amado Puxão, tinha ido embora. E ele tinha sido aquele que largou as rédeas do pequeno cavalo. Ele tinha falhado com Puxão quando seu amigo estava em pânico e com medo e quando mais necessitava de ajuda e apoio de seu mestre.

E, finalmente, as lágrimas vieram, estrias correndo através da poeira amarela, que cobria seu rosto quando ele colocou a cabeça no ombro de Halt e chorou copiosamente. Vagamente, ouviu as vozes dos seus amigos quando eles se reuniram em torno, as questões que estavam perguntando e terrivelmente, a resposta final, horrível que Halt lhes deu.

"Puxão se foi"

Três palavras. Três palavras que os silenciaram imediatamente. Gilan, Horace e Evanlyn sabiam o quanto o pequeno cavalo significava para Will. Eles sabiam da relação especial que se formou entre o Arqueiro e seu cavalo. E enquanto Svengal realmente não poderia apreciá-la, ele equiparou ao sentido do sofrimento que um Escandinavo sentiria a perda de seu navio e ele entristeceu por seu amigo.

Vagamente, Will ouviu as expressões de descrença com a notícia terrível. Um Arqueiro e seu cavalo eram mais do que apenas cavaleiro e montaria. Todos sabiam disso. Um Arqueiro era ligado com o seu cavalo desde os primeiros dias de sua aprendizagem e eles aprenderam suas habilidades especiais em conjunto.

Selethen observava, sem compreender. Como todos os Arridi, ele adorava cavalos. Mas ele sabia que em uma terra dura como esta, as perdas eram inevitáveis. Membros quebrados, a sede, o sol, os leões do deserto e as cobras de areia que se escondiam em qualquer canto úmido ou sombreado, todos poderiam matar um cavalo em um instante. Essas perdas eram lamentáveis. Mas elas tiveram de ser suportadas. Ele olhou para o sol, agora já havia passado

do meio-dia.

"Vamos descansar por algumas horas", disse ele. "Nós vamos continuar esta tarde quando esfriar."

Ele ordenou a seus homens para acender um fogo e fazer café. Ele duvidou que alguém teria apetite para uma refeição após a provação eles viveram. Mas o café iria restaurá-los, ele sabia. Ele observou que o Arqueiro mais velho levou seu aprendiz longe, encontrou um pedaço da pouca sombra debaixo do barranco e o abaixou para sentar-se.

A Princesa e o jovem guerreiro foram para abordá-los, oferecendo conforto, mas o velho os acenou para que não viessem. Agora não era o momento.

O menino estaria esgotado, Selethen sabia. Todos eles estavam. Uma tempestade como a que tinha passado por eles permitia nenhum descanso para ninguém pega nela. Os músculos, os nervos, a mente estava tenso ao ponto de ruptura. O medo era esmagador, principalmente para alguém que nunca havia passado por uma tempestade de areia antes. O esgotamento físico e emocional foram devastadoras.

O outro Arqueiro, a quem chamavam Gilan, moveu-se para onde as tropas estavam acendendo o fogo. Ele esperou até que o café estava pronto e, em seguida, pegou um copo para a forma encolhida sob o barranco. Agachou-se junto ao jovem e segurou o copo para ele.

"Aqui, Will," ele disse suavemente. "Beba isto."

Will acenou debilmente o copo para longe. Ele estava mergulhado na miséria. Gilan empurrou para frente novamente, com mais força, empurrando-o para ele.

"Você vai precisar disso", disse ele. "Você vai precisar de sua força, se nós estamos indo encontrar Puxão."

Halt olhou para ele, espantado com as palavras.

"O que você disse?" ele exigiu, mas Gilan estava imperturbável pela pergunta.

"Eu vou com ele", respondeu ele. "Nós vamos encontrar Puxão."

Pela primeira vez, Will levantou a cabeça, tomando o copo e olhou para Gilan. Havia uma faísca muito tênue de esperança em seus olhos. Muito fraca, Gilan viu, mas presente.

Halt levantou abruptamente, pegando o braço de Gilan e levantando-o. Ele levou o jovem Arqueiro a poucos metros de distância.

"O que você está falando?" ele disse em um tom baixo. "Puxão está desaparecido. Ele está morto."

Gilan sacudiu a cabeça. "Nós não sabemos disso. Ele pode estar perdido, mas como você pode dizer que ele está morto?"

Halt levantou as mãos num gesto perplexo, apontando para os montes de areia arrastados pelo vento ao seu redor. "Você acabou de passar por essa tempestade com a gente?" ele perguntou.

Gilan assentiu com calma. "Sim. E eu sobrevivi. Assim Blaze. Parece-me que você está sendo um pouco precipitado ao assumir que Puxão está morto. Os cavalos de Arqueiro são uma raça forte."

Halt admitiu o ponto. "Tudo bem. Vamos supor que você está correto. Ele está vivo. Mas, ainda assim, ele está perdido em algum lugar lá fora. Só Deus sabe onde."

"Perdido," Gilan repetiu. "E perdido pode ser encontrado. Temos que aproveitar a oportunidade. Você faria isso se Abelard estivesse perdido", ele acrescentou e Halt, que estava a responder que a tarefa era sem esperança, deteve-se. "Eu irei com ele. Dê-nos dois dias. Ou nós encontramos Puxão nesse tempo ou iremos apanhar você em Mararoc."

"Não Gil. Você não está vindo. Eu vou sozinho."

Ambos os homens se viraram, surpresos com o som da voz de Will. Tanto a convicção em suas palavras quanto as próprias palavras que os surpreendeu. Will, devastado com o sofrimento de alguns minutos atrás, já tinha um raio de esperança entregue a ele. E ele agarrou-a avidamente.

"Não podemos enfraquecer escolta Evanlyn de qualquer outra. Todos fizeram um juramento ao rei para protegê-la", disse ele. "De todos nós, eu sou o único que poderia ser dispensável, então eu vou sozinho. "Além disso," ele adicionou, "eu perdi e cabe a mim encontrá-lo."

"Não seja ridículo!" Halt disse bruscamente. "Você é um menino!"

O rosto de Will, com poeira e lágrima manchada, definiu em linhas teimosas quando ele enfrentou seu mestre, o homem que ele respeitava e venerava acima de todos os outros. Ele respirou fundo para falar, mas Gilan colocou a mão para detê-lo.

"Will, antes de dizer qualquer coisa, nos dê um momento aqui, por favor", ele pediu. Will hesitou, vendo que a obstinação no rosto de Halt que combinava com seu próprio. Mas Gilan acenou uma vez e ele concordou, voltando a sua posição no barranco.

"Halt", disse Gilan em um tom razoável: "deixe-me colocar um caso hipotético para você. Se Blaze estivesse perdido e eu decidisse ir e encontrá-lo, iria tentar me parar?"

"É clar..." Halt começou automaticamente. Então seu senso de razão se

afirmou. "Claro que não", emendou. "Mas você é um Arqueiro. Will é um menino."

Gilan sorriu para ele. "Você não percebeu, Halt? Ele está crescendo. Ele não é mais o magrelo de quinze anos de idade que você tomou em seus braços. Ele já é um Arqueiro em tudo menos no nome.

"Ele é um aprendiz," Halt insistiu. Gilan sacudiu a cabeça novamente, sorrindo para Halt.

"Você pensa seriamente que ele não vai passar em sua avaliação final? ele perguntou.

"É uma formalidade, e você sabe disso. Ele já é mais capaz e hábil — e inteligente — do que meia dúzia de Arqueiros que eu poderia citar.

"Mas ele é jovem demais para..." Halt não pôde terminar a frase. Ele sabia que o que Gilan estava dizendo era a verdade. A parte lógica do seu cérebro sabia disso. Mas a parte emocional queria proteger seu jovem aprendiz e mantê-lo seguro. Se Will saísse sozinho no deserto, quem sabia que perigos ele estaria enfrentando? Gilan colocou a mão no ombro Halt. Era uma sensação estranha, pensou ele, aconselhar o homem que ele respeitava mais do que qualquer outro.

"Você sabia que o tempo virá quando você terá de deixá-lo ir, Halt. Você pode não estar por perto para protegê-lo para o resto de sua vida. Isso não é o porquê de você ter treinado ele para ser um Arqueiro. Você tentou fazer isso comigo, lembra?"

Halt olhou agudamente depois disso. Gilan ainda estava sorrindo quando ele respondeu à pergunta não-perguntada de Halt.

"Nos últimos meses do meu aprendizado, você começou dar uma de mãezona", disse ele. "Lembre-se que o urso assassino de homens que tínhamos de perseguir? Você tentou me deixar para trás em Redmont sob qualquer pretexto."

Halt franziu a testa, pensando duramente. Ele realmente tinha feito isso? E ele teve que admitir que ele possa ter feito. Ele pensou agora sobre Will e ele concordou com Gilan. O menino — o jovem, ele se corrigiu — certamente seria aceito como um Arqueiro de pleno direito dentro de alguns meses. Não havia nada para ele aprender. A avaliação era apenas uma formalidade.

"Você confia nele com sua vida, Halt?" Gilan interrompeu e Halt olhou para ele.

"Sim," ele disse calmamente. Gilan acariciou seu ombro mais uma vez.

"Então, confie nele com a própria vida dele", ele disse simplesmente.



Will selecionou um cavalo entre os dez reservas que viajavam com sua escolta. Ele era malhado e o menor dos cavalos Arridi. Foi uma escolha inconsciente, e depois percebeu que ele tinha, provavelmente, pego um pequeno cavalo para fazer-se sentir mais em casa.

"Seu nome é Flecha," o mestre de cavalos Arridi disse a ele. Ele sorriu para o arco enorme pendurado no ombro de Will. "Uma escolha apropriada. E uma boa. Você tem um olho para cavalos."

"Obrigado," Will disse, pegando a rédea do cavalo e dando as cintas um puxão experimental. Ele tinha sido ensinado a nunca confiar no julgamento de outras pessoas quando se tratava da aderência de um cavalo. O Arridi olhou com aprovação. Ele não estava insultado pela ação.

Havia duas garrafas de água cheia atiradas sobre o arco da sela e uma pequena barraca e cobertor enrolados e presos por trás da sela. O próprio equipamento de camping de Will tinha desaparecido na tempestade com Puxão. Ele levou Flecha de volta ao pequeno grupo dos seus amigos, à espera da despedida dele. O cavalo resistiu no início, voltando-se para seus próprios camaradas familiares e relinchou. Então, quando Will puxou firmemente no freio e falou de forma encorajadora para ele, ele seguiu obedientemente.

Horace apertou a mão de Will em silêncio, em seguida, pegou a rédea do cavalo enquanto Will deu a volta ao grupo, fazendo sua despedida. Evanlyn abraçou, com lágrimas nos olhos.

"Boa sorte, Will," ela sussurrou em seu ouvido. "Fique seguro. Eu sei que você vai encontrá-lo."

Gilan apertou as mãos firmemente, olhando nos olhos de seu amigo com uma expressão preocupada no rosto.

"Encontre-o, Will. Eu queria estar com você."

Will balançou a cabeça. "Nós já passamos por isso já, Gilan. Ele não entrou em detalhes sobre o ponto, porque ele sabia que se Evanlyn soubesse que ele estava indo sozinho para que ela estivesse mais segura, ela iria se opor ferozmente. E Evanlyn se opondo não era algo que ele queria tratar agora.

Svengal estava próximo. Ele pegou o pequeno Arqueiro em um abraço de urso típico Escandinavo. "Viaje com segurança, o menino", disse ele. "Encontre esse cavalo e volte para nós."

"Obrigado, Svengal. Apenas certifique-se que você não perca tempo libertando Erak. Tenho certeza que ele é um prisioneiro impaciente."

Um sorriso tocou o enorme rosto espancado do Escandinavo. "Nós poderíamos estar fazendo um favor a seus carcereiros quando tudo estiver dito e feito", respondeu ele. Will sorriu e virou-se, finalmente, para Halt.

Quando chegou o momento, não havia nada que qualquer um deles poderia dizer, e ele abraçou o Arqueiro de barba grisalha ferozmente. Finalmente, ele encontrou sua voz.

"Eu estarei de volta, Halt. Com Puxão."

"Esteja certo disso."

Will achava que havia uma pausa na voz de Halt, mas depois decidiu que ele deve ter sido enganado. Halt? O Severo, sisudo, Halt sem emoção? Nunca.

Ele e seu mentor bateram uns nos outros para trás várias vezes — a maneira que os homens fazem quando não conseguem encontrar palavras para expressar suas emoções. Então, ele voltou quando Selethen chegou. O Wakir inspecionou o cavalo e o equipamento pendurado sobre ele e balançou a cabeça em aprovação. Então ele estendeu um pergaminho enrolado.

"Este é um mapa da área, marcando os poços, marcos e também o caminho para Mararoc." Ele hesitou. Ele passou os últimos quinze minutos copiando seu próprio mapa, e ele sabia o que esse valioso documento estratégico poderia ser nas mãos de um estrangeiro. "Eu tenho sua palavra de que você nunca vai tentar reproduzir este ou copiá-lo de alguma forma?"

Will assentiu com a cabeça. "Minha palavra de honra", disse ele. Essa tinha sido a condição sob a qual Selethen havia concordado em fornecer-lhe um mapa.

"Você tem certeza que você será capaz de encontrar sua direção?" Selethen perguntou. Will tocou túnica para se certificar que seu Procura-Norte (atual bússola) estava fixado no seu bolso interno. A agulha magnética era algo que o Arridi não sabia nada sobre. Eles navegaram pelas estrelas durante a noite e por um complicado conjunto de tabelas relacionadas com o movimento do sol, altitude e posição durante o dia em diferentes épocas do ano.

"Eu vou ficar bem. Obrigado, Selethen."

O Arridi assentiu. Ele ainda considerava que isso era uma confusão desnecessária para ir por um cavalo. Mas ele percebeu que esses Araluans se sentiam muito diferentes sobre suas montarias.

"Provavelmente, o seu cavalo teria corrido com o vento por trás dele. Isso significa que ele estava indo um pouco ao norte ou nordeste." Ele abriu o mapa e indicou a direção. "Isso deve levá-lo através das Montanhas Vermelhas aqui. Ele apontou para uma seção de terreno montanhoso no gráfico. "Há dois poços do outro lado da serra. Os cavalos podem cheirar água a uma grande distância. Se seu cavalo pegou o aroma, ele poderia estar em um deles. Você deve atingir este aqui até amanhã à tarde."

Devido à diferença de linguagem escrita, marcas como os poços foram desenhados como ícones no mapa. Will acenou compreendendo.

"Meu palpite é que, se ele encontrasse água, ele ia ficar perto dela. Se ele não estiver lá, eu não posso recomendar o que fazer a seguir", disse Selethen. Will não disse nada, estudando o mapa, então olhou para cima dele para o espaço vazio para o norte.

"Acenda um fogo durante a noite. Há leões no deserto e o fogo irá mantê-los longe. Você vai saber se houver um por perto." Ele olhou para o cavalo malhado. "Flecha irá lhe dizer com rapidez suficiente. Ele é o que o leão vai estar caçando."

"Alguma coisa, além disso, para ficar preocupado?" Will perguntou.

"Cobras de areia. Elas são mortais. Elas procuram por sombra e umidade — tal como todas as coisas vivas do deserto. Eles se misturam com a areia e você não sabe que há uma em volta até ela se erguer. Quando isso acontece, você tem menos de dois segundos antes que ela atinja."

"E o que devo fazer se for mordido?" Will perguntou. Selethen balançou a cabeça lentamente.

"Você morre", disse ele.

Will levantou uma sobrancelha. Isso não era exatamente a resposta que ele estava procurando. Ele apertou as mãos de Selethen, rolou o mapa e enfiou-o dentro de sua jaqueta.

"Obrigado, Selethen. Vejo você em poucos dias." Selethen tocou a mão à boca, testa e boca.

"Espero que o deus das viagens deseje assim", disse ele.

Will virou-se para os outros, forçou um sorriso e tomou a rédea de Flecha de Horace.

"É melhor eu ir", disse com alegria simulada. "Não é possível manter as cobras de areia esperando."

Ele balançou facilmente na sela e virou a cabeça de Flecha para o norte, trotando longe do acampamento pequeno no barranco. Quando ele tinha ido uma centena de metros, ele se virou para trás e imediatamente desejou que ele

não tivesse. Ele sentiu um carço enorme de tristeza em sua garganta e no peito, na vista de seus amigos. Evanlyn,

Horace, Gilan e Svengal estavam todos acenando tristemente. Halt não. Ele ficou um pouco distante dos outros, vendo seu aprendiz cavalgar para longe.

Ele continuou a assistir até bem depois que o cavalo e o cavaleiro tinham-se desvanecido na neblina cintilante do deserto.



"Venha, Halt. Selethen diz que é hora de nos movermos."

Gilan colocou uma mão suave no ombro do homem mais velho. Halt permaneceu onde estava quando Will saiu, olhando através da terra de calor cintilante, querendo que seu aprendiz viajasse com segurança.

Ele virou nas palavras Gilan e, finalmente, afastou-se de sua vigília. Ele estava um pouco surpreso e muito emocionado, para ver que Gilan havia selado Abelard por ele. Mas ele era ainda estava com o coração pesado quando ele andou até onde o cavalo esperava.

Abelard e Blaze pareciam sentir a ausência de Puxão também, ele pensou. Em outros cavalos isso poderia ter sido uma ficção. Mas os cavalos Arqueiros, assim como seus cavaleiros, eram uma raça muito unida. E, claro, Abelard e Puxão estavam em companhia uns dos outros a quase cinco anos. Halt sentiu o nervosismo em seu próprio cavalo, o desejo de voltar para o norte, onde ele sentia que seu jovem amigo tinha ido. Ele bateu no nariz macio e falou suavemente.

"Ele vai encontrá-lo, rapaz. Nunca se irrite."

Mas quando ele disse as palavras, Halt desejou que ele mesmo pudesse acreditar nelas. Ele estava preocupado e apreensivo com Will — em grande parte porque seu aprendiz tinha ido a um campo sobre o qual ele, Halt, pouco conhecia. Normalmente, ele teria sido capaz de aconselhar e aconselhá-lo sobre os perigos que poderia enfrentar. Desta vez, ele estava permitindo que ele se aventurasse em um grande desconhecido.

Ele subiu na sela e olhou ao redor do rosto de seus companheiros. Ele viu a sua própria dúvida e preocupação refletida lá e ele percebeu que por causa deles, se nada mais, ele deveria adotar uma postura mais positiva.

"Eu não gosto disso mais do que vocês", ele disse-lhes. "Mas vamos olhar o lado positivo das coisas. Ele está bem armado. Ele é bem treinado. Ele tem um bom cavalo."

Ele é um excelente navegador e ele tem seu Procura-Norte e o mapa de Selethen. O que pode dar errado?"

Seus espíritos levantaram um pouco quando ele listou os pontos positivos. Will era capaz, inteligente e criativo. Qualquer um deles poderia confiar nele para vir em meio de uma crise. Todos eles tiveram, em um estágio ou outro. Havia uma tênue iluminação geral no humor deles quando os batedores Arridi saíram do acampamento.

Mas quando ele virou a cabeça de Abelardo e cavalgou para fora na direção que Will tinha tomado, Halt teve um sentimento persistente de que havia um elemento que tinha deixado de fora de seus cálculos.



Nos próximos dias, Halt teria se vedado ferozmente para o problema que Will estava prestes a enfrentar, e para o perigo que isso seria ao seu jovem amigo. Ele devia ter sabido, ele disse a si mesmo. Ele deveria ter percebido.

Quando Halt pensava sobre isso, com a clareza cristalina que vem de uma visão retrospectiva, ele percebeu que havia passado anos vivendo em um castelo chamado Redmont — ou Montanha Vermelha. Ele era chamado assim porque as pedras que compunham suas paredes maciças davam ao castelo um tom avermelhado na luz da tarde. A pedra era pedra de ferro, e continha uma elevada percentagem de minério de ferro.

Halt sabia que Will iria viajar através de uma área chamada de Montanhas Vermelhas. Em sua própria mente, ele disse a si mesmo que ele deveria ter feito a conexão: pedra de ferro, Redmont, minério de ferro e Montanhas Vermelhas.

As colinas eram, na verdade, depósitos maciços de ferro — tão ricas que às vezes o próprio minério era visível nas grandes veias da superfície. A coloração vermelha era o resultado da formação de ferrugem. O problema para Will era que, enquanto ele cavalgava entre os enormes depósitos de ferro — e alguns dos morros eram quase totalmente compostos de minério de ferro — sua agulha magnética do Procura-Norte iria desviar do campo magnético da Terra, uma vez que era atraída para o metal ao redor dele.

Selethen sabia do ferro, é claro. A maior parte do ferro e do aço que os Arridis utilizavam era extraída a partir desta área — principalmente porque era de tão fácil acesso, sem necessidade de poços profundos ou equipamentos complicados. Mas o Arridi nada sabia sobre o segredo dos Procura-Nortes e os três Arqueiros tiveram o cuidado de mantê-los escondidos. Então Selethen não tinha nenhuma maneira de saber que a navegação seria severamente afetada pelo ferro quando sua agulha desviasse de um caminho, depois do outro.

Entre eles, os dois homens tinham o conhecimento de que poderiam ter mantido Will seguro. Mas nenhum deles percebeu, então nenhum deles disse nada.

Ele poderia ter se tornado aparente à Will, se ele simplesmente andava

com os olhos colados ao Procura-Norte. Se fosse esse o caso, ele poderia muito bem ter percebido que de vez em quando a agulha balançava e afastava-se descontroladamente. Mas não foi assim que ele foi treinado para navegar através do país. Afinal, não se pode andar pelo território potencialmente perigoso olhando para uma agulha magnética.

Em vez disso, Will iria se controlar e manter o Procura-Norte ao nível dos olhos até a agulha resolver a sua posição final. Então ele iria girar o anel graduado da borda do Procura-Norte até que a agulha coincidisse com a marca N. Então, olhando através da abertura de vista ao lado, ele teria sua linha visual com a marcação NE, ao mesmo tempo mantendo o Procura-Norte frente a marcação N. Olhando através do site de abertura, ele buscaria uma marca importante, talvez cinco ou dez quilômetros, em seguida, cavalgaria ao nordeste em direção dela. Quando ele chegasse a esse marco, ele iria repetir o processo, encontraria outra marca que se estendia para o norte-leste de sua posição e cavalgaria nesse sentido.

O fato de cada vez que ele passasse por esse processo, ele estaria, de fato, se afastando mais e mais a leste de seu curso desejado nunca ficaria claro para ele.

Se ele tivesse em Araluen, ele poderia ter percebido que a posição do sol não estava muito certa e tornar-se consciente de que havia um problema. Mas ele estava embalado pelo conhecimento de que, neste extremo sul, o sol parece estar em uma posição diferente. Ele confiava no Procura-Norte, como tinha sido ensinado a fazer.

E quanto mais ele cavalgava, o curso tornava-se mais largo.

Uma vez que ele tinha passado através das Montanhas Vermelhas, o problema estaria solucionado e a agulha retornaria a uma posição verdadeira do Norte. Mas até lá o estrago já estava feito e ele estaria a quilômetros de onde ele achava que estava.

Ele tinha descansado durante as horas de meio-dia, como Selethen lhe havia ensinado. Não havia nenhuma sombra a ser encontrada, com o sol quase em cima da cabeça dele e poucas árvores maiores do que um arbusto em qualquer lugar à vista. Ele armou sua pequena tenda de um homem para criar um paraíso de sombra e rastejou para ela, deixando as extremidades abertas para permitir a passagem do ar. Não que houvesse muito movimento no ar do deserto ao meio-dia.

Flecha, infelizmente, teve que aturar o calor direto do sol. Mas o cavalo foi criado para isso.

Sentado de pernas cruzadas sob o abrigo apertado, Will espalhou o mapa

de Seleten e o estudou, talvez, pela décima vez naquele dia.

Ele marcou a sua posição inicial, em seguida, com o dedo indicador, traçou uma linha para o Nordeste, através das Montanhas Vermelhas e na planície árida onde ele estava. Estimativa da distância que ele havia coberto, ele escolheu um ponto no mapa.

"Eu deveria estar ... aqui ", disse ele. Ele franziu a testa, olhando para trás ao longo da faixa norte-oriental. Se fosse esse o caso, ele deve ter visto uma marca importante no final da manhã — uma colina próxima grande achatada a leste da sua pista.

Mas não havia sinal dela. Ele pensou que tinha avistado tal a colina uma hora antes, mas havia sido uma fraca visão cintilante superaquecida a distância. E ela tinha ficado bem a oeste de seu caminho.

Ele poderia ter ido tão longe do curso? Ele balançou a cabeça. Ele tinha sido meticuloso na tomada de seus rolamentos e selecionando as marcas que ele andava em direção. Ele podia aceitar que ele podia estar a várias centenas de metros fora do curso. Mesmo meio quilômetro. Mas em todos os seus exercícios de treinamento de navegação ele nunca tinha cometido erro tão grande.

O morro achatado que ele pensou que tinha visto deve estar a cinco ou seis quilômetros a oeste de onde ele estava agora. Ele bateu o mapa pensativo. Claro, ele disse a si mesmo, poderia ter mais do que uma colina achatada no deserto. Na verdade, certamente teria. Talvez a que Seleten tenha marcado tinha sido desgastada pelo vento e pelo tempo até que sua forma não fosse tão bem definida. Dobrou o mapa e o guardou. Deve ser isso, ele disse a si mesmo. Ele deve simplesmente perdeu ela. Havia outras marcas que ele veria no dia seguinte — uma rocha se equilibrando e uma linha de penhascos íngremes, marcadas com beirais. Ele só teria que manter um olho afiado para encontrá-los.

Ele se sentou pelas próximas horas de calor absurdo. Como o cavalo estava no aberto, ele não tinha idéia. Na verdade, Flecha, treinado para essas condições, tinha encontrado um pedaço de sombra ao lado de um pequeno arbusto. Deitou-se ao seu lado com uma queixa de som, grunhindo. Ele colocou a cabeça, com a sua pele sensível ao redor dos olhos, focinho e boca na parte mais profunda da sombra magra oferecida pelos ramos.

O sol passou seu apogeu e começou a descer em direção à borda ocidental do deserto. Will rastejou cansado para fora da tenda. Ele não poderia dizer que repousou e sentiu-se completamente espremido pelo calor. Ele tinha levado suas duas garrafas de água para a tenda com ele. Se ele tivesse deixado

para fora no sol direto, a água teria aquecido até que estava quente demais para tocar. E poderia até ter evaporado através da garrafa, que jamais poderia ser completa novamente.

Havia um balde de couro amarrado dobrado em sua albarda e ele o desatou agora, abrindo-o aberto. Flecha ouviu o barulho e se esforçou para levantar, balançando-se para limpar a areia saturada do casaco. Ele caminhou pacientemente até onde Will estava cuidadosamente colocando água de uma das garrafas no balde. Will ficou impressionado ao ver que o cavalo não fez nenhuma tentativa de beber antes que ele levasse a água para a boca do cavalo.

Conforme Flecha começou a beber ruidosamente na água, Will encontrou-se lambendo os lábios em antecipação. Sua boca e língua estavam grossas e grudadas e ele estava com saudades de beber ele mesmo. Mas ele tinha sido treinado a cuidar de seu cavalo primeiro e esperou até Flecha acabar de beber antes de levar a garrafa de água para sua própria boca. Ele tomou um longo gole, segurou-o na boca, moveu a água na boca, então a deixou gotejar lentamente em sua garganta. A água estava quente e tinha um gosto amargo, de couro da garrafa de pele na água. Mas era como néctar, ele pensou.

Ele permitiu um último gole gotejar para baixo de sua garganta, pensou em tomar outra bebida, resistiu o pensamento e forçou a tampa.

Ele ficou impressionado com o fato de que Flecha tinha bebido o que estava no balde e se movido a poucos passos de distância. Qualquer outro cavalo, mesmo Puxão, teria cheirado em torno de mais. Treinamento Arridi de novo, pensou ele. Conforme ele pegou um saco de grãos de sua alforje e derramou um pouco no balde, ele perguntou o que estava fazendo Puxão, onde ele estava e se estava seguro. Ele colocou o recipiente para baixo para Flecha e ouviu as mandíbulas do cavalo enquanto ele comia.

Will tinha algumas tâmaras e um pedaço de pão achatado. Estava velho e bastante duro, mas ele comeu mesmo assim. Ele não estava nem um pouco com fome, pelo fato de que ele estava no calor do forno do dia. Mas ele sabia que tinha que comer alguma coisa.

Ele tomou outro gole rápido na água. A cabeça de Flecha levantou ao som da rolha sendo removida. Will pensou que ele sentiu um sentimento de reprovação naqueles grandes olhos.

"Você está acostumado a isso. Eu não estou", ele disse ao cavalo. Flecha não parecia impressionado com sua desculpa. Ele colocou seu nariz de volta para baixo dentro do balde, a língua grande procurando os grãos que sobravam no fundo.

Will olhou para o sol e estimava que ele teria mais uma hora ou assim

antes ele tivesse que começar a montar acampamento. Já agora, sua sombra era uma forma ridícula alongada que se estendia para trás dele, ondulante ao longo do terreno acidentado. Ele sabia que Selethen iria começar e terminar sua marcha do dia na escuridão. O Arridi não depende das marcas à distância através da abertura de vista de um Procura-Norte por isso não precisam de luz para viajar.

Will precisava ser capaz de ver — tanto as marcas que marcou ou as características marcadas no mapa. Ele voltou a pensar na colina achatada e sentiu um verme da dúvida preocupante dentro dele. Ele não poderia ter perdido isso, poderia?

Ele selou Flecha, empacotou sua tenda, cobertores e o resto do seu equipamento e amarrou-o por trás da sela.

"Nós vamos cavalgar por uma hora", ele disse a Flecha. O cavalo não estava nem satisfeito ou insatisfeito com a notícia e ficou pacientemente enquanto Will virava-se para a sela. Uma vez lá, ele pegou o Procura-Norte, alinhando-o e olhando através da visão. Um pilar de areia e sal, com cerca de três metros de altura e com cristais brilhando ao sol deu-lhe um ponto de referência conveniente. Ele estalou a língua e instou Flecha a uma caminhada.

Conforme o sol abaixava, a terra a seu oeste tornava-se mais iluminada e indistinta. Ele pensou ter visto a linha de falésias — embora eles pareciam um pouco baixo para descrevê-las como tal. Eram mais de um barranco levantado, ele pensou. E era impossível ver se elas estavam marcadas com cavernas, como o gráfico indicava. O outro barranco estava iluminado pelo sol baixo. Estava bem escuro agora e ele não conseguia ver os detalhes desse. Ainda assim, pensou ele, poderiam ser as falésias marcadas no gráfico. E elas poderiam estar marcadas por cavernas. Ele disse a si mesmo que eram. Elas tinham que ser.

Mas novamente ele sentiu o verme de dúvida preocupante dentro dele.

A bola gigante vermelha do sol estava perto do horizonte quando ele decidiu que era hora de parar. Ele tinha que recolher lenha e ele precisava de luz para isso. Ele prendeu Flecha e caminhou até uma floresta baixa com arbustos secos, puxando a faca Saxônica com a mão direita. Seu arco estava na esquerda e ele usou para agitar violentamente o mato, como ele tinha visto os homens de Selethen fazendo. Cobras de areia espreitavam na sombra de tais arbustos, ele sabia, e tinha a intenção de assustar qualquer uma antes de colocar a mão em uma armadilha de morte em potencial.

Mas não havia nenhuma e ele reuniu um número suficiente de lenha. Os ramos dos arbustos estavam cheios de óleo que iriam queimar com um calor brilhante, seco por um tempo considerável antes de serem consumidos.

Ele construiu o fogo, mas não o acendeu. Então, com a tarefa imediata resolvida, ele tirou a sela de Flecha e empilhou seus equipamentos em um lado. Ele olhou para o céu e olhou para a barraca entre o saco de dormir e a sela.

"Não há necessidade para isso", disse ele finalmente.

Ele estendeu o seu saco de dormir e o cobertor e sentou-se sobre eles, estremecendo quando sentiu varias pedras em seu traseiro. Seu paladar doía por uma xícara de café, mas ele não tinha água de sobra. Ele contentou-se com outro gole de água da garrafa de pele e um punhado de tâmaras. Vendo o olhar reprovador de Flecha, ele levantou-se, gemendo quando os joelhos sofreram a tensão, e moveu-se para alimentar e dar água ao cavalo.

O sol finalmente desapareceu e calor o dia começou a sair do deserto. À meia-noite, o deserto estaria perto de zero, ele sabia. Ele checkou onde Flecha estava preso, então voltou para o seu saco de dormir. Ele estava exausto. O calor do dia tinha sido uma força palpável e parecia ter batido contra o seu corpo, deixando-o se sentindo golpeado e desgastado. A escuridão cresceu e as estrelas começaram a surgir acima dele.

À medida que mais e mais deles piscavam, ele deitou-se com um braço atrás da cabeça, para estudá-las. Normalmente, ele encontrava nas estrelas uma visão acolhedora. Mas não hoje. Hoje à noite seus pensamentos estavam em Puxão perdido em algum lugar neste deserto impiedoso. E com Halt e os outros, longe ao sudoeste. Ele pensou, infelizmente, sobre a conversa animada pelo fogo do acampamento, e xícaras de um doce café. Ele lambeu os lábios.

Mesmo as estrelas não eram conforto para ele. Elas eram estranhas. Frias e impiedosas e desinteressadas por ele e sua situação. As constelações familiares das latitudes do norte estavam faltando aqui. Quando ele olhou ao redor, ele podia ver uma ou duas delas, baixo no horizonte norte.

Mas essas estrelas do deserto estrangeiro não lhe davam conforto.

Flecha se agitou e, ao longe, Will ouviu um baixo, grunhindo de tosse. Ele sabia que era o som que um leão tinha feito. Ele teria esperado um rugido majestoso, de tremer a terra. Mas este ronco asmático de tosse era a realidade. Ele olhou para o cavalo. Flecha estava reto, orelhas em pé, os olhos mostrando um monte de branco.

"Melhor acender uma fogueira," Will disse com relutância. Ele levantou dolorosamente, moveu-se para o fogo e passou a trabalhar com pedra e aço. Dentro de alguns minutos ele tinha um pequeno fogo queimando brilhante. Ele levou Flecha um pouco mais perto dele. O cavalo moveu-se desajeitadamente com sua trava, mas Will não correu o risco de removê-las e perdê-lo.

"Calma," disse ele. Depois de alguns minutos, Flecha teve calma. Sua

cabeça pendia novamente, seus ouvidos relaxaram.

Will esticou e puxou o cobertor em torno de seu queixo. Acostumado a dormir quando surgia a oportunidade, ele dormiu de primeira.

A lua tinha subido quando o relincho assustado de Flecha o acordou. Por um segundo ou dois, houve um terrível sentimento de desorientação quando ele perguntou onde ele estava. Então ele se lembrou e levantou, seu arco em uma mão e uma flecha na outra, os olhos buscando as trevas espessas em torno deles.

Ele ouviu o grunhido de tosse novamente e parecia que ele poderia estar um pouco mais perto. Ele agitou o fogo, acrescentou alguns ramos a mais e sentou-se, de costas contra a sela, o arco entre os joelhos.

Ele engatou o cobertor até os ombros e acomodou-se, resignado com o fato de que ele teria de manter guarda sentado e cochilando irregularmente, enquanto todos os músculos e ossos em seu corpo doíam lhe pedindo para esticar e relaxar.

"Não há descanso para os ímpios", disse ele. Ele sentiu que ia ser uma longa, fria e incomoda noite.



Como Will havia notado a si mesmo, Selethen manteve seu grupo avançando na madrugada de cada dia.

Eles iriam acordar antes do amanhecer, quando a escolta Arridi iria preparar comida quente, fazer café e brindar o pão plano sobre as brasas. Selethen percebeu que a mudança tinha vindo ao grupo de Araluans desde que o Arqueiro jovem havia os deixado dois dias antes. Eles já não faziam piada e riam ao redor da fogueira enquanto bebiam o seu café da manhã. Eles estavam subjugados, preocupados com seu companheiro perdido.

Era fácil perceber nos três membros mais jovens: Horace, a princesa e o Arqueiro jovem, Gilan. Halt, é claro, sempre manteve uma fachada sem emoção. Ele estava de cara amarrada e de poucas palavras a maior parte do tempo. Mas Selethen acreditava que no passar dos dias, a severidade foi um pouco acentuada. Era óbvio que o Arqueiro Will provia o coração e a vida do grupo e os outros sentiam sua ausência dolorosamente.

Não que os dois Arqueiros mais velhos estivessem menos diligentes na observação de seu entorno e tomando notas dissimuladas conforme eles passavam por marcas. Ele tinha certeza de que eles estavam observando e memorizando características importantes para que eles pudessem reproduzir um mapa do percurso de Al shabah para Mararoc. Will poderia ter dado o seu juramento de nunca reproduziria o gráfico que Selethen lhe tinha dado, mas os outros não estavam obrigados a tal promessa. Ele estava preocupado com isso, mas decidiu que havia pouco que pudesse fazer para detê-los.

Para as primeiras horas, na penumbra da madrugada, eles montaram em sua formação usual unida. Então, quando o sol realizou sua chegada espetacular, a tela de cavalaria em torno da parte central moveu-se para assumir a suas posições de viagem a luz.

No segundo dia, algumas horas após o sol levantar, eles chegaram a trilhas do grupo anterior a eles — o grupo que levou Erak como refém para Mararoc. Antes desse ponto, é claro, todos os sinais deixados pelos cavaleiros de antes deles haviam sido destruídos pela tempestade maciça que tinha varrido

sobre o deserto. Agora, eles perceberam, eles estavam a dois dias deles.

"Eles vão estar se movendo mais lentamente do que somos", disse Halt. Ele sabia que Selethen tinha enviado Erak com uma das caravanas que viajavam regularmente entre Al shabah e Mararoc, transportando mercadorias de comércio do litoral para a cidade do interior. Essas caravanas já tinham uma escolta armada e fazia sentido para matar dois coelhos com uma cajadada. Mas, evidentemente, as mulas e camelos pesados carregados de mercadorias retardariam o grupo.

Gilan girou para baixo de sua sela, e se ajoelhou ao lado da marca no chão duro. Ele viu as impressões dos cascos fracas, aqui e lá — praticamente invisíveis para um olho destreinado. De vez em quando havia indícios mais evidentes da passagem do grupo, sob a forma de pilhas de estrume. Gilan cutucou um com um pedaço de pau, quebrando-o para estudar o teor de umidade no interior. Os Arqueiros utilizavam tais pistas para determinar quão frescos as trilhas poderia estar — a umidade no esterco de cavalo ou de seiva no tronco de um galho quebrado agarrado por um animal que passara. Mas eles não estavam habituados ao calor e a secura cegueira do deserto Arridi e o efeito que tinha sobre o conteúdo de umidade.

"É difícil dizer quanto tempo ela tem", disse ele finalmente. Halt encolheu os ombros.

"Isso iria secar muito mais rápido aqui do que mais ao norte. Sabemos que não pode ser superior a dois dias. Foi deixada ali desde que a tempestade passou."

Gilan assentiu. "Você está certo. Mas se eu estivesse vendo isso na nossa terra, eu diria que estava de três ou quatro dias. Isso vale a pena saber para uma referência futura, eu suponho."

Ele se ajoelhou, retirando poeira dos joelhos, e virou-se para a sela de Blaze mais uma vez. Ele olhou para Selethen e viu que o Wakir parou seu cavalo também e estava pressionando os laços que mantinham seu saco de dormir no local por trás da sela. O cavalo Arridi estava virado a quarenta e cinco graus para a direção da viagem e Gilan não tinha dúvidas de que os olhos do líder do Arridi sob a sombra de seu kheffiye estavam trilhados inabaláveis em si mesmo e Halt.

"Ele está nos observando", disse ele calmamente e Halt assentiu, sem olhar na direção de Selethen.

"Ele sempre está. Acho que nós os deixamos nervoso."

"Você acha que ele sabe que estamos mantendo um gráfico da rota?"

"Eu apostaria minha vida nisso", disse Halt. "Não fica muito perto dele."

E aposto que ele está quebrando os miolos para encontrar uma maneira de nos parar."

À medida que eles se afastavam, Selethen parecia terminar de re-amarrar as correias.

Ele tocou seu cavalo com o joelho, voltou ao curso que os batedores haviam estabelecido e trotou para frente.

"O que você acha dele? Gilan perguntou. Desta vez Halt olhou para o alto guerreiro Arridi antes de responder. Ele estava pensando sobre sua opinião, Gilan sabia, pesando até que ele sabia sobre o Wakir com o que sentia sobre ele. Finalmente, Halt respondeu.

"Eu gosto do olhar dele", disse ele. "Muitos desses funcionários locais estão sempre à procura de subornos. A corrupção é quase um modo de vida neste país. Mas ele não é assim."

"Ele é um soldado, não um político", disse Gilan. Ele tinha a desconfiança costumeira que um homem guerreiro tem por políticos e funcionários, preferindo lidar com homens que sabiam o que significava lutar por suas vidas. Esses homens muitas vezes tinham uma honestidade que lhes são inerentes, pensou ele.

Halt assentiu. "É uma boa. Olhe para essa formação que ele tem dentro de nós. À primeira vista, parece que nós estamos disseminados através do deserto como vacas marrons. Mas não podemos ser abordados a partir de qualquer direção, sem os batedores virem alguma coisa."

"Seus homens parecem respeitá-lo", disse Gilan. "Ele não tem que gritar e fazer muito barulho para fazer as coisas."

"Sim. Eu mal o ouvi levantar a voz desde que nós estivemos em marcha. Isso é geralmente um sinal de que os homens acreditam que ele sabe o que ele trata."

Eles se calaram por alguns minutos, ambos estudando a figura de manto branco, cavalgando de modo reto por conta própria, vinte metros à frente deles.

"Não é muito amigável, porém," Gilan, disse, sorrindo. Ele estava tentando manter Halt falando, em uma tentativa de fazer seu antigo professor parar de se preocupar demais com Will, desaparecido em algum lugar desconhecido nos resíduos do deserto. Halt percebeu sua intenção e agradeceu. Conversar com Gilan deu-lhe alguns momentos de descanso da preocupação constante que ele sentia sobre o menino que tinha vindo a significar muito para ele. Sem querer, ele soltou um suspiro profundo. Gilan olhou rapidamente para ele.

"Ele está bem, Halt", disse ele.

"Eu espero que sim. Eu só acho que..."

O que fosse o que Halt pensava se perdeu quando algo chamou sua atenção. Havia uma nuvem de pó se movendo em direção a eles de frente — um dos batedores, ele percebeu, quando ele conseguiu enxergar mais claramente através da refração e viu a figura escura na cabeça da nuvem de poeira, e podia ver os sopros individuais de poeira levantando com cada passo das pernas de seu cavalo.

"O que temos aqui?" ele disse calmamente. Ele tocou Abelard com o joelho e passou a andar ao lado Selethen, Gilan seguia um metro ou mais para trás.

"Mensageiro?" ele perguntou.

Selethen sacudiu a cabeça. "É um dos nossos. Eles devem ter visto alguma coisa pela frente", disse a eles. O cavaleiro estava mais perto e agora eles poderiam ver os detalhes. Ele desviou o cavalo ligeiramente enquanto ele chegou a figura alta do Wakir e montava diretamente para ele.

"Abutres", disse de repente Gilan. Enquanto os outros tinham como objetivo o cavaleiro se aproxima, seus olhos afiados tinham procurado pela frente. Halt olhou para cima, mas agora os olhos de Gilan eram mais jovens do que os dele. Ele pensou que talvez ele pudesse ver pontos pretos circulando no alto do céu à frente deles. Ou poderia ser apenas sua mente dizendo que ele podia vê-los agora que Gilan que tinha dito que estavam lá.

Qualquer dúvida, foi removida quando o cavaleiro se aproximou, controlando seu cavalo em uma nuvem de poeira de deslizamento.

"Excelência, vimos abutres em frente", relatou ele. Selethen esperou. Seus homens eram bem treinados e ele sabia que teria mais para reportar.

"Eu enviei Iqbal e dois homens em frente para reconhecer", continuou o homem. "Nesse meio tempo, eu parei nosso grupo de frente."

Selethen assentiu em reconhecimento. "Bom. Nós vamos continuar até que cheguemos no seu grupo. Até então Iqbal talvez poderá ter algo a comunicar. Volte para o seu posto" ele adicionou. O mensageiro girou seu cavalo, tocando a boca, testa e boca, uma saudação apressada, então bateu em retirada de volta de onde ele veio, levantando mais poeira fina. Selethen olhou os dois Arqueiros.

"Melhor prevenir do que remediar. Esses abutres significam que há algo morto na frente. Não há como saber se o que foi que matou ainda está por aí."

Halt assentiu em acordo. Fazia sentido. O deserto era um lugar perigoso para a viagem, ele percebeu. Selethen era um soldado muito bom para ir continuando despreparado para ver o que atraiu os abutres.

"Há um monte deles", salientou Gilan. "Isso poderia significar que houve uma série de assassinatos."

"Isso é o que eu estou com medo de que seja" Selethen respondeu.



Seus temores eram bem fundados. Eles chegaram até a cena da batalha uma hora depois. Não que tivesse sido muito mais de uma batalha — era mais um massacre. Cavalos, burros, camelos e os homens estavam espalhados pelo deserto, sem vida, rodeados de formas escurecidas manchadas de sangue seco que havia na areia molhada.

Era o grupo comercial de Al shabah, e eles foram aniquilados.

Conforme os recém-chegados estavam entre eles, os abutres pretos pesados deixaram sua festa e subiram preguiçosamente no ar. Halt apontou para Evanlyn e Horace esperarem atrás. Ele e Gilan desmontaram e andaram entre os corpos com Selethen.

Os homens e os animais foram mortos, e em seguida, cortados em uma agitação sem sentido. Havia apenas um corpo morto com apenas uma única ferida. As embalagens de mercadorias tinham sido rasgadas e seu conteúdo espalhado no chão. Qualquer coisa de valor foi levada. Em seguida, os predadores tivessem feito seu trabalho horrível.

"Quando, você acha?" Halt perguntou. Selethen olhou ao redor, seu rosto escuro normalmente impassível estava com raiva e frustração.

"Mais cedo esta manhã, eu diria," ele respondeu e Gilan, ajoelhado ao lado de um dos corpos, confirmou assentindo com a cabeça para Halt.

"Os grandes predadores, os gatos e os chacais, não chegaram ainda," Selethen explicou. "Eles tendem a espreitar na noite, portanto deve ter sido depois do amanhecer de hoje. E os abutres continuavam recolhendo."

Halt tinha andado para longe conforme Selethen estava falando, estudando a cena mais de perto. Selethen olhou para as aves pretas lentamente girando preto por cima deles, andando sem esforço sobre as correntes de ar quente que subia do chão do deserto.

"Qualquer idéia de quem poderia ter feito isso?" Gilan perguntou e Selethen o estudou por um momento, recuperando o controle de suas emoções.

"Os Tualaghi", disse ele brevemente, quase cuspiendo fora a palavra. "Tudo isso..." Ele indicou os corpos cortados. "... é típico de sua obra." Ele balançou a cabeça, perplexo. "Mas por quê? Por que eles atacariam um grupo bem armado? Havia mais de vinte soldados na escolta. Geralmente os Tualaghi

pegam pequenos grupos. Por que isso?"

"Talvez alguém lhes pagou", disse Halt quando ele voltou de sua pesquisa sobre o cenário desolado. O Wakir olhou para ele agora, franzindo a testa.

"Quem? Quem iria pagá-los?" ele desafiou.

"Quem traiu Erak em primeiro lugar," Halt disse a ele. "Dê uma olhada. Não há sinal dele. Quem matou seus homens o levou com eles."



Os erros de Will estavam começando a combinar. Como eles, o perigo aumentava progressivamente.

O primeiro erro, e o que levou a todos os outros, ele ainda desconhecia. Esse era o fato de que na maior parte do primeiro dia, enganado por seu Procura-Norte impreciso, ele tinha viajado muito para o leste de seu curso pretendido. Quando a influência dos depósitos de ferro nas colinas vermelhas estava finalmente para trás, e seu Procura-Norte retornou a uma posição real, o estrago já estava feito. A cada quilômetro, ele estava divergindo mais do curso que ele pensou que estava tomando. Agora ele estava viajando em paralelo a ele, mas quilômetros de onde ele achava que estava.

Seu segundo erro era se convencer de que ele tinha visto as marcas que ele estava procurando. Na verdade, ele não tinha visto nenhuma colina achatada. Mas ele disse a si mesmo que ele deve ter passado sem reconhecê-la, racionalizando a si mesmo o fato de que a sua forma, sem dúvida, tinha mudado ao longo dos anos a partir do perfil distinto que o gráfico de Selethen indicava.

O barranco baixo que tinha visto final da tarde anterior não tinha qualquer semelhança real de uma linha de falésias. Mas, com a necessidade de se acreditar que ele tinha visto as falésias, ele se convenceu de que ele realmente tinha. Ele não tinha visto nenhuma caverna, e o gráfico mostra que as falésias tinham sido furadas com elas. Em vez disso, ele assegurou-se que as cavernas eram invisíveis, porque tinham sido envoltas na sombra da tarde.

Agora, para resolver a questão de uma vez por todas, ele deveria ver uma formação rochosa de equilíbrio em algum momento nas próximas horas — uma formação onde uma grande rocha estava equilibrada precariamente em cima de uma menor. Pelo menos, ele disse a si mesmo com um crescente sentimento de mau presságio, um recurso como esse seria inconfundível.

A menos que a grande pedra tivesse caído durante a noite, acrescentou cruelmente.

Ele precisava ver tal formação porque seu abastecimento de água estava

ficando alarmante esgotado. A primeira garrafa de pele de água estava vazia. A segunda estava com menos da metade do total. Ele havia tentado racionar severamente, mas o calor simplesmente drenou a energia dele, de modo que ele tinha que beber ou cairia sem sentido no chão.

Ele consolou-se com o pensamento de que, uma vez que ele visse as pedras em equilíbrio e fixasse sua posição, o problema da água seria resolvido. A poucos quilômetros das rochas, uma poça estava marcada no gráfico — uma pequena depressão em um riacho seco, até leito do rio onde a água infiltrava lentamente à superfície. Uma vez lá, tudo o que ele teria de fazer era cavar um metro ou mais e esperar enquanto a água enchia o buraco. Podia ser desagradável e barrenta, ele sabia. Mas seria potável. E com suas garrafas de água recarregadas e sua localização estabelecida uma vez por toda, ele seria capaz de partir para um dos poços.

Alguma hora, nas poucas horas seguintes, ele simplesmente tinha de ver a formação rochosa de equilíbrio ou estaria perdido — figurativamente, bem como, literalmente. Como resultado, teria que confiar em seu mapa e seu Procura-Norte e continuar a acreditar que mais cedo ou mais tarde, ele veria as rochas. Ele simplesmente não tinha nenhum curso de ação alternativo.

Foi esse fatalismo crescente que levou ao seu final, e mais grave, erro. Obcecado com a necessidade de encontrar as pedras de equilíbrio, e validar seu curso de ação até o momento, ele continuou a viagem através das horas mais quentes do dia.

Viajantes de deserto experientes como Seletthen não fazem isso, ele sabia. Mas novamente, ele racionalizou. Seletthen pode navegar pelas estrelas e não precisa de luz para ver marcos e pontos de referência. Isso significava que ele poderia descansar no meio do dia. Mas Will tinha uma necessidade urgente de descobrir a água na poça e certamente algumas horas de calor não prejudicariam muito.

Assim, ele cavalgou sobre o calor em cima dele como uma força física conforme o sol subia mais no céu. O próprio ar estava tão superaquecido que quase queimava a garganta e os pulmões quando ele respirava para dentro. Parecia que o calor tinha sugado o oxigênio fora do ar então ele engasgava e estava com a respiração ofegante.

Bem como o calor, o brilho era uma tortura constante, obrigando-o a olhar para a distância com os olhos brilhando quase fechados.

Abaixo dele, a Flecha cavalgava penosamente, cabeça baixa, arrastando os pés. Will estava alarmado com a rápida deterioração do cavalo, não tendo idéia de que sua condição era ainda pior.

"Tempo para um pouco de água, rapaz", disse ele. Sua voz era pouco mais que um coaxar, forçando-se para fora através de sua garganta e boca seca.

Ele saiu da sela, o corpo rijo e desajeitado. Ele cambaleou alguns passos conforme ele tocou o solo, se firmando contra o flanco do cavalo. Flecha ficou imóvel, a cabeça pendia quase até o chão. Então, ele mudou o seu peso para o seu lado esquerdo, parecendo favorecer seu casco dianteiro direito. Agora, depois de apenas alguns segundos de pé, Will conseguia sentir o calor escaldante da terra ardendo através das solas de suas botas. Para os cascos desprotegidos Flecha, deveria ser tortura, ele pensou.

"Vou cuidar disso em um minuto", ele disse ao cavalo. "Primeiro nós vamos beber."

Ele se atrapalhou com os laços entre o balde de couro dobrado para trás da sela e deixou cair o balde no chão. Ele riu brevemente.

"Ainda bem que não estava cheio", ele disse a Flecha. O cavalo não respondeu. Levantando o balde cuidadosamente, certificando-se que ele tinha sido colocado sobre uma superfície plana, Will pegou a garrafa de água restante e levou ao balde cuidadosamente. Ele estava dolorosamente consciente de como a luz estava agora. Quando ele derramou cuidadosamente, a cabeça de Flecha virou para o som. O cavalo fez um ruído baixo resmungando em sua garganta.

"Segure seus cavalos", disse ele. Então ele riu de novo a idéia de falar para seu cavalo manter seus cavalos.

"Não é que você seja meu cavalo, na verdade," ele continuou. "Mas você é um cavalo bom para tudo isso."

Uma parte da sua mente estava um pouco preocupada pelo fato de que ele estava rindo e brincando com seu cavalo. Ele tinha a estranha sensação de que ele estava de pé ao lado, assistindo ele e Flecha, e ele franziu o cenho para esse comportamento irracional. Ele balançou a cabeça em noção de ridículo e entregou o balde para Flecha beber.

Como sempre, sentiu sua própria boca e garganta trabalhar conforme ele via o cavalo beber. Mas, enquanto no dia anterior a sua boca estava grossa e pastosa, hoje estava seca e inchada, todo o excesso de umidade se foi dele.

Flecha acabou, sua língua grande procurando inutilmente nas costuras do balde, onde algumas gotas passadas poderiam estar ocultas. Will se acostumou a aceitação praticamente filosófica do cavalo da quantidade de água que era dado. Desta vez, porém, Flecha levantou a cabeça e nariz insistentemente em torno da garrafa de água atirada sobre os ombros de Will. Era outra indicação de como a sua condição estava piorando. A formação do cavalo foi superada por sua

necessidade de água.

Will empurrou o focinho para longe. "Desculpe garoto", disse ele, quase incoerente. "Mais tarde".

Ele tomou dois goles pequenos, segurando cada um em sua boca, fazendo durarem, antes de deixá-los caírem lentamente em sua garganta. Então, relutantemente, ele recolocou a rolha na garrafa e a colocou na sombra escassa de um espinheiro.

Ele levantou a pata dianteira esquerda de Flecha para examiná-lo. O cavalo resmungou estranhamente deslocado. Não havia nenhum ferimento visível, mas quando ele colocou sua mão no centro do casco mole, ele podia sentir o calor lá. O chão do deserto estava queimando os pés desprotegidos de Flecha. Will apreciava ainda mais agora que ele estava de pé. O calor era tudo ao seu redor. Ele batia abaixo do sol, caía no chão do deserto e batia para cima novamente. Ao menos quando ele estava cavalgando Flecha ele tinha um pouco de alívio disso.

Ele desfez o cobertor por trás da sela e cortou em quadrados e tiras. Em seguida, ele embrulhou os cascos do pequeno cavalo com pedaços de cobertor, estofando com várias camadas dobradas, e amarrando a coisa toda no lugar com tiras finas. Ele ficaria com frio quando a noite caísse, ele sabia. Mas ele estaria em um lugar pior se o seu cavalo ficasse manco.

Flecha parecia estar mais confortável, já não se inclinando para o lado direito. Will pegou a corda e levou-o a poucos passos, andando para trás para ver sua marcha. O cavalo não parecia estar favorecendo um ou outro lado agora, ele viu com certo alívio.

Recuperando a garrafa de água, Will pendurou por cima do ombro e se preparou para montar.

Então ele parou e deu um tapinha delicadamente no pescoço de Flecha. "Vou andar por um tempo", disse ele. "Você tem feito todo o trabalho."

Ele tirou o Procura-Norte e verificou o seu curso, buscando um ponto de rolamento. Havia um pilar vertical de rocha e sal, a meia distância, os cristais refletindo dolorosamente no sol. Mas isso tornava mais fácil para acompanhar e partiu para lá.

Flecha marchou atrás dele, de cabeça para baixo, seus cascos agora fazendo um som estranhamente abafado sobre a areia do deserto.



Mais um erro. Carregado com o calor inevitável, Will tirou a capa e

colocou-a sobre a sela Flecha. Enrolou as mangas da camisa e, por alguns momentos, sentiu-se um pouco mais frio. Mas era uma ilusão. A capa, como as vestes dos Arridi, ajudava o organismo a reter a umidade. Sem ela, e exposto ao sol, ele começou a desidratar mais rapidamente do que antes.

Além disso, os braços nus começaram a avermelhar, depois queimar, então começaram a criar bolhas. Mas pelo tempo ele poderia ter percebido o seu erro, Will não era mais capaz de pensar inteligentemente. Seu sistema foi desligado. Seu pensamento havia se tornado instável e não confiável. E ele ainda não tinha visto a formação indescritível de pedras em equilíbrio. Elas eram uma obsessão para ele agora. Elas tinham que estar aqui em algum lugar, e ele tinha de vê-las. Logo, ele disse a si mesmo. Em breve. Ele já não podia apreciar o fato de que ele tinha a esperança de vê-las depois de uma ou duas horas de viagem. Ele já tinha cavalgado e andado por mais de quatro horas sem qualquer sinal deles.

Algum tempo depois do meio-dia, ele virou o rosto para Flecha.

"Você as viu?" ele perguntou. — Flecha olhou desinteressadamente. Will franziu a testa.

"Não fala, né?" disse ele. "Talvez você esteja um pouco rouco".

Ele riu brevemente o seu próprio espírito e por um momento, ele teve a sensação desconfortável de novo — que ele estava ao lado assistindo-se tropeçar e o cavalo através do deserto. Ele se tornou consciente da água da garrafa pendurada em seus ombros.

"Preciso de uma bebida", ele disse a flecha. Irracionalmente, ele disse a si mesmo que a garrafa da água estava o pesando. Se ele bebesse um pouco mais, seria mais leve. E ele se moveria mais facilmente, ele decidiu.

Ele bebeu profundamente, em seguida, tornou-se ciente de olhos acusadores de Flecha sobre ele. Culposamente, ele colocou a rolha na garrafa e partiu novamente.

Foi então que a realização o atingiu. Seleten lhe tinha dado um mapa falso. Não havia falésias com grutas marcadas. Não havia colina achatada. Naturalmente, o Wakir não o entregaria um valioso documento estratégico! Por que não tinha visto isso antes? Os porcos lhe tinham dado um mapa falso e o enviado para o deserto para morrer.

"Ele nos enganou", disse o cavalo. "Mas eu vou lhe mostrar. Temos que estar perto da poça agora. Nós vamos encontrá-la e eu vou voltar e enfiar seu mapa e as suas mentiras garganta abaixo."

Ele franziu a testa. Se o mapa fosse falso, não haveria poça d'água a poucos quilômetros de distância. Ele hesitou. No entanto, deveria haver uma

poça. Tinha que ser! Então seus pensamentos limpavam.

"Claro!" ele disse a Flecha. "Ele não poderia falsificar a coisa toda! Algo disso deve ser verdade! Caso contrário teríamos visto através dele imediatamente! Isso é uma real astúcia para você."

Esse problema resolvido, ele decidiu que ele poderia dar ao luxo de dar a Flecha um pouco mais da preciosa água. Mas o esforço de desvincular e montar o balde parecia muito. Em vez disso, ele deixou a água cair em sua mão em forma de concha, rindo baixinho conforme a língua grande de Flecha a lambia. Um pouco derramou, é claro, de imediato, sumindo na areia cozimento. Mas isso não importava. Haveria muito mais na poça.

"Muita mais na poça" ele disse ao cavalo.

Ele recolocou a tampa e ficou balançando ao lado de Flecha. O problema era, ele pensou, sem outra bebida, ele poderia não ter força para chegar a poça. Em seguida, ele iria morrer, tudo porque ele se recusou a beber a água que ele já tinha. Isso seria insensato. Halt não aprovaria isso, pensou ele. Chegando a uma decisão, ele removeu a tampa e drenou o fim da água. Então, ele partiu, cambaleando, acenando Flecha para seguir.

"Vamos, rapaz", disse ele, as palavras soando como o coaxar duro de um corvo.

Ele caiu. O terreno queimou suas mãos, quando ele tentou evitar a queda e ele não tinha força para subir. Ele levantou a cabeça e, depois, maravilha das maravilhas, ele viu!

A pedra em equilíbrio, assim como Selethen tinha desenhado! Estava apenas a poucas centenas de metros de distância e ele perguntou como ele poderia não ter visto isso antes. E além dela estaria a poça, e toda a água que pudesse beber.

Ele não podia suportar. Mas ele poderia facilmente rastejar a esse ponto. Ele começou a engatinhar em direção as belas rochas em equilíbrio.

"Como elas fazem isso? Por que elas não caem?" ele admirou. Em seguida, ele acrescentou, com uma risada, "Bom velho Selethen! Que mapa! Ele olhou para trás. Flecha parou, os pés afastados, cabeça para baixo, não prosseguindo.

"Vamos Flecha!" ele chamou. "Bastante água por aqui! Venha! Só até as rochas! As maravilhosas, maravilhosas rochas em equilíbrio! Como elas fazem isso? Levante a cabeça e veja!

Ele não sabia que suas palavras eram um coaxar indecifrável. A água que tinha acabado de beber não tinha sido suficiente para compensar o montante que tinha perdido nas últimas cinco horas.

Continuou a engatinhar, arrastar-se sobre a terra, pedras em bruto — as pedras cortando as mãos e o calor as queimando. Ele deixou uma trilha de mão sangrenta atrás dele — que rapidamente secou para um marrom maçante, no calor insuportável. Flecha o assistia ir com os olhos desanimados. Mas o cavalo não fez nenhum movimento para segui-lo.

Não havia nenhuma razão para isso.

Não havia nenhuma pedra em equilíbrio e Will estava rastejando em um círculo gigante.



Selethen olhou rapidamente as palavras de Halt, uma carranca enrugando sua testa.

"Quem os pagaria para fazer uma coisa dessas?" ele perguntou. "E por que eles fariam isso?"

Halt encontrou seu olhar uniformemente. Ele sabia que o Arridi estava irritado e emocionado com a morte de tantos dos seus homens — e ele sentiu que seus sentimentos estavam alimentados por um ódio de longa data da tribo Tualaghi. A situação era perigosa e ele teria de escolher suas palavras cuidadosamente. Quanto mais ele sabia sobre o que havia acontecido aqui, ele raciocinou, melhor ele poderia convencer Selethen do que estava prestes a dizer. Ele se virou e falou baixinho para Gilan.

"Dê uma olhada. Veja se você pode descobrir o que aconteceu."

O Arqueiro jovem assentiu com a cabeça e afastou-se. Só então Halt se voltou a questão de Selethen.

"Eu diria que quem traiu Erak com você em primeiro lugar, está por trás disso", respondeu ele.

"Esse seria Toshak." Svengal tinha falado despercebido. Ele estava procurando no cenário o corpo do Oberjarl e chegou à mesma conclusão que Halt. "Seria exatamente o tipo de coisa que ele faria."

Selethen olhou de Halt para Svengal, em seguida novamente. Agora havia outra emoção mostrando em seu rosto — suspeita.

"Quem é este Toshak?" ele desafiou. "Eu nunca ouvi o nome. E por que ele iria pagar para ter seu Oberjarl raptado?"

"Pela mesma razão, ele traiu Erak com você em primeiro lugar. Ele o quer fora do caminho", disse Halt. Ele viu que Selethen estava prestes a fazer outra pergunta, mas ele continuou, falando sobre o outro homem. "É política", disse ele. "Política Escandinava". Há um pequeno grupo de Escandinavos que se ressentem de Erak e gostariam de vê-lo deposto.

Ele viu um primeiro vislumbre de compreensão na face do Arridi. Arrida era repleto de intrigas políticas e Selethen aceitou isso como uma explicação

plausível. Mas ele não estava totalmente convencido.

"Eu repito. Eu nunca ouvi falar dessa pessoa Toshak. Eu tomo que ele é um Escandinavo, como você?" Ele abordou a última questão a Svengal, cujo rosto estava escurecido em uma carranca.

"Ele é um Escandinavo. Mas ele não é nada como eu."

Selethen assentiu, aceitando a distinção. A raiva de Svengal, correspondente a sua própria, era possivelmente o aspecto mais convincente do argumento de Halt. Mas Selethen tinha visto uma falha.

"Se este Toshak quer o seu líder para fora do caminho, por que se preocupar em tê-lo capturado e seqüestrado? Por que não simplesmente matá-lo com o resto das pessoas?"

Mas Halt já estava balançando a cabeça antes de Selethen terminasse a expressar a questão, como se tinha previsto.

"Ele precisa de tempo", ele respondeu imediatamente. "Eu disse que seu grupo é pequeno. A maioria dos Escandinavos está satisfeita com Erak como Oberjarl. Então Toshak e seus amigos precisam de tempo para construir o ressentimento e a incerteza. Um Oberjarl morto não serviria aos seus propósitos. Os outros Escandinavos simplesmente elegerão logo um novo — provavelmente um dos amigos de Erak. Talvez até Svengal aqui.

"Deuses proíbam isso" Svengal disse fervorosamente. Halt se permitiu um sorriso ao grande Escandinavo.

"Mas se Erak está perdido, prisioneiro em algum lugar — e isso pode ser reivindicado a ser o resultado de sua própria incompetência, em seguida Toshak e seu grupo podem iniciar uma campanha sussurrando para levar as pessoas a duvidarem de sua capacidade e sua aptidão para ser líder. Sobretudo se, ao mesmo tempo, seus captores exigirem um grande resgate dos Escandinavos. Escandinavos não gostam desse tipo de coisa."

"Na verdade nós não", Svengal concordou. "É por isso que o chefe me disse para ir para Araluen para buscar ajuda em primeiro lugar."

Selethen olhou ao redor do grupo e assentiu. Ele ainda não estava convencido. Mas ele tinha se perguntado por que Svengal havia retornado com um grupo de estrangeiros para pagar o resgate. Até agora, a única razão pela qual ele tinha sido dada era que Erak era um amigo do Araluans. Agora, ele podia ver uma explicação mais plausível para o seu envolvimento. Uma solução rápida para o problema seria agir em favor de Erak. Quanto mais a situação fosse arrastada, mais oportunidade haveria para os seus inimigos semear a discórdia entre seus compatriotas.

"Dado o tempo suficiente, os dissidentes poderiam criar as condições

adequadas para apresentar seu próprio candidato como Oberjarl — provavelmente Toshak mesmo" Halt disse. Desta vez, o único comentário de Svengal foi um rosnado baixo de raiva com a idéia.

Selethen andou frente e para trás, alisando a barba com uma mão, considerando os argumentos de Halt. De repente, ele parou e voltou a interromper novamente.

"É possível, eu suponho..." Disse ele. A palavra "mas" ficou pendurada, sem ser dita, no ar pelo tom de sua voz. Halt esperou, determinou que ele não seria quem levantaria a dúvida óbvia. Como Selethen, ele poderia ver outra possível explicação para a carnificina ao redor deles. Mas antes que ele levantasse, Selethen teve outra questão.

"Você diz que seu compatriota Toshak está por trás disso. Que ele traiu o seu líder, em primeiro lugar?" ele questionou Svengal. O lobo do mar assentiu e continuou Selethen. "Mas eu nunca ouvi falar dele. Nosso informante era um pescador de uma pequena aldeia da costa. Mais um contrabandista do que um pescador, como uma questão de fato", acrescentou. "Ele era acostumado a mover-se despercebido pelas águas em torno de nossa costa. Ele viu o seu navio e trouxe a palavra para nós."

Svengal não disse nada. Mas mais uma vez Halt tinha uma resposta pronta.

"Você quase não negocia com um Escandinavo. Se Toshak havia tentado se aproximar de você, ele não teria uma palavra antes que a primeira salva de flechas estivesse a caminho. É claro que ele precisava de um intermediário. E teria sido relativamente fácil para ele fazer contato com um traficante. As possibilidades são de que seu informante era também a pessoa que vendeu o calendário falso a Erak para as transferências de dinheiro."

"Sim, isso é razoável, eu acho." Apesar de suas palavras, todos podiam ouvir o tom de dúvida na voz do Selethen. "Mas eu continuo voltando para outra possível explicação para tudo isso."

Ele acenou com o braço desagrado ao redor da cena de morte e destruição. Halt esperou impassível. Faça-o dizer isso, pensou ele. Não diga para ele ou você vai dar-lhe credibilidade.

"Eu concordo com você, isso poderia ser o trabalho de Escandinavos — ou Tualaghi com pagamento de Escandinavos. Mas existe outra possível razão pelo corpo de Erak não estar aqui. Este era um grupo de resgate. Os homens que mataram os meus homens fizeram para deixar Erak livre. Mesmo agora, ele podia estar indo para o litoral em outro navio.

"Você acha que nós voluntariamente nos colocamos em suas mãos se

tivéssemos planejado isso? Halt perguntou.

"Eu acho que é exatamente o tipo de blefe duplo que você pode considerar" Selethen disse a ele. "Você negocia comigo enquanto você organiza outro grupo de Escandinavos para resgatar seu amigo. Se for bem sucedido, você economiza sessenta e seis mil carretéis. Se não for, você pode continuar como antes, e negar todo o conhecimento da tentativa de resgate."

Halt não disse nada por alguns segundos. Como ele tinha realizado anteriormente, a política e a conspiração eram uma parte muito importante da vida em Arrida. E isso era exatamente o tipo de raciocínio complicado que parecia lógico a Selethen. Ele sabia que suas palavras iriam ser vitais para o sucesso da sua missão. Enquanto ele reunia seus pensamentos, tentando reunir o melhor argumento possível para restaurar a confiança Selethen, o Halt andou para frente. Conforme Halt, Selethen e Svengal tinham conversado, Horace e Evanlyn tinham se aproximado para escutar. Agora, o jovem guerreiro, pensou que era hora dele falar.

"Uma pergunta." disse ele. Todos os olhos se viraram para ele. Halt levantou a mão para impedi-lo de ir mais longe. As sutilezas da negociação, o corte fino e complexo de argumento confiável não era o forte do jovem. Horace era uma pessoa simples, com uma abordagem direta para qualquer problema que enfrentasse.

"Horace" Halt disse, num tom de advertência em sua voz, "esse pode não ser o melhor momento..."

Mas Horace estava segurando sua própria mão para silenciar Halt. Seu rosto estava determinado e fixado em um franzido apertado. Halt sabia que ele estava irritado com a sugestão de que eles tinham praticado o ato sujo que Selethen havia descrito. Ele não precisava do sentimento de dignidade ferido de Horace aqui. Mas o jovem estava arando a frente, independentemente.

"Uma pergunta para o Wakir", disse ele. Evanlyn, ao lado dele, espelhando a expressão preocupada de Halt. Horace poderia estar prestes a colocar o pé nela, pensou. Mas Selethen fez um gesto para Horace continuar e já era tarde demais.

"A sua pergunta é?" ele disse suavemente.

"Como sabemos?" Horace perguntou. Seu tom era brusco e desafiador. Selethen franziu a testa, sem entender de imediato.

"Como você sabia... o quê?" ele perguntou.

A face Horace estava corada agora, em parte, com indignação, mas também porque ele percebeu que era o centro das atenções. Nunca gostou disso. Mas ele sentia o seu ponto ser válido e merecia ser feito.

"Como sabíamos que Erak estaria com este grupo."

Por um momento, ninguém entendia. Selethen expressou um gesto pouco confuso com as duas mãos.

"Eu disse a você", disse ele. Permanente para trás e vendo, Halt sentiu uma imensa onda de calor no guerreiro. Às vezes, pensava ele, a abordagem direta poderia ser muito mais eficaz do que uma tese muito envolvida.

Horace assentiu. "Você nos disse que a noite antes de sairmos Al Shabah. Você nos disse quando as negociações estavam completas. Não antes disso. Até então, você sabe que acreditávamos que Erak estava aprisionado em Al Shabah. Assim, nas oito horas que teve, como é que nós organizamos para esse outro grupo de Escandinavos irem para o deserto, encontrarem os Tualaghi, e suborná-los para interceptar uma caravana que tínhamos acabado de ouvir falar?

"Bem... você poderia ter..." Selethen hesitou e Horace pressionou em vantagem.

"E você sabe que nenhum de nós deixou a pousada na última noite. Então, como fizemos? Quer dizer, Halt é bom com essas coisas, mas isso está fora até mesmo suas habilidades."

Halt pensou que era hora de ele interceder. Horace tinha feito o seu ponto e foi um ponto revelador. Agora era o momento de levar para casa, antes que ele errasse.

"Ele está certo, Selethen e, no fundo, você sabe disso", disse Halt. A atenção do Wakir foi-lhe as costas e agora Halt soube que era hora de resolver isso, uma vez por todas.

Ele sabia que era hora de forçar Selethen a comprometer-se a eles ou a tomar uma posição contra eles. Muito deliberadamente, ele disse: "Diga-me, Selethen, deixando de lado o fato de que não poderia ter organizado isso no tempo que tínhamos, você honestamente acredita que somos capazes desse tipo de duplicidade?"

Selethen foi para falar, mas hesitou. Olhou para o pequeno grupo de estrangeiros. O guerreiro Horace e o invasor Svengal eram homens guerreiros. Não havia culpa ou engano, em nenhum deles. Eles seriam perigosos inimigos para enfrentar no campo de batalha, ele sabia. Mas iriam lutar de forma honesta e corajosamente.

Depois houve a princesa. Durante as negociações, ela mostrou sua coragem e franqueza também. Na verdade, pensou com tristeza, se tivesse havido qualquer negociação falsa em tudo, tinha vindo dele. Primeiro por ter seu servo aimitá-lo e em segundo lugar, o fato de Horace tinha acabado de

apontar — dele não lhes dizer que Erak já havia deixado Al Shabah.

Isso deixava o que chamavam de Halt. Inequivocamente, ele era o líder do grupo, apesar da classificação da moça. Sem dúvida, ele era um pensador e um planejador. No entanto, Selethen sentiu um núcleo de decência e honestidade no homem. Instintivamente, ele se viu atraído pelo pequeno Arqueiro de cabelos grisalhos.

Era óbvio que os outros respeitavam e confiavam nele. E, talvez mais importante, gostavam dele. Horace e Svengal podem ser simples e descomplicados, mas eles não eram bobos. Horace tinha acabado de provar isso.

Selethen mordeu os lábios, pensativo, considerando a pergunta de Halt. Então, ele respondeu.

"Não. Eu não acho isso."

Halt foi tentado a deixar um enorme suspiro de alívio. Mas ele sabia que seria um erro. Em vez disso, ele simplesmente assentiu com a cabeça uma vez, como se tivesse nenhuma dúvida quanto à resposta que Selethen daria.

"Então vamos começar com isso", disse ele vivamente. "O que pretendemos fazer sobre tudo isso?"

"Vou mandar um grupo para fora atrás deles assim que chegarmos a Mararoc" Selethen perguntou. "Por todo o bem que fará."

A experiência lhe ensinara como os Tualaghi operaram. Eles iriam atacar uma caravana, então simplesmente derreter no deserto. Os Arridi eram moradores da cidade, essencialmente, sem as habilidades de monitoramento e navegação de deserto para acompanhar os atacantes. Os Tualaghi conheciam esses terrenos baldios com a palma das suas mãos e eles sabiam como desaparecer. Ah, Selethen iria enviar um grupo em perseguição. Mas seria um gesto só. Depois de dois ou três dias, eles perderiam o controle do grupo de guerra Tualaghi e voltariam exaustos, empoeirados e frustrados. Tinha sido sempre isso, ele pensou. Se ele tivesse alguns dos Bedullin com ele, eles teriam uma chance. Os Bedullin eram caçadores e rastreadores e conheciam o deserto tão bem como os Tualaghi, seus inimigos jurados. Foi assim que ele havia derrotado os Tualaghi alguns anos antes -, formando uma aliança temporária com os Bedullin. Mas eles eram orgulhosos, independente das pessoas e eles não iriam ficar amarrados às cordas de avental dos Arridi uma vez que o Tualaghi tinham sido trazidos para a batalha e derrotados.

"Por que não ir atrás deles agora?" Halt disse.

Selethen sorriu com a ingenuidade do homem. "Porque eles vão desaparecer no deserto. Isso é o que eles fazem."

"Então nós vamos segui-los. Isso é o que fazemos", disse outra voz.

Era Gilan. Ele havia retornado a partir de levantamento da cena da batalha de um lado a tempo de ouvir as últimas palavras de Selethen. Halt virou-se para ele. "Encontrou alguma coisa?"

Gilan franziu os lábios, em seguida, apontou para cada local que ele mencionava.

"Eles estavam escondidos atrás das rochas ao leste", disse ele. "Talvez oitenta ou noventa deles. A maioria deles em cavalos, mas alguns montados em camelos. Eles tinham um grupo desviado para o norte — talvez dez cavaleiros. Eles surgiram, fingiram um ataque, em seguida, viraram-se e correram. Quando a escolta rompeu e saiu atrás deles, o principal grupo bateu por trás."

Selethen olhou para o jovem Arqueiro com novo respeito. "Você pode dizer isso tudo só de olhar para o chão?"

Gilan sorriu para ele. "Como eu disse. É o que fazemos", ele respondeu. "Então o que você diria? Vamos atrás deles ou voltaremos para Al shabah?"

Seu tom era intencionalmente provocativo. Ele percebeu que a Wakir estava procurando um motivo para ir em busca dos Tualaghi — para ensiná-los uma vez por todas, quem governava este país. E ele estava certo. A mente Selethen corria. Este poderia ser apenas a chance que ele tinha procurado.

"Nós estaremos em menor número", disse ele, pensativo.

"Mas nós vamos ter o elemento surpresa do nosso lado", rebateu Halt. "Você normalmente não iria atrás deles, iria?"

Selethen considerou. Oitenta Tualaghi, o Arqueiro jovem havia dito. E ele tinha cinquenta bem treinados, e bem armados veteranos sob o seu comando. Bem como os Araluans. Horace e Svengal dariam uma boa conta de si, ele sabia. Na verdade, quanto mais ele pensava sobre isso, quanto mais ele pensava que ele iria gostar de ver Svengal esculpir o seu caminho através de um grupo de guerra Tualaghi com machado de batalha que ele carregava. E ambos os Arqueiros tinham arcos longos enormes nos ombros. Ele estava disposto a apostar que eles não estavam lá apenas para decoração. Ele tinha a nítida sensação de que aqueles dois homens encapados poderiam fazer muito dano. Havia um problema. Ele não podia dar ao luxo de enfraquecer suas forças mais. Tinha necessidade de cada homem que ele pudesse encontrar.

"E a menina?" disse ele. Se ela fosse para voltar a Al Shabah, ele teria de por homens para acompanhá-la. Isso enfraqueceria ainda mais a sua força.

"Ela virá com você", Evanlyn disse em uma voz calma.

Selethen olhou para Halt, suas sobrancelhas levantadas em uma pergunta. Halt sorriu sombriamente. Ele tinha visto a coragem de Evanlyn na batalha

antes. E ele sabia que ela era capaz de cuidar de si mesma com o sabre que ela tinha em seu cinto. Na viagem de Araluen, ela praticou com Horace e Gilan, ambos mestres da espada. Ela aguentaria.

Ela não seria uma especialista, é claro, mas ela era capaz. Evanlyn não seria um fardo, ele sabia. Ela poderia muito bem provar ser uma vantagem.

"Ela vai vir com a gente", disse ele.



O frio da noite no deserto o acordou. Ele estava de bruços, tremendo violentamente, conforme o calor saía de seu corpo. Não era justo, ele pensou. O calor ofuscante do dia e as baixas temperaturas da noite eram uma combinação de roubar os últimos vestígios da resistência dele. Tremer levava energia e ele não tinha nenhum de sobra.

Will tentou levantar a cabeça, e falhou. Então, com um enorme esforço, ele virou de costas, para encontrar-se olhando para as estrelas brilhantes, em chamas no céu claro da noite. Bonito, ele pensou. Mas estranho a ele. Ele queria girar ao redor e olhar para o norte, onde ele iria ver as constelações familiares de sua terra natal, encontrando-se baixo no horizonte norte. Mas ele não tinha a força. Ele só tinha que ficar aqui e morrer, vigiado por estrelas estranhas que não o conhecia, que não se importavam com ele.

Isso era muito triste, realmente.

Havia uma estranha clareza em seu pensamento agora, como se todo o esforço do dia, todas as ilusões, tivessem ido embora e ele podia ver a sua situação de forma desapaixonada. Ele sabia que ia morrer. Se não fosse hoje, então amanhã, certamente. Ele nunca iria ficar mais um dia em um calor de forno como esse. Ele iria simplesmente secar e assoprar, levado pelo vento do deserto.

Era muito triste. Ele gostaria de chorar sobre isso, mas não havia água de sobra para chorar. Com a sua clareza de pensamento recente, ele sentiu uma sensação persistente de aborrecimento. Ele queria saber o que tinha feito de errado. Ele não queria morrer pensando. Ele tinha feito tudo corretamente — ou assim pensou. No entanto, em algum lugar que ele tinha cometido um erro — um erro fatal. Era triste que ele tinha que morrer. Era irritante que ele não sabia como ele tinha chegado a esta situação.

Ele se perguntou brevemente se o mapa que Selethen lhe tinha dado teria sido falso. Ele lembrou que taç pensamento ocorrera a ele durante o dia anterior. Mas ele descartou quase imediatamente. Selethen era um homem honrado, ele pensou. Não, o mapa era preciso. O erro foi dele e agora ele nunca

saberia o que tinha sido. Halt ficaria decepcionado, ele pensava — e talvez esse era o pior aspecto desta situação. Durante cinco anos, ele já havia tentado o seu melhor para o grisalho, sisudo Arqueiro que tinha se tornado como um pai para ele. Tudo o que ele procurava era a aprovação de Halt, não importa o que ninguém no mundo poderia pensar. Um aceno de agradecimento ou um dos raros sorrisos Halt era o maior elogio que podia imaginar. Agora, com este obstáculo final, ele sentiu que tinha deixado seu mentor para baixo e ele não sabia como ou por que tinha acontecido. Ele não queria morrer, sabendo que Halt ficaria decepcionado com ele. Ele podia suportar a morrer, pensou, mas não a decepção.

Uma larga sombra se moveu perto dele, apagando uma parte do céu. Por um momento, seu coração disparou de medo, então ele percebeu que era Flecha. Ele não tinha travado o cavalo para a noite, ele percebeu. Ele vaguearia e se perderia ou seria pego por predadores. Ele tentou levantar mais uma vez, mas o esforço o derrotou. Tudo o que podia fazer era levantar a cabeça um centímetro ou dois do chão duro de pedra debaixo dela. Depois, ele recuava vencido.

Ele se perguntou o que tinha acontecido com Puxão. Ele esperava que em algum lugar, seu cavalo estivesse bem. Talvez alguém o houvesse encontrado e estava cuidando dele agora. Não que eles nunca conseguissem montá-lo, ele pensou, e riu silenciosamente para a imagem mental de Puxão jogando fora cada cavaleiro que tentasse montar ele.

Flecha começou a se afastar dele, o som suave de suas patas almofadadas deixou Will intrigante por um momento, antes que ele lembrou-se amarrando pedaços de cobertor em volta dos cascos do cavalo. Um deles deve ter se soltado de Flecha porque andava com um andar estranho — três batidas abafadas e depois um clop conforme o casco desprotegido entrava em contato com o chão duro.

Ele virou a cabeça para seguir a forma escura se movendo para longe dele.

"Volte Flecha", disse ele. Pelo menos, ele pensou que disse. O único som que vinha de sua boca era um som seco. O cavalo ignorou. Ele continuou a afastar-se, em busca de forragem que podia conter até mesmo um pouco de umidade. Mais uma vez, Will tentou chamar Flecha de volta, mas, novamente, nenhum som articulado saíria. Finalmente, ele desistiu. As estrelas estrangeiras os assistiam e ele as assistia.

"Eu não gosto dessas estrelas", ele disse para ninguém em particular. Elas pareciam estar caindo, um brilho frio escurecido. Isso era incomum, ele pensou.

Normalmente, as estrelas continuavam acesas até o sol aparecer. Então ele percebeu que as estrelas estavam queimando brilhantemente como sempre. Era ele quem estava desaparecendo. Depois de um tempo, ele estava deitado, mal respirando.

O leão passou a poucos metros dele. Flecha, debilitado e desidratado, tinha a intenção de libertar-se do cobertor de tiras entrelaçadas na pata. Ele nunca sentiu o predador gigante até o último segundo. Havia tempo para um grito agudo de medo, cortado quase que instantaneamente pelas enormes mandíbulas.

Mais tarde, Will poderia pensar que ele poderia ter ouvido, mas ele nunca podia ter certeza. Na verdade, ele tinha registrado com seu subconsciente, mas ele estava longe demais para perceber.

Flecha morreu rapidamente e, ao fazê-lo, ele salvou a vida de Will.



Ele podia sentir o hálito de um cavalo perto de seu rosto, sentir a maciez da sua boca como se aninhou contra ele, e a aspereza da língua grande lambendo ele, mordiscando os lábios suavemente na mão.

Por um momento maravilhoso, Will pensou que era Puxão. Em seguida, seu espírito se afundou ao lembrar que Puxão tinha ido embora, perdido em algum lugar neste deserto. Flecha deveria ter voltado, ele pensou. Seus olhos não iriam abrir. Mas ele não queria. Ele podia ver o brilho do sol, mesmo através de suas pálpebras fechadas, queimando-lhe mais uma vez, e ele não queria enfrentar isso. Era muito mais fácil ficar aqui com os olhos colados fechados. Flecha moveu novamente para que sua sombra caísse no rosto de Will, fazendo sombra, e ele murmurou sua gratidão.

Ele tentou forçar as pálpebras para abrir, mas elas estavam fechadas grudadas em seu rosto inchado queimado. Ele estava vagamente surpreso ao perceber que ele não estava morto, mas ele sabia que era apenas uma questão de tempo. Talvez, pensou ele, ele estava morto. Se assim fosse, isso certamente não parecia com qualquer idéia de paraíso que ele já tinha sido informado sobre e não era agradável de se contemplar. Mais uma vez, Flecha cutucou seu focinho contra ele, como se estivesse tentando acordá-lo. Puxão costumava fazer isso, Will recordou. Talvez todos os cavalos fizessem. Ele não queria acordar, não queria abrir os olhos. O esforço seria muito grande.

Engraçado, pensava ele, há poucas horas, ele não tinha a energia para rolar. Agora, um ato simples como levantar as pálpebras estava além dele. Seria

mais fácil ficar aqui dormindo e deixar desaparecer tudo.

Ele ouviu o ruído de passos na areia e rocha, perto dele. Isso foi estranho, ele não se lembrava de ninguém estar aqui. Então uma mão deslizou sob sua cabeça e o levantou, apoiando-o sobre o que sentiu como um joelho, de modo que ele estava meio sentado. Ele suspirou. Ele simplesmente queria ser deixado sozinho.

Então, ele sentiu algo maravilhoso. Algo inacreditável. Um filete de água fria derramado sobre seus lábios secos rachados. Ele abriu a boca avidamente, em busca da mais do que maravilhosa água. Outro gotejar encontrou o seu caminho para dentro e ele tentou se levantar, tentando chegar a garrafa de água e mantê-la à boca. Uma mão o conteve.

"Se acalme", disse uma voz. "Só um pouco de cada vez."

E conforme ele dizia isso, mais água escorria na boca seca de Will e então para baixo sua garganta. Ele pegou na parte de trás de sua garganta e ele tossiu cuspidando-a fora, tentando desesperadamente mantê-la, sabendo que ele não deveria perdê-la. "Calma", disse a voz. "Há uma abundância aqui. Basta levá-la lentamente no início."

Obediente, Will deitou-se e permitiu que o estrangeiro pingasse água na sua boca. Ele estava grato a quem quer que fosse, mas, obviamente, o homem não percebeu que Will estava quase morto de sede. Caso contrário, ele teria deixado a água inundar sua boca ávida, ele pensou, transbordando e derramando para baixo do queixo, enquanto ele a bebia direto do galão. Mas ele não disse nada. Ele não quis ofender o seu benfeitor, caso ele parasse.

Ele ouviu um relincho ansioso por perto e, mais uma vez, ele tinha certeza que era Puxão antes que ele se lembrasse. Puxão tinha ido embora.

"Ele está bem", disse a voz. Ele assumiu que ele estava falando com o cavalo. Legal de Flecha se preocupar com ele, ele pensou. Eles não se conheciam há muito tempo. Ele sentiu um pano molhado limpando suavemente os olhos redondos, trabalhando nas pálpebras grudadas. Parte da água escorreu pelo seu rosto e ele travou com a língua, sacudindo-a em sua boca. Seria uma vergonha desperdiçá-la.

"Tente abri-los" disse a voz, e ele obedeceu, usando toda sua força para ter os olhos abertos.

Ele podia ver uma fenda de luz e uma forma escura inclinada sobre ele. Ele piscou. A ação demandou um enorme esforço, mas quando ele re-abriu os olhos estava um pouco mais fácil e sua visão estava um pouco mais clara. Era um rosto escuro. Barbudo, que ele viu. Emoldurado por um kheffiyeh amarelo e branco. O nariz era grande e adunco e em algum momento na vida de seu

dono tinha sido gravemente quebrado de modo que estava torto no rosto em um ângulo. Por um momento, o nariz realizou seu foco. Então ele piscou novamente e os olhos acima do nariz chamaram sua atenção.

Eles eram escuros, quase pretos. Com pesadas sobrelanceiras profundas no rosto. Um rosto forte, ele percebeu. Mas não era bonito. O grande nariz torto fazia isso.

"É um nariz grande," ele resmungou e imediatamente percebeu que ele não deveria ter dito algo tão indelicado. Eu devo ser tonto, ele pensou. Mas o rosto sorriu. Os dentes pareciam excessivamente brancos contra a barba escura e pele.

"O único que eu tenho", disse ele. "Mais água?"

"Por favor", disse Will e a água maravilhosa estava de volta em sua boca novamente.

E depois, maravilha das maravilhas, outro rosto empurrou seu caminho em seu campo de visão, empurrando o homem barbudo de lado, quase fazendo-o derramar a água. Por um momento, o rosto de Will estava sem sombra, e o sol brilhando o fez estremecer longe e piscar. Então a sombra caiu sobre ele novamente e ele abriu os olhos.

"Puxão?" Ele disse, sem se atrever a acreditar. E desta vez, quando o cavalo relinchou, em reconhecimento, não havia nenhuma dúvida sobre isso. Era Puxão, de pé sobre ele, mordiscando-o com seus grandes lábios macios e tentando ficar o mais próximo a ele quanto fosse possível.

Ele batia no ombro de Will na velha forma familiar. Os olhos grandes olharam profundamente os semi-fechados de Will.

Viu o problema que você entra quando não estou por perto? Eles diziam.

O homem barbudo olhou do cavalo para o rosto, empolado queimado do estrangeiro. "Acho que vocês se conhecem", disse ele.



Ele estava meio consciente, mas ele estava ciente de alguém espalhando um bálsamo calmante e frio sobre a pele queimada do rosto e braços. E havia mais água, tudo que pudesse beber — enquanto ele bebesse devagar. Ele tinha aprendido isso agora. Se ele tentasse beber demasiado depressa, a água seria tirada. Bebida lentamente e continuavam fluindo. Como várias pessoas atendiam a ele, ele estava ciente de Puxão, sempre lá, sempre por perto. Will entrava e saía de consciência e cada vez que ele acordava, ele tinha um medo momentâneo que ele tinha sonhado e que Puxão ainda estava perdido. Então

ele via aquele rosto familiar, preocupado e respirava mais facilmente.

Vagamente, ele registrou o fato de que ele havia sido colocado em uma maca que estava inclinada a cerca de trinta graus à horizontal. Talvez, estava amarrado atrás de um cavalo, ele pensou. Em seguida, conforme começou a mover ele sentiu o ritmo lento do estranho animal arrastando-o por trás disso, ele revisou sua estimativa. Deve ser um camelo, ele pensou. O incomum andar balançando pernas longas transmitia-se através dos postes de madeira e correias da base da maca para seu corpo.

Alguém cuidadosamente havia colocado um pano de máscara para proteger o rosto e os olhos do brilho e ele adormeceu enquanto eles procederam através do deserto. Ele não tinha idéia de qual direção eles estavam tomando. Ele não se importava. Ele estava vivo e Puxão estava a poucos metros de distância, caminhando lentamente ao lado dele, alerta a qualquer sinal de que ele poderia estar em perigo novamente.

Eles poderiam ter viajado por meia hora ou meio dia, tanto quanto ele sabia. Mais tarde, ele descobriu que ele havia montado na maca por pouco mais de uma hora e meia antes de chegar no acampamento de seus salvadores. Ele foi levantado da cama e colocado em um saco de dormir na sombra de um pé de palmeira. A luz filtrada suavemente para baixo com as folhas e ele pensou que ele nunca tinha estado tão confortável em sua vida. A pele estava ferida no rosto e nos braços, mas mais do bálsamo reconfortante aliviava a dor.

Puxão estava por perto, olhando-o com atenção.

"Eu estou bem, Puxão," ele disse ao cavalo. Ele estava aliviado de que sua voz parecia estar voltando ao normal. Ele ainda estava um pouco rouca, mas pelo menos agora ele pode formar as palavras corretamente. Ele sorriu com tristeza no pensamento de rouco a expressão "um pouco". Lembrou-se de fazer essa brincadeira com Flecha — parecia meses ago.

Ele se perguntava onde Flecha tinha ido. Ele não tinha visto o cavalo Arridi desde que ele tinha acordado de novo. Ele esperava que ele não estivesse perdido.

"Tenho que parar de perder os cavalos", disse ele sonolento. "Mau hábito." Então ele dormiu.



Will acordou de um sono profundo e reparador. Ele estava deitado de costas, olhando para cima para as folhas de palmeira.

Ele estava em um grande oásis. Ele podia ouvir o som da água

escorrendo por perto e os movimentos e as vozes de muitas pessoas. Conforme ele varreu seu olhar ao redor, viu um acampamento de pequenas tendas que tinha sido criado. O oásis, e o campo, eram alaistrados a várias centenas de metros em qualquer direção. Havia uma grande piscina central de água, piscinas e outros periféricos e poços que o rodeavam. As pessoas se moviam, carregando as urnas de água dos poços, preparando os fogos de cozinha ou cuidando de rebanhos de cabras, camelos e cavalos que ele pudesse ver. Do tamanho do campo, ele estima que deve haver centenas de pessoas, todas vestidas de longas túnicas. Os homens usavam kheffiyehs e as mulheres tinham lenços longos sobre suas cabeças, deixando o rosto descoberto mas protegendo a cabeça e pescoço.

"Você está acordado."

A voz veio de trás e ele girou para ver quem falava. Uma mulher esbelta pequena, talvez com idade de quarenta anos, estava sorrindo para ele. Ela carregava uma cesta simples de frutas, pão e carne, e um frasco de água também. Ela ficou graciosamente de joelhos ao lado dele e colocou a cesta ao lado, apontando para ele ajudar a si mesmo.

"Você deve comer", disse ela. "Eu tenho certeza que você não comeu por algum tempo."

Ele estudou-a por um momento ou dois. Seu rosto oval era igualmente apresentado e amigável. Seus olhos eram escuros e havia uma luz inconfundível do humor neles. Quando ela sorria, o que ela fez agora, o rosto parecia ser transformado em um de grande beleza. Sua pele era cor de café claro. Seu véu e túnica eram um amarelo brilhante. Havia algo de maternal e acolhedor nela, ele pensou.

"Obrigado", disse ele. Ele pegou um pedaço de fruta e mordeu, sentindo o jorro do suco dentro de sua boca, trazendo sua própria saliva viva. Ele se divertia com o sentimento, lembrando que, apenas há pouco tempo, sua língua e garganta estavam inchadas e secas. Ele tinha uma vaga lembrança de alguém que repetidamente colocava uma garrafa de água na sua boca e advertindo-lhe de beber, mas lentamente, enquanto ele estava dormindo. Havia uma qualidade de sonho para ele, mas ele percebeu que tinha sido real. Seus salvadores devem ter completamente o reidratado sem acordá-lo realmente.

Ele tomou outro gole de água. Ele queria perguntar onde ele estava, mas a questão parecia tão banal. Em vez disso, ele indicou as pessoas que se deslocavam através do acampamento.

"Que pessoas são essas? ele perguntou. Ela sorriu para ele.

"Nós somos os Khoresh Bedullin" ela disse a ele. "Nós somos povos do

deserto. Meu nome é Cielema. Ela fez o gesto de mão lábios-testa-lábios que ele tinha visto Selethen usar. Ele não se sentia bem para respondê-la. Em vez disso, ele fez uma curva estranha meia de sua posição sentada.

"Como você faz, Cielema. Meu nome é Will."

"Seja bem-vindo ao nosso acampamento, Will", disse ela. Enquanto eles estavam falando, ele de repente percebeu como ele estava com fome e ele pegou alguns dos deliciosos pães na cesta. Havia também as fatias de carne assada e ele pegou uma, envolvendo-a no pão e tomando uma grande mordida. A carne estava deliciosa, perfeitamente grelhada de modo que ainda corria com sucos, com um sabor levemente defumado do fogo e levemente temperado com especiarias deliciosas. Ele mastigou e engoliu, em seguida, arrancou um grande pedaço de pão e uma segunda fatia de carne, enchendo a boca e mastigando com entusiasmo. Cielema sorriu suavemente.

"Não pode haver muita coisa errada com um homem jovem com tal apetite", disse ela, e ele hesitou, pensando que talvez ele tinha demonstrado um comportamento inadequado em devorar seu alimento dessa maneira. Ela riu e fez um gesto para ele continuar.

"Você está com fome", disse ela. "E tal entusiasmo é um elogio à minha cozinha."

Felizmente, ele comeu mais do alimento. Quando as dores da fome foram acalmadas, ele tirou as migalhas de seu colo e olhou em volta novamente.

"O homem que me encontrou", ele perguntou. "Onde ele está?"

Ela apontou para o meio do acampamento. Ele percebeu que tinha sido colocado à margem do campo, provavelmente para garantir o seu descanso.

"Ele é Umar ib'n Talud," ela disse a ele. "Ele está certamente envolvido em assuntos muito pesados agora. Ele é o nosso Aseikh."

Ela viu a incompreensão nos olhos e explicadas. "Aseikh é a nossa palavra para o líder. Ele é o chefe do povo Khoresh Bedullin. Ele também é meu marido", acrescentou. "E ele sabe que precisa remendar nossa barraca e que eu tenho um tapete que preciso bater. É por isso que ele está, seguramente, envolvido em assuntos de peso agora."

A dica de um sorriso tocou-lhe a boca. Will tinha a sensação de que um Aseikh poderia ser o líder de seu povo mas, como maridos em todo o mundo, ele respondia a autoridade final de sua esposa.

"Eu gostaria de agradecê-lo", disse ele, e ela assentiu concordando.

"Eu tenho certeza que ele iria desfrutar disso também."



"Esses Tualaghi são bons com isso," Gilan disse enquanto ele e Halt balançavam para trás em suas selas respectivas. Selethen estava sentado em sua própria montaria, esperando para ouvir o que os Arqueiros tinham encontrado.

Era a quinta vez nessa tarde que eles haviam perdido o rastro deixado pelo grupo de guerra Tualaghi à frente deles, e tiveram de lançar ao redor de pé por algum sinal fraco, mostrando a direção que eles haviam tomado.

Halt grunhiu em resposta à medida que eles cavalgavam novamente. No primeiro dia, os Tualaghi tinham continuado sem fazer qualquer tentativa de esconder o seu progresso. Mas depois disso, eles tinham começado a cobrir seus rastros, deixando um pequeno grupo para seguir atrás e apagar os sinais deixados pelo grupo principal, que gradualmente mudou de direção. Claro, eles não conseguiam remover todos os vestígios da sua passagem, mas apenas perseguidores com a habilidade de Halt e Gilan veriam os sinais fracos demais.

"Esta é a forma como tem sido toda vez que tentei segui-los", disse Selethen. "Nós veríamos claramente sua fuga por um tempo, então eles simplesmente desaparecem".

"Faz sentido," Halt lhes disse. "Você precisa de luz para cobrir faixas como esta, assim como precisamos de dia para segui-los. No primeiro dia, eles estariam interessados em colocar quantos quilômetros atrás deles possível. Meu palpite é que eles montam para fora antes do amanhecer e continuar avançando até o meio do dia. Em seguida, eles descansam e continuam no fim da tarde e à noite. Então, quando eles estabelecerem uma vantagem sobre seus perseguidores, todos eles começam em ziguezague e criarem varias faixas." Ele olhou para Selethen. "Isso é quando seus perseguidores perdem a trilha e você tem que desistir", disse ele. Selethen assentiu com tristeza.

"Pelo menos isso está os deixando mais lento", Gilan acrescentou.

Halt assentiu. "Eles têm que viajar durante o dia, o mesmo que nós fazemos. E eles não estão tomando um caminho direto. Meu palpite é diminuir a distancia pela metade em um dia."

Os Dois Arqueiros tinham sido capazes de cortar alguns cantos em sua

perseguição. Logo se tornou aparente que os Tualaghi, talvez com excesso de confiança em sua habilidade passada para confundir os perseguidores Arridis, haviam caído em um padrão de trilhas falsas e ziguezagues. Depois de várias horas, o padrão se tornou previsível e Gilan e Halt tinham sido capazes de ignorar algumas das pistas falsas e manterem-se em uma rota mais direta, pegando o caminho real a alguns quilômetros mais à frente. Tinha também rapidamente se tornado aparente que, quando eles lançavam uma pista falsa, eles iriam ter menos esforço para cobri-la. Eles eram bons, como notou Gilan. Mas faltava o elemento importante de sutileza.

Claro, isso ajudou para que Halt e Gilan pudessem funcionar como uma equipe. Quando chegavam a um desvio, Gilan o seguia por um tempo curto, como um seguro, enquanto Halt levava o grupo Arridi ao longo do caminho que o inimigo havia tomado anteriormente. O fato de que o grupo de busca estava viajando no início da manhã ou no final da tarde era outro golpe de sorte. O oblíquo ângulo de luz baixa facilitou vista das perturbações e as marcas de cascos leves deixadas na areia fina que cobre o deserto.

Até agora, sempre que haviam adotado essa tática, eles tinham redescoberto o caminho real a poucos quilômetros, a altura em que Gilan voltaria a eles. Felizmente, o terreno era plano e eram capazes de manter a linha de comunicação de visão por distâncias consideráveis.

Como Halt tinha dito, eles tinham se aproximado a metade do caminho mais perto dos Tualaghi em um dia. Mas ele queria chegar mais perto ainda. Ele olhou para o sol, protegendo os olhos com a mão. Estava chegando perto do meio do dia, quando eles iriam descansar do calor.

"Eu estou pensando", ele disse a Selethen, "que esta tarde, os três de nós poderíamos avançar adiante. Vamos avançar mais rapidamente dessa maneira, e podemos deixar sinais claros para o resto do grupo nos seguir. Eu quero chegar perto o suficiente amanhã à noite para Gilan dar uma olhada nesses Tualaghi."

Selethen assentiu em acordo. A sugestão fazia sentido. Com um grupo de cinquenta homens, eles eram limitados pelo cavalo mais lento do grupo. E a natureza contínua começa-para de seu progresso, quando Halt e Gilan tinham de procurar pistas sobre o chão duro, somados ao tempo que eles estavam tomando. Cada vez que eles pararam, ele teve muito tempo para montar o grande grupo e começar a avançar novamente. Havia sempre um perímetro a ser reforçado, uma pedra no casco de um cavalo, uma peça de equipamento necessitando um ajuste, uma bebida para ser tomada a partir de uma garrafa de água. Poderia ser apenas alguns minutos aqui e ali, mas tudo isso somado ao longo de um dia.

"Nós vamos continuar por mais alguns quilômetros", disse ele, "então nós vamos descansar. Esta tarde, nós três iremos em frente."

Era uma indicação significativa da mudança em seu relacionamento, Halt pensou. Após a sua suspeita inicial na cena do massacre, o Wakir tinha colocado a sua confiança nos dois Arqueiros a guiarem seu grupo. Agora ele estava disposto a isolar-se de seus próprios homens e andar em frente com Halt e Gilan.

Por sua parte, o Wakir sentiu uma crescente satisfação com a perspectiva de dar um golpe nas tribos Tualaghi. Os nômades sabiam que ele não tinha perseguidores Bedullins trabalhando com ele e eles estavam confiantes, como o Arqueiro barbudo tinha explicado. Se ele e seus guerreiros fossem capazes de criar um ataque surpresa em algum momento nos próximos dias, o velho inimigo poderia não estar tão pronto para atacar no futuro com a sua capacidade aparente para desaparecer no deserto. Eles nunca saberiam como ele conseguiu localizá-los através do deserto e ele faria com que tal conhecimento nunca chegasse a eles.

Ele estava em algum temor da possibilidade de os dois nortistas de ler sinais no chão. Eles tinham-lhe mostrado várias vezes o que eles estavam procurando, e o que eles tinham visto: um recuo em um pedaço de areia mais suave, um ligeiro raspar de uma unha sobre um pedaço de solo pedregoso, um segmento de uma sela ou de um manto capturado em um dos sempre presentes arbustos. Pequenos sinais que ele nunca iria perceber. No entanto, seus olhos afiados os viam como se os fatos estivessem escritos no chão, em letras grandes. Ele também refletia ironicamente sobre sua vontade de andar sozinho com eles. Ele tinha sido tentado a trazer um ou dois de seus soldados também. Mas ele rejeitou a idéia. Era importante, segundo ele, mostrar a estes homens que ele confiava neles.

Gilan estava balançando para baixo da sela de novo e andando alguns passos à frente, olhando para o chão. Seu cavalo seguia obedientemente atrás dele, poupando-lhe o tempo necessário para voltar e montar. O Arqueiro jovem lembrava a Selethen um cão rastreador com sua energia e vontade de seguir a trilha dos Tualaghi.

"Esse caminho," ele estava chamando, apontando ligeiramente para a esquerda, e o grupo Arridi balançou seus cavalos para seguir a direção que ele havia indicado.



Depois de descansar no meio do dia, Selethen e os dois Arqueiros moveram à frente do principal grupo, tendo arranjado para deixar para trás os sinais para os outros seguirem. A cada mudança de direção, que raspava uma flecha grande no chão. Ou, se o terreno estava muito difícil, eles formariam uma flecha com pedras e rochas.

Após as primeiras duas horas, era óbvio que eles estavam se movendo mais rapidamente do que soldados de Selethen. A pequena nuvem de poeira levantada pelo corpo de cavalaria era pouco visível no horizonte. Halt franziu a testa pensativamente enquanto ele estudava isso.

"Melhor manter isso em mente quando chegarmos a uma distância plausível", disse ele. "Nós não queremos que eles saibam que estamos atrás deles."

Eles cavalgaram rápido no meio da tarde, até que o sol estava quase no horizonte ocidental, e a luz era muito incerta para monitoramento. Selethen tinha notado que os Arqueiros tinham aumentado o seu ritmo, às vezes, trotando e galopando mesmo quando a trilha era fácil de seguir. Os cavalos que montavam eram resistentes e não mostravam desconforto ao viajar mais rápido do que a lenta caminhada que tinham sido reduzidos antigamente. Seu próprio cavalo estava despreocupado pela mudança de ritmo, mas ele era um puro-sangue, de uma longa linhagem de alguns dos melhores cavalos dos Arridi. Selethen sabia que alguns dos cavalos montados pelos seus soldados teriam sido um obstáculo quando o ritmo aumentasse e ele olhou com mais cuidado para a montaria peluda dos Arqueiros. Ao lado de seu cavalo Arridi belo e preparado eles pareciam anódinos e surrados. Mas eles tinham enorme resistência e velocidade incrível, ele pensou. No curto prazo, ele acreditava que seu garanhão, Senhor do Sol, provavelmente os ultrapassaria. Mas, então, a capacidade deles de manter a velocidade km após km provavelmente começaria a diferenciá-los.

Talvez eu deva saber mais sobre estes cavalos, ele pensou, conforme ele considerava as vantagens de ter uma cavalaria equipada com tais montarias.

O grupo principal estava bem longe da vista pelo tempo que os três pararam na noite.

Eles tiraram a sela, prenderam os cavalos e levantaram acampamento. Selethen se dispôs a recolher lenha para uma pequena fogueira. Halt e Gilan moveram-se para ajudá-lo, mas ele os acenou de lado.

"Vocês trabalham o dia todo", disse ele. "Eu fui um passageiro."

Ele viu o olhar um pouco surpreso que se passou entre eles e sentiu secretamente feliz que ele tinha ganhado a sua gratidão e, talvez, um pouco de

respeito. Eles não eram homens de cerimônias, ele pensou, e sabiam que a verdadeira autoridade vinha de compartilhar o trabalho duro, não tentando colocar-se acima dele. Ele logo tinha uma fogueira que lançava um círculo de luz brilhante ao seu redor. Seria visível na escuridão com certa distância, ele sabia. O grupo seguinte não teria nenhuma dificuldade em encontrar-los no escuro.

"Isso é outra coisa que teremos que pensar à medida que nos aproximamos", disse Halt. De cinco ou seis quilômetros de distância, o fogo seria um pontinho brilhante. E antes que a lua subisse, seu brilho poderia ser bem visível no céu a partir de muito mais longe.

Eles comeram quando o principal grupo finalmente se juntou a eles, três horas após o anoitecer. Enquanto as tropas relaxavam após a sua refeição, bebiam café e conversavam tranquilamente, Selethen movia entre eles, como um bom comandante deve. Parava por cada pequeno grupo, passando a um joelho e falando calmamente, valorizando-lhes os progressos realizados durante o dia, verificando se eles ou os seus suportes estavam tendo problemas.

Halt e Gilan tinham sido acompanhados por Svengal e os outros Araluans. Eles assistiam Selethen com aprovação enquanto apreciavam o rico café Arridi. Eles sabiam que o Wakir deveria estar cansado e com desejo de deitar confortavelmente no chão ainda quente com uma xícara de café. Mas ele continuava a mover-se entre os seus homens, com uma piada aqui para um velho companheiro ou uma palavra de conselho ou preocupação existe para um jovem recruta.

Finalmente, a figura alta e vestida de branco completou sua ronda. Algo para sua surpresa, ele caminhou em direção ao local onde estavam sentados.

"Posso acompanhá-los?" disse ele.

Halt fez um gesto de boas vindas. "Por favor".

Horace começou a levantar. "Eu vou arranjar-lhe uma xícara de café", disse ele, mas Selethen acenou de volta para baixo.

"Sidar fará isso," ele respondeu e eles perceberam que um dos soldados, antecipando as necessidades de seu líder, estava trazendo um copo da pequena fogueira. Conforme Selethen sentava-se, ele suspirou satisfeito, então aceitou o copo de seu soldado.

Ele bebeu profundamente, então suspirou outra vez — o suspiro contente que vem da dor, os músculos cansados que estão finalmente autorizados a descansar.

"O que faríamos sem kafay?" ele perguntou-lhes, usando o nome Arridi, o nome original, para a bebida.

"Se você é um Arqueiro, muito pouco", respondeu Horace, e todos eles sorriram. Selethen já havia observado que os Arqueiros eram tão entusiasmados com a bebida como qualquer Arridi. O guerreiro alto parecia compartilhar o mesmo vício de perto, enquanto o Escandinavo geralmente resmungava sobre o café à noite, desejando que em vez dele fosse uma cerveja escura de sua pátria. No que diz respeito a Svengal, essa era a única bebida que valia a pena beber após um longo dia.

"Não sei como vocês continuar sem uma boa bebida de cerveja", disse ele. "Liquida a mente à noite, cerveja faz."

Evanlyn sorriu para ele... "Sentindo saudades, Svengal?" perguntou ela. O grande pirata estudou-a por um momento, considerando sua resposta.

"Para dizer a verdade, sua majestade," ele disse, "Eu não fui construído para este clima."

Svengal insistia em chamar Evanlyn como sua majestade. Isto apesar do fato de que ela lhe tinha pedido várias vezes a chamá-la de Evanlyn ou Cassandra. Ela ainda salientou que, como uma princesa, ela deve ser corretamente tratada como Vossa Alteza, e não sua majestade. Mas Svengal persistia. Ela suspeitava que fosse uma forma não muito sutil de piada Escandinava e uma afirmação do igualitarismo Escandinavo que rejeitava a idéia de linhagem real e dos reis hereditários pré-destinados a governarem pelo simples fato de seu nascimento. Escandinavos elegem seus líderes pela sua capacidade e popularidade, ela sabia. E, olhando para trás em alguns dos reis que Araluen tinha colocado em sua história, ela não estava completamente certo de que os Escandinavos não tinham a melhor idéia.

"Você não foi construído para montar, também," Horace acrescentou. "Eu diria que é mais dor de sela do que saudade."

Svengal suspirou tristemente, mudando de posição, pela vigésima vez para encontrar um local mais confortável.

"É verdade", disse ele. "Eu estou descobrindo peças de minha parte traseira que eu nunca soube que existia."

Selethen sorriu, desfrutando do bom humor calmo e da amizade desses estrangeiros.

Mas ele não tinha vindo para conversar. Ele tossiu delicadamente e viu que a atenção de Halt foi atraída imediatamente.

"Algo em sua mente, Selethen?" Halt perguntou. Eles passaram do tempo em que ele poderia resolver o Wakir por seu título ou pelo título honorífico "excelência". Selethen inclinou-se, alisando a areia na frente dele.

"Por uma questão de fato, sim. Um dos meus cabos levantou um ponto

interessante, enquanto eu estava conversando com os homens."

Ele sacou sua adaga curva e riscou um X na areia. "Digamos que esta é a nossa posição no momento", disse ele. Então ele desenhou um ziguezague, curvando-se para até ao X em um metro ou mais. "E para chegar até aqui, que nós temos seguido os Tualaghi enquanto eles ziguezagueavam e criavam ilusões e voltavam." Ele olhou para Halt. "Como você apontou, isso nos deu a chance de chegar neles."

Halt assentiu. Ele esperou para ver o que Arridi estava querendo mostrar.

"Apesar de tudo isso cortando e mudando, os Tualaghi mantiveram a voltar para um curso de base. Ele cortou uma linha reta pelo meio da linha em ziguezague. "E se continuarem, vai levá-los aqui." Ele arrancou um ponto na areia mais ao longo da linha projetada que indicava o curso base dos Tualaghi.

"E o que poderia estar lá?" Evanlyn perguntou. Selethen olhou para ela para responder.

"Os Poços Khor-Abash", disse ele. "A melhor fonte de água em duzentos quilômetros."

Horace franziu o cenho para raspar as marcas na areia. "Você acha que eles precisam de água?" Ele perguntou. Selethen virou o seu olhar para o jovem. Seu rosto estava muito sério quando ele respondeu.

"No deserto, você sempre precisa de água", disse ele. "Um viajante sábio nunca deixa passar a oportunidade de encher as garrafas de água."

"Existe outro lugar eles poderiam fazer isso?" Halt perguntou. Selethen bateu outra marca na areia com sua adaga.

"Há os Poços Orr-San", disse ele. "Eles são menores e não tão confiáveis. E eles estão quarenta quilômetros mais a oeste. Se os Tualaghi estão indo para onde eu acho que eles estão, eles estão muito longe de seu curso." "Onde você acha que eles estão indo?" Halt o perguntou. Para a maior parte, os outros estavam contentes em deixá-lo falar.

"Aqui". A faca esfaqueou novamente. "Para o norte. O maciço do Norte está aqui." Ele raspou uma linha de leste a oeste. "Há montanhas, morros, falésias, canyons cegos. E várias cidades, eles podem usar como base."

Halt franziu a testa. "Eu pensei que você disse que os Tualaghi eram nômades?"

Selethen assentiu. "Eles são. As cidades são cidades Arridis, mas os Tualaghi as capturam e as usam por um mês, seis semanas em um momento. Então eles voltam para o deserto de novo, ou ainda para as colinas."

Halt coçou o queixo pensativo, estudando as marcas que Selethen tinha feito.

"Portanto, se você está certo e eles estão indo para esses poços, nós poderíamos simplesmente parar de seguir os Tualaghi e atravessarmos em linha reta em direção a eles? Com alguma sorte, podemos estar à espera deles quando eles chegarem."

Selethen encontrou seu olhar, segurou-o e balançou a cabeça. "É uma aposta, é claro", disse ele. "Mas eu não consigo pensar em nenhum outro lugar eles poderiam estar indo".

Halt hesitou. Ele olhou ao redor nos rostos de seus companheiros. Afinal, Erak era um amigo de todos eles e se seguissem o plano Selethen, eles arriscariam perde-lo de vista. Silenciosamente, um após o outro, todos eles concordaram com a cabeça. Ele olhou para Selethen.

"Vamos fazer isso", disse ele.



Cielema ajudou Will a ficar conforme ele se livrava do cobertor e se levantava da cama que tinha sido colocada sob as árvores.

Ela o firmou com a mão debaixo do braço. Ele balançou grogue por alguns segundos, em seguida, firmou a cabeça e ele ficou mais firme. Ela assentiu com a cabeça para ele, convencida de que ele estava bem no caminho para a recuperação.

"Um corpo saudável e forte restabelece-se rapidamente com um pouco de descanso", disse ela. "Venha conhecer o poderoso Umar;"

Novamente, havia um tom divertido para suas palavras. Will percebeu que seus pés estavam descalços e ele não podia ver as botas. Sua capa tinha sumido também. Ela o viu olhar ao redor.

"Seus pertences estão seguros," disse ele. Ela o viu olhando para outra coisa e adivinhou o que poderia ser. O pequeno cavalo tinha ficado ao seu lado durante o dia e noite quando ele dormia.

"O cavalo está com o resto do rebanho. Eles estão bebendo água e sendo alimentados" ela disse a ele. "Demorou um pouco para convencê-lo a sair de seu lado."

Will sorriu para o pensamento. Ele teve um momento de pânico quando ele tinha pensado, talvez, que ele havia sonhado que Puxão estava aqui. Tranqüilizado, ele olhou para os pés descalços.

"Minhas botas", disse ele. "Eu preciso de minhas botas."

Mas Cielema apenas sorriu e começou a levá-lo para o centro do campo. "A areia é macia."

Ela estava certa. Ele caminhou ao lado dela com ela segurando seu braço levemente no caso de ele tropeçar. A areia, ainda não aquecida pelos raios queimantes do sol, estava fresca e macia sob os pés. Ele tomou conhecimento de uma ligeira sensação de queimadura nos braços e no rosto. Ele olhou para baixo e viu que a pele vermelha, queimada de seus braços estava brilhando com algum tipo de composto de óleo.

"É um salve que nosso povo tem usado por anos. Em um dia ou dois

suas queimaduras irão curar," ela disse a ele. Ele assentiu para ela.

"Obrigado", disse ele, e mais uma vez ela sorriu para ele. Ele sentiu uma sensação de calor para este tipo de mulher bem-humorada. Aseikh Umar era um homem de sorte, ele pensou.

Enquanto eles passavam pelo acampamento, ele percebeu que as pessoas pararam para vê-lo — em particular as crianças. Várias vezes ele ouviu as palavras estrangeiras murmurando por trás dele. Tal curiosidade era natural, ele pensou. Mas também havia sorrisos e gestos de boas-vindas — até agora, o gesto de boca-testa-boca familiar — e ele devolvia os sorrisos e acenava com a cabeça em saudação.

"Seu povo é muito amigável", disse ele. Cielema franziu a testa, pensativa.

"Nem sempre", disse ele. "Como uma regra, nós gostamos de manter a nós mesmos.

Mas todo mundo fica feliz quando alguém é salvo do selvagem Lord dos Céus. Ela apontou para cima e ele percebeu que ela quis dizer sol. Ele supôs que era um inimigo constante e ameaçava essas pessoas.

Eles estavam perto do centro do acampamento agora e ele podia ver um grupo de meia dúzia de homens sentados em círculo. Todos eles usavam kheffiyehs amarelos e brancos controlados — como o que ele tinha notado em seu salvador. Cielema parou com uma ligeira pressão no seu braço.

"Temos de esperar", disse ela. "Eles estão envolvidos em negócios importantes."

Seu tom era grave, quase reverencial. Os dois pararam, a cerca de cinco metros do grupo de homens. Eles foram todos para frente inclinado, olhando fixamente para uma rocha vertical colocada no meio do círculo. Will pensou que eles deviam estar rezando, embora não havia palavras sendo ditas.

Então, como um, todos eles caíram de volta com um rugido de decepção.

"Ela voou para longe!" disse uma figura e Will reconheceu a voz. Era o homem que o resgatou. "Chegou quase ao topo e voou longe!"

Ele olhou interrogativamente para Cielema e ela revirou os olhos para ele. "Dá pra acreditar?" disse ela. "Os homens crescidos apostando em duas moscas rastejando até uma pedra!"

"Apostando?" disse ele. "Eu pensei que eles estavam orando."

Ela levantou uma sobrancelha. "Para eles, é a mesma coisa. Os Bedullin apostam apenas em aproximadamente qualquer coisa. É quase uma religião." Ela se aproximou dele e o círculo começou a romper e a maioria dos homens se afastou. "Aseikh Umar!" ela chamou. "Seu visitante acordou."

O marido levantou-se e virou-se para eles com um sorriso largo. Will

reconheceu o rosto e o poderoso, grande e torto nariz. Umar parou em frente a ele, ambas as mãos para fora. Ele foi pegar os antebraços Will em saudação, mas sua esposa assobiou advertência.

"Cuidado, palhaço! Seus braços estão queimados!"

Percebendo seu erro, o Aseikh parou ambas as mãos no ar numa espécie de gesto de bênção em seu lugar. "Claro que sim! Claro que sim! Por favor, venha sentar-se. Diga-me seu nome. Eu sou..."

"Ele sabe quem você é. Você é o grande apostador de moscas Umar. Seu nome é Will."

Umar sorriu facilmente a sua esposa. Will tinha a impressão de que este tipo de mímica se passava entre os dois o tempo todo. Então, ele olhou para Will.

"É bom vê-lo acordado. Você estava quase terminado quando te encontrei! Venha sentar-se e me diga o que você estava fazendo." Ele olhou para Cielema. "Mulher amada, você vai nos trazer café?"

Cielema levantou uma sobrancelha e olhou interrogativamente à Will. "Você gostaria de café, Will?"

Sua boca molhou ao pensamento disso, um sinal certo de que ele estava se recuperando rapidamente. "Eu amo café", disse ele.

Ela fez uma curva graciosa. "Nesse caso, vou trazer algum."

Ela saiu, com a cabeça erguida. Umar sorriu depois dela. Então ele voltou sua atenção de volta à Will e o levou para o círculo de almofadas.

"Assim, seu nome é Will," disse enquanto se sentou com as pernas cruzadas.

"É sim". Will fez uma pausa, depois acrescentou: "Eu quero te agradecer por salvar minha vida, Aseikh Umar."

O Bedullin acenou com a graças de distância. "Foi o cavalo que você estava montando, que salvou sua vida. E ele o fez duas vezes."

"Flecha!" disse Will, recordando. Ele não tinha visto Flecha desde que ele foi resgatado. "Onde ele está? O que ele fez?"

O sorriso de Umar desapareceu. "Ele está morto, Will. Um leão o pegou durante a noite. Essa foi a primeira vez que ele salvou. O leão o pegou, e não você. Vimos suas trilhas e elas passavam dentro de dois ou três metros de onde você estava. O cavalo foi, obviamente, se movendo e fazendo barulho para que o leão nunca notasse você".

"Morto" Will disse, triste. Flecha tinha sido um bom cavalo. Umar assentiu com simpatia. Ele admirava o homem que cuidava de seu cavalo.

"Ele salvou sua vida pela segunda vez na manhã seguinte", disse ele. "Os

abutres se reuniram para festejar com ele e os vimos. Eu vim para investigar e... lá estava você." Ele sorriu de volta em um tópicio mais alegre.

Will balançou a cabeça com gratidão. "Mais uma vez, você tem a minha gratidão", disse ele.

Como antes, Umar relevou seus agradecimentos. "É o que fazemos no deserto. Na verdade, é considerado boa sorte salvar um companheiro de viagem em apuros." Então seu rosto acelerou com interesse. "Nós temos suas armas!" disse ele. Ele se virou e pediu a uma tenda, baixa e larga, espalhada a poucos metros de distância. "Ahmood! Traga as armas do estrangeiro!"

O adolescente saiu da barraca alguns segundos mais tarde. Sorrindo, ele entregou as facas de Will, em sua bainha dupla, e seu arco e aljava. Ele também entregou o mapa dobrado e o Procura-Norte no seu estojo de couro. Will levantou-se guardou a bainha dupla. Ele sentia uma sensação de completude. Nenhum Arqueiro nunca estaria totalmente confortável sem suas armas. Umar o observava atentamente e, em seguida pegou o arco sem corda.

"Eu nunca vi um como esse antes", disse ele. "Deve ser incrivelmente poderoso."

"E é" Will disse. Rapidamente, ele se instalou o arco na frente de seu tornozelo esquerdo e atrás de sua panturrilha direita. Usando seus músculos das costas, ele dobrou a curva e deslizou até a corda para o entalhe na extremidade. Ele entregou a Umar, que testou a pressão, fez uma pequena careta, depois voltou a arma para Will.

"Me mostre", disse ele, entregando a Will uma flecha da aljava.

Will colocou a flecha na corda e olhou em torno por um alvo adequado. Ele notou um grupo de meninos a cinqüenta metros de distância, jogando um jogo com uma pequena bola de couro. Eles usavam os seus pés, cabeças e corpos para mantê-lo no ar, passando entre eles, sem deixá-la tocar o chão. Ele começou a olhar para uma área mais segura para demonstrar, em seguida, olhou para trás quando algo chamou sua atenção. O menor menino, não mais de oito anos de idade, perdeu o controle da bola, enviando-a saltando e rolando até que ela terminou debaixo de uma pedra lisa. Rindo, ele correu atrás, e caiu para as mãos e os joelhos, procurando por isso.

Will puxou, mirou e disparou no espaço de um batimento cardíaco. Sua flecha piscou através do oásis, errando a mão do menino por centímetros, e terminou, tremulando, embaixo da pedra. O garoto recuou, gritando em terror. Seus companheiros ecoavam seus gritos, voltando-se para ver de onde a flecha tinha vindo.

Um punho enorme atingiu a mandíbula de Will. Ele cambaleou e caiu, o

arco caindo de suas mãos. A face de Umar estava contorcida de raiva.

"É um tolo imprudente! Você acha que vai me impressionar, arriscando a vida do meu neto? Você poderia ter matado ele!"

Sua mão caiu no punho maciço de um punhal pesado em seu cinto. Will, atordoado pelo golpe, tentou recuperar seus pés, mas um pontapé selvagem de Umar tirou o fôlego dele e o mandou rolando novamente. À distância, Will podia ouvir a criança, ainda chorando de medo, e um emaranhado de vozes gritando — gritando em surpresa e raiva e medo.

Ele ouviu o som metálico fraco! do punhal sendo extraído de sua bainha. Então a voz do Cielema, aguda e urgente, acima das outras.

"Umar pare! Olhe para isto!"

Umar afastou-se da figura propensa antes dele. Sua esposa estava voltando com o café, quando ela tinha passado por seu neto e testemunhado o incidente. Agora ela estava de joelhos, buscando algo no âmbito da pedra. Com um esforço, ela puxou a flecha livre. Com isso, sustentado firmemente pela cabeça farpada, estava o corpo de metros de comprimento da cobra de areia que ele tinha acertado. A flecha tinha passado de forma limpa pela cabeça da cobra, matando-a instantaneamente.

Um segundo antes que ela pudesse atacar o menino.

O punhal caiu da mão de Umar quando ele percebeu o que tinha acontecido, o que ele tinha feito. Espantado, ele inclinou-se para ajudar Will se levantar.

"Perdoe-me! Me desculpe! Eu pensei que..."

Will ainda estava ofegante quando Cielema chegou a eles, brandindo a cobra morta espetada sobre a flecha.

"O que você está fazendo, seu idiota?" ela exigiu. "O menino salvou Faisal!"

Umar tinha levantado Will aos seus pés e começou a escová-lo febrilmente para baixo, um olhar ferido nos olhos. Ele estava prestes a matar o jovem que tinha, sem dúvida, salvado a vida de seu neto.

"Perdoe-me!" disse ele furiosamente. Mas Cielema roçou-lhe, empurrando-o longe do jovem estrangeiro.

"Vá embora!" ela disse severamente. Ela largou a cobra morta, pegou o maxilar de Will em suas mãos e delicadamente trabalhava de um lado para outro, a cabeça inclinada para ouvir. "Você está bem?" ela perguntou a ele. Ele tentou um sorriso fraco, então ele queria que ele não tivesse feito quando isso machucou o queixo.

"Pouco inchado", disse ele turvo. "Mas Eu estou be".

Ela moveu-se rapidamente para onde uma jarra de água estava fora da grande tenda nas proximidades. Mergulhando o final de seu lenço nele, ela voltou e apertou o pano molhado frio contra sua mandíbula. Umar tentou mais uma vez acalmá-la.

"Sinto muito!" disse ele. "Eu pensei que..." Ele não continuou. Ela virou para ele selvagememente.

"Você pensou? Quando você pensou? Você estava pronto para matar o garoto! Eu vi você com aquela sua faca!"

Will pegou suas mãos e retirou o pano molhado do rosto. Ele trabalhou um pouco o queixo, tendo certeza de que nada estava quebrado.

"Está tudo bem" ele disse a ela. "Nenhum dano feito. Estou um pouco machucado. Foi apenas um mal-entendido."

"Exatamente!" Umar disse a ela. "Um mal-entendido." Cielema olhou selvagememente.

"Ele salvou a vida de Faisal, disse ela. "E o que você fez?" Umar foi responder, mas percebendo que não havia nada que ele pudesse dizer que iria aplacar sua esposa furiosa, deixou cair as mãos impotentes. Ele sabia que ele tinha agido com pressa, que ele estava errado. Mas o que você poderia esperar? Certamente parecia como se o desconhecido atirasse perto de seu neto em uma demonstração arrogante e imprudente de sua mira. Agora que Umar pensava sobre isso, ele percebeu que as habilidades de tiro do estranho eram da ordem mais elevada possível. Ele nunca tinha visto ninguém atirar assim. Ele olhou novamente para a esposa, viu a raiva nos olhos e no conjunto de seu corpo e sabia que não havia nada que ele pudesse dizer.

Will entrou no silêncio constrangedor. "Ele salvou a minha vida, lembra?" Ele sorriu um pouco desigual para o Aseikh. "Eu diria que isso nos faz quites". Ele estendeu a mão para o Bedullin, que o pegou com gratidão, e segurou-o.

"Você vê?" ele disse a sua esposa. "Não há ressentimentos. Foi um erro!"

Vendo a reação de Will, e seu desafeto para realizar qualquer tipo de rancor, Cielema relaxou um pouco. Ela ainda se permitiu um sorriso pequeno, apertado para os dois homens enquanto eles continuaram apertando as mãos.

"Muito bem", disse ela. Então, para Will, "Mas você precisa nos dizer alguma coisa que podemos fazer por você."

Ele deu de ombros. "Você já fez mais do que suficiente. Apenas me dê um ou dois dias para descansar e recuperar minha força, me de comida, água e meu cavalo. Então me dê instruções para Mararoc e eu não vou te incomodar mais."

Mas o Aseikh estava franzindo a testa com suas palavras. "Seu cavalo?"

disse ele. "Seu cavalo morreu. Eu disse a você. Um leão o pegou."

Will balançou a cabeça, sorrindo. "Não aquele cavalo. Puxão. O pequeno cinza desgrenhado que estava com você quando você me encontrou. Ele é o meu cavalo."

Agora foi a vez de o Aseikh sacudir a cabeça. Ele estava relutante em causar decepção para o estrangeiro. Mas ele tinha que encarar os fatos.

"Ele não é o seu cavalo", disse ele. "Ele é nosso."



Agora que eles tinham decidido tomar o caminho mais direto para os Poços Khor- Abash, parecia haver nenhum sentido em ter Gilan, Halt e Selethen cavalgando na frente.

Antes do amanhecer do dia seguinte, todo o grupo levantou acampamento e partiu junto. Inicialmente, Selethen os levou em uma longa curva oeste, antes de dobrar para trás a um curso noroeste — o curso base que os Tualaghi tinham seguido. Isto lhes deu bastante folga para que pudessem evitar cruzarem com o grupo da guerra Tualaghi em um de seus ziguezagues a oeste.

Sem a necessidade de seguir mais as trilhas Tualaghi, eles foram capazes de reverter para o padrão original de viagem, viajando nas horas mais frias da escuridão antes do amanhecer. Além disso, eles continuaram a se mover para oeste-norte depois de o sol se por, tendo uma hora extra ou duas a cada dia de viagem. Desta forma, eles foram capazes de ganhar terreno considerável sobre o inimigo. Conforme eles acampavam na escuridão, no segundo dia de viagem direta, um dos olheiros do Selethen andava em campo e relatou a seu Wakir. Selethen ouviu, em seguida, se aproximou do local onde o grupo Araluan estava sentado, com um sorriso satisfeito no rosto.

"Nós estávamos certos", disse ele. "Meu batedor me diz que a força Tualaghi está seguindo um curso paralelo ao nosso. Eles estão acampados para a noite, cerca de dez quilômetros ao nordeste. Ele olhou significativamente ao pequeno fogo de cozinha semi-escondido que era tudo o que tinha sido permitido para seu grupo. Sua luz, ele sabia, seria apenas visível a uma distância de mais de dois quilômetros.

"Aparentemente, eles estão convencidos de que perdemos sua trilha. Eles não se preocupam em esconder suas fogueiras."

Halt coçou o queixo, pensativo. "É claro que, em circunstâncias normais, você teria desistido e voltado há muito tempo atrás, não é?"

O líder Arridi assentiu. "Exatamente. Parece que os nossos amigos estão a se tornar excessivamente confiantes na sua capacidade de nos perder."

"E o excesso de confiança" acrescentou Halt "pode ser uma coisa perigosa." Ele virou-se para o Arqueiro mais jovem, que estava relaxando, de costas apoiado na sela, o café sempre presente em suas mãos. "Gil", disse ele, "você acha que pode dar uma olhada em seu acampamento hoje à noite?"

Gilan sorriu e terminou seu café. "Pensei que você nunca pediria", disse ele. Ele olhou para a lua, agora baixa no céu ocidental. "A lua irá sair em meia hora ou assim. Poderia muito bem ir agora."

"De acordo com o homem de Selethen, você deve ser capaz de ver os seus fogos a cerca de quatro quilômetros de distância. Deixe Blaze lá e vá à frente de pé. Certifique-se de cobrir seus rastros e..." Halt pausou, consciente de que Gilan estava assistindo ele com um sorriso paciente no rosto. "Desculpe", disse ele. Se alguém sabia como fazer um trabalho de vigilância como este, era Gilan. "Você sabe de tudo isso, certo?" ele acrescentou, com um sorriso triste no rosto.

"Certo", disse Gilan. "Mas nunca é demais ser lembrado. Alguma coisa em particular que você quer que eu procure?"

Halt pensou, então encolheu os ombros. "O óbvio. Veja se é possível detectar Erak.

Veja como eles os tem guardado. Se há uma chance de tirá-lo fora de seu acampamento em segredo, eu prefiro fazer isso do que lutar uma batalha campal. Os números, claro. Vamos descobrir quantos deles realmente existem. Qualquer outra coisa que você acha que possa ser de interesse."

"Considere feito." Gilan tinham hasteado a sela sobre um ombro e se dirigia para o local onde os cavalos foram alojados durante a noite. Horace levantou-se apressadamente, escovando a areia dos joelhos.

"Espera aí, Gilan. Quer alguma companhia? ele perguntou. Gilan hesitou. Ele não queria ofender o jovem guerreiro.

"Poderia ser melhor se ele saísse sozinho, Horace," Halt advertiu. "Ele é treinado para mover-se silenciosamente e você não."

Horace acenou com a compreensão. "Eu sei disso. Mas eu posso esperar onde ele deixar Blaze — manter um olho nas coisas. Mesmo eu não posso ser ouvido a mais de quatro quilômetros de distância."

"Isso é discutível", disse Halt, perfeitamente sereno. Então ele olhou para Gilan. "Mas ele tem um ponto. Pode ser uma boa idéia para ter algum apoio por perto."

"Tudo bem por mim", Gilan disse, aliviado agora que ele sabia que não havia necessidade de ofender Horace. "Eu vou ficar feliz com a companhia. Vamos por a sela."

Horace estendeu a mão e agarrou sua sela própria e em conjunto, os dois caminharam em direção de seus cavalos.



"Isto é, tanto quanto melhor você ir", disse Horace Gilan. O jovem assentiu e ambos balançavam até o chão. Horace amarrou as rédeas de Kicker a um espinheiro. Gilan, na maneira dos Arqueiros, simplesmente caiu as rédeas no chão.

"Stay", disse ele a Blaze.

A baía, ambos sabiam, iria limitar os seus movimentos com um raio de vinte metros ou até seu mestre voltaram. Gilan e Horace examinaram o horizonte para o nordeste.

"Eles estão ficando arrogante, não são?" Horace. Mesmo a esta distância, o brilho dos fogos do acampamento Tualaghi era claramente visível no céu acima do horizonte.

"Eles estão de fato", disse Gilan. "Deixe que seja uma lição para você. Nunca assuma que você se livrou de alguém até que você esteja absolutamente certo disso."

Ele libertou seu arco e aljava e colocou-os no chão. Ele não iria precisar deles nesta missão e eles tinham acabado de entrar em seu caminho. Da mesma forma, ele tirou a espada embainhada em seu cinto. Isso o deixava com sua faca Saxônica e a faca de arremesso, que eram armas suficientes.

"Vocês querem que eu solte a sela de Blaze? Horace perguntou e Gilan respondeu sem hesitação."

"Não. Deixe como está. Kicker também. Podemos querer sair daqui com pressa, se alguma coisa der errado."

Horace o considerou com algum interesse. Ele conhecia a reputação do Arqueiro jovem como um dos melhores movedores invisível no Corpo Arqueiro — talvez o melhor. Foi-lhe dito que Gilan poderia abordar a poucos metros de um sentinela concentrado, roubar o cinto e sapatos, e deixar o homem perguntando por que suas calças estavam caindo, e seus pés estavam frios. Horace sabia que era um exagero — mas não por muito.

"Você está esperando alguma coisa dar errado?" ele perguntou. Gilan olhou para ele sério e colocou uma mão em seu ombro.

"Sempre esperamos algo dar errado", disse ele. "Acredite, se você estiver errado, você não está decepcionado. Se você está certo, você está pronto para isso."

Às vezes, ele sentia estranho estar dando esse tipo de conselho para alguém que era um cavaleiro, e reconhecido como um excelente espadachim. Mas Gilan teve que fazer-se lembrar que Horace era apenas jovem, não importa quanto ele possa ter realizado.

"Vejo você em algumas horas", disse ele, e derreteu-se na escuridão.



Gilan moveu-se rapidamente e silenciosamente sobre o terreno acidentado. Quando ele chegou à crista do primeiro cume entre ele e o acampamento Tualaghi, ele olhou para trás uma vez ao local onde a figura alta e os dois cavalos estavam esperando. Então ele caiu no chão e rolou em silêncio sobre a crista e na área escura por baixo, evitando se mostrar para qualquer observador possível. A única coisa que essa pessoa poderia ter visto teria sido uma sombra indeterminada que brevemente quebrou a linha do horizonte, antes de desaparecer.

Depois que ele estava seguramente abaixo do cume propriamente dito, Gilan retomou os seus pés e se dirigiu para as fogueiras.

O fato de ter essas clareiras era um perigo potencial, ele sabia. Seria muito fácil simplesmente continuar em direção à luz das fogueiras, agora cada vez mais visíveis no horizonte, sem cuidar que ele mesmo não fosse observado. Excesso de confiança, como todos tinham observado, era uma coisa perigosa. Assim, ele prosseguiu, como se houvesse uma contagem de sentinelas apenas fora da vista, todos alertas e todos avisados de que alguém pode estar tentando passar despercebido deles.

Levou mais tempo para fazê-lo dessa maneira. Mas ele sabia que poderia salvar a vida dele no final.



Era uma hora mais tarde quando ele chegou ao acampamento Tualaghi. Tal como antes, ele caiu no chão antes da crista do cume final, e avançou para frente, o capuz de sua capa puxou a máscara para o oval branco de seu rosto.

Enquanto seus olhos cresceram acima da linha do cume, ele assobiava silenciosamente para si mesmo. O acampamento era muito maior do que era esperado. Eles tinham vindo acompanhando um grupo de cerca de oitenta homens. Devia ter havido mais de duzentos neste campo, e duas vezes mais fogueiras do que ele poderia ter esperado — outra razão pela qual a luz do fogo

estava tão evidente.

Ou eles já voltaram ao grupo principal, pensou ele, ou se encontraram com outro.

Isso realmente não importa qual, ele percebeu. O fato era, não havia quase quatro vezes mais homens do que eles tinham com eles. Isso significava um ataque direto era praticamente fora de questão.

Enquanto ele digeriria este fato, seus olhos procuraram no acampamento por algum sinal de Erak. Não demorou muito para encontrá-lo. A figura corpulenta do Oberjarl se destacava entre os nômades franzinos do deserto. Como seria de esperar, ele estava praticamente no centro do acampamento, onde seria mais difícil um potencial salvador alcançar. O Tualaghi tinha deixado o prisioneiro ao ar livre, enquanto eles passaram a noite em pequenas tendas baixas, semelhantes às que as tropas Arridi de Seleten de usavam. Erak foi deixado para tornar-se o mais confortável possível no ar frio da noite, com apenas um cobertor para se aquecer. Enquanto Gilan via, o grande Escandinavo se re-arranjava no chão de pedra e as algemas de segurança nele se tornaram mais evidente. Gilan franziu a testa, tentando ver ao que Erak estava anexado, em seguida, percebeu que ele estava acorrentado para não um, mas dois camelos que estavam deitados nas proximidades. Ele balançou a cabeça em frustração. Mesmo depois de um breve período em Arrida, ele tinha aprendido o quão teimosos os animais corcundas poderiam ser. Acorrentar Erak entre dois deles tornaria praticamente impossível para ele escapar. E os animais mal-humorados proveriam uma advertência barulhenta, se alguém tentasse mexer com suas correntes.

Portanto, sem ataque direto e não há maneira de entrar e soltá-lo, Gilan pensou. Isso estava ficando mais complicado a cada minuto.

Ele não tinha idéia do que o alertou para o leve movimento. Ele sentiu mais do que viu — a direita na periferia de sua visão. Algo, ou alguém, tinha se movido no cume que ele ocupava. Mas quem ou o que poderia estar quatro ou cinco centenas de metros à esquerda da sua posição, onde o cume curvava para trás, à direita. Ele olhou diretamente para o local agora e não viu nada na luz da noite incerta. Então, ele olhou para uma posição dos lados, para permitir a sua visão periférica, uma chance para ver se tudo estava lá. Este era um velho truque para ver o movimento no escuro. A visão periférica é mais confiável.

Agora, ele tinha certeza disso. Algo moveu. O movimento era abrupto e foi isso que alertou a ele. A forma pequena tinha deslizado para trás abaixo do nível da crista. Ele olhou diretamente para o local novamente, mas não havia nada para ser visto. Um sentinela? Ele não pensa assim. Não havia nenhuma razão

para que um sentinela se comportasse de forma clandestina. E não havia nenhum sinal de quaisquer outros sentinelas tão longe do perímetro. Essa tinha sido a primeira coisa que Gilan tinha verificado quando ele fez sua abordagem. Não fazia sentido para um sentinela estar colocado onde ele tinha visto o movimento. Talvez tivesse sido um pequeno animal noturno? Era possível, mas ele duvidava disso. Arqueiros foram treinados para ouvir os seus instintos.

Os instintos de Gilan lhe disseram que alguém a mais estava observando o acampamento Tualaghi.



Will sentiu o sangue correndo em seu rosto. "Seu cavalo?" ele disse, sua voz um pouco mais estridente do que pretendia. "O que você está falando? Você sabe que ele é meu."

Cielema estava franzindo a testa para o marido. Mas o Aseikh fez um gesto impotente com as duas mãos. Ele não estava feliz com a situação, mas não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

"Ele era seu", admitiu. "Mas agora ele é nosso. Essa é a forma como fazemos as coisas."

"Você rouba cavalos? Will o acusou, e ele viu a vergonha na face do outro homem face mudar para ira com as palavras.

"Eu vou ignorar esse insulto, porque você é ignorante da forma como fazemos as coisas no deserto", disse ele. "Não cometa o erro de repeti-lo."

Cielema foi a frente do o marido. "Certamente, Umar, você poderia fazer uma exceção..." Ela começou, mas Umar a parou com uma mão erguida. Ele voltou-se à Will, vendo a raiva acumulada em cada centímetro do corpo do jovem franzino.

"Não cabe a mim fazer essa exceção." Ele se virou para Will e continuou. "É preciso compreender nossas formas. Você era dono daquele cavalo originalmente. Ninguém contesta isso."

"Como você pode?" Will disse. "Havia uma aljava de flecha na sela, carregando flechas idênticas a àquela. Ele apontou para a flecha que havia paralisado a cobra de areia, ainda deitada no chão a seus pés. Foi um movimento calculado. Ele queria lembrar Umar que Will tinha acabado de salvar a vida de seu neto.

"Sim. Nós concordamos. E era óbvio quando nós descobrimos você que o cavalo te conhecia. Mas isso não vem ao caso. Você deve ter lhe permitido escapar."

Will foi surpreendido pela declaração. Ele ainda culpava a si mesmo por largar as rédeas de Puxão durante a tempestade. "Bem, sim... de certa forma, eu suponho. Mas havia uma tempestade, e eu não podia..."

Ele não continuou quando Umar aproveitou a vantagem. "E em nossa legislação, se você soltar um cavalo e ele fugir, já não é mais seu cavalo. Quem achar que o possuirá. E Hassan Ib'n Talouk o encontrou. Ele estava vagueando, quase morto de sede. Ele salvou-o e cuidou dele e agora ele é seu cavalo."

Will balançou a cabeça. Sua voz era amarga. "Eu não acredito nisso. Eu quase me matei procurando Puxão e você me diz isso... Hassan Ib'n Talouk ... o possui agora porque ele achou ele?"

"Isso é exatamente o que estou lhe dizendo" Umar disse.

"Umar, nós devemos a este jovem" Cielema disse, com uma nota articulada em sua voz. "Certamente há algo que você pode fazer?"

Umar sacudiu a cabeça. "Sim, nós devemos a ele. E ele nos deve a sua vida, se você lembrar. Estamos quites a esse respeito. Ele disse isso ele mesmo." Infeliz como ele poderia estar com a situação, Umar sentiu-se obrigado a respeitar a sua própria lei tribal. "Olha, se eu tivesse encontrado o cavalo, eu ficaria feliz em devolvê-lo para você. Mas não é para mim. Hassan tomou simpatia por ele. Ele está fascinado por ele e quer mantê-lo."

"Ele nunca será capaz de montá-lo!" Will gritou. Os cavalos de Arqueiros eram treinados para que eles nunca pudessem ser roubados por outro cavaleiro. Antes de montar pela primeira vez, um cavaleiro tinha que falar uma frase em código secreto para o cavalo.

"Sim. Percebemos isso. Há obviamente, algum segredo para montar esse cavalo. Infelizmente isso tem intrigado Hassan ainda mais. Duvido que ele vá desistir dele."

"Então eu vou comprá-lo!" Will disse.

Umar levantou uma sobrancelha. "Com o quê? Você não tinha o dinheiro em você quando te encontrei. Você obteve algum nas últimas horas?"

"Eu devo isso a você. Você tem a minha palavra. Eu vou pagar. Diga o preço!" Ele sabia que poderia ter Evanlyn por trás de sua promessa. Mas, novamente, Umar estava sacudindo a cabeça.

"Como você vai nos pagar? Como você nunca vai encontrar-nos outra vez? Nós somos nômades, Will. Nós não lidamos nas promessas de futuro. Nós negociamos em ouro e prata, e nós tratamos de agora, quando comercializamos. Você tem ouro ou prata? Não, você não tem." Ele respondeu à sua própria pergunta com um ar de finalidade. Em seguida, suavizou o tom um pouco.

"Olha, as nossas leis dizem que quando encontramos um homem morrendo de sede no deserto, devemos fazer tudo ao nosso alcance para salvá-lo. Nós poderíamos ter apenas continuado e deixado você morrer. Mas a nossa lei diz o contrário. Da mesma forma, outra lei diz que um cavalo encontrado

vagando torna-se propriedade de quem o encontrá-lo. Você não pode tirar vantagem de uma lei e negar a outra."

"Isso é ridículo e constrangedor, Umar" Cielema disse com raiva. "Você vai falar com Hassan. Você vai dizer que ele deve devolver o cavalo à Will. Você é o Aseikh. Você pode fazer isso."

Os lábios de Umar definiam em uma linha apertada. "Você não entende, mulher, é precisamente porque eu sou o Aseikh que eu não posso fazer isso! Eu não posso ordenar Hassan a ignorar nossas leis! Se eu fizer isso, como eu posso disciplinar alguém no futuro para fazer a mesma coisa? Para roubar? Ou para ferir o outro? Oh, me desculpe, Aseikh, as pessoas vão dizer, nós pensamos que estava tudo certo para ignorar nossas leis, como você disse a Hassan para fazê-lo."

"Então você vai pedir ele parra fazer isso", ela pediu, mas ele sacudiu a cabeça novamente.

"Eu não vou. Eu não vou constranger Hassan — ou a mim mesmo. Eu sei que ele quer manter este cavalo. Ele tem todo o direito de fazê-lo. Eu não vou tentar fazer ele se sentir culpado por fazer algo que ele tem o direito de fazer."

Cielema desviou o olhar com raiva, e sua postura tensa e braços cruzados falavam muito sobre a fúria dentro dela. Will sentiu uma crescente sensação de desesperança.

"Eu poderia falar com Hassan?" perguntou ele, controlando a raiva em sua própria voz, obrigando-se a falar com calma. Umar considerou a sugestão por alguns segundos, depois encolheu os ombros.

"Não há nenhuma razão para que não", disse ele. "Mas eu adverti-lo, isso não vai fazer nenhum bem."



Hassan era um homem jovem. Ele não poderia ter muito mais do que vinte anos. Ele tinha um rosto agradável e uma barba rala que estava obviamente, tentando crescer.

Seus olhos eram escuros e bem-humorados e em outras circunstâncias, Will provavelmente teria gostado dele.

Agora, ele odiava com cada fibra do seu corpo.

O jovem Bedullin estava acariciando Puxão quando eles o encontraram nas linhas de cavalo. Umar e Cielema haviam escoltado Will e conforme eles passaram pelo acampamento, a palavra se espalhou com o que estava

acontecendo. Agora, uma pequena multidão de curiosos seguia atrás deles. Notou-se que Will estava agora totalmente armado, com sua faca Saxônica e uma faca de arremesso, e o arco enorme pendurada no ombro, mais uma vez.

Ele ouviu um comentário de sussurros nas pessoas seguindo atrás dele quando ele caminhou por todo o acampamento. "Eu ouvi que o estrangeiro quer lutar com Hassan pelo o cavalo!" alguém disse. E quanto mais pensava sobre isso, mais Will descobria que ele não iria opor à idéia.

Puxão afanou feliz quando viu Will se aproximando. Ele reconheceu o som de passo de seu mestre. Hassan olhou para cima de seu trabalho e sorriu boas-vindas. Ele fez o gesto de saudação Arridi para Umar.

"Bom dia, Aseikh Umar." Ele olhou para Will, viu a raiva no rosto do rapaz e perguntou o que estava incomodando. "Eu vejo o estranho se recuperou. Isso é bom."

Puxão tentou mover em direção ao seu mestre, mas Hassan o impediu, com uma mão firme em suas rédeas. O cavalinho relinchou e olhou intrigado. Ele relinchou bem estridente. O som rasgou o coração de Will.

"Hassan" Umar estava dizendo "este é Will. Will conheça Hassan Ib'n Talouk."

Hassan fez o gesto de saudação polida novamente. Will respondeu com uma pequena curvatura dura. Mais uma vez, Hassan viu a raiva e franziu a testa, imaginando o que causava isso.

"Você parece ter se recuperado, Will", disse ele. "Eu estou contente de vê-lo." Ele questionou o que o estrangeiro estava fazendo aqui. Hassan, afinal, não tinha sido responsável por encontrá-lo no deserto. Ele só tinha marcado ao longo porque o pequeno cavalo desgrehado que tinha encontrado alguns dias antes tinha disparado atrás do Aseikh quando ele tinha saído montando para investigar os abutres. O cavalo deve ter apanhado algum cheiro de seu antigo proprietário, Hassan pensou.

Era óbvio que o pequeno cavalo tinha pertencido ao jovem que eles encontraram à beira da morte no deserto. Mas Hassan não tinha nenhum escrúpulo em manter Puxão. Claro, ele não tinha idéia que esse era o nome do cavalo. Ele tinha renomeado ele Ultima Luz do Dia, em memória a hora do dia quando ele tinha encontrado ele. Quem encontrar é o proprietário era a lei do deserto e Hassan e todos os Bedullin tinham muitas vezes a exercido no passado. Ele não tinha nenhuma razão para pensar que Will iria contestar o fato.

Ele esperava pacientemente agora, enquanto o estrangeiro trabalhava para conseguir o controle de sua raiva. Por fim, Will disse em uma voz calma:

"Hassan, gostaria de ter o meu cavalo de volta, por favor."

Hassan franziu a testa. Ele olhou para Umar por orientação mas o Aseikh evitava seu olhar. Ele sorriu agradavelmente ao estrangeiro.

"Mas ele não é mais seu cavalo. Ele é meu." Ele olhou para Umar novamente. "Você não explicou a lei, Aseikh?"

Umar deslocou-se desconfortável. "Eu expliquei. Mas o estranho é um estrangeiro. Em sua terra, a lei é diferente."

Hassan considerou esta informação, então encolheu os ombros. "Então eu estou contente que não estamos na sua terra. Porque eu gosto deste pequeno cavalo". Ele hesitou, vendo a expressão triste no rosto de Umar. Cielema estava ao lado dele, ele percebeu. Ela estava muito rígida e com olhar irritado também.

"Aseikh Umar," ele disse, "você quer que eu devolva o meu cavalo para o estrangeiro?"

Umar hesitou por um longo momento. Ele sabia que o rapaz o tinha no maior respeito. Ele o idolatrava, na verdade. Se Umar dissesse que ele queria que ele devolvesse o cavalo, Hassan ia fazer isso, por respeito a seu Aseikh. E foi o que impediu Umar a lhe pedir para fazê-lo. Ele sabia que estaria usando sua influência de forma injusta. O cavalo era de Hassan, e Hassan não era de uma família rica. Poderia ter anos antes que ele pudesse ter outro cavalo.

"Eu não vou pedir-lhe para fazer isso", disse ele, finalmente, cruzando os braços sobre o peito. Cielema olhou zangada com ele, mas não disse nada.

Hassan olhou para trás para Will. "Sinto muito", disse ele. Ele virou-se para continuar com a sua preparação.

"Eu vou pagar por ele!" Will disse abruptamente.

Hassan parou de alisar e olhou para ele, "Você tem o ouro?" ele perguntou.

Will balançou a cabeça. "Eu vou buscá-lo. Eu te dou minha palavra."

Hassan sorriu novamente. Ele era um jovem educado e não queria ser indelicado, mas o estranho simplesmente não entendia como as coisas eram feitas.

"Eu não posso comprar qualquer coisa com palavras", disse ele. Ele desejava que o estranho parasse de ser tão agressivo. Mas agora que ele estava aqui, Hassan pensou que ele poderia muito bem descobrir algo que tinha o incomodado sobre a Última Luz do Dia.

"Esse cavalo pode ser montado?" ele perguntou curiosamente. Toda vez que ele tentava ganhar a sela, o pequeno cinzento tinha o jogado fora. Ele estava repleto de contusões.

Will assentiu com a cabeça. "Eu posso montá-lo."

Hassan conduziu Puxão para frente e entregou as rédeas à Will. Ele queria ver se isso era possível.

"Me mostre", ele disse. Ele observou enquanto Will colocava um pé no estribo e virava com facilidade para a sela. Hassan esperou alguns segundos. Normalmente, agora o pequeno cavalo iria explodir em um pulo, torcendo como o diabo, resistindo. Mas ele permaneceu calmamente, orelhas em pé.

Sentando montado em Puxão, Will teve um impulso momentâneo para colocá-lo a um galope e simplesmente fugir. Como se sentisse isso, os homens da tribo Bedullin apertaram o círculo em torno dele e o momento estava perdido. Além disso, ele pensou, ele não tinha idéia de onde ele iria, sem mapa e sem seu Procura-Norte que estava na tenda de Umar. Umar fez um gesto inconfundível com o polegar e Will relutantemente desmontou. Ele colocou a rédea de volta a mão de Hassan que estava esperando-o.

"Portanto, há um segredo para ele andar", disse Hassan. "Você terá que me dizer."

Ele sorriu, desejando que o estranho simplesmente iria aceitar o inevitável. Mas ele viu a recusa na expressão de raiva do jovem.

"Você nunca vai montá-lo", disse Will.

Hassan deu de ombros. Ele olhou interrogativamente para Umar, desejando que ele fosse intervir e acabar com esse desconforto. "Eu vou encontrar um caminho", disse confiante. Ele era um excelente cavaleiro e manipulador de cavalo, afinal. Ele percebeu que Will tinha chegado a uma decisão.

"Se você não vai me deixar pagar-lhe para ele, eu vou lutar por ele," Will disse laconicamente. Hassan realmente pisou um passo para trás, horrorizado com a falta de cortesia e boas maneiras básicas. Desta vez, Umar se fez entrar em cena, quando um buzz corria em volta da multidão assistindo.

"Não haverá nenhuma luta!" ele agarrou. Ele olhou para Will. "O que você tem em mente — ficar cinquenta passos longe e matá-lo com seu arco antes que ele chegasse perto? Isso não é luta. Isso é crime!"

Will baixou os olhos. Umar estava certo. Mas ele estava rasgado com a ansiedade sobre a perda de seu cavalo. Encontrá-lo novamente e depois perdê-lo assim era insuportável. Algo que Cielema tinha dito estava se movendo em volta de sua mente, fora do alcance do pensamento consciente. Havia uma maneira, ele pensou, se ele só pudesse...

"Além disso, se eu não conseguir montá-lo, vou usá-lo como um pônei de carga. Ele é resistente o suficiente", Hassan estava dizendo.

Essa foi a gota d'água. A idéia de que Puxão, seu inteligente, carinhoso,

Puxão maravilhoso, passaria os seus dias como uma besta de carga foi demais para Will suportar. Então a declaração anterior de Cielema entrou em foco claro e ele soube que havia uma maneira desesperada para isso.

"Eu correrei por ele", desafiou. "Eu vou correr com Puxão contra o melhor cavalo e cavaleiro que tiver no acampamento."

Agora havia um zumbido definitivo de interesse entre a multidão. A cabeça de Umar batia pelo desafio. Como sua esposa havia dito, nenhum homem Bedullin poderia resistir a uma aposta. E, além disso iria resolver a situação desagradável que tinha acontecido.

"Quais termos?" Umar perguntou. Will pensou rapidamente, então respirou fundo e se comprometeu.

"Se eu ganhar, fico com Puxão de volta". Se o homem ganhar, eu vou dizer Hassan o segredo para andar nele. E eu vou desistir de toda a reivindicação a ele."

Umar olhou ao redor do círculo de rostos olhando. Ele podia ver a luz do interesse e expectativa em cada olho. Este era o tipo de desafio que os Bedullin chamavam de corrida de sangue. Já haviam apostas sendo negociadas entre os espectadores. Ele olhou para Will, vi o olhar provocador sobre o rosto do jovem enquanto ele apostava tudo em um lance de dados.

"Hassan?" ele perguntou e o Bedullin jovem assentiu com ansiedade.

"Enquanto eu for o cavaleiro", disse ele. "E você me deixar montar o seu cavalo Tempestade de Areia".

Umar assentiu. Hassan era um cavaleiro brilhante e o garanhão Palomino de Umar garanhão Tempestade de Areia era, de longe, o melhor cavalo da tribo.

"Feito", disse ele.



"Você nunca viu quem era?" Halt perguntou quando Gilan fez o seu relatório. O Arqueiro jovem sacudiu a cabeça. "Pode não ter sido uma pessoa em tudo. Poderia ter sido um pequeno animal."

"Mas você não acha?" Halt perguntou. Desta vez, Gilan hesitou antes de responder.

"Não, eu não", disse ele finalmente. "Eu teria ido mais perto para examinar o terreno, mas eu não sabia se ele tinha ido ou ainda estava na área — ou se ele tinha amigos com ele. Se algum tipo de tumulto houvesse começado, teríamos perdido o fator surpresa com os Tualaghi. Eu pensei que era melhor voltar aqui e relatar."

"Sim. Sim, você estava certo" Halt disse, franzindo a testa sobre a notícia. Ele olhou para Selethen. "Qualquer idéia de quem poderia estar mantendo um olho nos Tualaghi? ele perguntou.

O Wakir encolheu os ombros. Ele tinha estado considerando a questão uma vez que Gilan tinha começado a relatar.

"Poderia ser um grupo Bedullin em algum lugar na área. Eles vêm e vão como bem entenderem. Se assim fosse, faria sentido para eles manter um olho sobre o inimigo."

"Será que eles provavelmente irão atacá-los?" Halt perguntou. Desta vez, o Wakir estava mais definido em sua resposta.

"Eu não penso assim. Eles não costumam ir à procura de problemas e um grupo de duzentos Tualaghi é muita coisa para encarar..."

"Eu estava pensando a mesma coisa" Halt interpôs.

Selethen assentiu gravemente. "Isso mesmo. Mas se eles fossem Bedullin assistindo, as chances são eles simplesmente se afastarem e se afastarem dos Tualaghi o mais possível.

"Você acha que ele te viu?" Halt perguntou.

Gilan sacudiu a cabeça. "Eu tenho certeza que ele não o fez. Só o vi porque ele moveu de repente."

Não houve necessidade de Halt perguntar a Gilan se ele se moveu. Ele

sabia que seu ex- aluno que nunca faria um erro tão fundamental.

"Você cobriu suas trilhas na volta, certo?"

"Claro", respondeu Gilan. "Não se preocupe, Halt, não deixei nenhum sinal de que eu estava lá."

Halt chegou a uma decisão. "Tudo bem. Podemos pegar algumas horas de sono. Vamos avançar como de costume quando ficar um pouco mais perto do amanhecer. Veja se vocês podem descansar um pouco pessoal".

Selethen e os Araluans viraram-se e dirigiram-se para as suas tendas respectivas. Todos sabiam o valor de ficar tão descansados quanto a situação permitia.



Infelizmente, enquanto Gilan não deixou pistas, o observador desconhecido não foi tão cuidadoso, ou tão qualificado. E pela chance pior possível, o caminho que ele tomou quando ele deixou o local do acampamento Tualaghi levava a um quarto de um quilômetro do acampamento onde as tropas Arridi passavam a noite.

Uma hora depois que Selethen fez o grupo voltar a seu caminho, batedores Tualaghi, seguindo as pegadas descobertas nas proximidades do seu acampamento, por acaso através daquelas deixadas pelo grupo misto Araluan-Arridi. Eles seguiram com cuidado até que as tropas Arridi vieram à vista. Então, tendo uma ampla curva para evitar serem vistos, eles correram de volta para seus próprios líderes para informar que um grupo armado estava viajando em um curso paralelo ao seu.

Após uma consulta rápida, metade da divisão Tualaghi saiu e deram a volta por um curso sudoeste e até que eles também cruzassem o caminho das tropas de Selethen.

Eles pegaram o ritmo a esse ponto e começaram a se aproximar dos Arridi desavisados. Halt e Gilan, esperando que, se algum problema acontecesse seria a partir do nordeste, não tinham idéia do que cem guerreiros montados estavam chegando neles a partir do sul. Nem estavam conscientes de que o grupo principal do Tualaghi tinha começado a andar mais rápido, e ao ângulo lentamente seu caminho.

Os caçadores se tornaram os caçados.



Eles pararam no meio do dia, como era seu costume. Foi esse fato que deu aos líderes Tualaghi sua última oportunidade para soltar a armadilha que

havam passado o dia a preparar.

Depois que o calor principal do dia já tinha passado, e antes que eles continuassem em seu caminho, os Araluans estavam discutindo idéias para uma possível operação de resgate. Sob o manto da escuridão, um dos Dois Arqueiros seria capaz de fazer o seu caminho para o campo sem ser visto pelos Tualaghi. O problema surgiu quando fosse para retirar Erak sem ser visto.

"É por isso que eles o mantêm em campo aberto, é claro," Evanlyn disse. "Se ele escapar, quem procurar nessa direção pode ver onde ele foi."

"Além disso, você precisa encontrar uma maneira de cortar as amarras dos dois camelos", Horace acrescentou.

"Talvez só um", Svengal sugeriu. "Se você pudesse cortar as correntes de um lado, ele poderia montar o outro para fora do acampamento."

"Seja apenas um pouco óbvio," disse Gilan. "A combinação de um Escandinavo e um camelo não é exatamente difícil perceber — e a última coisa que queremos é uma luta correndo com duzentos Tualaghi."

Halt sentou a um lado, ouvindo em silêncio enquanto seus amigos levantavam sugestões então as rejeitavam. A maior parte destes pensamentos, ele já havia examinado. Mas sempre havia a chance de que uma observação livre poderia desencadear a eventual solução para seu problema. Não tão longe, no entanto, ele pensava triste. No momento, o melhor que podia esperar era continuar como estavam. Se eles pudessem alcançar os poços antes dos Tualaghi, eles poderiam ser capazes de organizar algo — exatamente o que ele não tinha idéia. Mas a longa experiência lhe ensinara que, se você esperar por muito tempo, cedo ou tarde uma oportunidade inesperada pode surgir.

"Você está quieto, Halt", disse Horace, voltando ao local onde o Arqueiro de barba grisalha estava sentado. "Você tem algum...?" Sua voz silenciou enquanto seus olhos levantaram de Halt até o cume atrás dele, a cerca de cento e cinquenta metros de distância.

"Meu Deus", disse ele, num tom de voz mais urgente "de onde eles vieram?"

Os outros seguiram o seu olhar. Eles acamparam em uma depressão, grande em forma de pires, escondida da vista de qualquer Tualaghi retardatário. Mas o problema com esconder-se de vista é que os outros podem ser ocultados também. Seletthen havia batedores fora, é claro, para além da linha do cume. Mas mais tarde, iriam ver os corpos dos homens deitados, onde os escaramuçadores Tualaghi tinham matado eles.

No momento, sua atenção estava fixada em cima da linha de cavaleiros armados que tinham acabado de se materializar sobre a crista, espalhando-se

num semi-círculo em uma linha em marcha.

Halt jurou baixinho e virou-se rapidamente para olhar para trás. Como ele temia, outra linha de cavaleiros estava no topo desta crista. Eles estavam encurralados entre os dois grupos — cada um dos quais tinha pelo menos cem homens. Agora, outros tinham visto o inimigo também e as tropas Arridi estavam correndo e gritando, apontando para as duas linhas de cavaleiros que tinham os encurralado. A voz de Selethen levantou-se acima dos outros e um momento de pânico passou, quando ele começou a formar os seus homens em um círculo de defesa, com os cavalos dentro dela. O quatro Araluans e Svengal rapidamente recolheram as armas e moveram-se para se juntar ao líder Arridi.

Selethen amaldiçoou amargamente. Somente na noite anterior, ele tinha dito sobre o excesso de confiança Tualaghi — agora ele tinha caído na mesma armadilha. Os invasores do deserto eram astutos e imprevisíveis. Ele devia ter sempre assumido que eles poderiam notar no vento o fato de que alguém estava atrás deles. Que eles tinham descoberto através de um golpe de uma sorte imensa era desconhecido para ele. Mesmo se eles soubesse disso, isso não teria mudado as coisas. Um bom líder deve planejar para o azar.

Conforme Halt e os outros se juntaram a ele, ele acenou com a cabeça por alguns instantes.

Não havia nenhum ponto em recriminações, ele sabia. Agora tudo o que podia fazer era criar a melhor defesa que pudessem. "Você estará lutando contra eles em pé?" Halt perguntou.

O Arridi assentiu. "Nenhum ponto de montar e tentar afastá-los. Estamos muito mal em desvantagem numérica."

"E você estaria se jogando contra eles", comentou Horace. "Toda a vantagem ficaria com eles. Deixe que eles venham até nós."

Selethen olhou para ele, um pouco surpreso. Para alguém tão jovem, Horace tinha entendido a situação tática rapidamente. A maioria dos jovens soldados Selethen teria escolhido partir para cima do inimigo, ele sabia. Horace viu o olhar, adivinhou o pensamento por trás dele e encolheu os ombros. Ele teve bons professores. Ele desembainhou a espada agora, a lâmina sibilante fora da bainha.

Svengal estava olhando ao redor do anel de guerreiros Arridi. Eles tinham seus escudos travados juntos e cada homem estava armado com uma das lanças delgadas geralmente usadas sobre o cavalo. Além disso, cada um usava um sabre curvado para trabalho de perto.

"Barreira de escudos", ele disse com aprovação. "Bom trabalho".

Era uma tática de batalha padrão Escandinava e ele sentiu-se

imediatamente em casa. Ele balançou seu enorme machado de batalha experimentalmente, a enorme, pesada lâmina fazendo um som grosso conforme ele passou através do ar. Por ora, ele ia ficar para trás. Mas a um minuto que eles chegassem na parede, ele iria preenchê-lo.

Qualquer planejamento guerreiro Tualaghi em romper teria uma surpresa feia esperando por ele.

Horace olhou para ele e lia seus pensamentos. "Eu vou acompanhá-lo", disse ele calmamente, movendo-se para estar ombro a ombro com o urso nortista. Svengal sorriu para ele.

"Com nós dois, provavelmente poderíamos enviar o resto destes meninos para casa", disse ele.

Gilan e Halt também ficaram lado a lado, mas no centro do anel formado pelo escudo. Evanlyn olhou para eles, o coração batendo nervosamente no peito. Todos pareciam tão calmos. Ela tinha certeza de que suas mãos tremiam. Por um momento, pensou em pegar seu estilingue de onde ele estava escondido, mas ela percebeu que os dois arcos longos dos Arqueiros dariam mais poder de fogo adequado a longa distancia. Em vez disso, ela aceitou um escudo de reposição de Selethen e facilitou seu sabre dentro e fora de sua bainha. Não havia necessidade de retirá-lo, ainda ela pensou. Ela engoliu em seco, nervosa.

Halt a viu e chamou suavemente.

"Evanlyn, venha aqui com a gente." Enquanto ela se movia para ficar ao lado dos Arqueiros, ele apontou para o cume em suas costas. "Gilan e eu vamos concentrar nosso fogo para frente. Fique de olho nos Tualaghi atrás de nós. Quando eles estiverem dentro de cinquenta metros, nos avise e nós vamos trocar."

"Sim, Halt", disse ela. Sua boca estava seca e ela não confiava em dizer mais.

Gilan sorriu para ela. "Certifique-se de nós poderemos ouvi-la", disse ele. "Haverá muita gritaria acontecendo."

Ele estava tão relaxados e despreocupados, ela pensou. Sua maneira casual ajudou a aliviar as borboletas que fervilhavam em seu estômago.

Selethen aproximou-se deles agora. "Eles vão tentar o caminho mais fácil em primeiro lugar," disse. "Uma carga total para ver se eles podem quebrar a nossa posição."

"Poderá não vir a ser tão fácil como eles pensam", respondeu Gilan, testando a pressão de seu arco. Selethen o considerou por um momento. Logo, pensou ele, ele iria ver o quão bom estes dois estrangeiros encapuzados

poderiam disparar. Ele tinha a sensação de que ele não ia se decepcionar.

"Posso sugerir-lhe colocar quatro homens com Svengal e Horace? Halt disse. "Use-os como reserva para qualquer lugar da linha que estiver quebrando."

"Boa idéia", respondeu Selethen. Eles podem estar com um quarto de número, mas ele suspeitava que os Tualaghi estavam prestes a receber um nariz sangrento. Ele chamou quatro nomes e os homens que ele tinha escolhido abandonaram o escudo e correram de volta para onde ele estava. Os outros fecharam as lacunas onde Svengal deu a ordem aos quatro.

"Basta dizer-lhes para me dar um pequeno lugar", disse Svengal. Ele estava sorrindo, Evanlyn notou. Finalmente, depois do calor e da areia e os músculos doloridos equitação, Svengal estava prestes a fazer algo que ele realmente gostava. Ela encontrou-se sorrindo para o pensamento.

Halt notou os lábios se contraindo ligeiramente. Boa menina, ele pensou.

Eles ouviram o jingle do chicote de fios antes que qualquer movimento fosse perceptível. Então, as duas linhas de cavaleiros começaram a avançar.

"Lá vêm eles," Horace disse calmamente.



"Este é o lugar onde nós viramos para voltar," Will disse a Puxão. Um poste alto havia sido cravado no chão para marcar o local. O pequeno cavalo estudava o marcador com interesse.

Will se virou e olhou para trás para o oásis. Ele estava agora fora da vista, escondido pela terra ondulante, mas ele sabia que estava a quatro quilômetros de distância. Quatro quilômetros ida, quatro de volta. Oito no total. Ele já havia tentado por doze, depois dez. Finalmente, ele teve de se contentar com um percurso de oito quilômetros. Ele esperava que fosse suficiente para a resistência e perseverança de Puxão se afirmar sobre Tempestade de Areia. Seria uma coisa perto, ele sabia.

O cavalo Arridi era definitivamente mais rápido a uma curta distância. Para o primeiro quilômetro ou dois, ele deixaria Puxão para trás. Mas então o cavalo Arqueiro iria começar a chegar nele enquanto o garanhão Arridi começaria a ficar mais lento e Puxão manteria sua velocidade.

"Vamos ganhar na volta" Will disse a Puxão. Ele decidiu andar a cavalo ao longo do curso para familiarizá-lo com ele, e dar-lhes tanto uma chance de identificar quaisquer buracos ocultos ou irregularidades que possa derrubá-los.

Puxão sacudiu a cabeça e relinchou baixinho. Em momentos como esse Will nunca estava totalmente certo se o cavalo estava apenas a responder ao som da voz do seu mestre. Muitas vezes parecia que ele compreendia cada palavra que Will dizia a ele e estava concordando ou discordando.

Ou nós vamos perder na volta, Will pensou. Mas ele não falou o pensamento em voz alta, no caso de colocar conceitos negativos na mente de Puxão. Ele esperava que nos últimos quatro quilômetros dessem chance de Puxão compensar a distância que ele perderia na primeira metade da corrida. Então, quando empatasse com o cavalo e o cavaleiro Arridi, uma outra competição começaria.

Cavalos como Puxão e Tempestade de Areia odiavam perder, odiavam ter outro cavalo na frente deles. Conforme Puxão encostasse em Tempestade de Areia, Will sabia, o cavalo Arridi iria ao seu máximo por um maior esforço —

para colocar o pequeno estrangeiro para trás de seu lugar. Puxão, entretanto, iria forçar a velocidade extra para passar o cavalo Arridi. Seria então uma questão de julgamento para os dois cavaleiros, para escolher o ponto em que eles deveriam deixar que os cavalos tivessem suas cabeças.

Demasiado cedo e a energia e a velocidade se esgotaria antes da linha de chegada. Demasiado tarde e não haveria tempo para ultrapassar. Cada cavaleiro faria o seu melhor para forçar o adversário a ir demasiado cedo. O momento tinha que ser apenas o exato ou o resultado seria o fracasso. Will franziu a testa, pensativo. Ele observou que Hassan tinha colocado Tempestade de Areia através de seu ritmo. Mas ele tinha certeza de que o cavaleiro Arridi estava segurando alguma coisa.

Enquanto eles caminhavam em direção a cabeça do oásis Puxão lhe bateu no ombro, mandando-o relaxar.

Pare de se preocupar, o cavalo parecia dizer. Eu sei o que estou fazendo, mesmo se você não sabe.

"Só não vá muito cedo, isso é tudo", Will o advertiu. Novamente, Puxão sacudiu a cabeça com desdém.

Eles caminharam lentamente de volta para o oásis. Ao contrário de Hassan, Will não tinha necessidade de se familiarizar com as pequenas peculiaridades de sua montaria.

Ele e Puxão conheciam as maneiras de um e de outro de trás pra frente e de dentro para fora. Uma multidão de curiosos Bedullin os assistia enquanto eles entraram no acampamento. Era de manhã cedo e a corrida estava marcada para mais tarde naquele mesmo dia, quando o calor do dia inteiro tivesse passado.

Ele sabia que tinha havido uma série de apostas na corrida. Era impossível não ouvir as conversas no acampamento, embora ele tentasse parecer indiferente a essas questões.

Ele também sabia que a maioria das apostas não era sobre o resultado real da corrida.

Era sobre a margem pela qual Tempestade de Areia ganharia. Os Bedullin estavam familiarizados com o garanhão Arridi bem formado que Hassan estaria montando. Parecia que nenhum deles dava ao pequeno, em forma de barril e peludo cavalo do norte qualquer chance de ganhar.

Mesmo que Will tivesse a maior fé em Puxão, confrontada com a descrença universal tal, ele descobriu ser difícil manter o ânimo. No entanto, ele tinha de acreditar que poderia vencer — que iria ganhar. A perspectiva de perder era muito terrível para contemplar. Ele tinha sido demasiado impulsivo,

pensou ele, arriscando perder Puxão de tal maneira. No entanto, uma e outra vez durante todo o dia, quando ele quebrava a cabeça para pensar no que mais ele poderia ter feito, ele veio com nenhuma resposta. Se fosse para recuperar Puxão, ele teria que arriscar perder ele.

O pensamento o torturou através das duras horas do meio do dia. Então, quando o sol começou a se pôr, e as sombras das palmeiras esticavam mais e mais, já era tempo.

Seu rosto estava triste e determinado enquanto ele conduzia Puxão através do oásis na linha de partida. Hassan estava esperando, montado no belo palomino, na linha que tinha sido escavada na areia. Como Will, que havia descartado a sua capa para a corrida, ele usava camisa, calça e botas, e uma kheffiyeh. A vestimenta protegeria os rostos dos cavaleiros do vôo de areia e poeira durante a corrida. Ele acenou com a cabeça uma saudação enquanto Will e Puxão se moviam para a linha de partida. Will assentiu com a cabeça para trás. Ele não falou nada. Ele não conseguia desejar boa sorte a Hassan. Ele não queria que Hassan tivesse nada além de má sorte. Se Hassan conseguisse cair de Tempestade de Areia nos primeiros cinquenta metros e quebrasse uma perna, Will não se importaria nem um pouco. No entanto, olhando para o jovem Bedullin sentado facilmente sobre o cavalo, enquanto Tempestade de Areia movia nervosamente, ligeiramente empinado, as orelhas em pé com ânsia para a próxima aposta, não parecia provável. Hassan parecia estar colado à sela, uma parte integrante do cavalo.

Will colocou o pé no estribo e virou-se montando em Puxão.

"É isso rapaz", ele sussurrou. O cavalo sacudiu a cabeça. Will pegou a kheffiyeh em seu rosto, e torceu a outra extremidade sobre ele para segurá-la no lugar. Agora, apenas os olhos mostravam, através de uma fenda estreita. O resto do seu rosto estava coberto. Ao lado dele, Hassan fez o mesmo.

Tempestade de Areia batia no chão ansiosamente, levantando pequenas nuvens de poeira. Ao lado dele, Puxão estava impassível, todos os quatro pés firmemente plantados. A diferença entre os dois cavalos era demasiado óbvia: um empinado, ansioso e ágil, o casco preparado até brilhava, e o outro sólido, tranquilo e desgrenhado. Mais dinheiro mudou de mãos conforme as apostas de última hora foram feitas.

"Cavaleiros, vocês estão prontos?" Umar adiantou quando ele os chamava.

Hassan acenou um braço. "Pronto, Aseikh!" ele falou. Os Bedullin aplaudiram e ele acenou para a multidão assistindo.

"Pronto", disse Will. Sua voz estava abafada por trás da kheffiyeh e ele

teve que forçar a palavra através de uma constrição na garganta pela ansiedade. Não houve alegria neste momento. Tanto quanto ele sabia, ninguém tinha apostado nele — apenas a distância pela qual ele iria perder.

E isso não era algo que eles estavam indo para festejar.

"Mova para a linha. Mas lembre-se, se você atravessá-la antes do sinal de início, você terá que virar e voltar para atravessá-la novamente."

Hassan deslocou Tempestade de Areia à frente, deixando ele de lado. Este foi um momento complicado para ele. Com o cavalo empenado e animado, ele tinha que estar a um ou dois metros da linha para ter certeza que ele não atravessaria prematuramente. Will empurrou Puxão e o pequeno cavalo moveu discretamente para a linha.

"Fique lá, rapaz", disse Will baixinho. As orelhas de Puxão contraíram em resposta e ele parou, seus cascos a apenas centímetros da linha. Um dos Bedullin, que tinha sido atribuído a tarefa de controlar a linha de largada, agachou e olhou de perto os cascos do cavalo, então endireitou quando ele percebeu que Puxão não estava ilícito. Mas ele manteve os olhos fixos na linha e pés Puxão. Vendo isso, Will tocou Puxão com um dedo do pé.

"Volte um pouco menino," disse. Ele não estava disposto a correr o risco de que o juiz pudesse estar impaciente para penalizá-lo. Puxão obedientemente recuou um passo. Alguns dos Bedullin franziram a testa, pensativos. O cavalo estava bem treinado. Havia mais que eles deveriam saber?

"Não haverá interferência entre os cavaleiros. Se qualquer um de vocês interferir com o outro, ele perde automaticamente."

Os dois cavaleiros, agora olhando para o curso que se estendia diante deles através do deserto, assentiram em reconhecimento. Havia marechais estacionados ao longo do curso para se certificar de nenhum deles roubasse.

"Cavalgue diretamente para o marcador, de a volta nele e cavalgue de volta. A linha de partida também é a linha de chegada", disse Umar. Nenhum cavaleiro acenou com a cabeça neste momento. Eles sabiam o curso. Ambos tinham estado sobre ele durante o dia.

"O sinal de partida será uma explosão no chifre do Tariq. O minuto que você ouvi-lo, você pode começar."

Tariq, um ancião da tribo, avançou com um chifre de bronze de grandes dimensões. Ele brandiu-o para que ambos pudessem vê-lo. No início do dia, Will tinha sido familiarizado com a nota da trompa.

"Em suas mãos, Tariq, e na vontade de Deus" Umar entoou. Era o anúncio oficial de que o próximo som a ser ouvido seria o arranque do chifre. Um silêncio expectante caiu sobre a multidão. Em algum lugar, uma criança

começou a fazer uma pergunta. Umar olhou em volta com raiva e a mãe rapidamente silenciou sua prole. Umar gesticulou para Tariq e o homem mais velho levantou o grande chifre a sua boca.

Will o observava intensamente. Ele viu o puxão de ar do peito do Bedullin quando ele respirou fundo. Ao seu lado e ligeiramente atrás dele, ele sabia, Hassan estaria assistindo como um falcão.

Ele apertou ainda mais as rédeas, obrigando-se a relaxar as pernas ao redor do corpo de Puxão. Ele não queria emitir qualquer sinal inadvertido do cavalo antes da hora.

Agora!

O chifre tocou sua nota barítono metálica e ele apertou Puxão com os joelhos. Vagamente, ouviu Hassan gritar Yaaah! quando ele chamava Tempestade de Areia frente. A multidão gritava com uma voz enorme. Então, o som cortou em estado de choque.

Puxão se atirou na distância de sua postura rígida de pernas como uma flecha, passando de um trote para galope no espaço de poucos metros. Tempestade de Areia, animado e empinado, foi deixado para trás, curvando e jogando a cabeça para os primeiros passos. Então Hassan bateu calcanhares nos lados do palomino e ele estendeu em um galope atrás de Puxão.

A multidão silenciou momentaneamente pela aceleração incrível de Puxão a partir de um início de pé, começou a gritar novamente, gritando por Hassan e Tempestade de Areia para passá-lo.

Mesmo Will, que estava ciente da capacidade fenomenal Puxão para acelerar, ficou um pouco surpreso com a liderança que ele já havia estabelecido. Ele sabia que Tempestade de Areia iria ultrapassá-lo com o tempo. Depois do tranco, o Arridi era definitivamente mais rápido do que Puxão por mais de um quilômetro ou dois. Mas agora ele esperava que o choque de ser deixado para trás no início forçaria a Hassan a forçar sua montaria, usando algumas das reservas preciosas de energia que se tornariam tão importante nos últimos poucos quilômetros.

Atrás dele, vagamente, ele podia ouvir os gritos tribais. Perto dele, ouviu o trovão dos cascos de Tempestade de Areia no terreno rochoso. Os ouvidos de Puxão foram para cima e as pernas estavam produzindo, lançando uma nuvem de areia e poeira no ar por trás deles.

Will tocou seu pescoço.

"Calma, rapaz. Mantenha ritmo."

A cabeça de Puxão atirou fracionada em resposta. Não muito porque ele não queria perder o passo ou o equilíbrio que ele tinha. Will pediu para ele ir

mais leve e ele concordou. Os cascos de Tempestade de Areia estavam perto atrás dele agora. O cavalo Arridi era tão rápido como um relâmpago, ele pensou.

Hassan, a poucos metros atrás deles, estava preocupado. Ele não tinha idéia de quão rápido o cavalo estrangeiro seria. As linhas de cavalo e seus modos não davam nenhuma dica de sua aceleração inicial surpreendente. E mesmo agora que Tempestade de Areia estava ganhando velocidade, ele estava fazendo muito mais lentamente do que Hassan teria gostado. Ele instou o cavalo para dar um pouco mais e deu um suspiro de alívio quando ele começou a ficar ao lado do pequeno e cinza estrangeiro. O outro cavaleiro não virou a cabeça para olhar para eles, mas Hassan viu os olhos do cavalo rolando para visualizá-las enquanto eles chegavam ao lado.

Cavalos rápidos odiavam ser ultrapassados em uma corrida. E este era definitivamente um cavalo rápido — não tão rápido quanto Tempestade de Areia, mas mais rápido do que ele esperava. Na experiência de Hassan, uma vez que um cavalo se visse ultrapassado e liderado por outro, muitas vezes ele daria — ou se sobrecarregaria, tentando desesperadamente recuperar a liderança. Hassan sabia que era hora de estabelecer a superioridade de seu cavalo. Ele colocou as rédeas contra o pescoço de Tempestade de Areia e o palomino encontrou mais alguma velocidade. Ele avançou, deixando Puxão para trás.

Will sentiu Puxão começar a responder e, pela primeira vez que ele podia se lembrar, puxou firmemente a rédea. Puxão bufou com raiva. Ele queria mostrar a este cavalo Arridi chamativo o que era correr. Mas ele obedeceu ao toque de Will, e negou sua vontade instintiva de correr tudo que podia.

"Ainda não, rapaz", ele ouviu a voz de Will. "Longo caminho a percorrer."

Eles haviam passado a marca de dois quilômetros, ouvindo os aplausos dos marechais estacionados lá conforme eles foram. Os elogios foram todos para o Tempestade de Areia, que estava liderando na frente de Puxão por quase quarenta metros. O cavalo Arridi corria lindamente, Will pensou sombriamente, com um passo muito poderoso e ritmo perfeito. Quarenta metros era longe o suficiente, pensou. Ele sinalizou Puxão para aumentar o seu ritmo um pouco e Puxão respondeu. Will sentiu uma onda de afeição pelo cavalo com ele. Puxão poderia continuar correndo assim o dia todo, ele sabia. Ele questionou se Tempestade de Areia poderia fazer o mesmo.

Ele estimou que eles tinham avançado cinco a dez metros mais perto deles quando Hassan e Tempestade de Areia dobraram o marcador de metade do caminho. Confortavelmente na liderança, Hassan havia diminuído o ritmo

de seu cavalo um pouco, sabendo que a sua melhor volta de velocidade estava atrás deles agora.

Ele acenou enquanto eles passaram pelo outro cavaleiro e cavalo. Não houve resposta de Will, e Hassan sorriu por trás de sua kheffiyeh. Ele não iria acenar se ele estivesse perdendo, também, pensou.

Girando o marcador de metade do caminho, os cascos Puxão batiam no chão pedregoso, derrapando ligeiramente à medida que eles viraram e partiram atrás de Tempestade de Areia. Eles pegaram uma pequena distância quando Tempestade de Areia virou, e perderam novamente quando eles viraram. Talvez menos de trinta metros entre eles agora.

"Vá agora Puxão!" Will gritou e o cavalo cavou fundo em suas reservas de força e resistência, coragem e acelerou com ele. Will podia ver Tempestade de Areia através da nuvem de poeira e areia que estava chutando — nome apropriado, ele pensou sombriamente. Os flancos do palomino estavam manchadas de suor e seus lados levantando com esforço. Lentamente, Puxão diminuiu a diferença para o cavalo Arridi. Com dois quilômetros para chegar, ele moveu-se juntamente com os dois cavalos de mergulho lado a lado, cada cabeça alternadamente tomando a liderança, perdendo, tomando novamente enquanto eles correram passo a passo, ninguém ganhando do outro.

Haveria um momento, Will sabia, quando era hora para a arrancada final. Ambos os cavalos e os dois cavaleiros estavam cientes disso. Era uma questão de timing perfeito. Muito em breve e o cavalo estaria esgotado antes da linha de chegada. Demasiado tarde e a corrida seria perdida.

Os cavalos, lado a lado, olhavam para si, seus olhos revirados em suas cabeças, os brancos mostrando assim que cada um possa ver o inimigo. Então Puxão saltou à frente e Will não poderia apertá-lo — fazê-lo agora iria perder velocidade e Puxão tinha lançado os dados para eles, sentindo o momento. Ele moveu-se um comprimento do pescoço, em seguida, um comprimento do corpo, à frente de Tempestade de Areia, movendo mais rápido do que Will poderia se lembrar dele fazendo. O rufar dos cascos dos cavalos preencheu sua consciência. Então, ele ouviu os gritos de incentivo de Hassan para Tempestade de Areia e, virando a cabeça ligeiramente, viu o cavalo Arridi começar a recuperar terreno sobre eles. Inacreditavelmente, ele estava ultrapassando Puxão novamente.

Então Puxão vacilou.

Foi a menor quebra de ritmo e velocidade, mas Will sentiu e sabia que estava tudo acabado. Tempestade de Areia também viu e pulou à frente deles, um metro...dois... cinco...os torrões de terra e areia voavam no rosto de Will,

picando a pequena área da pele exposta ao redor dos olhos, forçando-o a cerrar os olhos quase fechados.

Havia três centenas de metros para chegar e Tempestade de Areia tinha quinze metros à frente deles. A visão de Will ficou turva quando ele percebeu que tinha perdido a corrida — e seu cavalo.

Ele sabia que poderia pedir mais de Puxão. Ele poderia exortá-lo a tentar apanhar. E ele sabia que o pequeno cavalo iria responder até que o esforço o matasse. Puxão já tinha atingido a parede. O ritmo de Tempestade de Areia tinha sido enorme. A vantagem inicial que lhe tinha dado tinha sido muito grande. Tinha vinte metros à frente deles.

E então ele vacilou.

Will viu o cambalear no seu passo ligeiro, a perda de ritmo, o abrandamento da velocidade cegante. Se ao menos eles tivessem esperado, ele pensou amargamente. Puxão tinha sido demasiado ansioso. Mas agora vinte metros na frente seria suficiente para levar o Tempestade de Areia esgotado em toda a linha de chegada à frente de seu adversário igualmente esgotado.

Ele mal tinha tido a idéia quando sentiu Puxão acelerar abaixo dele.

Todo o poder, toda a certeza, todo o saldo estava de volta em seu passo quando ele foi para outro nível de desempenho, um nível Will nunca havia visto antes. Puxão esticou e ultrapassou Tempestade de Areia, como se o cavalo mais alto estivesse parado. Um Will espantado agachou sobre o pescoço Puxão, pouco mais de um passageiro. Ele percebeu que nunca tinha tido qualquer idéia de quão rápido Puxão poderia correr. Parecia que não havia nenhum limite superior. Puxão simplesmente corria tão rápido quanto a situação exigia.

Ele percebeu que Puxão tinha a corrida controlada, fingindo hesitar quando ele fez para provocar Tempestade de Areia em um jorro final. A perda de equilíbrio e passo tinha sido um engano e Tempestade de Areia tinha engolido a isca, acelerando para longe e esgotando suas últimas reservas apenas trinta metros cedo demais. Essa era a diferença entre eles quando Puxão disparou sobre a linha de chegada.

Will já tinha desmontado e estava abraçando o pescoço do pequeno cavalo quando Tempestade de Areia, agora reduzido a um galope, com listras de suor e de sopro, escalonadas ao longo da linha cansada atrás dele. E agora os Bedullin faziam vivas para o cavalo estrangeiro. Porque amavam bons cavalos e eles perceberam que eles tinham acabado de ver um dos melhores. E, além disso, uma vez que nenhuma das apostas se baseava em Puxão ganhar, ninguém tinha perdido todo o dinheiro para ninguém — embora aqueles que tinham apostado em uma margem de trinta metros de altura foram tentados a

reivindicar os seus ganhos.

Umar tomou a rédea de Tempestade de Areia quando Hassan escorregou da sela. Antes que o jovem pudesse falar, o Aseikh bateu-lhe no ombro.

"Você fez o seu melhor", disse ele. "Boa corrida."

Outros foram ecoando o sentimento quando Hassan abriu caminho através da multidão para oferecer a mão à Will. Ele balançou a cabeça com admiração.

"Eu nunca ia ganhar, ia?" ele perguntou. "Você sabia disso."

Will, sorrindo muito, apertou sua mão. "Na verdade, eu não sabia", disse ele. Ele sacudiu a cabeça de Puxão. "Ele sabia."



Halt estimou que havia cerca de trinta homens descendo a ladeira em direção a eles. "Eles estão vindo deste lado também", disse Evanlyn atrás dele. Um rápido olhar sobre o ombro mostrou um número similar de cavaleiros descendo atrás deles, voltando para cercar as tropas Arridi. Halt olhou para frente novamente. Ele e Gilan tomaram um momento para ler a velocidade de aproximação dos cavaleiros. Então eles se moveram como se fossem um só.

"Agora", disse calmamente Halt e ambos pressionaram e atiraram uma vez, depois duas, depois três e quatro vezes, reduzindo a elevação a cada vez para compensar o alcance reduzindo rapidamente. Depois de quatro devastadores lançamentos de duas flechas, Evanlyn chamou por trás deles:

"Cinquenta metros na parte de trás!"

Os dois arqueiros moveram cento e oitenta graus e enviaram mais flechas para rasgar os Tualaghi por trás deles. Já agora, uma meia dúzia de cavalos sem cavaleiros corriam descontroladamente com o grupo avançando para frente, seus cavaleiros deitados em montes amassados na areia por trás deles. Agora, mais cinco se juntaram a eles do grupo da retaguarda antes que chegasse tão perto do muro protetor que Halt e Gilan tivessem que cessar-fogo. Evanlyn estava maravilhada com a precisão e alta velocidade dos dois Arqueiros. Onze soldados inimigos fora da luta em questão de segundos! Essa era uma taxa de baixa que nenhum comandante poderia esperar para sustentar por muito tempo.

Agora era a vez dos homens que esperavam na barreira de escudos conforme os cavaleiros se chocavam contra ela.

Mas alguns dos cavalos foram diretamente, com a cabeça em contato. A cerca erizada de lanças, suas pontas afiadas brilhando no sol, forçou a maioria deles para desviar de lado no último momento, apesar de seus cavaleiros incitarem e os estimularem a continuar seu avanço. Os cavaleiros rapidamente perderam o impulso e se viram em desvantagem quando as longas lanças Arridis impulsionavam para cima com eles. A maioria deles desmontou, deixando os cavalos com os companheiros responsáveis pela tarefa, e juntaram-se à luta em pé. A batalha se tornou exigente, empurrões, briga de mão em mão,

com espadas curvas subindo e descendo, cortando e rasgando ao longo da linha. Homens gritaram de dor em ambos os lados conforme caíam. Em seguida, gritavam novamente enquanto companheiros e adversários pisavam neles em seus esforços para alcançar o inimigo.

Horace olhou para a barreira de escudo, os olhos cerrados de concentração, olhando para o primeiro ponto fraco, onde os Tualaghi poderiam romper. Para a frente esquerda, um soldado Arridi escorregou e foi cortado por um dos Tualaghi, que imediatamente moveu-se para a abertura da linha, rasgando descontroladamente para a esquerda e direita, alargando a brecha para que dois de seus companheiros abrissem caminho dentro e a linha começou a abrir para o interior.

Horace respirou fundo e virou-se para os quatro soldados com ele. Antes que ele pudesse agir, no entanto, havia um rugido de touros do lado dele e Svengal avançou na pista, o machado enorme zumbindo em círculos sobre a cabeça. Percebendo que ele só entraria no caminho do machado do Escandinavo se ele se juntasse a ele, Horace relaxou e gesticulou para os quatro homens para pararem rapidamente também.

Svengal bateu no Tualaghi que tinha rompido a linha como um aríete. Ele chocou-se contra eles com seu escudo, e apesar da pressão dos homens por trás deles, instando-os para frente, arremessando de volta, os jogando fora de equilíbrio e surpreendendo-os. Então ele começou a os derrubar da direita para esquerda com golpes de machado os varrendo antes que eles pudessem se recuperar.

Quase tão logo que apareceu, a brecha no muro e foi restaurada e a linha fechada. Svengal retornou ao ponto onde Horace estava esperando.

"Deixe-me saber quando você precisar de uma mão", o jovem guerreiro disse suavemente. Svengal olhou para ele. Havia uma luz perigosa em seus olhos.

"Improvável", disse ele breve. Então ele estava saindo novamente conforme os Tualaghi ameaçavam romper em outro lugar, batendo neles com escudo e machado, forçando-os para trás, pisando sobre alguém que tinha caído sob seu comando. Mas desta vez, Horace não tinha tempo para assistir. Ele era necessário em outro ponto de conflito e levou seus quatro homens em uma formação em cunha, funcionando até o ponto onde um grupo de Tualaghi forçou seu caminho no interior da parede. Quando Horace se aproximou, um deles caiu com uma flecha no peito. Então, Horace e seus homens estavam com eles, forçando-os para trás.

Não havia tempo para a bela esgrima. Era impelir e cortar e cortar

novamente e defender com o escudo e bater e bater e bater! A destreza surpreendente Horace ficou evidente quando ele se jogou contra os Tualaghi com espantosa velocidade e força, forçando-os para trás em pânico crescente.

Foi um pânico que se espalhou através dos atacantes e eles começaram sair para longe da barreira de escudo — primeiro em uns pares e, em seguida, em grupos maiores. Eles recuperaram os seus cavalos, montaram e fugiram para a encosta, perseguidos por vaías e assobios triunfante dos defensores.

Gilan levantou seu arco e olhou uma questão de Halt, que balançou a cabeça.

"Guarde as suas flechas", disse ele. "Nós vamos precisar delas mais tarde."

"Não posso dizer que gosto da idéia de atirar nos homens por trás", concordou Gilan.

Ele guardou a flecha em sua aljava.

Selethen estava se aproximando deles. Sua túnica branca exterior estava rasgada e manchada de sangue e sujeira. Ele estava limpando a lâmina da espada quando ele veio.

"Isso os prejudicou", disse ele. "Vocês atiram bem", acrescentou ele, inclinando-se em reconhecimento aos dois Arqueiros. Seu fogo rápido tinha desconcertado as tropas de ataque, ele sabia.

"Duvido que eles irão tentar outro ataque frontal", Halt disse e o Wakir assentiu em acordo. Ele apontou para a borda da colina, onde um grupo de três cavaleiros estava assistindo, gritando com as tropas em retirada uma vez que passavam por eles. Em um estágio, o mais alto dos três se inclinou na sela e bateu em um soldado com o chicote.

"A menos que eu perca o meu palpite, aquele lá em cima é Yusal Makali. Ele é um dos seus líderes mais capazes de guerra. Ele é astuto e cruel, e ele não é idiota. Ele acabou de ver o que um ataque frontal vai lhe custar. Agora vamos ter que ver o que ele tentará na próxima vez."

"E nos custou bem", disse calmamente Gilan, inclinando-se para onde as tropas Arridis estavam cuidando de suas feridas. Havia muitos deles para confortar. Os Tualaghi podem ter perdido homens no ataque, mas pelo menos dez soldados Arridi estavam mortos ou feridos.

Svengal e Horace moveram-se para se juntar a eles. Ambos estavam limpando suas armas, como Selethen tinha feito. A face de Svengal ainda estava vermelha de raiva da batalha, os olhos ainda selvagens em sua cabeça.

"O que eles estão esperando?" ele disse, sua voz mais alto do que a ocasião exigia. "Por que não continuam com isso?"

Halt o olhava com preocupação. "Calma, Svengal", ele alertou. Ele podia ver que o Escandinavo, frustrado por semanas de inércia, estava perto da raiva furiosa que poderia atingir um Escandinavo no calor da batalha. "As probabilidades são que eles não vão atacar novamente. Você lhes custou muitas baixas. Bom trabalho, também, Horace," ele adicionou, como um aparte. Ele tinha visto o contra-ataque devastador do jovem.

Horace assentiu. Sua espada estava limpa agora e ele a guardou "O que você acha que eles vão fazer em seguida, Halt?" ele perguntou.

Antes que ele respondesse, o Arqueiro olhou para o sol, agora quase diretamente em cima e martelando sobre eles.

"Eu acho que eles vão esperar para o calor e sede fazer o seu trabalho para eles", disse ele. "Isso é o que eu faria em seu lugar."

Ele estava certo. O resto do dia passou sem qualquer novo ataque do Tualaghi. Em vez disso, os Araluans e seus camaradas Arridi sufocavam sob o calor explosivo do sol.

O abastecimento de água estava baixo. Com a expectativa de alcançar os Poços Khor- Abash hoje, Selethen tinha relaxado em sua normal disciplina rigorosa de água. Agora, ele estimava que, com o racionamento rigoroso, eles tinham água para mais dois dias.

Os Tualaghi, naturalmente, poderiam enviar cavaleiros para toda a água que eles precisavam. Tudo que eles tinham que fazer era vigiar o pequeno acampamento no meio da depressão. Desconfiados da precisão mostrada pelos dois arqueiros entre os inimigos, eles se mantiveram abaixo do cume. Mas de vez em quando podiam ser vistos brevemente conforme a sombra mudava e as sentinelas foram reveladas. Halt não tinha dúvidas de que a sua baixa tendas negras estavam lançadas um pouco além do cume.

Quando escureceu, Selethen chamou seus homens, encurtando o perímetro de modo a que metade da força dele conseguisse dormir. Pelo menos, essa era a idéia. Uma hora após o anoitecer, os rápidos e lançados ataques começaram.

Nunca houve mais de uma dúzia Tualaghi envolvidos. Mas eles subiriam gritando no deserto, arremessando pedras no acampamento. Então, eles iam a barreira de escudo, matando um homem aqui, perdendo um de seus próprios lá, então, carregando suas feridas com eles. Eram ataques incômodos, puros e simples. Mas manteve todo o acampamento Arridi em alerta e vigilância constante durante toda a noite, impedindo-os de descansar.

Mesmo que os ataques fossem fintas, cada um tinha que ser combatido porque Halt e os outros nunca sabiam quando um ataque real em vigor poderia

vir.

O resultado foi uma noite nervosa sem dormir para as tropas Arridi, pontuada por breves momentos de violência e terror súbito.

À luz da madrugada, Halt virou com a visão turva, os olhos avermelhados à linha do cume. Ele podia ver o movimento ocasional lá, mas nada que lhe presenteasse com um alvo válido. Os Arridi tinham perdido quatro homens mortos no primeiro maciço ataque, e outros dois sucumbiram aos ferimentos durante a noite. Havia vários feridos e a maioria deles precisavam de água — que agora estava em falta. Selethen relutantemente disse a seus atendentes médicos para reduzir a quantidade de água que os feridos estavam recebendo. Foi uma decisão difícil. A água era quase o único conforto que tinha no deserto.

Ele estava visitando os feridos quando Halt chamou. A bandeira branca estava acenando sobre a crista do cume.

"Eles querem negociar", disse Halt.



O alto cavaleiro que Selethen tinha identificado como Yusal Makali desceu a encosta, acompanhado por um cavaleiro com a bandeira branca. Selethen, com Halt carregando uma bandeira similar, pisou pela linha de guerreiros Arridi e caminhou para atingi-los.

"Yusal sabe que eu vou respeitar a bandeira de trégua. No entanto, ele irá ignorá-la em um momento se lhe convir", Selethen disse amargamente. "Eu desejo que eu pudesse simplesmente pedir para você matá-lo conforme ele se aproximasse."

Halt encolheu os ombros. "Nós poderíamos fazê-lo, é claro, mas isso não resolveria o problema que nós estamos encurralados e em desvantagem. E poderíamos não ter outra chance de negociar."

Eles pararam a meia dúzia de metros dos dois homens montados. Yusal oscilou para baixo da sela e avançou para chegar perto deles.

Ele era mais alto do que a média dos Arridi ou Tualaghi, Halt viu, de pé dava uma boa cabeça acima de Halt e alguns centímetros mais alto do que Selethen. Ele vestia túnicas e kheffiyeh brancas. Branco era uma cor sensível ao calor escaldante do deserto. Mas, enquanto as vestes de Selethen eram todas brancas, as de Yusal eram aparadas em azul escuro. E enquanto os Arridi deixavam as extremidades do adereço em torno de seu rosto para a proteção, a Tualaghi deixava o seu fluxo livre. Mas a metade inferior do rosto estava escondido atrás de um véu azul escuro, como uma máscara. Halt tinha ouvido

os Arridi se referindo a seus inimigos como "Os Velados, esquecidos de Deus". Agora ele entendia a referência.

A pele de Yusal, o que poderia ser visto da mesma acima da máscara, era castanha escura — queimada por anos de sol do deserto e do vento. Embora a máscara cobrisse o terço inferior da face, era óbvio que o nariz era proeminente e curvo, como o bico de uma ave de rapina. Seus olhos eram profundos e encapuzados, em grossas sobrancelhas. Era marrom profundo, quase preto. Eles eram as únicas coisas que Halt poderia ter para reconhecesse Yusal novamente se o visse sem o véu. Os olhos eram frios, negros e impiedosos. Não era encontrado qualquer vestígio de misericórdia ou o calor neles. Eram os olhos de um assassino.

"Então, Wakir Seley el'then" Yusal disse: "por que você está me seguindo?"

A voz estava um pouco abafada pelo véu. Mas era duro e hostil, como os olhos. Tanto para brincadeiras, Halt pensamento.

Selethen era igualmente ao ponto. "Você matou vinte dos meus homens. E você tem um prisioneiro com você. Queremos que ele."

Yusal encolheu os ombros. O movimento era desdenhoso. "Venha e pegue-o então", ele desafiou. Houve um momento de silêncio. Então, ele acrescentou: "Você está numa posição ruim, Seley el'then. Você está cercado. Você está em minoria e sua água está acabando."

A última. declaração foi uma suposição, é claro. Yusal não tinha idéia de como eles tinham pouca água e Selethen não estava disposto a informá-lo.

"Nós temos abundância de água", ele disse uniformemente e, novamente, Yusal encolheu os ombros. As demonstrações de Selethen significavam pouco para ele.

"Se você disser que sim. O fato é, você vai ficar sem eventualmente, enquanto eu posso pegar toda a água que eu precisar. Eu posso dar ao luxo de esperar enquanto a sede e o calor começar a matar seus homens. Você não pode."

Ele olhou para trás da encosta que os cercava por todos os lados.

"Você pode nos atacar, se quiser. Mas é difícil e temos números de quatro para um. Há apenas uma maneira que tal ataque vai acabar."

"Podemos lhe surpreender", disse Halt e olhos escuros no capuz se viraram para ele, estudando-o, aborrecido com ele. Halt percebeu o olhar e o silêncio inabalável que o acompanhava eram destinadas a debilitar-lo. Ele levantou uma sobrancelha de uma maneira entediada.

"Você é um dos arqueiros, não é?" Yusal disse. "Mas, apesar de sua boa

pontaria, uma vez que a batalha começa a ficar mais próxima, os números dirão."

"Você solicitou essa negociação, Yasal" Selethen disse. "Foi apenas para nos dizer o quão desesperada a nossa posição é? Ou você tem algo interessante a dizer?" Ele permitiu o mesmo tom de desprezo que Tualaghi tinha usado para arrastar-se em suas palavras.

Yusal olhou para trás.

"Desista", ele disse simplesmente e Selethen respondeu com um curto riso.

"E você nos mata enquanto estamos desarmados?" ele perguntou.

O líder Tualaghi sacudiu a cabeça. "Você vale dinheiro para mim, Selethen. Posso pedir um enorme resgate para você. Eu seria louco para matá-lo. E eu tenho certeza que existem pessoas que vão pagar para os estrangeiros com você também. Eu mantive o outro Escandinavo vivo por isso mesmo. Por que eu faria diferente com você?"

Selethen hesitou. Os Tualaghi eram motivados pela ganância acima de tudo e ele estava inclinado a acreditar em Yusal. Enquanto pensava nisso, o líder Tualaghi expressou a alternativa.

"Ou fique aqui e morra de sede. É só uma questão de tempo. Quando você estiver mais fraco, não teremos nenhum problema em caminhar e tomar as armas de suas mãos. E se você me fizer esperar, eu poderia não ser tão caridoso."

Ele virou-se, como se desinteressado, não se importando qual o curso Selethen poderia escolher. O Wakir pegou a manga de Halt e o levou a alguns passos de distância.

"Trata-se de seu povo também. O que você acha?" ele perguntou em voz baixa. Halt olhou para a figura alta de pé a poucos metros, de costas para eles.

"Você acredita nele?" ele perguntou e Selethen assentiu, um movimento fracionário de sua cabeça.

"Os Tualaghi farão qualquer coisa por dinheiro", disse ele. "Pelo menos desta maneira teremos uma chance. Como ele disse, se esperarmos, vamos ficar progressivamente mais fracos até que nós teremos que nos entregar de qualquer maneira."

Halt considerou a situação. Ele e Gilan poderiam romper as linhas Tualaghi no abrigo da escuridão. Mas mesmo isso não era certo. Embora eles possam estar em movimento invisível, a terra era praticamente desprovida de cobertura. E dezenas de olhos estariam assistindo. E se eles tivessem sucesso em passarem pelos Tualaghi, então o quê? Eles estariam em pé, com a ajuda

mais perto a muitos quilômetros de distância. Até o momento que chegassem à Mararoc para trazer ajuda, Selethen e os seus homens estariam mortos. Evanlyn, Horace e Svengal também. Se eles se entregassem agora, tudo estaria em estado razoável e poderia surgir uma oportunidade para fugir ou virar o jogo sobre seus captores. Melhor agora do que depois, quando eles estavam enfraquecidos e meio loucos de sede.

"Muito bem", disse ele. "Vamos discutir os termos."



Will estava checando as fitas e laços que acompanhavam o seu equipamento para selar Puxão, quando ele ouviu passos esmagando a areia atrás dele. Ele se virou para ver Umar se aproximando, um olhar preocupado sobre o seu rosto.

"Há algo que você deveria saber antes de sair", disse ele.

Eram quatro dias depois da corrida — uma corrida que já estava prestes a se tornar parte da história verbal dos Bedullin. Nesse tempo, Will e Puxão tinham sido homenageados pela tribo, e tinham uma preocupação exagerada de Cielema. O estrangeiro, alegre e sorridente e seu cavalo incrível com corpo de barril tornaram-se figuras populares no acampamento. Hassan e Will tinham se tornado bons amigos também -, o jovem não tinha qualquer ressentimento por ter sido derrotado na corrida e perder o seu direito à Puxão. Os Bedullin eram jogadores inveterados, como Will havia notado, mas eles aceitavam suas perdas sem reclamar.

A amizade foi ajudada pelo fato de que Umar, satisfeito com o resultado da corrida, presenteou Hassan com um cavalo do seu próprio rebanho — um parente de sangue do Tempestade de Areia. Hassan ficou muito feliz e se ofereceu para guiar Will em seu caminho para Mararoc.

O mistério do vacilante Procura-Norte tinha sido finalmente resolvido. Perguntado sobre como ele havia planejado para navegar no deserto sem trilhas, Will mostrou-lhes o Procura-Norte e explicou o segredo de suas propriedades magnéticas. Para demonstrar, ele tinha trazido a lâmina de sua faca Saxônica perto da agulha e mostrou como ela vacilava fora de campo magnético da Terra. Levou apenas alguns segundos para Umar para ver a conexão.

"Você andou pelas Montanhas Vermelhas?" ele disse e Will confirmou o fato. "Mas elas são quase ferro puro — enormes depósitos de ferro. Certamente que serviria para tornar o seu instrumento desconfiável."

Quando Will percebeu a verdade da afirmação, ele sentiu um pequeno alívio. Na parte traseira de sua mente, ele ainda abrigava uma vaga suspeita de que Selethen lhe tinha dado um mapa falso. Em cima disso, ele sentiu uma

culpa irracional que ele tinha falhado com a crença de Halt nele. Agora que ele podia ver uma razão para o erro — e percebeu que ele não poderia ter previsto — ele poderia colocar esses medos para descansar.

Enquanto ele estava preparando Puxão para a partida, um cavaleiro veio do deserto — empoeirado e desgrenhado, montando um cavalo cansado. Ele havia informado imediatamente à tenda de Umar. Will tinha visto sem nenhum interesse particular. Sem dúvida era algum negócio de dizer respeito apenas ao Bedullin. Agora, porém, ele não tinha tanta certeza.

Ele seguiu Umar para a larga e baixa tenda que ele ocupava com Cielema. Inclinando-se, ele entrou e fez o gesto de lábios, sobrancelhas, lábios necessário de saudação. Nos últimos dias, ele tornou-se familiarizado com isso.

A tenda estava pavimentada com um tapete grosso, com almofadas espalhadas por ele. Ele escolheu uma e sentou com as pernas cruzadas sobre ela na maneira da tribo. Um Bedullin que ele não tinha visto antes estava sentado na outra, comendo e bebendo avidamente conforme Cielema o alimentava com frutas e água. Ele olhou para Will, depois olhou com curiosidade para Umar.

"Este é Jamil, um dos nossos batedores", explicou Umar e o Bedullin assentiu com a cabeça em saudação. Ele estava na casa dos trinta anos, Will estimava, embora fosse difícil dizer com os homens Bedullin, cuja pele era geralmente marrom e fortemente alinhada com o sol.

"Este é o estrangeiro que lhe falei. Seu nome é Will."

Novamente, Will fez o gesto de saudação. Pareceu-me apropriado, pensou ele. Jamil pareceu um pouco surpreso de que um estrangeiro tinha compreensão da etiqueta Bedullin e ele respondeu apressadamente. Will olhou para Omar, uma pergunta sobre o seu rosto. O Aseikh apontou para Jamil para prosseguir.

"Diga a Will o que você nos contou."

Jamil terminou de comer uma laranja, lambeu o último o suco de seus dedos e limpou a boca com um pano.

"Você estava viajando com um grupo de soldados Arridi?" ele disse. Era tanto uma afirmação como uma pergunta. Will assentiu com a cabeça em confirmação, franzindo a testa. Ele sentia, pela maneira séria do homem, que algo tinha dado errado.

"Isso é certo" ele disse.

"E havia outros estrangeiros, bem ... dois deles vestidos como você está. " Ele indicou a capa marrom que Will estava vestindo. Mais uma vez, Will assentiu com a cabeça. O batedor Bedullin balançou a cabeça em desagrado com o fato e a premonição de Will de más notícias iminente aprofundou.

"O que aconteceu com eles?" ele perguntou. O Bedullin olhou para ele um momento, então, felizmente, foi direto ao ponto, sem qualquer tentativa inútil de amenizar a notícia.

"Eles foram capturados pelos Tualaghi", disse ele.

Will olhou rapidamente para Umar. "Os Tualaghi?" perguntou ele.

A expressão do Aseikh era um desgosto intenso.

"Saqueadores. Bandidos. Os Esquecidos de Deus. Eles são nômades como nós, mas eles pegam outros viajantes e aldeias indefesas. Eles cercaram os seus amigos e os capturaram. Agora eles estão levando-os para o maciço do Norte, juntamente com Wakir Seley el'then e seus homens sobreviveram. Houve uma batalha" ele acrescentou na explicação e Will sentiu uma pontada de medo.

"Uma batalha? Algum dos estrangeiros está ferido?"

Jamil sacudiu a cabeça. "Não. Eles foram levados acorrentados e com o outro estrangeiro. Eles estão presos como ele. Parece que -"

Isso estava movendo rápido demais para Will. Ele ergueu a mão para parar a história do Bedullin.

"Só um momento! O outro estrangeiro? Que outro estrangeiro que você está falando?"

Jamil acenou pedindo desculpas, percebendo que era necessário mais explicações.

"Os Tualaghi tinham capturado outro estrangeiro. Um dos homens selvagens vindos do norte. Havia um deles com o seu grupo também", acrescentou.

A cabeça de Will estava girando. Só poderia haver uma pessoa que ele estava falando. Mas Erak estava nas mãos dos Arridi na última vez que ele havia ouvido.

"Isso é loucura", disse ele. "Você deve estar falando de Erak. Mas ele estava sendo levado para Mararoc com uma caravana Arridi. Como é que de repente ele apareceu com esses Tualaghi?"

Jamil encolheu os ombros. Umar esfregou seu grande nariz.

"Talvez os Tualaghi atacaram a caravana e capturaram o homem do Norte?" ele sugeriu.

Will assentiu para si mesmo, pensando furiosamente. Se fosse esse o caso, Gilan e Halt teriam sido capazes de ler os sinais do ataque. Em seguida, eles teriam ido atrás deles para uma emboscada, com Selethen e os seus homens em companhia. Ele balançou a cabeça, para limpar seus pensamentos. Não importa como isso tinha acontecido, ele percebeu. O simples fato era que tinha

acontecido.

Ele foi surpreendido, no entanto, que Halt e Gilan tinham sido tão descuidados a ponto de permitir aos bandidos Tualaghi para conseguirem rastrearem eles.

"Vocês têm alguma idéia de como os Tualaghi aprenderam que meus amigos estavam a segui-los?" ele perguntou.

Desta vez, os olhos do Bedullin deslizaram fora de vergonha. Ele hesitou um instante antes que ele pudesse trazer-se a responder.

"Tenho medo que eu tenha os levado para o acampamento dos seus amigos", disse ele.

E quando Will começou a levantar com raiva de sua posição sentada, ele rapidamente estendeu a mão.

"Não! Por favor! Não foi intencional!" Eu não tinha idéia de seus amigos estavam lá. Eu vi o grupo Tualaghi longe e eu fui mais perto para descobrir mais sobre eles. Eles eram um grupo muito maior do que o habitual — pelo menos duas centenas, talvez mais. Depois de escurecer, eu rastejei perto de seu acampamento para ver com mais clareza. Isso foi quando eu vi o Homem do Norte — tinham-lhe atado na clareira.

"Eu saí de madrugada e me dirigi para cá. Eu devo ter passado perto de campo de seus amigos, sem nunca vê-los. Mas um batedor retaguarda dos Tualaghi encontrou minhas trilhas e as seguiu mais tarde naquela manhã — e elas o levaram para seus amigos. Eles estavam viajando paralela aos Velados, vários quilômetros de distância. Se eu não tivesse inadvertidamente, cruzado suas trilhas, os Tualaghi nunca teriam sabido que eles estavam lá."

"Como você sabe tudo isso?" Will perguntou.

O batedor respondeu, infelizmente. "Eu voltei no dia seguinte para uma verificação adicional. Eu não tinha idéia, então, que minhas trilhas haviam sido descobertas. Mas eu vi onde os Tualaghi tinham me seguido, vi onde eles cruzaram o caminho dos seus amigos e viraram-se para segui-los. Eles devem ter pensado que eu fazia parte desse grupo. Sinto muito, Will. Eu não tinha idéia de que eu estava trazendo perigo para os seus amigos."

Will acenou as desculpas de lado. Não tinha sido culpa Jamil, ele percebeu. Tinha sido apenas má sorte condenável — Jamil foi o acaso, o elemento inesperado, que os levaram a Halt e os outros a serem capturados. Como Halt tinha lhe dito tantas vezes, se alguma coisa pode dar errado, ela vai dar.

"Você não poderia ter sabido", disse ele. "Vocês têm alguma idéia de onde eles poderiam estar os levando?" Ele abordou a questão para ambos Jamil

e Umar.

"Eu diria que eles estavam indo para o maciço", disse Jamil. Will olhou para Umar, que explicou.

"É uma enorme gama de falésias, colinas e montanhas a noroeste. Há aldeias Arridi espalhadas por todas as colinas e os Tualaghi muitas vezes andam e sem impõem sobre os aldeões — roubando suas colheitas e matando o gado. Um grupo de duzentos teria nenhuma dificuldade em assumir uma vila — ou mesmo uma pequena cidade.

"Provavelmente, eles têm uma em mente e irão usá-la como sede por um mês ou dois. Então, quando o gado e abastecimento de alimentos se esgotaram, eles vão seguir em frente."

Will chegou a sua camisa e abriu o mapa que Selethen lhe tinha dado.

"Eu tenho que ir atrás deles! Mostre-me isso" ele exigiu. Mas Umar colocou suas mãos sobre o jovem para acalmá-lo.

"Calma, amigo Will", disse ele. "Nada vai ser adquirido por apressar-se para o deserto sem um plano. Os Tualaghi são inimigos perigosos. Eu preciso falar com o meu conselho e depois vamos ver o que pode ser feito."

Will foi argumentar mas a pressão do aperto Umar aumentou.

"Confie em mim, Will. Dê-me uma hora", disse ele. Relutantemente, Will relaxou, dobrando o mapa e guardando-o ao seu esconderijo dentro da camisa.

"Muito bem", disse ele. "Uma hora. Mas então eu vou embora."



Will voltou para onde Puxão esperava pacientemente e afrouxou a barrigueira da sela para que o cavalo pudesse ficar mais confortável. Então ele se sentou, de costas encostado ao tronco de uma palmeira, de olhos fechados, enquanto ele tentava fazer sentido da situação.

De alguma forma, ele teria que resgatar seus amigos. Ele sabia isso. Mas como? Ele estava sozinho e ele não era familiarizado com o território. Contra isso, seus amigos estavam sendo presos por duas centenas de bandidos armados — cruéis e sem piedade homens que iriam cortar suas gargantas, sem hesitação. Ele era um estrangeiro. Ele se destacaria entre os aldeões Arridi, mesmo se ele conseguisse encontrar a vila correta em primeiro lugar. Ele percebeu que nem sequer sabia onde pegar a trilha deixada pelos Tualaghi. E se suas tentativas recentes de navegação fossem julgar por tudo, ele provavelmente nunca iria encontrá-los.

Ele deve ter cochilado, afetado pelo calor do dia. Ele foi despertado pelo

som de Umar abaixando-se na areia ao lado dele com um grunhido fraco do esforço.

"Nós conversamos," ele disse simplesmente. Will olhou para ele. Não havia nenhum indício do que ele e seus conselheiros decidiram em sua expressão branda.

"Você vai deixar Hassan me guiar para onde os Tualaghi capturaram meus amigos?" ele disse.

Umar levantou a mão, palma para fora, para detê-lo. "Deixe-me explicar. Aqui estão os fatos que eu coloquei para meu conselho. Os Tualaghi não são nossos amigos. Um grande grupo de guerra como esse significa que eles não são nada bom e eles poderiam atacar outros grupos Bedullin — menores do que este. Depois há a questão de Seley el'then. Eu não gosto do fato de que ele é seu prisioneiro."

"Você conhece Seleten?" Will perguntou.

O Aseikh assentiu. "Nós lutamos juntos contra os Tualaghi. Ele é um homem bom. Um lutador corajoso. O mais importante, ele é um homem honesto — um homem que eu confio. Essas são boas qualidades em um Wakir. Há sempre a possibilidade de que outro homem possa não ser tão honesto. E um monte de Arridi tem ressentimentos de nós. Vêm-nos como intrusos em seu país. Wakir Seley el'then sempre nos tratou bem. Pode não nos servir tê-lo substituído por alguém que não é tão honesto e imparcial.

Uma pequena chama de esperança estava começando a queimar no peito de Will conforme o Aseikh continuava a analisar a situação.

"Você está dizendo que vai...?" ele começou, mas mais uma vez, Umar fez aquele gesto de palma para fora, para silenciá-lo.

"E há mais dois pontos a considerar. Um: você se tornou um amigo dos Bedullin. Você salvou a vida do meu neto, e você se comportou bem na questão da corrida. Meu pessoal gosta de você, Will. E nós levamos a sério a amizade."

"Você disse dois pontos," Will interpôs.

Umar sacudiu a cabeça, sua expressão muito séria. "Como lhe disse Jamil, foi culpa dele que os seus amigos foram capturados. Se ele não tivesse sido tão desajeitado, os Tualaghi nunca teriam sabido que eles estavam lá. Sua culpa, sua falha, torna-se a falha da tribo como um todo. Isso pesa muito na mente de Jamil... e na minha própria."

Will dificilmente se atrevia a ter esperança de que o que ele estava começando a pensar poderia ser verdade. Timidamente, como se por ser muito positivo isso poderia causar a idéia se dissolver e soprar do vento, ele disse: "Então você está dizendo que..."

Ele não conseguia terminar a declaração. Umar fez por ele.

"Eu estou dizendo que estamos todos de acordo. Nós estamos indo para resgatar Seley el'then e seus amigos dos Velados. Ele sorriu para o jovem homem exaltado ao lado dele. "Claro, você está convidado a vir conosco se quiser."



Os soldados Arridi foram desarmados e levados a sentar no chão, cercados por mais de uma centena de guerreiros Tualaghi. Selethen, os quatro Araluans e Svengal foram levados para um lado. Suas mãos estavam amarradas na frente deles e eles assistiram enquanto Yusal e dois de seus oficiais andavam entre os soldados sentados Arridi.

"Eu poderia matar todos vocês agora", disse a eles. "Você sabe disso. Mas ao invés disso eu vou ser misericordioso."

Halt observava com ceticismo. "E ele sabe que se ele começasse a matá-los, eles lutariam em resposta", disse ele em um lado para Evanlyn. "Mesmo que eles estão desarmados, ele iria perder alguns de seus próprios homens." Os homens que estavam certos que iam morrer iriam lutar desesperadamente no final, ele sabia. Mas se houvesse uma réstia de esperança, não importa quão fraca, eles a pegariam.

"Vou manter os seus cavalos", Yusal continuou, "e nós vamos tomar as suas botas. Então vocês podem ir."

Selethen começou a avançar com raiva, mas um sentinela Tualaghi conteve ele.

"Ir? Ir para onde? gritou ele. O alto líder de guerra se virou para ele, os olhos acima da máscara azul desprovidos de qualquer sinal de misericórdia. Ele deu de ombros.

"Isso não é minha preocupação", disse ele asperamente. "Eu não pedi a esses homens para me acompanhar. Você fez. Se eu deixá-los agora no deserto, isso está em sua cabeça, não minha. Pelo menos eu estou dando a eles uma chance."

"Que chance eles vão ter no deserto sem água?" Selethen desafiou e Yusal estendeu as mãos num gesto sarcástico.

"Eu disse que ficariam sem água?" ele perguntou. "Eu disse que iria pegar suas botas e seus cavalos. Eu não os quero nos seguindo. Mas a Palavra de Lei diz que nunca devemos virar um viajante no deserto sem água. É claro que eles terão água. Ele apontou para um dos seus homens. "Dêem-lhes duas

peles de água", disse ele.

"Para mais de trinta homens? E alguns deles feridos? Isso não é o que a lei significa e você sabe disso, seu assassino!"

Yusal encolheu os ombros. "Ao contrário de você, eu não pretendo conhecer a vontade de Deus, Seley el'then. A Palavra de Lei diz que a um estrangeiro deve ser dada a água. Não me lembro de uma quantia ser mencionada."

Selethen sacudiu a cabeça com amargura. "Não admira que você é o Esquecido de Deus, Yusal", disse ele.

O Tualaghi vacilou no insulto, como se ele tivesse sido chicoteado. Ele se virou e deu uma ordem brusca a seus homens e houve um som de toque de aço, cem espadas foram retiradas e apontadas para as tropas Arridi indefesas.

"Sua escolha, então, Seley el'then. De a palavra e meus homens vão matar os prisioneiros agora. Ou você preferiria que eles tivessem a minha misericórdia?"

Sua mão foi levantada para dar o comando. Os músculos do queixo Selethen davam um nó, enquanto tentava controlar a sua raiva e frustração. Um de seus soldados, um tenente, olhou para cima e chamou o Wakir.

"Excelência, não se preocupe com a gente! Nós vamos estar bem! Nós vamos encontrar ajuda e vir atrás de você!"

Yusal então riu. "Quão valentes! Talvez eu devesse matar este. Eu não gostaria de pensar que esse guerreiro feroz estaria seguindo meus passos." Ele se aproximou do jovem oficial e puxou a sua própria espada. O Arridi olhou para ele desafiadoramente.

"Sua escolha, Seley el'then" Yusal repetiu. Selethen fez um pequeno gesto de derrota.

"Deixe-os vivos", disse ele calmamente e Yusal riu de novo.

"Eu achei que você poderia mudar sua mente." Ele deu outro gesto para seus homens e suas armas foram recolhidas. Então ele se inclinou para o Arridi jovem que havia falado. Seus olhos, escuros e cruéis como as de uma ave de rapina, miravam o soldado.

"Você é corajoso o suficiente agora, garoto", disse ele numa voz calma amargo. "Mas espere até que sua língua esteja seca e inchada, tão grande que encha sua garganta para que você mal possa respirar. Espere até que seus pés estejam rasgadas e empolados pelo calor e as pedras. Seus olhos estarão cegos pelo brilho do sol e você desejará que seu líder tenha permitido te matar aqui e agora. Acredite em mim, ele não lhe fez nenhum favor hoje.

O jovem homem caiu ao olhar desafiador Yusal. O líder da guerra

Tualaghi bufou com desprezo.

"Vire-os para o deserto!" Então, para os guardas que estavam reunidos em torno de Halt, Selethen e os outros, ele ordenou: "Traga estes para o acampamento!"

Ele virou-se, caminhou até seu cavalo, montou e partiu em direção a crista sem olhar para trás.

Os guardas se moveram para o pequeno grupo de reféns. Quatro deles rodearam Svengal e mais dois postaram-se atrás dele. Obviamente, sua relação com Erak lhes havia ensinado o que esperar dos selvagens lobos do mar. Antes que Svengal pudesse resistir, um dos homens atrás dele deu um golpe na parte de trás do joelho com o cabo de sua lança. As pernas do Escandinavo desmonoraram sob o golpe inesperado, e ele caiu no chão. Imediatamente, os quatro foram em cima dele, amarrando suas pernas com tiras de couro para que ele pudesse andar só de pés juntos, tomando meio-passos. Então, eles levantaram o grande homem novamente. Ele olhou para eles, a raiva fervendo dentro dele. Mas a visão dos punhais que o cercava foi suficiente para acalmá-lo. Não havia nenhum ponto para o suicídio, ele percebeu.

Outro guarda aproximou-se e arrastou Evanlyn para fora do grupo. Horace foi para interceptá-lo, mas a cabeça de uma lança bateu em seu estômago parando seus passos. Ele caiu de joelhos, ofegante.

"A menina é um valioso refém," Halt advertiu o guarda. "Yusal não vai agradecer se ela for prejudicada."

O homem hesitou. Na verdade, ele só tinha se interessado pelo colar que Evanlyn usava. Ele o agarrou agora e arrastou-a sem equilíbrio conforme ele o examinava. Mas as pedras arredondadas redondas em um cordão de mármore eram sem valor.

"Os mantenha!" ele rosnou. "Eles não valem nada!"

Ele empurrou-a para trás com os outros, em seguida, deu uma ordem rápida. Os guardas montaram e conduziram seus reféns a pé para o acampamento, as mãos amarradas firmemente diante deles com tiras de couro. Impelidos pelas pontas de lanças e maldições, eles tropeçavam no piso irregular.

Um dos guardas andava perto de Gilan. Ele tinha perdido três amigos para as flechas do Arqueiro durante o ataque essa manhã e ele tirava todas as oportunidades agora para quebrar o eixo da lança dolorosamente sobre os ombros e costas do Arqueiro. A quarta vez que fazia isso, Gilan virou e olhou para ele com um sorriso peculiar.

"O que você está olhando, estrangeiro?" o guarda exigiu bruscamente. O sorriso era um pouco inquietante. Um prisioneiro não deveria sorrir para seus

captores assim, ele pensava.

"Estou apenas tendo certeza de que poderei lembrar-me de você" Gilan disse a ele. "Nunca se sabe quando isso pode ser útil."

A lança bateu em seus ombros. Ele recuou, em seguida, acenou de forma significativa ao cavaleiro Tualaghi antes que ele começasse a arrastar-se até o morro mais uma vez.



Erak olhou para cima enquanto os reféns jogados para o chão sem a menor cerimônia ao lado dele.

Conforme Gilan tinha observado algumas noites antes, ele estava sentado no chão, acorrentado entre dois camelos ruidosos. Seu rosto estava machucado e seu cabelo emaranhado com sangue seco. Um olho estava quase fechado e havia marcas de chicote nos braços e nas costas.

"Bem, olhe para o que o gato arrastou", disse ele alegremente. "O que o traz aqui,

Halt?"

"Viemos resgatá-lo" Halt disse a ele e o Oberjarl olhou intrigado com as travas de couro que prendiam os seus amigos.

"Você escolheu uma estranha forma de fazer isso", disse ele. Então, quando ele reconheceu Selethen, as sobrancelhas contraíram em uma careta hostil. "Bom trabalho, Wakir", disse ele. Havia um tom de amargura na voz dele quando ele erguia as próprias mãos algemadas.

Selethen sacudiu a cabeça. Sua própria amargura correspondia a de Erak.

"Isso não era o que eu pretendia. Eu perdi um monte de bons homens" ele disse ao Escandinavo. Erak considerou a declaração por um momento, então sua expressão suavizou e ele concordou. Ele olhou para Svengal.

"Svengal, meu amigo", disse ele, "quando eu lhe disse para ir buscar os Araluans, isso não é exatamente o que eu tinha em mente."

Svengal encolheu os ombros. "Não se preocupe, chefe. Nós temos estes Tualaghi cercados — a partir do interior."

"Exatamente," Erak respondeu secamente. Então ele apontou para o chão pedregoso. "Sente-se, por que você não?"

Enquanto os outros sentavam, Evanlyn ajoelhou ao lado do Oberjarl. Gentilmente, ela examinou os ferimentos em seu couro cabeludo e o hematoma enorme em torno de seu olho.

"Você está bem, Erak?" perguntou ela.

Ele deu de ombros. "Ah, eu estou bem. Eles nunca te ferem tão mal que você não possa andar. E eles estão me tratando como um convidado de honra — um punhado de tâmaras mofadas, alguns pães roubados e um gole de água, em seguida, uma caminhada agradável no sol. Quem poderia pedir mais?"

"Qualquer palavra de Toshak até agora?" Halt perguntou.

A expressão de Erak escureceu. "Não é pelo nome. Mas esse suíno Yusal insinuou que eu encontraria um conterrâneo em breve — e eu não acho que ele quis dizer você, Svengal. Eu não posso esperar. Se eu conseguir uma chance de colocar minhas mãos na garganta de Toshak, ele vai querer que ele nunca tivesse nascido." Ele olhou para Halt então. "Raro de você ser pego de surpresa, Halt. Você está perdendo sua habilidade?"

Halt levantou uma sobrancelha para ele. "Pelo que eu tenho ouvido, você não foi bem também em Al Shabah" ele ressaltou e Erak encolheu os ombros tristemente.

"Eu acho que estamos todos ficando descuidados" disse ele.

"Qualquer idéia de onde esse bando é liderado, chefe?" Svengal perguntou.

"Eles não exatamente me consultam. Acabei de ser arrastado atrás da Matilda ali." Ele apontou um dedo aos dois camelos mais próximos. "Nós nos tornamos completamente apaixonados um pelo outro", acrescentou, olhando malignamente a besta reclamante.

"As probabilidades são de que estamos indo para o norte do maciço" Selethen disse e Erak olhou para ele com interesse.

"Eu acredito que eu ouvi essas palavras sendo mencionadas", disse ele. "Bem, é melhor você descansar um pouco enquanto você pode. É um longo dia, quando você está andando."

Horace coçou a orelha, o movimento o fez infeliz pelo fato de que suas mãos estavam amarradas juntas. "Que horas que eles nos alimentam?" ele perguntou. Erak olhou para ele por um segundo, depois sorriu.

"Não mude jamais, Horace," ele disse.



Will, Umar e cento e vinte guerreiros Bedullin estavam em uma marcha forçada através do deserto. Eles levantaram quatro horas antes do amanhecer, cavalgaram até quatro horas após a primeira luz, em seguida, descansaram do calor do dia. No final da tarde, poucas horas antes do por do sol, eles retomaram o caminho, cavalgando até bem depois do anoitecer antes que eles parassem para descansar novamente. Will estimava que era por volta das nove da noite quando eles acamparam durante a noite. Mas os dois períodos de descanso, um no meio do dia e outro à noite, lhes dava bastante tempo para dar água e alimentar seus cavalos e recuperar suas forças para a marcha seguinte.

Era um calendário difícil, mas sensato. Eles montavam em um ritmo constante, trotando os cavalos, em vez de um galope leve ou pesado. Mas Will logo percebeu que eles estavam cobrindo grandes distâncias mantendo o ritmo constante, mesmo que ele estivesse tentado a ir mais rápido. Conforme os quilômetros passavam sob os cascos de Puxão, ele sabia que este seria o melhor curso a longo prazo.

Umar tinha decidido agir na afirmação de Jamil que os Tualaghi estavam controlando uma das cidades do norte do maciço. Como resultado, eles foram capazes de planejar um curso em linha reta para interceptar os atacantes, ao invés de retornar ao local da batalha e seguir suas trilhas. Isto, combinado com as distâncias prodigiosas que eles eram capazes de cobrir a cada dia, significava que eles estavam bem no caminho para ultrapassar os inimigos.

Will tinha pedido a Umar e Jamil para lhe mostrar o local do maciço em seu mapa. Era mais ao norte do que a área abrangida pelo mapa de Selethen. Eles estudaram esse documento com algum interesse, rapidamente vendo sua importância, embora os Bedullin nunca utilizassem mapas. Sua navegação era baseada em tradições tribais e conhecimentos transmitidos ao longo de centenas de anos. Enquanto eles apontavam para marcas desenhadas por Selethen, eles referiam-se aos lugares por nomes como "rio das pedras brilhantes" ou "Montanha Ali" ou "O Vale Cobra". Embora alguns dos nomes fossem auto-explicativos, a origem de outros estava escondida na antiguidade. Ninguém, por

exemplo, tinha a menor lembrança do que Ali poderia ter sido, e as pedras brilhantes que marcavam o rio tinham desaparecido há muito tempo — assim como o próprio rio.

Esta era um grupo da guerra, então as mulheres Khoresh Bedullin e os filhos tinham ficado no acampamento no oásis, com setenta dos guerreiros de Umar para mantê-los seguros. O Aseikh estava relutante em reduzir tanto sua força de ataque, mas o deserto era um lugar incerto e setenta era o número mínimo de homens que ele estava disposto a deixar para a proteção do seu povo.

"Nós vamos estar em menor número", ele comentou com Will.

"Eles não vão estar nos esperando", o jovem Arqueiro respondeu e o Aseikh assentiu, com certa satisfação sombria. "Eu estou ansioso por isso."

No terceiro dia de viagem, o problema dos números foi corrigido. Um batedor voltava a galope para informar que tinha encontrado um grupo de trinta homens a pé no deserto.

Umar, Will e Hassan cavalgaram de volta com ele, galopando à frente do grupo principal. Depois de três quilômetros, eles chegaram ao grupo de homens, sentados à sombra escassa oferecido por um vale e partilhando a última uma pele de água que o batedor tinha deixado com eles.

"Guerreiros Arridi," Umar disse, reconhecendo os restos dos uniformes que eles usavam. Will percebeu que nenhum dos homens usava botas, apesar de terem rasgado o pano de suas vestes e as camisas para embrulhar em torno de seus pés para protegê-los. Havia pouco mais de uma boca cheia de água na garrafa e a distribuição de água estava sendo cuidadosamente supervisionada por um jovem homem que usava uma insígnia de tenente. O grupo podia estar áspero e próximo à exaustão, mas era óbvio que eles tinham mantido a sua disciplina. Will não estava certo, mas o oficial parecia vagamente familiar. Ele pensou que poderia ter sido um dos homens de Selethen.

Os três cavaleiros haviam trazido garrafas de água extra com eles e estes foram rapidamente distribuídos. O tenente moveu-se para Umar e fez o gesto tradicional de saudação.

"Obrigado, Aseikh," ele começou. Ele reconheceu a medalha de classificação de Umar, o triplo fio de corda de crina que limitava sua kheffiyeh. "Eu sou o tenente Aloom da -"

Umar o parou com um gesto e passou-lhe a sua própria garrafa de água. A voz do moço estava seca e coaxando. "Beba em primeiro lugar, o tenente," disse ele. "A conversa vai ser mais fácil depois disso."

Agradecido, o oficial levantou a garrafa de água na boca e bebeu. Will

percebeu que, apesar de ele ter estado seco, ele bebeu apenas pequenas quantidades de água, bebendo lentamente de modo a não sobrecarregar o corpo com uma inundação repentina de umidade. O povo Arrida mantinha uma disciplina de água excelente, ele percebeu, lembrando o quão desesperadamente ele tentou engolir a água que lhe foi dada quando Umar o encontrou.

Era perto da décima hora da manhã, que era o momento que Umar normalmente chamada uma parada para o primeiro período de descanso. Ele fez sinal aos outros para desmontarem e saiu de sua sela.

"Nós vamos acampar aqui", disse ele. "Os Arridis podem usar o período de descanso para se recuperarem."

Tenente Aloom tinha saciado a sua sede agora e disse-lhes da emboscada Tualaghi e a batalha que se seguiu, como Halt e os outros foram feitos prisioneiros, enquanto ele e seus homens tinham sido deslocados para o deserto por Yusal, sem botas e com um mínimo da água. Isso tinha sido há dois dias.

"Você manteve trinta homens vivos e marchando com apenas duas garrafas de água? Umar consultou. Havia uma nota de respeito em sua voz.

O tenente encolheu os ombros. "Eles são bons soldados", disse ele. "Eles entenderam a necessidade de disciplina."

"Eles têm um bom oficial", disse Will. Ele havia tentado interromper o tenente imediatamente e pedir notícias de seus amigos. Mas ele viu que o homem que estava perto da exaustão e achou melhor deixá-lo dizer sua história em seu próprio tempo. O tenente olhou para ele por um momento antes de reconhecê-lo. Quando o grupo de guerra havia se saído do oásis, Will tinha adotado as roupas Bedullins — calças largas, camisa longa esvoaçante e capa e, naturalmente, um kheffiyeh para cobrir a cabeça e rosto. Mas o arco e a aljava pendurada sobre suas costas eram inconfundíveis.

"Você é o que eles chamam de Will!" Aloom disse. "Nós pensamos que você estava morto por agora!"

Will sorriu. "Feliz que tenham tanta fé em mim", disse ele. Então, o sorriso desapareceu. "Halt e os outros estão bem? Evanlyn está segura?"

Aloom assentiu. "Eles estavam seguros quando saímos. Yusal falou sobre o resgate, eu acho. A menina será examinada depois. As chances são de que ele vai querer vendê-la como uma escrava, e ninguém quer comprar uma escrava desfigurada. Os homens não serão tão afortunados. Eles vão apanhar, eu esperaria."

"Eu concordo", disse Umar. Ele se virou para Will. "Eles vão estar desconfortáveis, mas não vai ser tão ruim. Há uma praticidade dura para tudo. Yusal não vai permitir que estejam gravemente feridos. Iria diminuir a

velocidade deles. O tenente está certo sobre a menina, também. Se há uma coisa que os Tualaghi são bons, é em cuidar de seus investimentos."

"Aseikh, posso perguntar, quais são seus planos?" perguntou o tenente. Ele olhou para longe, onde ele podia ver o grupo principal dos Bedullins se aproximando. Seus olhos ansiosos pegaram o fato de que o grupo era formado por guerreiros apenas, nada de mulheres ou crianças.

"Nós estamos indo atrás dos Tualaghi" Will disse. "Umar Aseikh e seu povo decidiram ajudar-me a resgatar meus amigos."

"E o Wakir Seley el'then?" perguntou o tenente.

Umar assentiu confirmação. "O Wakir é um velho companheiro. Eu não pretendo deixá-lo nas mãos sujas de Yusal."

Eles tinham-se sentado no pequeno remendo de sombra lançada pelo banco do vale. Aloom ficou de pé agora, com uma nova luz de energia em seus olhos.

"Então nos deixe ir com você!" disse ele. "Os meus homens e eu tenho contas a acertar com os malditos Tualaghi! E eu prometi ao meu senhor que voltaria!"

Omar franziu a testa. "Seus homens estão esgotados — e quase mortos de sede", disse ele em dúvida. Mas Aloom sacudia a cabeça antes de ele terminar.

"Eles estão aptos e em bom estado. Deixe-os descansar durante a noite com alimentos e água em abundância. Eles estarão prontos para viajar amanhã de manhã, eu juro."

"Você está desarmado" Will ressaltou.

Aloom encolheu os ombros. "Certamente seus homens pode se poupar de algumas adagas? A maioria dos Bedullins transportam mais de um. E uma vez que batalha comece, cada Tualaghi que você matar irá fornecer armas para um de meus soldados."

Will e Umar trocaram um olhar. "Seria útil ter trinta homens treinados extras," Will ressaltou. Depois, ele franziu a testa. "Mas como eles vão se manter com a gente? Eles estão com os pés descalços e caminhar."

Umar indeferiu o problema com uma breve agitação de sua cabeça. "Eles podem cavalgar em duplas com os meus homens", disse ele. "Há apenas trinta deles. Nós podemos revezá-los entre o grupo de modo nenhum cavalo tenha que carregar o dobro por muito tempo."

Aloom tinha seguido a discussão entre eles ansiosamente, com os olhos balançando de um para outro, conforme eles falaram. Agora, ele levantou a mão e falou timidamente.

"Uma coisa", disse ele. "Quatro dos meus homens ficaram feridos. Temos carregando eles. Eles não estão aptos para a viagem ou uma batalha."

Umar pesou o problema momentaneamente. Ele gostou da idéia de ter mais combates homens sob seu comando e ele sabia que as tropas Arridi dariam uma boa conta de si mesmos. Para ele, a resposta era óbvia.

"Nós vamos deixar dois dos meus homens para cuidar deles", disse ele, pensando em voz alta. "Podemos deixar um pouco de água com eles, mas vamos precisar de mais do que temos. Há um pequeno poço a meio dia ao leste. Ele deverá fornecer água suficiente para meia dúzia de homens. Um dos meus homens podem buscar água, enquanto o outro fica aqui com eles. Se formos bem sucedidos, nós os buscamos na viagem de volta."

Ele considerou sua própria declaração por um ou dois segundos, em seguida, assentiu. Eles perderiam o período de viagem à noite — cinco horas. E ele enfraqueceria sua força por dois homens. Mas em troca, ele teria ganho vinte e seis soldados treinados. Melhor ainda, eles eram soldados que tinham contas a acertar com os Tualaghi. Era uma boa troca, ele pensou.

"Nós vamos acampar aqui até o resto do dia e de noite", disse ele. "Seus homens terão comida e toda a água que precisarem. Diga-lhes para estarem pronto para viajar quatro horas antes do amanhecer."

Aloom sorriu sombriamente. "Eles estarão prontos", ele disse.



O maciço do norte pairou sobre eles, linha após linha de falésias e morros, eventualmente, um planalto acima. O deserto aberto tinha dado lugar a uma estrada estreita, correndo entre os afloramentos rochosos e falésias para cima através do primeiro sopé. A uma altitude de cento e cinquenta metros acima do chão do deserto, havia uma seção do nível de corte, por natureza, nas paredes dos penhascos absolutos, cortando para trás para correr em um áspero norte-sul alinhamento. A cidade de Maashava estava lá.

A cidade era um centro de mercado para os agricultores Arridis que viviam e trabalhavam no sopé e nas planícies abaixo do maciço. Sua população normal era de cerca de quinhentas pessoas, mas ela crescia para oitocentos ou novecentos nas últimas semanas de mercado, quando os pastores e agricultores vinham de áreas periféricas e aldeias vizinhas da colina para negociar suas mercadorias.

Era uma base perfeita temporária para os guerreiros Tualaghi — grande o suficiente para proporcionar uma acomodação para eles e forragem para os animais, e bem abastecida com os gêneros alimentícios introduzidos no mercado e armazenada em armazéns da cidade.

Os edifícios eram as habituais casas brancas pintadas de tijolos de barro, na maior parte das estruturas térreas com telhados planos, onde os ocupantes podiam desfrutar do ar fresco no final do dia e, às vezes, dormir durante as noites mais quentes. Mas também havia muitas habitações de rocha das falésias — suas entradas úmidas e desgastadas pelos anos, indicando que elas eram antigas. A maior parte delas eram utilizadas como depósitos de alimentos e outros produtos comercializados na cidade. Mas algumas eram habitações e, enquanto os prisioneiros andavam em fila na cidade atrás de seus guardas, Halt viu várias onde os sinais de ocupação humana eram óbvios: mulheres carregadas com frascos contendo abastecimento de água da família, subindo as escadas de acesso às entradas mais elevadas e as fumaça dos fogos de cozinha emitidos a partir de furos cuidadosamente cortados do fumo em face da rocha. Em alguns, roupas lavadas estavam penduradas em postes longos e delgados e

estavam fora ao ar quente para secar as roupas esvoaçantes como bandeirolas na brisa ligeira que se movia através dos cânions.

A marcha de três dias para Maashava não tinha sido muito agradável. Eles tinham sido levados em longas cordas amarradas às selas de seus guardas, forçados a correr desajeitadamente, a fim de manter-se em pé. Se alguém caísse — e, inevitavelmente, eles caíram, uma vez que eles eram mantidos fora do equilíbrio, tendo as mãos amarradas na frente deles — ele seria imediatamente cercado por cavaleiros batendo ou derrubando-os com as pontas de suas lanças.

Após alguns quilômetros, Halt percebeu que os cavaleiros dos cavalos que estavam vinculados à eles eram especialistas em repentinas e inesperadas mudanças de ritmo ou de direção, calculados para jogar os presos fora de equilíbrio de modo que eles caíam.

Evanlyn era a exceção. Como Selethen tinha previsto, os Tualaghi a viam como um investimento para ser protegido e ela não sofreu nenhuma dessa brutalidade. A ela foi dado um pequeno cavalo de passeio, embora suas mãos permanecessem presas e o cavalo era levado por um guerreiro Tualaghi, constantemente em alerta para qualquer sinal de que ela pudesse tentar fugir.

Os dois Arqueiros se saíram pior. Eles eram estrangeiros e assim encarados com desprezo pelos Tualaghi. Pior, sua precisão fantástica durante o breve ataque tinha feito eles odiarem esses homens. A maioria dos Tualaghi tinha pelo menos um amigo que havia tido um fim errado em uma flecha de Arqueiro e os dois arcos longos transportados por Halt e Gilan os marcavam como os culpados.

Ambos os homens foram feridos e espancados no momento em que chegaram a Maashava. A bochecha esquerda de Halt era um hematoma enorme e os olhos estavam quase fechados, cortesia de um punho Tualaghi. Gilan tinha sangrado profusamente de um ferimento na cabeça causado por um clube pequeno. O sangue grudava emaranhado seu cabelo e rosto.

Parecia que a presença dos dois Arqueiros desviava a atenção dos Tualaghi de sua vítima original — Erak. Ele e Svengal estavam geralmente sozinhos, fora das quase casuais batidas com pontas de lança quando eles escorregavam e caíam. Selethen também se saiu melhor que os outros. Yusal sabia que o seu valor como refém, enquanto os Araluans eram uma incógnita nessa área.

Horace, em forma, atlético e veloz em seus pés, deu a seus guardas o menor número de oportunidades para derrotá-lo, embora, em certa ocasião um Tualaghi irritado, furioso por Horace mal compreender uma ordem de ajoelhar-se, cortou o punhal no rosto do rapaz, abrindo um fino corte raso em sua

bochecha direita. O ferimento era superficial, mas como Evanlyn o tratou naquela noite, Horace descaradamente fingiu que era mais doloroso do que realmente era. Ele gostava do toque de suas mãos ministrando. Halt e Gilan, machucados e cansados, assistiram ela lavar o ferimento e gentilmente deixá-lo seco. Horace fez um excelente trabalho em fingir ter uma grande dor com bravura estóica. Halt balançou a cabeça em desgosto.

"Mas que fingido" ele disse a Gilan. O Arqueiro mais jovem assentiu com a cabeça.

"Sim. Ele realmente está fazendo uma refeição dele, não é?" Ele fez uma pausa, depois acrescentou um pouco triste, "Eu queria ter pensado nisso antes."

O bom olho de Halt está olhando em volta dele. Murmurando sob sua respiração, o Arqueiro grisalho se afastou alguns passos, agora revoltado com o seu ex-aluno.

"Jovens!" ele gritou a Erak. "Eles acham que um rosto bonito pode curar todos os males."

"Alguns de nós podem recordar tanto tempo assim, Halt", Erak disse-lhe com um sorriso. "Eu suponho que isso tudo está bem atrás de um velho picareta como você. Svengal me disse que você estava se estabelecendo. Alguma gorda, viúva maternal aproveitando sua última chance com um velho de barba grisalha, é ela?"

Erak, naturalmente, tinha sido dito por Svengal que Halt tinha recentemente se casado com uma grande beleza. Mas ele gostava de obter uma reação do homem menor. O olhar caolho de Halt travou no Oberjarl.

"Quando voltarmos, eu aconselho a não se referir a Pauline como uma "viúva, gorda maternal" em sua presença. Ela é muito boa com a adaga que ela carrega e você precisa de suas orelhas para manter esse capacete ridículo de vocês no lugar."

Agora, a brincadeira foi acalmada porque eles tropeçaram em Maashava no final de um dia exaustivo de marcha. Os habitantes da cidade Arridi olharam para os recém- chegados com maçantes olhos desinteressados. Eles não tinham nenhuma simpatia pelos presos. A invasão Tualaghi de sua cidade iria deixá-los sem dinheiro e com fome. Levaria várias temporadas para substituir a comida e outras provisões que os invasores estavam ajudando-se.

A cidade estava na sombra, como o sol estava escondido atrás das altas falésias. Eles foram levados até a praça principal, onde o mercado estava realizado, em uma das cavernas do armazém nas traseiras da cidade. Os cabos longos foram removidos e suas mãos estavam desamarradas.

"Parece que chegamos a onde estávamos indo", disse Horace.

O Tualaghi amaldiçoou e lhe disse para segurar a língua estrangeira.

Os prisioneiros foram empurrados sem cerimônias para o armazém vazio e um guarda estava de guarda fora da entrada. Poucos minutos depois, comida, água e cobertores foram trazidos para o cativo. Então, a porta externa foi fechada e trancada e eles ficaram sozinhos.

"Então o que acontece agora?" Gilan perguntou em voz alta.



Ele não teve que esperar por muito tempo. Menos de uma hora depois, eles ouviram o barulho da chave na fechadura e a porta se abriu. Estava completamente escuro lá fora agora e o interior era iluminado pela vela. Na entrada, eles poderiam apenas ver para fora uma vaga figura volumosa. Então ele avançou pela porta estreita, tendo que virar de lado para fazer isso, e caminhou para o centro da grande sala que eles estavam dentro. Uma meia dúzia de Tualaghi armados o seguiu, dedilhando o punho da sua espada curvada, olhando ao redor da sala, alertas para qualquer sinal de revolta dos prisioneiros. Finalmente, Yusal entrou também. Mas nenhum dos presos tinha olhos para ele. Estavam todos olhando o fortemente construído Escandinavo barbudo que havia liderado o caminho para sua cela.

"Toshak!" Svengal disse. Irado, ele começou a levantar a partir do chão de areia da caverna. Imediatamente, três dos Tualaghi sacaram suas espadas e o familiar ruído alertando ecoou pela caverna. A mão de Erak agarrou o antebraço de Svengal, forçando-o de volta para baixo.

"Sente-se e se acalme, Svengal", disse ele. "Você não vê que ele quer uma desculpa para matá-lo?"

"Muito astuto, Erak", respondeu o renegado. Sua voz era surpreendentemente suave e bem modulada para um Escandinavo. A maioria eram marinheiros e habituados a ter de gritar acima da tempestade e do vento. Toshak fez um gesto para os guardas e as espadas foram devolvidas às suas bainhas.

Yusal, sua face inferior ainda encoberta pelo véu azul, assistia ao jogo entre os dois grandes homens, a cabeça se deslocando de um para o outro, sem piscar os olhos escuros.

Como um falcão, Halt pensou. Depois, ele alterou o conceito. Ou um abutre.

"Assim, Toshak, você está finalmente mostrando seu rosto. Eu achei que você deveria ser o traidor covarde por trás de tudo isso." Erak voz era a mesma

e controlada. Mas ele não poderia combinar a suavidade da entrega do seu inimigo.

Toshak sorriu. "Como eu disse, Oberjarl, muito astuto. Mas, claro, qualquer um pode ser inteligente em retrospectiva. É uma pena que você não mostrou essa percepção aguçada um pouco mais cedo. Você poderia ter evitado minha armadilha. Você quase não ganha nenhum crédito para dizer "eu sabia que era você o tempo todo", quando eu entro na sala, não é?"

"Se eu soubesse ou não, a verdade é, você é um traidor. E você merece morrer."

"Bem, sim. Mas, evidentemente, um traidor do homem é patriota de outro homem, como eles dizem. E eu tenho medo que qualquer morte vai ser feita com você."

"O que significa que você vai perder o dinheiro do resgate," Halt interrompeu. Ele olhou para o líder Tualaghi. "Como o seu camarada de armas se sente sobre isso? Você quer desistir de sessenta mil rolos de prata, Yusal?"

O Tualaghi deu um passo à frente, os olhos em chamas de raiva. Ele mediu-se contra o Arqueiro, e olhou para baixo no curto homem. Halt apontou o dedo no peito, enfatizando suas palavras.

"Você não me chame de Yusal!" ele agarrou. "Você me enderece como Aseikh Yusal ou como excelência. Você me entende, seu insolente estrangeiro?"

Halt inclinou a cabeça para um lado, examinando a questão, embora tivesse sido retórica. "O que eu entendo", disse ele, "é que há muito pouco sobre você que é excelente e que Aseikh é um termo de honra. Não há nada honroso em um homem que esconde seu rosto atrás de um lenço de mulher azul."

A fúria queimou mais intensamente nos olhos de Yusal. Halt estava os observando cuidadosamente. Ele sempre observava os olhos do inimigo e, no caso Yusal, eles eram a única característica visível.

Quando Yusal balançou seu punho de mão fechada para ele, Halt estava pronto. Ele balançou levemente para a direita e o golpe passou sem causar danos. Yusal, esperando encontrar resistência, desconcentrou com a esquiva. Queimado com fúria, ele aproximou-se Halt para atacá-lo novamente. Toshak ergueu a mão para detê-lo.

"Esperê!" disse ele. Ele olhou mais de perto Halt, estudando o rosto inchado machucado. "Você é o Arqueiro, não é? Halt. Esse é o seu nome!" Lembro-me de ouvir falar de você agora. Você fez problemas na Escandinávia há três anos e agora você está aqui. Você acabou de entrar no caminho de todos os continentes, não é? E eu suponho que esse é o outro que estava na

Escandinávia com você?"

Ele fez um gesto de Gilan. Verdade seja dita, Toshak nunca tinha visto outro Arqueiro. Ele simplesmente sabia que o assistente de Halt tinha sido um homem mais jovem.

"Na verdade..." Gilan começou. Mas Halt o cortou.

"Isso é certo", disse ele rapidamente. Gilan olhou para ele, um pouco surpreso. Mas ele não disse mais nada. Toshak virou-se para Yusal agora.

"Estes são os arqueiros? Os que mataram tanta gente?" disse ele.

O Tualaghi assentiu. "Meus homens queriam matá-los. Mas eles podem valer um resgate."

Toshak sacudiu a cabeça. "Ninguém vai pagar para tê-los de volta", disse ele.

"Arqueiros são baderneiros. E eles são perigosos. Melhor que eles estarem mortos o mais rapidamente possível."

"Eu posso pagar um resgate por eles!" Evanlyn disse no silêncio sepulcral que caiu sobre a sala. "Eu sou uma...diplomata. Eu estou perto do Rei do Araluen. Eu posso mandar um enorme resgate pago por esses homens."

Toshak a olhou com curiosidade. Ele não tinha estado realmente presente no Hallasholm durante a guerra com os Temujai.

Mas ele tinha ouvido falar de contos que tinha acontecido: as histórias selvagens sobre uma menina que tinha ido com os Arqueiros — uma menina de alta patente Araluan. Poderia ser esta, ele pensou. Então ele encolheu os ombros, sua identidade era irrelevante. O importante era o que tinha sido encontrado em seus pertences.

"Você vai fazer isso de qualquer maneira", disse ele. "Se nós matá-los ou não."

Evanlyn abriu a boca para argumentar, então parou quando viu o que ele estava segurando: o rascunho ao Conselho Silasian.

"É inútil sem um selo," disse ele.

"Mas você sabe onde encontrar um, não é?" ele perguntou.

Evanlyn encontrou seu olhar, com firmeza. Pouco antes deles se renderem, ela havia escondido o selo em um afloramento rochoso na depressão em forma de pires. Ela estava feliz, agora que ela tinha feito. Ela não disse nada, não confiando em sua voz.

Toshak assentiu. Seu silêncio confirmava a sua suspeita. Ele virou-se para Yusal.

"Aseikh Yusal, como você faria para convencer a garota a encontrar o selo que ela parece ter extraviado?"

Os olhos de Yusal enrugaram e o véu moveu um pouco sobre o rosto. Evanlyn percebeu que ele estava sorrindo. Os Tualaghi tinham visto os reféns de perto por todo o caminho para Maashava. Ele não tinha perdido a química entre a menina e o jovem guerreiro. Ele apontou para Horace agora.

"Se começarmos a descascar a pele desse aqui, eu acho que ela pode se lembrar", disse ele. Ele riu. Sua voz áspera e desagradável fez um som feio.

Evanlyn congelou, olhando impotente a Horace. Ela sabia que nunca iria se manter e vê-lo torturado.

Mas se ela fez a garantia, todos iriam morrer de qualquer jeito.

"Toshak?" Era Svengal, sua voz suave e questionativo. O rebelde Escandinavo olhou para ele, as sobrancelhas levantadas. Svengal continuou.

"O que você acha de você e eu, temos uma pequena luta juntos? Apenas por diversão." "Diversão?" repetiu Toshak.

Svengal sorriu vencedor. "Sim. Eu acho que seria divertido arrancar essa sua cabeça feia fora de seus ombros. E seu adunco, amigo de rosto azul, também." Ele cuspiu as últimas palavras para fora, mudando o seu olhar para Yusal.

Toshak levantou uma sobrancelha.

"Você deveria ter mantido a boca fechada, Svengal. Eu poderia ter deixado você viver. Mas agora eu vejo quão determinado você é, bem..." Ele fez uma pausa, olhando em torno do grupo que o encarava.

"Vamos recapitular onde estamos, vamos?" disse ele. Ele indicou Selethen. "O Wakir vai ser resgatado. Ele sai levemente, mas não tenho argumento com ele. Por outro lado, eu tenho um com Erak e Svengal, então eles vão morrer. Vocês dois Arqueiros também." Ele apontou para Horace em seguida. "Você vai ter a sua pele descascada e a moça aqui vai pagar-nos uma grande quantidade de dinheiro para ter o privilégio de ouvir seus gritos". Ele sorriu para todos em redor. "Eu perdi alguém? Não? Bem, tenham uma boa noite pensando nisso."

O sorriso desapareceu. Ele sacudiu a cabeça para Yusal e os dois se viraram. Então o líder Tualaghi, atingido por um pensamento, parou e voltou. Ele ergueu a mão esquerda como se pedindo sua atenção e voltou em direção a eles.

"Há mais uma coisa", disse ele. Então ele cuspiu uma ordem aos seus guardas e dois deles agarraram Halt pelos braços, forçando-o para frente e para baixo até que ele estava de joelhos na frente do Yusal. O Aseikh Tualaghi então choveu golpes de punho fechado no rosto de Halt, esquerda e direita, batendo de novo e de novo até o rosto do Arqueiro estar cortado e sangrando e a cabeça

pendendo para um lado. Toshak observava, divertido. Erak começou a avançar para intervir, mas a ponta de um sabre na barriga parou. Finalmente, Yusal recuou, ofegante.

"Deixem-no ir", ele disse aos homens segurando Halt. Eles largaram ele e ele caiu na areia, de bruços e semi-consciente.

"Não é tão rápido em seus pés agora, é?" Toshak disse à figura caída. Yusal soltou um latido curto do riso e, juntos, se viraram e saiu da sala. Os guardas, com as mãos em suas armas, recuaram depois deles, batendo a porta. No silêncio que se seguiu, os prisioneiros ouviram o barulho chave na fechadura.

Gilan soltou um suspiro profundo, reprimido e moveu-se rapidamente a se ajoelhar ao lado de seu amigo semi-consciente. Gentilmente, ele rolou Halt e começou a limpar a mistura de areia e sangue de seu rosto. Evanlyn se juntou a ele, com as mãos leves e delicadas.

Horace trouxe a garrafa de água que havia sido deixado com ele e entregou-a Evanlyn. Ele observou enquanto ela gentilmente lavava o rosto de Halt. Horace estava preocupado. Ele nunca tinha visto Halt derrotado antes. Halt esteve sempre no controle da situação. Halt sempre soube o que fazer a seguir.

"Acho que estamos em apuros", disse ele. Então eles pararam quando Halt se moveu, levantando a mão e tentando sentar-se. Evanlyn segurou-o para baixo e ele parou seus esforços. Mas ele falou, sua voz grossa e arrastada por um pouco da boca e rosto inchados.

"Eles estão esquecendo uma coisa", disse ele. Havia uma luz de desafio em seu olho bom. O outro já estava completamente fechado.

Os outros todos trocaram um olhar. Não podiam ver lado positivo da sua situação.

"E o que poderia ser, Halt?" Evanlyn lhe perguntou, querendo levantar o humor dele. Halt pegou o tom de sua voz e olhou para ela. Então ele disse, com alguma força:

"Will ainda está lá fora em algum lugar."



A primeira luz do sol batia nas casas pintadas de branco em Maashava quando Will e Umar finalmente chegaram a um ponto de vista sobre a cidade.

Eles haviam subido durante várias horas na escuridão da madrugada, na sequência de estreitas trilhas animais ao lado da cidade, em seguida, voltando, até que surgissem a cinquenta metros acima deles, com uma vista perfeita das idas e vindas do povo.

Agora, eles examinavam a cidade. Um muro baixo cercava três lados. O quarto lado estava protegido por falésias. Havia torres de vigia em intervalos ao longo da muralha, mas não havia nenhum sinal de sentinelas. Will comentou sobre o fato e Umar balançou a cabeça desdenhosamente.

"A população são muito preguiçosos para montar guarda e os Tualaghi acreditam que não há nenhum inimigo dentro de centenas de quilômetros."

A fumaça das lareiras de cozinha estava subindo de vários pontos ao redor da cidade. Misturadas com a fumaça tinha outro aroma que ascendeu a sede de Will. Café fresco estava sendo produzido em cozinhas em toda a cidade. Homens e mulheres estavam começando a fluir para fora da cidade, descendo a estrada sinuosa para a planície, ou para campos em terraços na encosta da montanha em si. Will apontou para eles e ergueu as sobrancelhas.

"Trabalhadores do campo" Umar disse, em resposta à pergunta silenciosa. "Eles cultivam milho e trigo na planície, frutas e alguns vegetais nos terraços."

Não havia falta de água em Maashava. Uma série de poços batia em uma corrente subterrânea que corria através das montanhas. Algumas desses eram canalizados para terraços, alguns todo o caminho abaixo para os campos. Era um complexo de irrigação e sistema de cultivo que Will nunca tinha visto nada parecido em seu tempo nesse país seco.

"Quem construiu tudo isso?" ele perguntou.

Umar encolheu os ombros. "Ninguém sabe. Os terraços e aquedutos são de centenas, talvez milhares de anos. Os Arridi encontraram e restauraram a cidade."

"Bem, de qualquer forma, eles nos dão uma oportunidade", disse Will. Omar olhou para ele e ele continuou. "Com todos os trabalhadores se deslocando dentro e fora de cada dia, nós podemos infiltrar alguns de seus homens na cidade. Eu notei que se formos sozinhos ou em pares, nós poderemos chegar a termos até cinquenta homens lá dentro ao final do dia."

"E então o quê?" Umar perguntou.

"Eles poderiam fazer contato com o povo e se esconder entre eles. Certamente o povo de Maashava vai acolher quem quer se livrar dos Tualaghi de uma vez por todas?"

Umar parecia duvidoso. "Não os meus homens", disse ele. "Eles se destacam como estrangeiros. Os moradores não confiam neles. Eles teriam a mesma probabilidade de traí-los para os Tualaghi."

"Mas por quê?" a voz de Will levantou-se um pouco na sua frustração com a resposta e Umar fez gestos urgentes para ele manter a sua voz baixa. O Som ia longe nas montanhas. "Desculpe," Will continuou, "mas por que eles trairiam você? Vocês são todos a mesma nacionalidade, não?"

O Bedullin sacudiu a cabeça. "Podemos viver no mesmo país, mas nós somos diferentes tribos. Nós somos os Bedullin. Eles são os Arridi. Nossos sotaques são diferentes, assim são os nossos costumes. Em geral, Bedullin não confiam nos Arridi e os Arridi são recíprocos. Meus homens seriam reconhecidos como Bedullin logo que eles falassem."

"Isso é ridículo", Will rosnou. O pensamento de que as pessoas poderiam ser divididas por diferenças tão pequenas era uma afronta para o comportamento inteligente, pensou ele.

Umar encolheu os ombros. "Ridículo, talvez. Mas um fato."

Will olhou para a cidade abaixo, observando enquanto mais pessoas se moviam para a rua. Ele roeu seu polegar pensativo.

"Mas você enviou um homem lá na noite passada?" disse ele.

Umar assentiu. Um dos batedores Bedullin tinham deslizado por cima do muro depois de escurecer. Ele ia sair de novo naquela noite e reportar sobre o que tinha ouvido na cidade.

"Um homem. É fácil para um homem passar despercebido, principalmente porque ele não tem que falar, apenas ouvir. Mas nós nunca conseguiremos por cinquenta homens lá sem alguém perceber o sotaque diferente. Ele decidiu que era hora de mudar de assunto e apontou para uma das aberturas na face do penhasco, na parte traseira do município. Ao contrário de outros de sua espécie, onde as portas estavam abertas para receber o grande ar fresco da manhã, este manteve-se fechado e impedido, e uma dúzia de

guerreiros Tualaghi montando guarda em torno dele.

"Esse armazém tem de ser onde eles estão prendendo seus amigos."

Will ergueu as mãos até os olhos, encobrindo-os a concentrar sua atenção quando ele olhava para a porta fortemente defendida.

"Eu diria que você está certo." Ele pensou por alguns minutos. "Pergunto se existe alguma forma que poderíamos os libertar."

Umar sacudiu a cabeça. "Mesmo se você chegar ao armazém ser detectado, com os homens o suficiente para derrotar os guardas, você pode ser visto e ouvido. Então você terá de lutar em seu caminho de volta."

Os olhos de Will foram para cima para os penhascos elevados atrás da cidade.

"E sobre vir de cima? E sair da mesma maneira?"

Umar considerou a idéia. "Pode funcionar. Mas você precisará de cordas. Lotes de cordas. E nós não as temos", ele concluiu.

Will assentiu com a cabeça. "A melhor maneira é, então, esperar eles retirarem Halt e os outros da prisão", disse ele, quase para si mesmo.

"Há apenas uma razão pela qual eu posso pensar que eles podem fazer isso", disse Umar. "Isto é, se eles estiverem indo para executá-los."

Will olhou-o por alguns segundos antes de falar. "Bem, isso é um grande conforto", disse ele.



Yusal se apropriou da casa maior e mais confortável na cidade para seu próprio uso. Era a casa do chefe da vila e Yusal também forçou o ancião da cidade e sua família para servi-lo e seus guarda-costas. O homem e sua esposa estavam apavorados com o líder velado nômade e Yusal apreciou o fato. Ele gostava de medo marcante nos corações de outras pessoas. E ele gostava de menosprezar pessoas como o chefe e sua esposa, destruindo sua dignidade e autoridade, forçando-os a executar tarefas servis para ele. Yusal alastrou-se à vontade em uma pilha de almofadas grossas na sala principal da casa.

O chefe tinha acabado de se mover pela sala, iluminando lamparinas e velas contra o crepúsculo. Yusal insistia em ter duas ou três vezes o número de cada um que fosse necessário. Óleo e as velas eram caros e difíceis de encontrar em uma cidade como esta. Ele gostava de ver o desânimo na cara do velho enquanto eles eram utilizados de forma extravagante. Em poucas semanas, Yusal usaria o estoque de três meses. Mas isso não era de nenhum interesse para o líder Tualaghi. Quando o óleo e as velas e comida acabassem, ele

seguiria em frente.

A mulher entrou para servir-lhe café. Como ele ordenou, ela caiu de joelhos para oferecer-lhe a taça. Ele tomou dela, então olhou para ela até que ela baixasse os olhos. Então ele levantou o véu azul que cobria sua boca e provou o café. Usando a sola do pé, ele a empurrou, jogando-lhe no chão de lama.

"Muito fraco", disse ele.

Evitando olhar, a mulher se arrastou em suas mãos e joelhos da sala. Ela rapidamente aprendeu a não olhar para o rosto do líder de guerra Tualaghi quando ele levantava o véu azul para comer ou beber. A primeira vez que ela tinha sido lenta para evitar os olhos dela, ela tinha sido barbaramente chicoteada.

Na verdade, não havia nada de errado com o café. A esposa do chefe era uma excelente cozinheira e todas as mulheres Arridi aprendiam a fazer um bom café enquanto crianças. Mas dava-lhe uma desculpa para reafirmar sua autoridade e Yusal gostava disso.

Seu bom humor evaporou quando a porta principal da casa abriu para admitir Toshak.

Por direitos, o Homem do Norte mal-educado deveria esperar até que ele fosse anunciado e, em seguida, esperasse a permissão do Aseikh. Yusal olhou para ele agora, rapidamente recolocando o véu sobre a boca e o nariz.

"Você deve esperar", disse ele. "Você deve ser anunciado e você deve aguardar a permissão para entrar."

Toshak encolheu descuidado. "Vou me lembrar disso", disse ele em uma maneira descompromissada que dizia a Yusal que ele não se importava com isso um figo. "Diga-me," ele adicionou, curiosamente, "você nunca tira esse véu?"

Ele tinha visto o movimento rápido quanto ele entrou. Ele perguntou sobre o véu azul, que o Tualaghi usava. Yusal era o único que nunca parecia retirar o seu.

"Sim", respondeu categoricamente Yusal, num tom que disse a Toshak não haveria discussão. Na verdade, não havia nenhuma razão concreta porque Yusal usava o véu todo o tempo. Alguns acreditavam que seu rosto estava horrivelmente desfigurado, outros que não era o rosto de um ser humano. Ele mantinha o véu para manter os rumores e as incertezas vivas. Isso acrescentava a aura de poder e mistério que ajudava a manter as pessoas com medo dele.

Toshak indeferiu o assunto, percebendo que Yusal não ia discutir mais nada. Ele pegou um pequeno objeto de dentro de suas vestes e jogou-o para o

Aseikh.

"Olha o que eu consegui", disse ele. "Eu deixei alguns homens para trás, para procurar no acampamento dos estrangeiros. Eles acabaram de chegar com isso."

Yusal virou o objeto na mão. Era uma pequena caixa contendo o selo perdido que Evanlyn tinha carregado.

"Eu percebi que ela deveria ter tido isso com ela e isso não estava nem com ela ou em seus pertences. Isso deixou apenas uma possibilidade: ela escondeu antes que eles se renderam. Era um local bastante árido para que ele fosse tão difícil de encontrar."

Sob o véu, Yusal sorriu de satisfação profunda. Ele decidiu que ele poderia perdoar o nortista de seus modos grosseiros.

"Isso é excelente. Bem pensado", disse ele.

"Agora podemos completar o mandato", Toshak apontou. "Isso é sessenta e seis mil rolos de prata."

"Trinta e três mil para cada", sussurrou o Tualaghi, saboreando as palavras e a quantidade. Mas para sua surpresa, Toshak sacudiu a cabeça.

"Sessenta e seis mil para você", disse ele. "Eu não quero nada disso. Considere isso uma compensação."

"Compensação? Para quê? O que você quer que eu faça?" Yusal perguntou. Ele não estava acostumado a ter pessoas entregando tais quantias maciças de dinheiro. Mas Toshak tinha decidido que valia a pena. Ele seria Oberjarl e isso valeria a pena um investimento de trinta e três mil rolos.

"Esqueça os resgates", Toshak disse a ele. "Quero que todos os prisioneiros mortos."

Os olhos de Yusal se arregalaram de surpresa. "Todos eles?" O Escandinavo assentiu confirmando.

Yusal considerou a idéia. Seley el'then valeria muito, pensou ele. Mas nada perto de sessenta e seis mil rolos. E o Wakir tinha sido um espinho no lado de Yusal por alguns anos. Seria um mundo muito mais agradável sem ele. O substituto poderia não ser tão enérgico em perseguir os Tualaghi quando eles invadissem.

Sim, ele pensou, um mundo sem Seley el'then seria um lugar melhor. Quanto aos Escandinavos e o jovem Araluan, ele não hesitou. Mas seria uma pena matar a menina.

"Porque a menina?" ele perguntou. "Ela teria um imenso valor nos mercados de escravos."

"Eu quero eles todos mortos, porque eu não quero pontas soltas", Toshak

respondeu. "A menina tem amigos influentes em Araluen e Araluans são amigos de Erak. Escravos podem escapar ou ser revendidos e, quando for Oberjarl, eu não quero qualquer rumor começando de que eu estava por trás do desaparecimento de Erak. Se ela está morta, não há nenhuma chance disso."

Yusal assentiu com a cabeça, pensativo. Fazia sentido, ele percebeu. A chance de que a menina poderia um dia fugir e encontrar seu caminho de volta para Araluen era mínima. Mas era uma chance. A melhor coisa em situações como esta, era ter certeza. Além disso, ele pensou, uma execução em massa seria uma boa lição para o povo de Maashava. Como o véu azul, isso iria adicionar a própria lenda e mística de Yusal.

"Muito bem", disse ele finalmente. "Mas se vamos matar todos eles, poderíamos também fazer disso uma ocasião." Toshak encolheu os ombros.

"Faça como quiser", disse ele. "Ocasião ou não, contanto que eles estão todos mortos, eu estou feliz."



"Eles vão matá-los — todos eles?" Will perguntou incrédulo. Ele e Umar estavam de volta ao acampamento Bedullin em um canyon escondido ao norte de Maashava.

Sharik, o espião Bedullin que passou o dia no interior dos muros de Maashava, balançou a cabeça em confirmação.

"Essa é a palavra entre todos os Tualaghi que eu vi. Estão anunciando para o povo. Fazendo uma coisa muito grande disso, aparentemente."

Omar franziu os lábios, pensativo. "É o que se esperaria de Yusal", disse ele. Will virou a olhar horrorizado para o Aseikh.

"Mas você disse que ele preferia ter um lucro com eles!" ele disse e Umar encolheu os ombros.

"Normalmente, sim. Mas talvez este homem Toshak tenha lhe oferecido algo em troca."

Shank teve também lhes falou sobre a presença de um Escandinavo no acampamento Tualaghi — um homem que parecia estar em condições de igualdade com Yusal. Will percebeu que deveria ser Toshak. Svengal havia lhes dito semanas atrás, em Araluen que Erak suspeitasse que Toshak estivesse por trás da traição. Umar continuou agora:

"E Yusal se beneficia de toda a oportunidade para mostrar como ele pode ser impiedoso. Isso ajuda a manter suas vítimas moderadas. A múltipla execução aqui será lembrada por anos. A palavra vai se espalhar e fará sua tarefa mais fácil da próxima vez que ele controlar uma aldeia."

Will estava pensando furiosamente. O que Toshak poderia ter oferecido ao Tualaghi para convencê-lo a desistir do dinheiro do resgate? Só podia haver uma resposta lógica, ele percebeu.

"Ele encontrou o mandado e selo de Evanlyn", disse ele, quase que para si mesmo.

Umar e Sharik o olharam curiosos.

"O mandado?" Umar perguntou e Will explicou rapidamente sobre o pagamento do resgate que eles tinham arranjado para Erak. O líder Bedullin

assentiu em acordo.

"Poderia ser isso. Um montante como esse seria o suficiente para convencer Yusal."

Will olhou para Sharik novamente. "Você tem alguma idéia de quando serão as execuções?"

"No sexto dia", respondeu o espião. "O tempo usual é entre a hora nona e décima e se vai ser uma execução cerimonial."

Sexto dia era o sexto dia da semana. Era um dia de folga, anterior ao Sétimo dia, o dia para práticas religiosas. No Sexto dia, alimentos e mercados comerciais eram armados na praça da cidade e as pessoas relaxavam se divertiram. Pelo menos, Will pensava, que eles faziam quando a sua cidade não havia sido invadida por um grupo de incursão nômade.

"Então nós temos dois dias", disse Will. Então, um pensamento lhe ocorreu. "Será que eles vão cancelar o mercado?"

Umar sacudiu a cabeça. "Nem um pouco. Quanto mais pessoas fora de casa para ver as execuções, melhor para Yusal."

Will massageava o queixo com a mão, seus pensamentos correndo. "Isso poderia funcionar para nós", disse ele, distraído. "Quanto mais pessoas perto, mais fácil será para infiltrar alguns dos nossos homens."

"Eu disse," Umar interrompeu. "Meus homens serão reconhecidos como estranhos, logo que eles falarem."

"Os seus, talvez," Will respondeu. "Mas você não está esquecendo que temos 25 soldados Arridi com a gente?" Ele viu o entendimento nos olhos de Umar e apressou-se, seus pensamentos derramando-se até mesmo enquanto eles se formaram. "Nós poderíamos fazer pares cada um com um de seus homens. Eles poderiam se misturar com os agricultores trazendo seus produtos para o mercado. Alguns poderiam até ir na noite anterior. Os Arridi faz toda a conversação assim o povo não reagirá a um sotaque Bedullin. Isso nos daria cinquenta homens dentro da cidade.

"Isso poderia funcionar," Umar concordava. "Bom trabalho, Sharik", disse ele, percebendo que o espião estava cansado e não havia necessidade de mantê-lo longe de sua cama. "Vá e pegue alguma comida e descanse agora." Então ele olhou para onde Hassan estava sentado perto, ouvindo atentamente a discussão. "Vá, e encontre o tenente Arridi", ele ordenou. "Traga-o aqui."



Quando a idéia foi explicada a Aloom, ele concordou entusiasmado. O

tenente tinha prometido a Selethen que ele e seus homens poderiam sobreviver no deserto, e vir atrás dele para salvá-lo. Agora, eles tinham essa oportunidade sendo entregue a eles e ele aceitou imediatamente.

Ele também fazia questão de se encontrar com Yusal novamente — desta vez com uma arma na mão. Mas havia um detalhe que Will e Umar tinham esquecido. Ele apontou para kheffiyeh de Umar.

"Você precisa mudar essas", disse ele. "Seus homens usam kheffiyehs amarelas e brancas. As pessoas de Maashava vestem branco liso.

Era um bom ponto. Todos os Bedullin estavam acostumados com suas kheffiyehs que era fácil negligenciar isso. Umar balançou a cabeça várias vezes, reconhecendo o ponto.

"Nós vamos fazer as brancas", disse ele. "Nós podemos usar as capas dos homens que não estão entrando na cidade. Tem bastante pano branco lá."

"Eu acho que você deveria ir na noite anterior", Will disse a Aloom. "Eu vou com você. Eu preciso olhar sobre a cidade e encontrar um ponto de vista para atirar. Se alguém nos questionar, lhes diga para manter a boca fechada."

"Você também pode sugerir que eles podem sentir-se livre para dar uma mão quando se iniciar o combate" Umar disse secamente e Aloom balançou a cabeça em resposta.

"Duvidoso", disse ele. "A população não vai levantar um dedo para defender-se. E oficiais do governo não são populares em cidades como esta. As probabilidades são de que eles estão ansiosos para a execução."

"Onde você me quer?" Umar perguntou. Ele tinha inconscientemente transferido para Will a autoridade nesse assunto. Umar era um guerreiro cuja habilidade consistia em ataques velozes de cavalaria em campo aberto. O negócio de planejar em um campo fechado, o engajamento de rua em rua em uma cidade era novo para ele e ele sentiu que o jovem estrangeiro sabia o que estava falando.

"Você vai levar o resto da força na cidade, quando nós lhe dermos o sinal." Will rapidamente desenhou um mapa grosseiro no chão com a ponta de sua faca Saxônica. "Há uma pequena ravina para o lado norte da cidade — que nós vimos esta manhã."

Ele olhou para Umar e o Aseikh assentiu. Ele lembrou-se do local. "Nós vamos por os seus homens para cobrir ali na noite anterior. Está a apenas setenta metros ou mais da cidade. Nós vamos esperar até que eles trouxerem Halt e os outros para fora..." Ele fez uma pausa e olhou para Aloom por um conselho. "Como é que eles normalmente fazem isso? Todos juntos ou um de cada vez."

"Todos juntos", disse ele Aloom. "Eles vão levá-los um pouco antes da nona hora."

"A propósito," Will disse, com uma sensação de curiosidade mórbida "como eles planejam executá-los? Será que eles vão ser enforcados?"

Umar sacudiu a cabeça. "Não é o costume aqui. Usamos a espada. Yusal os terão decapitados."

Um pavor doente agarrou no estômago quando o Aseikh disse que as palavras. Ele teve uma imagem horrível de Halt e Horace e Evanlyn ajoelhando-se diante da espada do carrasco. Evanlyn! Seu estômago agitou com o pensamento disso. Sua respiração tornou-se mais rápido e ele fechou os olhos, tentando apagar o horror. E se eu falhar? Ele ouviu a pergunta ecoando em sua mente. E se eu falhar?

Ele sentiu um aperto firme em sua mão e abriu os olhos. Umar tinha se inclinado para mais perto dele e colocou a mão sobre Will.

"Nós não vamos deixar que isso aconteça", disse ele. Havia uma convicção em sua voz que diminuiu o pânico súbito, horrorizado que tinha agarrado Will. Sua respiração desacelerou e ele se firmou, acenando em sinal de gratidão ao guerreiro do deserto. Umar viu a confiança regressar aos olhos do rapaz mais uma vez e tirou sua mão.

"Você tem alguma idéia sobre onde você vai se posicionar? Umar perguntou.

Will assentiu com a cabeça. "Eu estou pensando em uma das torres de vigia ao longo da muralha norte."

Ele precisaria de uma posição com uma boa vista da Praça do Mercado, onde as execuções aconteceriam. E ele precisaria de uma posição elevada a fim de que ele tivesse um tiro claro. Yusal provavelmente concentraria os seus homens nas imediações do local da execução para evitar qualquer problema. Ele não estaria esperando nada vindo a uma centena de metros de distância.

"Boa idéia," Umar concordou. Ele e Aloom ambos consideravam o jovem com interesse. Umar tinha visto a precisão do tiro de Will. Aloom tinha visto Halt e a habilidade de Gilan. Se o Arqueiro jovem fosse metade tão bom como seus companheiros, isso faria uma manhã interessante", ele pensou.

"Você planeja atirar em Yusal então?" Aloom perguntou. Ele estava de fato esperando que ele pudesse ter a oportunidade de lidar com o líder Tualaghi, mas ele percebeu que não ficaria muito desapontado se Yusal acabasse do lado errado de uma flecha. Will mordeu o lábio inferior, pensativo, olhando para o plano da cidade que ele havia esboçado na areia.

"Provavelmente", disse ele. "Minha primeira prioridade será o carrasco.

Ele não ficará em de maneira nenhuma perto de meus amigos. Eu quero os nossos cinquenta homens, que se misturaram com a multidão, tão perto do local de execução possível. Assim que o carrasco cair, eles podem manter os Tualaghi ocupados até que Umar e seus homens cheguem. Eu vou manter Halt e os outros cobertos em caso alguém decida tentar a sua sorte como um carrasco. Se Yusal ainda estiver ao redor, eu poderia providenciar para estragar seu dia."

"Eu preciso de um sinal para que eu saber quando for para atacar," Umar apontou.

"Um dos meus homens é o corneteiro do grupo," Aloom respondeu. "Assim que ele vir Will atirar no carrasco, ele pode soar o sinal."

"Isso deve servir", disse Will. "Mas vamos cortar alguns cantos. Mantenha o olhar na torre. Depois que você me ver subindo a ela, comece a mover seus homens para fora do canyon. Ninguém vai prestar atenção nessa direção. Eles estarão acompanhando o processo na praça do mercado."

"Certo". Todos os três homens perceberam que eles estavam olhando para o mapa áspero na areia, enquanto suas mentes procuravam mais detalhes. Era um plano relativamente simples, Will pensou, e isso era uma coisa boa. Planos simples tinham menos probabilidade de dar errado.

Omar olhou para cima e estudou o rosto do rapaz.

"Se você estará indo na véspera, que talvez seja necessário escurecer um pouco o seu rosto", disse ele. Ele pegou o rosto de Will entre o indicador e o polegar e virou-o de lado a lado, estudando-o sob o luar. Will estava bronzeado depois de seu tempo em Arrida, mas sua pele estava longe de ser tão escura quanto o normal dos Bedullin. Seus cabelos e olhos castanhos escuros passariam, mas não sua aparência.

"Talvez nós podemos usar uma pequena kafay para escurecer a pele", disse ele, pensativo, e depois acrescentou com um sorriso: "É uma pena que seu nariz não é grande."

Will sorriu, lembrando o seu insulto involuntário quando ele recuperou a consciência no deserto ao encontrar Umar dobrados sobre ele. Em seguida, o Aseikh virou-se para Aloom.

"É melhor ir a seus homens, capitão. Vou escolher 25 dos meus melhores guerreiros para ir com eles. Eles podem iniciar o emparelhamento para fora e conhecer cada um amanhã."

Aloom começou a levantar, depois hesitou. "Capitão?" disse ele. "Eu sou um tenente."

Umar sacudiu a cabeça. "Eu acabei de promover você. Você pode ter que

jogar o seu peso ao redor com o povo. E ninguém nunca ouve um tenente."

Aloom se permitiu um sorriso para isso. "Muita verdade", disse ele com tristeza. "Muita verdade."



No dia seguinte, os presos já estavam ouvindo o som das marteladas. Seus captores estavam construindo algo na praça do mercado, eles perceberam. Ou, mais exatamente, os seus captores estavam forçando o povo Arridi a construir enquanto eles ficavam perto e apontavam suas espadas. Mas com a grande porta fechada e trancada o tempo todo, não havia nenhuma maneira de saber o que estava acontecendo. O mistério estava levando Gilan a distração. Em circunstâncias normais, ele provavelmente não teria se tornado tão obcecado com o barulho. Mas Gilan não tinha nada para ocupar sua mente, enquanto eles se sentavam hora após hora no antigo armazém. Portanto, a questão do que estava sendo construído apareceu maior e maior com ele.

"Relaxe", Halt disse a ele, pela décima vez. O jovem Arqueiro jovem estava passeando no chão de areia da caverna, a energia positiva que irradiava inquieto dele.

"Eu não consigo relaxar", disse ele. "Eu quero saber o que eles estão fazendo." Ele parou ao lado de seu velho mentor e olhou para ele. "Você não sente que eles tão armando alguma coisa?" disse ele.

Halt encolheu os ombros. "Eu tenho certeza que eles estão. Mas desde que eu não tenho nenhuma maneira de descobrir o que é, eu não estou me incomodando sobre isso."

Gilan olhou ao redor do quarto mal iluminado por apoio. Erak e Svengal estavam sentados de pernas cruzadas, tocando uma versão Escandinava complicada dos knucklebones (dados com ossos) e apostando dinheiro inexistente.

"Isso não incomoda vocês?" ele perguntou.

Erak olhou para cima e deu de ombros. "São, provavelmente, tendas de mercado," disse.

Gilan balançou a cabeça em frustração. "Provavelmente! Isso é suficiente bom para você?"

Erak analisou a questão por um momento, depois assentiu. "Sim", ele disse simplesmente.

Gilan estendeu as mãos num gesto de contrariedade. "Mas você não quer saber?"

"Não."

Provavelmente eram tendas de mercado, Erak fundamentou. Enfim, Erak tinha outros usos para o seu cérebro agora. Ele mantinha uma execução total em sua mente, dos montantes que ele perdeu e venceu jogando knucklebones com Svengal. Um homem precisava de um cérebro afiado para isso porque Svengal não era avesso a esquecer o montante que ele poderia ter perdido.

"Eu acho que eu ganhei dezessete mil, trezentos e coroas de você até agora", disse ele agora ao seu segundo em comando.

"Verdade. E isso vai contra os dezessete mil, duzentos escudos que eu ganhei de você", Svengal respondeu imediatamente.

Erak franziu a testa. "Tem certeza que você ganhou tanto? "

Svengal assentiu. "Totalmente certo" disse ele.

Erak encolheu os ombros. Svengal estava certo, mas tinha valido a pena perguntar, caso ele tinha esquecido os quatrocentos escudos que ele ganhou quando a refeição do meio-dia tinha sido entregue. Nenhuma tal sorte, viu agora.

"Assim isso faz que você me deva duzentos", disse ele inocentemente. Ele chegou para os ossos, tornando-se consciente da expressão de dor do Svengal.

"Eu sei que Oberjarls supostamente roubam seus cegos súditos, Erak. Mas você pode fazê-lo com impostos em vez de péssima aritmética?" disse ele. "Da última vez eu percebi que, dezessete mil, trezentos e menos dezessete mil duzentos sobra cem.

"E assim é", disse Erak como se tivesse apenas percebido seu erro. Svengal aspirou escárnio e chegou para os ossos segurava na mão o seu líder.

"E é a minha jogada. Não a sua", disse ele.

"Assim é," Erak repetiu. Svengal revirou os olhos para o céu, levou consigo os ossos e preparou para jogar.

"Outra coisa..." Gilan começou.

"Oh meu Deus" Halt disse cansadamente.

Mas Gilan apenas olhou para ele antes de prosseguir. "Outra coisa," ele repetiu. "Será que alguém notou os estranhos olhares que os guardas nos têm dado? Quando eles nos trazem a nossa comida, eles estão tipo... rindo de alguma coisa."

"Eles são almas felizes", disse Halt.

Gilan sacudiu a cabeça. "Eles estão rindo de nós. Algo está no vento. Eu

posso senti-lo."

"Meu amigo," Selethen disse a ele, "não é nada bom desperdiçar energia se preocupando com isso. Apenas relaxe."

Gilan sacudiu a cabeça obstinadamente. "Eu quero estar pronto para quando isso acontecer", disse ele. Evanlyn o olhou com curiosidade.

"Como você pode estar 'pronto para isso' quando você não sabe o que 'isso' está indo ser?"

"Então eu vou estar pronto para qualquer coisa", disse o Arqueiro jovem.

"Que é o mesmo que estar preparado para nada" Halt murmurou para si mesmo, embora ele fez ter certeza que ele murmurou alto o suficiente para Gilan ouvi-lo.

O Arqueiro mais jovem respirou fundo para responder, mas o barulho da chave na fechadura da porta chamou a atenção. A grande porta abriu, as dobradiças enferrujadas gritaram em protesto, rupturas do nervo ao longo dos últimos centímetros do seu curso, e dois dos guardas entraram com sua refeição da noite. Lá fora, a última luz estava desaparecendo ao longo da cidade. Com a massa de montanhas por trás deles bloqueando a luz a partir do oeste, aqui ficava escuro mais cedo do que fora na planície plana.

Consciente das declarações de Gilan, Evanlyn observou como os guardas puseram o café frio, o pão achatado e um punhado escasso de tâmaras. Um deles a pegou olhando e sorriu para ela. Sim, pensou ela, Gilan tem um ponto. O sorriso não era amistoso e batia como um eu sei alguma coisa desagradável que vai acontecer com você.

Então, a suspeita foi confirmada quando ele ergueu o dedo em sua garganta e passou através de um gesto inconfundível de corte, revirando os olhos em uma paródia macabra de morte.

Despercebido pelos guardas e os outros prisioneiros, Horace tinha andado de lado mais perto da porta aberta para que ele pudesse olhar para fora para a cidade além deles. Agora, quando eles estavam saindo, os dois guardas se tornaram conscientes de sua posição e o empurraram para trás para se juntar aos outros.

"Eu não gosto da aparência disso" Evanlyn disse num tom preocupado.

Horace hesitou. Então ele percebeu que seus companheiros mereciam saber o que ele tinha visto.

"Você vai gostar menos quando você ouvir o que eles têm construído. É uma grande plataforma levantada no final da praça — cerca de dois metros acima do solo, com passos correndo até ela."

"Como um palco?" Erak sugeriu. "Talvez eles estejam indo para colocar

em um jogo." "Ou uma execução", disse Horace.



Will e Aloom se juntaram a multidão de trabalhadores de campo fazendo o seu caminho de volta para a cidade. Havia guardas Tualaghi na porta, é claro, mas eles pouco tomaram conhecimento dos trabalhadores Arridi passando por eles. Em todos os anos que os Tualaghi tinha forçado em cidades e aldeias em áreas periféricas, eles nunca tinham encontrado nenhuma oposição real. Eles estavam sempre cuidando de deixar aos ocupantes apenas o suficiente para viver e se reagrupar depois que eles deixavam. E eles normalmente não voltavam a uma cidade por vários anos depois de terem a saqueado. Como resultado, as pessoas Arridi tinham chegado a aceitar as invasões esporádicas como parte integrante da vida. Não era agradável, mas não valeria lutar a morte.

No meio da multidão em torno deles, Will reconheceu pelo menos três pares Arridi- Bedullin. Ele olhou para Aloom e viu que o tenente tinha percebido também.

"Vamos encontrar uma casa de café", disse ele calmamente. "Minhas costas estão ficando cansadas."

Ambos estavam sobrecarregados por grandes feixes de lenha. Eles passaram a tarde reunindo-os de ravinas e canyons na área circundante. Em contraste com o deserto sem árvores, o sopé do maciço do norte tinha uma cobertura de árvores esparsas e arbustos espigados. Os rios subterrâneos que passavam pelas colinas forneciam água suficiente para a vegetação crescer.

Os feixes de lenha eram adereços úteis. Eles seriam capazes de vendê-los a uma das pousadas ou casas de café na cidade, o que os tornariam instantaneamente bem-vindos. Os Arridi sempre precisavam de lenha. Além disso, eles ajudaram a disfarçar um pouco a aparência externa de Will quando ele atravessou o portão pelos guardas Tualaghi. Ele andou com a cabeça abaixada e suas costas para trás sob a carga, mantendo os olhos e o rosto para baixo.

Havia uma razão ainda mais importante para a realização deles. No centro do feixe de Will estava seu arco destravado e a aljava de flechas.

Eles atravessaram a praça da cidade, Will olhando de lado para a grande plataforma construída no extremo oeste. Sua finalidade era inconfundível.

"Olhe como elas estão prontas", ele sussurrou e Aloom concordou com a cabeça.

"Vamos sair daqui. Estamos muito expostos na praça."

Eles mergulharam em uma das ruas estreitas que os afastaram da praça do mercado e sua sinistra plataforma de madeira. Nenhum deles tinha qualquer idéia de onde eles estavam indo. Mas ambos sabiam que era melhor do que olhar incerto. Eles caminharam de forma constante ao longo da rua, seguindo o seu caminho tortuoso. Will estava consciente de que estavam se movendo para cima quando a rua seguia a inclinação natural do terreno.

Ele sentiu a mão de Aloom puxando a manga e olhou para onde o tenente Arridi estava apontando para baixo uma rua lateral.

Havia um prédio de dois andares, maior do que seus vizinhos, cerca de trinta metros de distância. Uma tabuleta pendurada ao longo do corredor, com símbolos Arridis pintados em letras desaparecendo.

"É uma pousada", disse Aloom, e abriu caminho para a construção.

Eles optaram por passar a noite em uma pousada. Os outros pares se espalhariam entre as pousadas e casas de café na cidade. Obviamente, não seria suficiente para acomodar os cinquenta homens extras. Mas era uma prática normal de mercado em uma cidade como esta para os prédios que se alinhavam nos lados da Praça do Mercado para configurar os toldos de lona, projetando-se para a praça em si. Os trabalhadores de campo itinerantes e trabalhadores do mercado que vinham para a cidade para o dia de mercado dormiriam de cama para a noite sob seu abrigo. Assim como muitos dos pares Arridi-Bedullin.

Isso significava que eles estariam no caminho da praça do mercado na manhã seguinte, que era onde Will os queria quando os combates começassem. Aloom e Will, no entanto, queriam estar perto da parede e uma das torres que Will havia escolhido como um ponto de vantagem.

Havia um alpendre para a estabilidade ao lado do edifício principal. Eles entraram nele, abaixando suas feixes de lenha no chão. Will procurou dentro e rapidamente pegou seu arco longo e alijava, escondendo as armas em uma meio manjedoura cheia de feno velho. Havia alguns animais no estábulo — dois cavalos e um burro esfarrapado. Eles Olharam curiosos aos recém-chegados, então voltaram para comer seu feno.

"Obviamente, eles não têm muitos clientes," disse Aloom. "Nós devemos ser capazes de obter um quarto aqui. Eles colocaram os feixes sobre os ombros uma vez mais, e marcharam até a porta da frente da pousada.

Eles entraram na sala principal da pousada. Em Araluen ou Gallica, este teria sido o quarto bar, onde os fregueses bebiam cerveja ou vinho. Mas a maioria dos Arridis evitava álcool, escolhendo a beber café amargo forte em seu lugar. Will largou o feixe de lenha e olhou ao redor da sala. Eram oito ou nove homens sentados em mesas baixas, principalmente em pares ou trios. Eles

olharam para os recém chegados e, em seguida, vendo que não os conhecia, voltaram às suas conversas. Um homem sentava-se distante. Ele estava com excesso de peso e ele continuou a olhar para Will enquanto Aloom ia ao bar e negociava uma refeição e um quarto para passar a noite em troca da lenha e uma pequena quantidade de dinheiro.

"Ainda não o vi por aqui antes", disse o estalajadeiro, uma vez que a negociação foi feita. Havia uma nota de instrução em sua voz. Aloom encontrou seu olhar fixamente.

"Isso é provavelmente porque eu mantenho-me a mim", disse ele. Seu tom era menos simpático e não convidava quaisquer comentários adicionais. Pessoas no País Arrida, ele havia dito a Will, iam aos cumprimentos grandes para manter seu próprio negócio privado — apesar de, ao contrário, eles amaram furar o bico em assuntos de outras pessoas.

O estalajadeiro aceitou a rejeição filosoficamente. Ele derramou duas xícaras de café e colocou-os em uma bandeja de madeira, junto com um prato de pão fresco, várias especiarias temperadas e quatro espetos de cordeiro grelhados.

Aloom trouxe a comida e bebida para a mesa que Will havia escolhido e começou a comer.

Enquanto faziam, Will podia sentir o olhar do homem gordo ainda sobre ele.

"Nós estamos sendo observados", disse ele calmamente a Aloom. O oficial Arridi olhou para cima e fez contato visual com o homem gordo.

"Algo em sua mente, amigo?" ele disse bruscamente. O homem era ousado. "Você é desconhecido por aqui", disse ele.

Aloom assentiu. "Isso é porque nós ouvimos você gastar muito tempo aqui", disse ele rudemente.

"Então, de onde você vem?" perguntou o homem. Aloom fixou-lhe um olhar hostil. Ele se mexeu sobre a almofada e retirou o punhal, ainda em sua bainha, a partir de seu cinto. Ele colocou a arma sobre a mesa diante dele.

"Eu não acredito que seja algum de seus negócios", disse ele. Então, de lado para Will, alto o suficiente para ser ouvido, ele acrescentou, "Típico intrometido de cidade pequena. Sempre cuidando de negócios de outras pessoas para elas."

Will grunhiu e encheu a boca com o pão e o cordeiro quente, evitando a necessidade de responder.

"O seu amigo alguma vez diz alguma coisa?" perguntou o homem gordo. Aloom abaixou o pedaço de pão que tinha acabado de enrolar com vários

pedaços de carne e deu um suspiro exasperado.

"Eu o ouvi dizer oops! uma vez, quando ele cortou as orelhas de alguém que estava fazendo perguntas demais." Alguns dos outros convidados olharam para cima e balançou a cabeça em agradecimento.

Obviamente, o gordo não era popular no café. "Deixe-o, Saoud!" Um deles falou através de toda a sala. "Deixe o povo comer a sua refeição."

Houve um coro geral de concordância e o homem gordo olhou ao redor, seu desgosto para os seus convidados companheiros era demasiado óbvio. Ele zombou de todos eles e, finalmente, instalou-se em sua almofada e bebeu seu café. Mas os seus olhos ficaram nos dois estranhos.

Quando eles terminaram a refeição e se dirigiram para o andar superior, onde se situava a sua sala, Will ainda podia sentir os olhos do homem aborrecido em suas costas. Ele se perguntava se eles deveriam fazer algo sobre ele.

Aloom sentiu sua incerteza. "Não se preocupe", disse ele enquanto subia as escadas,

"até amanhã, ele vai ter esquecido tudo sobre nós. Ele vai ter algo a mais para focar sobre."

Will não tinha tanta certeza. Ele esperava que Aloom estivesse certo.



A chave chocalhou na fechadura do armazém. Os prisioneiros olharam impassíveis. Era de manhã, poucas horas após a primeira luz, e eles estavam acostumados a ter a primeira refeição do dia entregue aproximadamente agora. Eles tinham caído em uma rotina. O dia era dividido pelas três refeições que eram dadas. A comida era invariável e desinteressante — geralmente o pão de ontem, obsoleto e insípido, e um punhado de tâmaras — nada suficiente para fornecer a qualquer um deles uma refeição real.

Mas pelo menos havia café e, apesar de ter sido servido morno no melhor dos casos, Horace, Halt e Gilan apreciavam ele. Svengal e Erak claro, lamentavam a ausência de uma cerveja forte. Svengal às vezes pensava saudosamente do barril meio cheio que ele havia deixado para trás no Wolfwind várias semanas atrás. Ele perguntou como seus homens estavam indo em Al Shabah. Provavelmente muito melhor do que ele estava aqui, ele pensou melancolicamente.

Os outros estavam curando seus próprios pensamentos. Gilan ainda estava pensando sobre a plataforma que Horace relatou ter visto. Execuções, o jovem guerreiro tinha dito. Gilan sabia que ele e Halt eram decididamente impopulares com seus captores. Se alguém fosse ser executado, ele pensou, seriam os dois. Mas ele enfrentou o pensamento filosoficamente. Arqueiros estavam acostumados a estar em lugares apertados. Eles também foram usados para serem os principais alvos de seus inimigos. Ele vivia com a possibilidade de um evento como esse há anos. Tudo o que ele poderia fazer era esperar por uma oportunidade de escapar.

Halt aparentando desinteresse era um fingimento, ele percebeu. O Arqueiro mais velho não queria comunicar qualquer incerteza ou medo para Evanlyn. Depois que ele percebeu o fato, Gilan encontrou-se desejando que ele não tivesse ido muito sobre estar "pronto para qualquer coisa". Ele estaria pronto se algum tipo de oportunidade aparecesse. Assim como Halt. Falar sobre isso não faria mais disso. Mas isso poderia ter feito Evanlyn nervosa.

Horace permanecia calmo. Ele tinha fé em Halt e Gilan. Se houvesse uma

maneira de sair da sua situação, ele sabia que eles iriam encontrá-la. Como Gilan, ele viu através da aparente falta de atividade de Halt. Ele sabia que o Arqueiro estaria concentrado em ação, seu cérebro trabalhando furiosamente.

Foi o fato de que seus captores chegaram para eles no momento em que eles normalmente serviam café da manhã que pegou todos de surpresa. Esperando dois homens entrando no armazém, carregados com uma bandeja de comida e uma caneca de café, eles foram pegos de surpresa quando uma dúzia de homens, espadas fora, passaram pela porta aberta e se posicionaram ao seu redor.

Halt, sentado com as costas contra a parede, tendeu a levantar. Mas a ponta de um sabre curvo o parou, não muito delicadamente pressionando em sua garganta.

"Fique onde está," o capitão Tualaghi ordenou a ele. Ele gesticulou para o Arqueiro sentado, nunca deixando os olhos face Halt. "Mãos na frente", disse ele. Então, para um de seus homens, quando Halt o respeitou: "Amarre-o".

As mãos de Halt foram rapidamente amarradas na frente dele. Inicialmente, quando os Tualaghi foram parra amarrá-lo, ele tentou enrijecer os músculos dos braços e pulsos, esperando para relaxá-los e depois fazer as cordas soltarem um pouco. Mas o capitão Tualaghi conhecia o velho truque. Ele bateu Halt drasticamente nos seus joelhos com as costas da lâmina.

"Pare com isso," ele ordenou severamente. Halt encolheu os ombros e relaxou as mãos. Tinha valido a pena tentar. Ao redor da sala, viu que os outros tinham as mãos da mesma forma vinculada. Ele franziu a testa. Por que todos eles? Ele e Gilan, ele poderia entender. Talvez até Horace. Mas os outros eram valiosos reféns. Ele sentiu uma sensação de afundamento em seu estômago quando viu que os outros estavam a ser arrastados para levantar. Então o capitão segurou a corda que segurava suas mãos e o levantou também.

"Onde estamos indo?" ele exigiu, mas o homem simplesmente riu e empurrou Halt para a porta.

"Isso não parece nada bom", disse Horace quando ele foi empurrado após o Arqueiro de barba grisalha.



Will e Aloom dormiram bastante. A maioria dos outros convidados já tinha levantado, almoçado e saído logo após a primeira luz.

Entretanto, o raciocínio que eles tinham de esperar até à nona hora, eles tinham decidido que não havia nenhum ponto em levantar cedo e, em seguida,

atraírem suspeitas por ficarem vadiando nas proximidades da Torre de Vigia sobre o muro em ruínas. Consequentemente, eles entraram na sala principal da pousada cerca de uma hora depois que a maioria dos outros convidados tinham partido.

A maioria deles. O homem gordo da noite anterior ainda estava em seu quarto. Ele tinha visto, a sua porta mantida apenas uma fresta aberta, quando os dois jovens fizeram o seu caminho pelo corredor até as escadas. Saoud era um homem vaidoso. Ele era um rico comerciante de tecidos e possuía diversas tendas na praça do mercado, todas comandadas por sua equipe de funcionários pagos. O negócio real de lidar com os clientes estava abaixo de Saoud estes dias. Ele era muito rico e muito importante para tais transações. Em vez disso, ele gastava seu tempo em cafés, onde ele esperava ser tratadas com o respeito devido a um homem rico.

Tudo isto somado ao fato de que ele não tinha gostado da forma brusca e desrespeituosa de Aloom na noite anterior. Nos olhos de Saoud, ele era um homem que merecia respeito, respeito bajulado mesmo, das pessoas que ele encontrava. Ele não estava acostumado com o tipo de ameaças veladas que Aloom tinha feito. E ele não tinha gostado do fato de que os outros na sala de café haviam se juntado no lado do desconhecido.

Havia algo de suspeito sobre esses dois, pensou. E ele sabia quem poderia ter o prazer de ouvir sobre isso.

Quando Aloom e Will desceram as escadas para a sala de café abaixo, ele silenciosamente saiu de seu quarto, fechando a porta suavemente atrás dele, estremecendo com o barulho da fechadura, uma vez que ela escorregava em casa. Certamente eles devem ter o ouvido?

Mas não. Ele podia ouvir as suas vozes flutuantes até a escada enquanto falavam, sem interrupção ou pausa. Andando com cuidado, ficando perto da parede para evitar que rangesse sob seu assoalho granel, moveu-se para as escadas a si mesmo.

Ele parou quando ouviu a porta principal da pousada abrir e fechar. Por um momento, pensou que os dois homens haviam saído. Então ele ouviu o mais velho falando com o hospedeiro. Assim, o mais jovem tinha ido para fora fazer alguma coisa, pensou. Mas o quê?

Ele afiou seu caminho para baixo alguns degraus mais, os ouvidos alerta para qualquer som de seu passo retornar. Então ele ouviu a porta da frente novamente e viu o jovem estrangeiro se movendo de volta, indo ao salão no fundo da escada, na sala de café novamente.

Desta vez, ele estava carregando o que parecia um bastão longo,

embrulhado e amarrado em telas, na mão direita. Saoud franziu a testa. Ele nunca tinha visto um bastão como esse antes. Movendo-se com cuidado, ele desceu o resto da escada e saiu para a rua por uma porta lateral.

Havia outro corredor a alguns metros à direita, ainda menor do que este. Ele correu para ele, movendo-se com gratidão para as sombras, em seguida, estabeleceu-se esperando os dois homens saírem.

Poucos minutos depois, eles saíram da estalagem e viraram à esquerda, rumo ao norte. Saoud os observava com curiosidade, depois os seguiu. Já era de trinta minutos após a oitava hora, e a maioria das pessoas em Maashava estaria indo para a praça do mercado. Mesmo que eles poderiam ter nenhum argumento com os presos que estavam programados para morrer, a execução era um espetáculo e a maioria das pessoas queria vê-lo.

Por que então esses dois estavam indo para longe da praça? Não havia nada de interessante do lado norte da cidade — apenas um amontoado confuso de casebres caídos infestados de ratos. E o muro ruindo de velho, é claro, com suas torres em ruínas.

Passando abruptamente, o gordo comerciante de tecidos refez os seus passos. Talish poderia estar interessado em ouvir isso, pensou ele. Talish era um guerreiro Tualaghi — uma autoridade menor na faixa de nômade, que viajava com dois capangas para fazer o seu lance. Eles tinham estabelecido rapidamente uma reputação entre os habitantes da cidade Arridi como ladrões e homens mercenários. De alguma forma, eles sempre pareciam adivinhar onde os mercadores ricos Arridi tinham escondido o dinheiro ou os seus melhores produtos. Na verdade, era Saoud que lhes dizia. Ele tinha estabelecido uma aliança com os três Tualaghi. Em troca de deixar a sua loja de barracas e casas intactas, ele informava sobre seus vizinhos e concorrentes.

Havia um café que eles frequentavam, à beira da praça do mercado. Saoud aumentou o seu ritmo, sua gordura corporal cambaleando conforme ele corria pelas ruas estreitas para encontrar o ladrão Tualaghi. Se Talish não parecesse interessado nesses dois homens, ele ia dizer-lhe que eles estavam carregando uma bolsa cheia de ouro. O que iria definitivamente pegar o interesse do Tualaghi.

Mais tarde, Saoud pode sempre falar que os estranhos devem ter perdido ou escondido isso. Se Talish estivesse frustrado ou irritado com a ausência do ouro, só seria contra os dois estranhos. E quanto Saoud estava em causa, era tudo para o bem.



Will e Aloom escolheram seu caminho através de montes de lixo e alvenaria caída. A seção norte da cidade estava em pior estado de conservação. As casas tinham sido deixadas a apodrecer e cair e tinham sido tomadas por invasores — os pobres, os desempregados, a tendência criminosa. De vez em quando, eles viram rostos espreitando furtivamente em meio às ruínas de portas para eles. Tão logo eles foram vistos, os observadores se puxavam para trás para as sombras das casas.

As ruas aqui eram estreitas e feitas de uma forma desordenada, que desviava pelas casas que desabaram e tinha sido simplesmente deixados onde caíram — gradualmente se deteriorando em montes informes de alvenaria. Will tinha perdido seu senso de direção há algum tempo. Ele esperava Aloom sabia onde eles estavam indo. O tenente Arridi certamente abria caminho com confiança suficiente.

Will deu um suspiro de alívio quando eles acabaram de sair de um beco confuso e viram os restos da muralha norte, à frente deles.

Originalmente, havia uma trilha larga, claro ao longo da base interna da muralha, com as construções não autorizadas a interferir na altura de três metros. Mas nos últimos anos, as pessoas tinham construído casebres e barracos contra a muralha em si — muitas vezes usando os tijolos desabaram que faziam parte da muralha para construir suas pequenas casinhas sombrias.

Eles tinham vindo mais para o leste do que havia planejado, em um forçado desvio aleatório após o outro porque eles tinham escolhido o seu caminho através das casas arruinadas. Agora Will via que a torre de vigia que ele tinha escolhido como um ponto de vista estava a cerca de duas centenas de metros. Ele a reconheceu por uma viga do telhado que desabou e pegava no corrimão do deck de observação. O feixe de fora estava preso em um ângulo agudo.

Ele olhou para o sol. Estava subindo mais alto no céu do leste e a torre estava muito longe. Havia outra mais próxima a eles, apenas cinquenta metros de distância. Até o momento que ele pegasse seu caminho através das pilhas de entulho caído, ele poderia chegar a torre original tarde demais. Tinha levado mais tempo do que eles tinham estimado para percorrer a parte arruinada da cidade.

Ele apontou para a torre mais próxima.

"Isso terá que servir", ele disse e Aloom balançou a cabeça. Ele estava preocupado.

"Está ficando tarde", disse ele. "Eles vão começar a qualquer minuto."

Meio correndo, eles escolheram o seu caminho através do caos de alvenaria e barracos caídos para a mais próxima das duas torres.



Umar agachou atrás de uma pedra de granito na cabeceira do riacho, com os olhos voltados para a torre de vigia que ele e Will haviam escolhido no dia anterior. O feixe caído tornava mais fácil distinguir seus vizinhos.

Houve um movimento atrás dele e ele se virou para ver Hassan. O rapaz tinha feito o seu caminho a partir da posição mais para trás na sarjeta, onde a força Bedullin principal esperava calmamente.

"Qualquer sinal dele, Aseikh?" Hassan perguntou.

Umar sacudiu a cabeça. "Ele deve estar em posição agora. É quase nove."

"Talvez as execuções foram adiadas?" Hassan sugeriu. Umar coçou a barba, pensativo.

"Talvez. Mas eu não posso ver que diabo Yusal desistiria dessa chance para impressionar a população local." Ele ergueu a mão como que para silêncio, a cabeça ligeiramente voltada para escutar. De dentro de Maashava, a profunda, rítmica expansão de um bumbo veio a eles sobre a suave brisa da manhã.

"Não", disse. "A execução vai em frente. O que diabo aconteceu com Will e Aloom?"

"Devo trazer os homens para cima, Aseikh?" Hassan perguntou.

Umar hesitou. As chances eram que haveria ninguém olhando nesta direção e eles poderiam ter começado a descer a trilha poeirenta que levava à cidade. Mas ele rejeitou a idéia. Tudo que precisava era um par de olhos curiosos para vê-los e o alarme seria levantado.

"Vamos aguardar o Arqueiro", disse ele.



Rodeado pelos guardas, os sete presos foram conduzidos por uma rampa de barro longa da caverna do armazém para as ruas da cidade em si.

A empurrões e bofetadas eles tropeçaram no terreno irregular, amarrados juntos em uma longa fila, proibidos de falar uns aos outros. Para a maioria, o povo Arridi assisti-los com uma mistura de apatia e piedade mórbida. No

entanto, como sempre no meio da multidão, houve aqueles que escolheram a escarnecer os prisioneiros e jogar pedras, pedaços de terra e lixo neles. Halt olhou para um grupo de jovens na casa dos vinte anos. Ao contrário da maioria dos Arridi, eles tinham obviamente bebido o espírito poderoso conhecido como arariki. Eles tropeçaram e escalonaram em conjunto, com os olhos vermelhos e suas mandíbulas fora como insultos na linha de prisioneiros. Halt virou e olhou por cima do ombro a Selethen, o próximo na fila atrás dele.

"Eu pensei que a sua religião proibia álcool", disse ele. Selethen olhou com aversão ao barulho de gato do grupo e deu de ombros.

"Há um uma escória em toda a sociedade", disse ele. "As pessoas como eles são simplesmente tão felizes que eles não são os a serem levado para o bloco de hoje."

Um guarda deu um passo adiante e bateu nos dois homens com uma extremidade da corda atada.

"Calem a boca!" Ele gritou com eles. "Não falem, nós dissemos!"

Eles saíram para a praça em si agora. Ela estava repleta de pessoas e sua escolta teve de empurrar para fazer um caminho para eles. Metade desses estavam assistindo os Tualaghi, Halt viu. Eles estavam se divertindo, esperando que os nervos dos prisioneiros iriam quebrar no último momento e reduzi-los a gritos chorosos de misericórdia.

Não que eles seriam ouvidos. Os conceitos de piedade e misericórdia eram desconhecidos dos Tualaghi.

No outro lado da praça, ao lado da plataforma de madeira levantada que agora eles podiam ver claramente pela primeira vez, a expansão de profundidade de um tambor começou. Ela continuou em um ritmo lento, como o bater de um coração grande. Era um sinal para a multidão à sua volta para duplicar seus ruídos. A fila única de prisioneiros foi forçada através da multidão até que eles estavam de pé pelos degraus até a plataforma.

Halt olhou para cima. Yusal estava acima deles, vestido hoje em túnicas azul escuras, os pés afastados, mãos nos quadris. Como sempre, seu rosto estava escondido atrás do véu azul-escuro. Apenas seus olhos eram visíveis, frios como sempre. Ele enfrentou a multidão agora, examinando os rostos diante dele, esperando o silêncio cair.

Aos poucos, os gritos extinguiram a uma exclamação ocasional. Em seguida, os demais se calaram quando soldados Tualaghi no meio da multidão bateram em alguém que iria interromper o seu líder. Um silêncio artificial caiu sobre a praça.

"Traga os presos para cima", disse Yusal, sua voz áspera agora era ouvida

com clareza em todos os cantos da praça.

Os guardas mandaram seus reféns para frente e Halt liderou o caminho até as escadas em bruto para a plataforma. Ele sentiu o tremor escadas debaixo de seus pés conforme os pés de Selethen levantaram atrás dele e seguidos por Svengal.

Yusal agarrou o ombro Halt quando ele foi mover ao longo da plataforma, abrindo caminho para aqueles que estavam seguindo.

"Você fica aqui," o Tualaghi disse a ele. "Você vai ser o primeiro."

Houve um rugido zangado de aprovação dos guerreiros Tualaghi no meio da multidão. Os outros prisioneiros poderiam proporcionar esporte e diversão com as suas execuções. O dois Arqueiros eram odiados.

O tambor, que tinha cessado seu crescente e ameaçador som, começou mais uma vez.

Quando Gilan subiu para a plataforma, seguindo Erak e Evanlyn, Yusal gesticulou para ele ficar ao lado Halt. Outro sopro de prazer veio aos Tualaghi que assistiam.

Houve um movimento de agitação nas fileiras da multidão abaixo deles e Toshak empurrou seu caminho até a frente. Ele sorriu para Halt.

"Isto é onde você pegará no pescoço, Arqueiro!" ele chamou.

Halt o ignorou, olhando para fora, fazendo a varredura da multidão, esperando sem esperança que ele pudesse ver Will em algum lugar. Ele ainda tinha uma fé irracional no fato de que seu aprendiz havia sobrevivido e que ele não iria deixá-los ir para a morte sem tentar um resgate de algum tipo.

Se ele fosse perguntado por que ele ocupou a essa crença, ele não poderia ter dado uma resposta racional. Era fé. A fé na criatividade e coragem do jovem que ele tinha aprendido a amar como se fosse um filho. Will estaria lá porque ele era necessário. E Will nunca tinha deixado ele na mão no passado.

Vagamente, ele estava ciente de Erak responder a Toshak, convidando-o para cima da plataforma.

"Mesmo com as mãos atadas, eu tenho certeza que eu poderia quebrar o seu pescoço traiçoeiro, Toshak!" disse ele. Toshak sorriu irritantemente.

"Vou levar sua cabeça de volta a Escandinávia, Erak", disse ele. "Vou usar o crânio como uma caneca de cerveja."

Yusal olhou para os dois nortistas. Ele tinha um senso de teatro e de ocasião e um dom para o dramático. Suas incultas brigas ruidosas não tinham lugar aqui.

"Fique em silêncio!" ele ordenou. Toshak olhou para ele, encolheu os ombros com indiferença, e encostou-se um dos pólos de apoio para a

plataforma. Yusal, convencido de que não haveria outra interrupção, ergueu uma das mãos.

"Vamos Hassaun avance!" gritou ele. O grito foi levado pelo grupo de Tualaghi da praça.

Hassaun! Hassaun! Hassaun!

O grito ecoou as frentes de construção, mantendo o ritmo com a incessante expansão do tambor. Alguns dos Arridi foram apanhados no momento e se juntaram a sua voz ao coro. Eles tinham visto execuções antes. Eles tinham uma boa idéia do que estava para acontecer. Os gritos aumentaram de intensidade, volume e urgência.

Em seguida, uma figura enorme surgiu de um lado da praça, no alto acima das cabeças dos espectadores. Por um momento, ele parecia estar flutuando no ar, então Halt percebeu que ele estava em um grande escudo de madeira, sendo suportado na altura do ombro por quatro Tualaghi enquanto eles forçaram seu caminho através da multidão para o local da execução.

Os tambores da guerra intensificaram-se em ritmo e os gritos foram com ele. Hassaun era uma figura enorme, vestido inteiramente de preto. Seu manto longo, fluindo na brisa da manhã e as caudas de seu kheffiyeh negro arrastavam atrás de si enquanto os quatro guerreiros o levaram para frente. A metade inferior do rosto estava coberta pelo sempre presente véu azul-escuro Tualaghi.

Suas mãos, cruzadas na frente do peito, repousavam sobre o punho de uma enorme, espada preta de duas mãos.



Will e Aloom tinham chegado mais perto da torre quando a batida começou, profunda e sonora.

"Eles estão começando!" Aloom chorou. "Mexa-se! Nós não temos muito tempo!"

Will não disse nada. Ele tirou a tela que envolvia seu arco, curvado atrás de sua panturrilha direita, ancorando-o no lugar com o seu tornozelo esquerdo, e deslizou até a corda em seu encaixe, grunhindo ligeiramente com o esforço de superar o peso de quinze quilos do arco.

Ele jogou sua capa para um lado, revelando a alijava com duas dúzias de flechas ao ombro, o arco pendurado ao lado dela e começou a subir no quadro de madeira podre da torre.

Estava indo devagar. Apesar das exortações de Aloom de pressa, e seu próprio senso crescente de urgência, ele sabia que tinha que pegar a mão e pés

cuidadosamente. A torre estava em pior condição do que ele esperava e havia uma chance excelente que poderia entrar em colapso sob um movimento apressado.

Ele tinha ido até quatro metros, passando pelo topo da parede em si, e estava pisando com cuidado para uma última passada, antes que ele ganhasse a plataforma de observação.

O tambor cessou por alguns minutos, mas, à distância, ele podia ouvi-lo novamente crescendo, chegando mais e mais rápido agora. Então, um canto de centenas de vozes foi levado a ele:

Hassaun! Hassaun! Hassaun!

"Quem raios é Hassaun?" ele murmurou para si mesmo, avançando cuidadosamente ao longo de uma madeira decididamente desconfiável.

Ele estava solto no ar, o pé chegando timidamente para a plataforma mais sólida para o futuro, o peso suportado pelos braços de modo que ele estava completamente indefeso, quando ouviu uma voz atrás dele.

"Quem diabos é você? E o que você está fazendo?"

Ele olhou para baixo. Aloom estava abaixo dele, de frente para trás do caminho que eles tinham vindo. A dez metros de distância, três guerreiros Tualaghi os olhavam com desconfiança. Atrás deles, sorrindo vingativamente, estava o gordo comerciante que eles tinham visto na pousada na noite anterior.



O carrasco gigante equilibrava com facilidade sobre o escudo, suportado sobre os ombros de quatro guerreiros Tualaghi enquanto eles fizeram seu caminho através da praça do mercado lotada para o local da execução. Enquanto ele passava pela multidão, as mãos foram levantadas e armas brandidas pelos Tualaghi na admiração da figura maciça.

Os quatro que o levavam pararam ao lado da plataforma de execução e Hassaun pisou levemente nela. Quando ele fez isso, outro ataque de vivas se levantou.

Agora que ele podia vê-lo mais de perto, Halt percebeu que o carrasco era realmente um gigante. Ele tinha bem mais de dois metros de altura e os ombros e o corpo eram construídos na mesma proporção em massa. Ele chicoteou a espada enorme, com as duas mãos até que ela foi levantada na vertical acima da cabeça e desfilou ao longo da frente da plataforma, ignorando a fila de prisioneiros e brandindo a espada à multidão reunida.

Mais uma vez os gritos do seu nome ecoaram.

Hassaun! Hassaun! Hassaun!

Ele marchou ao longo da frente da plataforma até o final, voltando ao centro novamente, bebendo na adulação da multidão. Então, quando ele estava no centro, ele levantou a espada em toda a extensão de seus braços, e inverteu com um movimento do seu pulso forte e dirigido, batendo, no primeiro ponto para a plataforma.

Ele recuou um passo, deixando a espada lentamente tremer enquanto ela ficava presa na madeira.

Então ele chegou até o laço que garantiu sua veste exterior, rapidamente lançou e virou o manto fora e longe de seu corpo, deixando-o cair num monte atrás dele.

Ele vestia agora apenas em um par de largas calças reunindo-se na cintura e cada tornozelo, e o kheffiyeh preto e o véu azul escuro dos Tualaghi. Seu torso nu brilhava levemente com óleo e agora os enormes braços musculosos, tórax e abdômen podiam ser vistos claramente.

Ele avançou e, sem qualquer esforço aparente, jogou a espada livre da madeira, em seguida, ele girou em torno de seu corpo e cabeça em uma série desconcertantes rápidos arcos e círculos. Ele segurava a grande espada como se fosse um brinquedo, mas qualquer um que conhecesse armas e podia ficar impressionado com a exibição dos reflexos com uma espada tão pesada, que falava muito sobre a força e a coordenação dos braços, corpo e os músculos do pulso. A lâmina altamente polida preta pegava os raios do sol da manhã e brilhava e deslumbrante, movendo-se tão rapidamente que, às vezes, mais parecia um disco preto sólido do que uma lâmina estreita.

Hassaun! Hassaun! Hassaun!

Os gritos subiram novamente e desta vez mais Arridi juntaram-se, hipnotizados pela força e poder e carisma do gigante Tualaghi. Afinal, seis dos sete presos em pé sobre a plataforma eram estrangeiros e os Arridi não tinham nenhum motivo para lamentar a sua execução. Quanto ao sétimo, a palavra tinha dito a classificação de Selethen e as pessoas de cidades remotas como Maashava tinha poucos motivos para amar os Emrikirs e Wakirs que governavam províncias Arrida sob ele. Como Halt tinha observado alguns dias antes, a maioria dos funcionários em Arrida eram corruptos e propensos a olhar para subornos quando tratados com as pessoas debaixo deles.

Selethen era uma exceção à regra geral, mas os Maashavites não deviam saber disso.

Ele governava uma província distante para que eles não tinham conhecimento de primeira mão sobre ele.

Além disso, o contato normal entre os indivíduos e governantes vinham no tempo do imposto, quando pessoas da cidade como aquelas em Maashava eram obrigados a entregar uma percentagem de tudo o que tinham ganho ou cultivado durante o ano. Nessas ocasiões, o governo mostrava pouca simpatia para uma cidade que poderia ter sido invadida e saqueada por invasores Tualaghis.

"Temos fome, enquanto eles engordam em Mararoc estava um velho dizendo e as pessoas de Maashava sentiam que havia um monte de verdade básica nisso. Portanto, se um bem-pago funcionário do governo bem alimentado fosse perder a cabeça, haveria poucos aqui para chorar sobre o fato. Com o fatalismo típico dos agricultores, eles fundamentavam que sempre haveria outro ansioso para tomar o seu lugar.

Então, agora, confrontados com a perspectiva selvagem convincente de uma execução em massa realizada por um artista óbvio como Hassaun, eles começaram a aplaudir e incentivar talentos para o maior.

Hassaun teve o prazer na obrigação. Ele começou a dançar de um lado para outro, oferecendo cortes, cortes laterais e profundas estocadas com a espada em massa, deixando-a tremulando e varrendo com toda a velocidade de uma serpente de língua. Para Frente e para trás, ele foi, da esquerda para a direita, em seguida voltando à esquerda novamente.

Então, ele pulou alto no ar e fez um enorme arco de corte para baixo com a espada, imitando a decapitação de uma vítima ajoelhada. A ponta veio a bater com estrondo nas pranchas de madeira e outra vez ele lançou e pulou para trás, deixando a espada tremendo da força do golpe.

Tão rapidamente, ele aproveitou o aperto de duas mãos e empurrou-a livre de novo, então começou a andar ajoelhado de lado a lado, deixando cair a um joelho em cada passo, e todo o tempo mantendo a espada girando, piscando e cortando. O canto de seu nome se intensificou, com a cadência do canto, acompanhando o ritmo dos seus movimentos.

De sua posição de joelhos, ele pulou alto no ar, girando quando ele chegou até a linha de frente das vítimas, uma escultura X invisível no ar com duas raspagens diagonais da espada. Então ele girou mais uma vez para enfrentar a multidão. Para todo o seu tamanho e força, ele era incrivelmente leve em seus pés. Ele fez sinal a um dos homens que o levaram para a plataforma e o guerreiro chegou a uma tenda nas proximidades do mercado e pegou um melão. Ele o jogou alto no ar acima do gigante.

A espada brilhou em dois cortes diagonais opostos. O primeiro dividiu o melão em duas partes. O segundo cortou a maior das duas antes das partes da fruta caírem na plataforma com um baque úmido.

Esponaneamente, o soldado já jogava outro melão e desta vez Hassaun cortou a metade com uma varredura horizontal, seguido imediatamente por um corte vertical através de uma das partes.

A platéia urrou seu deleite.

Hassaun respondeu passando a espada girando, de uma mão para a outra mão, mantendo o ritmo que ele passava da direita para a esquerda e depois novamente, segurando-a pelo punho longo, perto da lamina, controlando-a com a força da suas mãos e pulsos.

Ele a atirou girando alta no ar. Em seguida, pulando alto, girou cento e oitenta graus no ar e trouxe a espada para baixo em um selvagem golpe violento perto do preso que estava de frente para ele.

Por acaso, era Horace.

A multidão calou de repente, silenciosa quando a figura enorme pulou, girou e bateu. Eles esperavam ver o estrangeiro dividido da cabeça aos ombros,

pelo menos. Mas no último momento, com uma exposição surpreendente de força e controle, Hassaun interrompeu o curso descendente de modo que a lâmina maciça apenas tocou o cabelo de Horace.

A multidão gritou, em seguida, se calou quando perceberam que o jovem estrangeiro, não havia se movido, não tinha se retraído. Ele não tentou levantar as suas mãos atadas, em uma tentativa fútil de evitar o golpe terrível. Ele se limitou a ficar de pé, pronto como rocha, observando o carrasco com um olhar de desdém no rosto.

O pulso Horace estava correndo e adrenalina estava surgindo em seu sistema. Mas ele não mostrou nenhum sinal disso. Ele tinha percebido o que estava por vir, quando o homem enorme tinha saltado e girou antes dele. A coordenação do golpe de volta com a volta havia alertado Horace. Percebendo que estava para vir, ele havia decidido que não iria mover um músculo quando o golpe chegasse. Levou uma enorme força de vontade mas ele conseguiu isso. Agora, ele sorriu.

Se empine e pular tudo como você gosta, meu amigo, ele pensou, eu vou lhe mostrar do que um cavaleiro de Araluen é feito.

Hassaun pausou. Ele franziu a testa, enquanto olhava para o homem sorridente diante dele. Em tempos passados, o movimento teria invariavelmente resultado na vítima cair no chão, mãos acima da cabeça, gritando por misericórdia. Este jovem estava sorrindo educadamente para ele. Incrivelmente, ele estendeu as suas mãos atadas, com as palmas mais altas.

"Isso foi realmente muito bom", disse ele. "Eu penso que eu poderia ter isso?"

Era como se ele realmente esperasse que Hassaun iria passar-lhe a espada. O carrasco deu um passo para trás, confuso. Ele sentia que a situação estava se movendo para fora de seu controle. Em seguida, tornou-se pior quando os dois bandidos barbudos Escandinavos juntaram-se.

"Bom trabalho, Horace," Erak disse, rindo alegremente. Svengal ecoou o sentimento. "Muito bem, garoto! Isso colocou o Horrível Hassaun de volta sobre as patas traseiras!"

Com um grito de raiva, Hassaun virou aos dois risonhos Escandinavos. A espada girou sobre sua cabeça, então ele a virou em um plano horizontal, arco este tempo, em linha reta no pescoço Erak. Tal como aconteceu com Horace, ele parou o golpe só a um milímetro do Escandinavo. Mas, como Horace, Erak não mostrou nenhum sinal de recuar.

Em vez disso, ele voltou para o seu grupo e disse em tom de aprovação, "Belo controle, Svengal. O homem tem bons pulsos. Eu gostaria de vê-lo com

um machado de batalha em suas mãos."

Svengal franziu a testa, não concordando totalmente.

"Eu gostaria de vê-lo com um machado de batalha na sua cabeça, chefe", disse ele, e ambos gargalharam de novo, totalmente à vontade, totalmente sem medo.

Agora Hassaun sentiu uma impaciência e perplexidade crescente no meio da multidão.

O canto de seu nome tinha morrido no momento em que mostraram o seu respeito pela coragem desses estrangeiros. Arrida era uma terra dura e a morte violenta era uma ocorrência diária. Os Arridi e Tualaghi tanto admiravam aqueles que poderiam enfrentar com tal altivez. Era vital, Hassaun conhecia, que ele reconquistasse o respeito da multidão. Ele passeou ao longo da linha de capturados, procurando o elo mais fraco.

E viu a menina.

Ela não seria capaz de resistir a ameaça da espada enorme, ele argumentou. Ele poderia reduzi-la a uma sombra chorando lágrimas de si dentro de segundos. E então, ele sentiu, os outros cativos teriam de perder a sua atitude desinteressada e indiferente a ele quando eles tentarem consolá-la.

Ele deixou a ira construir ele como a água atrás de uma represa. O que ele lançou com um grito prolongado de ódio quando ele pulou para a menina, a espada levantada. Em seguida, a lâmina estava varrendo e cortando ela ao seu lado, acima de sua cabeça, batendo para dentro do tabuado por seus pés para que o piso da plataforma balançasse com a força de seus golpes. Ele cortou o ar sobre ela, a espada nunca mais do que alguns milímetros dela. Foi uma terrível, terrível exibição de raiva e força.

A menina não se mexia.

Evanlyn ficou imóvel, sabendo que ela não deveria se mover, não deveria encolher ou recuar ou piscar quando a arma aterrorizante sibilava passando a apenas um fio de cabelo do rosto e do corpo. Qualquer um desses golpes a cortaria pela metade, ela percebeu. No entanto, ela se forçou a não demonstrar nenhum medo. Seu coração bateu-lhe o pulso e correu com ela, mas ela o escondeu no fundo dela. Ela perguntava-se vagamente como Horace tinha levantado para tal calvário sem medo e, em seguida, ocorreu-lhe. Ele não tinha. Mas ele tinha controlado o medo, porque essa era sua maneira de ter vingança sobre a postura, puladora do agora homem estúpido na frente dela.

E determinou que ela teria a mesma vingança. A lógica lhe dizia que essa exposição de Hassaun era tudo para mostrar. Eles tinham afirmado várias vezes que Halt seria o primeiro a morrer. Portanto tudo isto cortando e girando era

simplesmente para assustá-la. Ao mesmo tempo, ela percebeu, o menor erro na parte Hassaun seria fatal. Se a raiva ou a frustração jogasse fora o equilíbrio de modo que ele perdesse um curso por tão pouco como meio centímetro, ela seria morta.

Mas ela ficou de pé, olhos abertos, mas deliberadamente desfocados na lâmina afiada, de quase um metro e meio de comprimento, assobiando e girando em volta do rosto e do pescoço e do corpo.

E, finalmente, acabou que Hassaun foi derrotado. Ele deu um passo para trás, abaixando a espada. Seu corpo brilhava com a transpiração. Seus olhos acima da máscara mostravam seu absoluto espanto. E a multidão ficou em silêncio.

Então uma voz, de algum lugar no meio, gritou.

"Libertem ela!"

E outro se juntou, e mais outros. Até que uma parte crescente da multidão estava ecoando o sentimento. Na maior parte eram Arridis. Mas os olhos Yusal se estreitaram em raiva quando viu vários de seus próprios homens, levantando as mãos e pedindo a libertação de Evanlyn.

Furioso, ele adiantou-se, puxando a própria espada para enfatizar as suas palavras.

"Isso é o suficiente!" gritou ele. "Basta!"

Os gritos de libertação Evanlyn morreram longe quando os olhos negros de Yusal varreram a multidão. Atrás dele, Halt percebeu que este era um momento de máximo perigo para Evanlyn.

Yusal poderia escolher fazer um fim rápido dela aqui e agora para acabar com a chance de qualquer protesto mais em seu nome. Ele teria que tirar o foco dela e concentrar a raiva de Yusal sobre ele mesmo. Forçando um tom de tédio e desdém em sua voz, ele se adiantou, pedindo em voz alta para o líder Tualaghi:

"Yusal, isso está ficando muito chato. Podemos acabar com isso, por favor?"

Yusal girou para cima dele, Evanlyn esquecida. Este era o homem que seus soldados odiavam, ele sabia. Esta era a maneira de recuperar o controle da situação. Ninguém chamaria para a liberação de Halt. Ele apontou sua espada agora na figura de barbas grisalhas.

"Mate ele!" ordenou Hassaun. "Mate-o agora!"

Dois dos seus homens arrastaram Halt a borda da plataforma, enquanto um terceiro trouxe o bloco de execução para frente. Este era um bloco de madeira afilado a cerca de um metro de altura, projetado para que uma vítima

ajoelhada poderia ser forçada a encostar a parte superior do corpo contra a borda, ficando inclinada, proporcionando resistência ao golpe da espada do carrasco. Ele colocou isso em posição enquanto Halt foi forçado de joelhos pelos outros dois. Eles o empurraram forte contra o bloco, girando os braços amarrados sobre ele para segurá-lo na posição. Halt olhou em volta, viu a expressão horrorizada de Gilan. Ele sorriu sombriamente.

"Will está tomando seu tempo", disse ele. "Vou dar-lhe um pedaço da minha mente sobre isso."

"Silêncio!" gritava Yusal, a voz embargada em um tom mais alto com a veemência de seu grito. "Força ele a girar!" ele acrescentou em uma voz mais controlada a um de seus homens. O Tualaghi agarrou a cabeça de Halt com ambas as mãos e o virou para que ele olhasse para frente.

Halt encontrou-se procurando nos rostos diante dele — rostos na multidão. Eles ficaram em silêncio e imóveis agora. Mas não havia piedade evidente lá — apenas o fascínio mórbido das pessoas olhando nos olhos de um homem que estava prestes a morrer. Então ele parou em um cara que parecia vagamente familiar. O homem encontrou seu olhar e balançou a cabeça lentamente. Halt submeteu o cérebro e percebeu que tinha visto o homem antes — havia sido um dos soldados Arridi soltos por Yusal para morrer no deserto. Ele tinha certeza disso!

Houve um grande suspiro coletivo da multidão quando Hassaun avançou o pé direito e tirou a espada enorme para cima e para trás, alta sobre o seu ombro direito.

Houve uma pausa. Então Halt ouviu um assobio quando algo passou através do ar em grande velocidade. Era vagamente familiar, pensou ele. De uma maneira estranha individual, ele decidiu que devia ser o som da espada piscando até terminar a sua vida.

Ele sempre quis saber como isso iria acontecer e como isso seria. Em menos de um segundo, pensou ele, ele saberia.



Suspeita voltou com certeza aos olhos de Talish, o ladrão Tualaghi, quando ele olhou para cima e viu Will pendurado no quadro da Torre de Vigia, o seu arco e aljava atirados sobre um ombro.

O Tualaghi não reconheceu o rapaz, mas ele reconheceu as armas. Tinha visto arcos como esse antes, quando ele e seus amigos tinham atacado o acampamento Arridi.

"Ele é um dos estrangeiros!" ele gritou, puxando sua espada. "Pegue-o!"

Seus dois cúmplices avançaram para ele, tirando suas próprias espadas fora das suas bainhas. Aloom pisou claro da parede, descartando a sua capa e retirando sua própria espada para barrar seu caminho.

"Continue, Will!" ele gritou. "Eu cuido deles!"

Mas havia três deles, todos os lutadores experientes, e eles se jogaram em cima dele, as espadas riscando o ar, levantando e caindo quando eles atacavam. Aloom deu teimosamente o chão diante deles, mas ele estava lutando uma batalha perdida. Ele colocou as costas nas pedras do muro e desesperadamente defendia a tempestade de golpes que chovia sobre ele. Inevitavelmente, uma das espadas rompeu sua defesa e ele foi cortado feio na parte superior do braço da espada. Em seguida, outro golpe em sua coxa e ele tropeçou, recuperando a tempo de evitar um corte horizontal em sua garganta.

Suspenso desastrosamente acima dele, não havia como Will poderia armar seu arco a tempo para ajudar. Mesmo que ele pudesse ter feito isso, ele não poderia ter disparado pendurado pelos braços. No entanto, ele poderia ver que o seu amigo estaria morto em poucos segundos. Os desvios de Aloom foram ficando desajeitados e inábeis e agora ele foi cortado novamente, desta vez através da testa de modo que o sangue corria em seus olhos, meio que cegando-o.

A partir da praça, Will ouviu a multidão cantando crescer cada vez mais alto, mais rápido e mais rápido.

Hassaun! Hassaun! Hassaun! Hassaun!

O grito veio de centenas de gargantas e rolou em toda a cidade como um

trovão, despertando ecos nas ravinas e montanhas ao redor deles.

Will hesitou por um segundo. Aloom morreria se ele não o ajudasse. Mas o cântico da multidão lhe dizia que os eventos na praça estavam chegando a um clímax. Halt precisava dele...

Mas Aloom estava aqui e agora, e lutando desesperadamente para salvá-lo. Não havia nenhuma pergunta sobre o que ele deveria fazer. Medindo a distância, ele lançou suas garras e deixar-se cair para a batalha desigual abaixo dele.

Ele pousou os pés primeiro no ombro do líder Tualaghi. O homem deu um grito de dor e choque amassado sob o vigor do corpo de Will caindo sobre ele a partir de quatro metros acima. Will ouviu o estalo de ossos quebrando em algum lugar, em seguida, em um baque repugnante a cabeça do bandido bateu no chão, dura como pedra. Will rolou para frente para amortecer o choque da aterrissagem, embora a maior parte da força de sua queda tinha sido quebrada pelo corpo do Tualaghi.

Ele levantou quando os outros dois bandidos se voltaram contra ele. Chocados com sua ação inesperada, eles hesitaram um segundo — e um segundo era muito tempo. Will avançou neles, fechando a distância entre ele e eles a fim de que ele estava dentro do alcance da espada do homem mais próximo.

Sempre avance se tiver a opção.

Halt tinha ensinado a lição em centenas de vezes que seu cérebro. Um homem indo para frente tem o impulso para o controle de uma batalha. Agora Will agia espontaneamente, indo à frente. A faca Saxônica assobiou para fora da sua bainha e lançou-se em um movimento suave e contínuo, pegando o homem mais próximo no centro do corpo.

O Tualaghi deu um grito curto, metade surpresa, metade dor, e afundou-se contra a parede, a espada caindo da sua mão e batendo contra as pedras.

A partir da praça, Will ouviu um grito ensurdecador, então o grito voltou enquanto a multidão gritava o nome de Hassaun. Então houve um silêncio repentino. Ele não gostava do som do que isso. O tempo estava ficando curto e ainda havia um Tualaghi para cuidar.

Quando Will tinha caído da torre para o ombro do primeiro bandido, Aloom tinha afundado com gratidão as costas contra a parede, tentando estancar o fluxo do sangue a partir dos cortes de espada múltiplas no braço, perna e corpo. Ele observou que o Arqueiro jovem tinha cuidado de dois de seus adversários em questão de segundos, viu o terceiro Tualaghi ao alcance agora e tentou dar uma mão.

Vindo de joelhos, ele cortou o bandido, mas seu golpe era fraco e mal coordenado. O Tualaghi viu isso acontecer e defendeu com facilidade, enviando a espada de Aloom girando a distância de sua aderência. Então, ele levantou sua espada para acabar com o Arridi. Ele era um lutador experiente e julgou que ele tinha tempo para matar com um golpe rápido, antes que ele devesse voltar e enfrentar o estrangeiro.

Will atirou a faca Saxônica, seguindo até o alvo automaticamente, em um movimento que havia sido ensinado a ele, por várias e várias vezes nos últimos cinco anos.

O Tualaghi, com o braço levantado para o golpe matador, estava totalmente indefeso quando a faca Saxônica passava toda a distância que o separava de Will. Ele sentiu um forte impacto no seu lado, um impacto que o cambaleou.

Em seguida, uma dor enorme inflamando ao redor do ponto de impacto e ele quis saber o que era...

Então nada.

Will iniciou o passo até Aloom. Então ele parou. A partir da praça, as vozes estavam chamando novamente. Inicialmente, eram vozes solitárias, mas depois cada vez mais unidas. Ele franziu a testa, conseguindo distinguir as palavras.

"Libertem ela! Libertem ela!"

Ele percebeu que deve ser sobre Evanlyn e por um momento ele sentiu uma onda de esperança. Eles estavam indo para libertar seus amigos. Então os duros e intransigentes tons de Yusal atravessam as vozes da multidão.

"Isso é o suficiente! Basta!"

A multidão ficou em silêncio. Aloom, o rosto em dor, fez um gesto fraco para Will subir de volta para a torre.

"Vá! Vá! Depressa! Não há tempo!"

Ele tossiu e manchou de sangue escarlate à frente de seu manto. Mas ele continuou a apontar para a torre de vigia e Will percebeu que ele estava certo. Ele poderia ajudar Aloom mais tarde, mas agora, ele tinha que resgatar seus amigos e sinalizar Umar para trazer o resto de seus homens para o ataque.

Desatento da madeira apodrecida que gemia e fragmentada sob seus movimentos, ele subiu a torre. Considerando que antes ele havia se movido devagar e com cuidado, desta vez moveu-se à velocidade da luz, o raciocínio de que quanto menos tempo ele colocasse o seu peso em uma mão ou um pé, menos chance haveria de que isso poderia entrar em colapso sob ele. Vários feixes, na verdade, fragmentavam e quebravam depois que ele havia tirado o pé

e colocado no próximo. As peças batiam no chão abaixo.

"Mate-o agora!" Ele ouviu a ordem gritada por Yusal e ele sabia de alguma forma, que ele estava falando sobre Halt.

Então, ele estava em pé na relativamente sólida plataforma da torre. Ele tirou o arco fora de seu ombro para a mão esquerda. Sua mão direita automaticamente procurou uma flecha da aljava, tendo ela pressionada na corda antes que ele estava mesmo ciente da realização da ação.

De seu ponto de vista ele podia ver todas as baixas casas de teto plano desta parte da cidade, para a praça. Além da moagem a cabeça de várias centenas de espectadores,

Halt estava sendo arrastado para frente e obrigado a se ajoelhar ao lado no bloco do carrasco. Seus companheiros estavam em uma fila atrás dele. Yusal ficou de lado, uma figura sinistra com suas vestes escuras e a face velada. No outro lado estava um monstro. O Tualaghi gigante, nu da cintura para cima, a cabeça e o rosto coberto. Imensamente musculoso, brilhando com óleo, segurando uma espada imensa de duas mãos.

O carrasco. Hassaun, Will percebeu.

Ele viu Halt ajoelhar, em seguida, virar e dizer algo a Gilan, viu Yusal gesticular e os homens avançarem para virarem o rosto de Halt de volta para enfrentar a frente.

O carrasco adiantou. A espada começava a passar por cima da sua cabeça.

Will puxou a flecha de volta até a ponta do seu dedo indicador direito tocando o canto da boca. Sua mente e dos sentidos analisaram a situação de tiro em frações de segundo. Alcance? Um pouco mais de cento e vinte metros. A ponta da flecha ligeiramente levantou em seu quadro de observação. Vento? Nada para se preocupar.

O carrasco estava quase em plena forma agora, medindo seu golpe antes de a espada começar a descer. Will sabia que esse tiro tinha que estar certo. Não haveria tempo para uma segunda tentativa. Ele encolheu os ombros jogando fora a incerteza e a desconfiança que se seguiam minando o pensamento.

Preocupe-se que você pode errar um tiro e você quase certamente irá errar, Halt lhe tinha ensinado.

Ele ouviu o suspiro longo da expectativa da multidão, esvaziou sua mente de preocupações e incertezas e permitiu que a corda deslizasse livre de seus dedos, quase por sua própria iniciativa, enviando a flecha a seu caminho.



Gilan assistia impotente, a espada enorme subir mais alto no aperto de duas mãos de Hassaun. O rosto do Arqueiro jovem estava preso em uma careta de horror impotente. Ele viu seu amigo e professor prestes a morrer, dilacerado por uma combinação de tristeza e pensou que não podia fazer nada para impedi-lo. Ele tentou gritar o nome de Halt, mas a palavra sufocou na garganta e ele sentiu lágrimas correndo livremente pelo rosto.

A espada subiu mais ainda. Qualquer momento, ele sabia, ele iria começar o seu caminho para baixo.

Mas então, inexplicavelmente, continuou a subir, passando pela vertical, além do ponto onde o carrasco deveria ter começado seu curso matador.

Houve um súbito coro de surpresa de vários pontos no meio da multidão. Gilan franziu a testa. O que Hassaun estava fazendo?

A espada continuou em cima e sobre enquanto o carrasco, com os braços totalmente estendidos acima da cabeça, lentamente derrubava para trás, caindo com um estrondo, estremecendo a madeira nas costas. Só então os que estavam na plataforma viram o que tinha sido visível para a multidão na praça: a flecha cinza enterrada no peito do carrasco. A grande espada caiu livre quando Hassaun bateu nas pranchas, morto de pedra.

"É Will!" Gilan gritou, fazendo a varredura da multidão febrilmente para ver onde seu amigo estava escondido.

Ajoelhando pelo bloco, Halt abaixou a cabeça, fechou os olhos e murmurou uma prece de agradecimento.

Ao redor deles, um pandemônio irrompeu. Yusal assistiu, maravilhado, como o carrasco caiu morto antes dele. Então viu a flecha, e sabia instintivamente onde o próximo tiro seria destinado. A espada ainda na mão, ele hesitou um segundo, a tentação de acabar com a figura ajoelhada. Mas ele sabia que não tinha tempo. Ele se virou para a direita para fugir.

A segunda flecha já estava a caminho antes que a primeira derrubasse Hassaun. No momento em que ele lançou o primeiro tiro, Will soube, com os instintos de um matador de mestre, que era um bom tiro. Em menos tempo do

que levava a dizer isso, ele colocou outra flecha, puxou, avistou a figura vestida de preto Yusal e liberou.

Foi essa virada à direita que salvou a vida de Yusal. A flecha tinha sido mirada em seu coração. Em vez disso, ela pegou o músculo do braço esquerdo quando ele se virou. Ele gritou de dor e fúria, deixando cair a espada enquanto ele segurava a ferida com a mão direita. Tropeçando, ele cambaleou para trás da plataforma para escapar, dobrado de dor, segurando o seu braço esquerdo sangrando.

Will, no alto de seu ponto de vista, viu o movimento e percebeu que tinha perdido. Mas ele tinha outras prioridades no momento. Yusal estava fora de cogitação, mas ainda havia todos os Tualaghi armados na plataforma, ameaçando seus amigos. Suas mãos se moveram em um borrão de ação enquanto ele colocava a flecha, puxava, atirava, colocava a flecha, puxava, atirava, colocou, puxou, tirou que uma meia dúzia de flechas caíram sobre a praça, e os guardas começaram a cair com gritos de agonia e terror.

Quatro deles desceram, mortos ou feridos, antes que os outros recuperaram a sua inteligência. Confrontados com a perspectiva de ficar na plataforma, expostos ao tiro mortal do arqueiro invisível, eles escolheram escapar, saltando da plataforma para a praça abaixo.

Já agora, uma série de batalhas individuais tinha começado quando os pares infiltrados de tropas Bedullin-Arridi jogaram fora suas capas, puxaram das espadas e golpearam os guerreiros Tualaghi mais próximos. A praça estava logo uma borbulhante massa de confronto entre os guerreiros. Os habitantes da cidade de Maashava tentavam escapar da terra matar, mas muitos deles foram feridos enquanto os Tualaghi, lutando por suas vidas, sem saber de onde o ataque veio de repente, simplesmente batiam cegamente ao seu redor.

Na plataforma, alguns guardas permaneceram. Mas não por muito tempo. Erak e Svengal combinaram para pegar um corpo fora do chão e o jogaram em três dos seus camaradas. Os quatro corpos caíram e rolaram sobre a borda da plataforma para a multidão lutando abaixo. Gilan, entretanto, tomou o sabre caído de Yusal e estava cortando os laços Evanlyn com a borda de seu sabre.

Horace, vendo o que tinha acontecido, reagiu com toda a velocidade do guerreiro treinado que ele era. Ele correu para frente, onde Halt estava lutando para sair do bloco, elevando-se a seus pés e deslizando os braços amarrados por cima do bloco. Horace o ajudou a sair, então, virou-o para Gilan, a poucos metros de distância, agora liberando Erak e Svengal de suas cordas.

"Gilan corte as cordas", disse ele, dando ao Arqueiro um empurrão para mandá-lo em seu caminho. Em seguida, o jovem cavaleiro olhou da praça e do

espaço para além dela para uma visão de seu amigo. Ele viu uma figura no alto de uma torre de vigia sobre a parede. As roupas eram desconhecidas, mas o arco na mão era inconfundível. Tomando uma respiração profunda, Horace gritou uma palavra.

"Will!"

Sua voz foi treinada para ser ouvida sobre o ruído de um campo de batalha. Will o ouviu claramente. Horace o viu acenar brevemente. Horace levantou suas mãos atadas no ar acima de sua cabeça por alguns segundos, olhando para elas. Então ele dobrou para frente e colocou-as no lado mais distante do bloco de execução, puxando-os tão longe quanto podia para expor as cordas que seguravam os pulsos juntos. Ele virou o rosto, fechou os olhos e rezou para que seu amigo tivesse pegado a mensagem.

Hissssss-Slam!

Ele sentiu os laços partirem um pouco, abriu os olhos e viu a flecha tremendo na madeira do bloco de execução. Will tinha cortado uma das três cordas que mantinham Horace. As outras duas ainda estavam intactas.

"Você está escorregando", Horace murmurou para si mesmo. Mas a resposta para o problema residia na forma afiada da flecha. Levou apenas alguns segundos para Horace cortar as cordas restantes com a borda afiada da flecha, deixando as mãos livres.

Na praça abaixo deles, um pequeno grupo de meia dúzia de Tualaghi havia se reorganizado e estavam indo em uma luta contra a cunha para a escada até a plataforma. Horace sorriu para si mesmo, abaixou e pegou a maciça espada do carrasco de duas mãos, testando o seu peso e equilíbrio com alguns balanços experimentais.

"Não é ruim", disse ele.

Quando os dois primeiros Tualaghi subiram as escadas até a plataforma, eles foram recebidos por uma visão de seu pior pesadelo. O alto jovem estrangeiro bateu nos dois escudos, a grande espada girando, cantarolando uma canção de morte do fundo da garganta. O líder guerreiro conseguiu travar o golpe em seu escudo. A lâmina maciça colidiu com o pequeno círculo de metal e madeira, dobrando-o duas vezes em seu braço. O impacto impressionante sobre o golpe o enviou caindo de volta para baixo da escada, colidindo com dois homens a segui-lo.

O segundo homem, um pouco à sua direita, chamou de volta sua própria espada para atacar Horace. Mas o golpe de Horace já estava retornando e ele pegou a lâmina Tualaghi por poucos centímetros do punho da espada, cortando-a. Esse nômade era mais rápido do que seus companheiros. Mal

parando para reagir ao imenso dano em sua arma, ele a deixou cair e se jogou para frente, abaixando-se sob o voo rasante da espada de duas mãos quando Horace trouxe de volta. Quando ele chegou, ele sacou sua adaga do cinto e cortou para cima em um curso indireto, pegando Horace alto no ombro.

A linha vermelha fina formou imediatamente, então turvou quando o sangue começou a sair do corte. Horace mal sentiu o toque da lâmina, mas ele sentiu o sangue quente correndo pelo braço e sabia que ele tinha sido ferido. O quão ruim era a ferida ele não tinha idéia, e em qualquer caso, não houve tempo para se preocupar com isso agora, com o Tualaghi dentro do arco de sua espada gigante.

Mas havia mais do que na sua espada do que a lâmina longa e Horace simplesmente levou o punho de bronze maciço em um traçado curto, selvagem, batendo ele na cabeça do homem. O kheffiye absorveu um pouco do golpe, mas não o suficiente. Os olhos do homem rolaram em sua cabeça e, quando Horace colocar em seu ombro nele, ele partiu de volta para fora da plataforma na luta que havia caído no fundo da escadaria.

Horace ficou no topo da escada, pés afastados, a espada varrendo frente e para trás em suma, em arcos ameaçadores. Tendo em vista o destino do último grupo de homens que tentaram montar as etapas, nenhum dos outros Tualaghi estava ansioso para tentar a sua sorte.

Halt e Selethen ficaram para trás da plataforma. Aos poucos, a praça foi esvaziando quando os Maashavites encontraram seu caminho para as vielas e ruas que levavam longe. A luta, os grupos combatentes de Arridis, Bedullins e Tualaghins foram rapidamente se tornando os únicos a sobrar na praça. E a superioridade numérica Tualaghi foi se tornando evidente.

"Legal das pessoas da cidade dar uma mão", resmungou Halt. Ele e os Wakir ambos tinham se armados com espadas caídas dos guardas caídos. Gilan tinha uma espada também e os dois Escandinavos estavam brandindo lanças — também antiga propriedade dos seus guardas. Evanlyn estava atrapalhada com o cinto de couro largo que ela estava usando, desatando um comprimento de correia de couro que tinha formado um padrão decorativo na correia. Halt a olhou com curiosidade, querendo saber o que ela estava fazendo.

Então Selethen respondeu ao seu comentário e sua atenção foi distraída da menina.

"Eles estão acostumados a apresentações, não lutas. Eles pensam apenas em si mesmos", disse o Wakir. Ele esperava mais do povo de Maashava. Ele tinha ouvido que alguns deles tinham até aplaudido a sua execução futura.

Pouco a pouco, em resposta a um plano pré-estabelecido, os Arridi e

guerreiros Bedullins recuavam para formar um perímetro em torno da plataforma de execução. Selethen olhou ao redor da praça, uma carranca preocupada no rosto.

"Não pode haver mais de cinquenta deles", disse ele. "De onde é que eles vieram?"

"Will que os trouxe," Halt respondeu. Ele gesticulou para a Torre de Vigia toda quebrada, onde ele finalmente viu uma pequena figura situada entre as vigas, um arco pronto em suas mãos. Halt acenou agora e seu coração batendo quando a figura retornou sua saudação. Sem alvos imediatos a procurar, Will estava conservando suas flechas, esperando por outra visão de Yusal.

"Will?" Selethen disse, seu rosto confuso. "Seu aprendiz? Onde ele encontraria homens para nos salvar?"

Halt sorriu. "Ele tem os seus caminhos."

Selethen franziu a testa. "Uma pena que ele não encontrou uma maneira de trazer mais, então."

"Você acha que devemos ir para baixo e dar uma mão?" Halt apontou para a linha teimosa de guerreiros, formando um perímetro em torno da base da plataforma. Selethen olhou para ele, cortou sua espada para trás e para frente experimentalmente para testar seu equilíbrio, e balançou a cabeça.

"Eu penso que é tempo de fazermos isso", disse ele.



Hassan agarrou o ombro de Umar e apontou para a esquerda da torre que estava assistindo.

"Não!" disse ele. "Ele está naquela torre!"

Eles tinham ouvido o súbito silêncio da cidade que recebeu a morte de Hassaun — embora eles não tivessem maneira de saber a razão para isso. Em seguida, ouviram o choque das armas e os gritos da multidão. Obviamente, a batalha tinha começado, porém ainda não havia sinal do estrangeiro na Torre de Vigia. E não havia sinal do corneteiro de Aloom. Por sorte, ele tinha sido abatido, quase por acaso, na abertura da batalha. Como a maioria dos soldados aprendem mais cedo ou mais tarde, se algo pode dar errado, vai dar.

Então Hassan havia notado o movimento na torre adjacente quando Will abriu fogo com alta velocidade nas flechadas e tinha chamado a atenção de Umar para isso.

"Ele está na errada!" o Aseikh reclamou. Hassan balançou a cabeça.

"Então o quê? Ele está em uma torre. O que estamos esperando?" Umar resmungou e puxou a espada. Ele se virou para os homens agachados atrás dele no barranco.

"Venham!" gritou ele, e levou-os, gritando seus gritos de guerra, fora no caminho empoeirado que levava à Maashava.



Gilan se moveu para a categoria dos defensores em torno da plataforma e começou a brandir a espada curva estranha, como se tivesse usando ela com uma vida inteira. A velocidade e a força do seu ataque arrasador atravessavam as defesas dos Tualaghis como uma faca na manteiga. Homens caíram diante dele, ou correram longe, segurando feridas na dor, afundando-se lentamente para o chão. Mas, apesar da confusão em torno dele, Gilan estava procurando o rosto velado por um em particular — o homem que tinha tanto prazer em bater-lhe no caminho para a Maashava.

Agora ele o viu. E viu o reconhecimento nos olhos do homem enquanto ele empurrou seu caminho através da fila de homens de combate para enfrentar o jovem Arqueiro. Gilan sorriu para ele, mas era um sorriso totalmente desprovido de qualquer calor ou humor.

"Eu estava esperando que corrêssemos um contra o outro", disse ele. O Tualaghi não disse nada. Ele olhou para Gilan acima do véu azul. Já embutido de um profundo ódio desses estrangeiros arqueiros, tinha visto outra meia dúzia de seus companheiros cair para suas flechas, esta manhã. Agora, ele queria vingança. Mas antes que ele pudesse se mover, Gilan falou novamente.

"Eu acho que é hora de todos nós vermos a sua cara feia, não é?" disse ele. A espada na sua mão curvou quase que negligentemente para cima e transversalmente, com a velocidade impressionante de uma cobra.

Ele pegou o véu azul de lado, onde era anexado ao kheffiye, cortando-o e deixando o pano azul cair, de modo que pendia de um lado.

Não havia nada de extraordinário sobre o rosto que foi revelado — exceto pelo fato de que a metade inferior, geralmente coberto por um véu, era alguns tons mais leves no tom do que o, o vento dourado e metade do sol queimado superior. Mas os olhos, já cheios de ódio por Gilan e sua espécie, agora brilhavam de raiva quando o Tualaghi avançou, a espada em um curso para matar.

Ele bateu contra a defesa de Gilan, e o Tualaghi recuou para outro ataque, tentando um golpe com a mão neste momento. Mas Gilan pegou a

lâmina de outro homem na da sua própria espada, então, com um movimento de torção poderoso do pulso, girou a espada do outro lado e entrou em um ataque incrivelmente rápido. Ele golpeou repetitivamente o outro homem, os golpes parecendo vir de todos os ângulos, praticamente ao mesmo tempo. A espada na mão borrava com a velocidade dos seus revéis, golpes e cortes laterais.

O Tualaghi era um lutador experiente. Mas ele estava lutando contra um espadachim. Gilan o controlava, os defensores de cada lado dele avançaram com ele para proteger os seus flancos. A respiração Tualaghi era ofegante irregular. Gilan podia ver o suor no rosto quando ele tentava evitar que essa lâmina varrendo brilhante. Então sua guarda caiu por um momento e Gilan se esticando e pisando com o pé direito, levou para frente em uma estocada clássica, a espada curva revolvida pelo seu punho invertido, e afundou o ponto profundo no ombro do Tualaghi.

Gilan retirou sua espada quando a espada caiu da mão do outro homem. O sangue começou a sair da ferida, encharcando as vestes negras. Gilan baixou a ponta da espada. Como se por algum acordo tático, os combates em torno deles pararam por um momento enquanto outros combatentes assistiam.

"Você pode se render, se você escolher", disse ele calmamente. O Tualaghi acenou uma vez, seus olhos continuando a arder de ódio.

"Eu me rendo", disse ele, sua voz mal acima de um sussurro. Gilan assentiu. Ele deu um passo para trás e pisou no braço de um guerreiro Bedullin que havia caído no início da batalha. Ele olhou para baixo. Seus olhos estavam distraídos por não mais do que uma fração de segundo, mas foi o suficiente para o Tualaghi derrotado. Canhoto, ele tirou uma faca curva da cintura e pulou no Arqueiro jovem.

Houve um som de um assobio maciço, em seguida, um grande 'whump'!

O Tualaghi parou em meio salto, parecendo dobrar sobre a enorme lâmina que Horace tinha balançado em uma varredura horizontal. Horace retirou a espada e o guerreiro caiu no solo pedregoso da praça, com mais rigidez e resistência do que as vestes encharcadas de sangue si.

"Nunca tire os olhos deles", Horace disse a Gilan, em tom de advertência. "MacNeil nunca te disse isso?"

Gilan acenou com agradecimentos. A calmaria no conflito que tinha vindo quando ele empurrou o Tualaghi agora continuou quando os dois grupos de inimigos estavam um diante do outro. Era o momento em que a força Arridi-Bedullin poderia ter reivindicado vitória, mas uma voz ecoou em toda a praça e o momento passou.

Yusal estava mobilizando suas tropas para um último esforço.



"Cavaleiros do Véu Azul! Guerreiros Tualaghi! Ouçam-me!"

Os tons ralos ásperos de Yusal gritaram ao longo da praça do mercado, no silêncio repentino que havia recebido a pausa no combate. Como um, Tualaghis, Arridis, Bedullin e todos se viraram para olhar para ele.

Ele estava no lado oriental da praça, em pé sobre uma tenda do mercado para lhe permitir chamá-los. Halt observou o bruto curativo das feridas em torno de seu braço. O líder de guerra dos bandidos saiu da plataforma de execução nos momentos confusos quando Will começou a atirar. Agora, ele conseguiu se reagrupar. Uma força de vinte homens estava ao redor dele, as espadas prontas, rostos cobertos por véus onipresentes azuis.

A praça estava vazia agora de habitantes — exceto por aqueles que tinham sido apanhados na batalha entre as duas forças e agora jaziam em montes amassados no chão pedregoso.

Empoleirado no alto da torre, Will ouviu as palavras do Aseikh também. Mas Yusal estava oculto aos olhos de Will pelos edifícios ao longo do lado norte da praça.

"Olhe ao seu redor! Olhe para o inimigo! Há quase quarenta deles!" Yusal continuou. E ele estava certo. A força de invasão tinha sido duramente pressionada na batalha, e muitos deles tinham caído, nunca levantando novamente. O restante estavam agrupados na frente da plataforma onde Halt e os outros deveriam ter sido executados.

"Nós superamos os números deles! Se nós trabalharmos juntos, podemos esmagá-los!"

Havia um resmungo mal-humorado do parecer favorável das gargantas dos guerreiros Tualaghi. Eles também perderam os homens na luta difícil. Mas eles tinham começado com uma superioridade 4-1 e mantiveram a relação. Quando Yusal fez o seu ponto, eles começaram a perceber que ele estava bem ao seu alcance para esmagar o pequeno grupo que se opunha a eles.

"Seley El'then! Vou dar-lhe uma chance. Uma chance única. Jogue as suas armas e renda-se!"

Selethen riu asperamente. "Me render? Você acha que nós acreditamos que você nos mostrará misericórdia, Yusal? Você estava prestes a matar todos nós!"

Yusal estendeu as mãos na frente dele. "Eu vou oferecer-lhe a mercê de uma morte rápida," ele respondeu. "Caso contrário, você vai prolongar por vários dias em agonia. Você sabe que meus homens são mestres de tortura lenta."

Selethen olhou de soslaio para Halt. "Isso é verdade", disse ele calmamente. "Eu acho que seria melhor morrer com as armas em nossas mãos."

Halt foi responder, e então parou. Em algum lugar por perto, ele podia ouvir um zumbido fraco — um zumbido que aumentava gradualmente de tom e intensidade. Ele não tinha idéia do que era. Ele balançou a cabeça, negando o som estranho.

"Eu estou com você", disse ele. "Nós vamos continuar a lutar. Você nunca sabe quando algo vai aparecer."

Yusal esperou alguns minutos para a resposta de Selethen. Quando ele percebeu que nenhuma estava vindo, ele levantou o braço acima da cabeça, se preparando para dar um sinal aos seus homens para um ataque final esmagador no grupo menor.

"Muito bem. Você rejeitou a minha oferta. Agora você pagar. Cavaleiros Tualaghi, vamos -"

Suas palavras foram cortadas em um grunhido estrangulado de dor e suas mãos voaram até a testa. Um som sólido poderia ser ouvido claramente em torno da praça. Então as mãos Yusal caíram e revelaram uma máscara de sangue que cobria os olhos e a face superior, descendo para mergulhar em seu véu azul. Ele tomou um passo vacilante, perdendo o fio da tenda que estava equilibrado sobre, e caiu de corpo inteiro para o chão duro abaixo. Ele estava lá, imóvel.

Os Tualaghi agitaram, inquietos. O seu líder tinha sido cortado no meio da frase. No entanto, não havia nenhuma arma evidente que o ferira — só que o som feio seguido por um rio de sangue que fluía para baixo sua cara.

Os cavaleiros do deserto eram supersticiosos. Eles acreditavam que djinns e demônios e espíritos moravam nessas montanhas antigas. Agora, um deles, praticamente do ar, parecia ter abatido o seu líder com uma força terrível. Eles começaram a se afastar da linha defensiva dos guerreiros Arridis e Bedullins, murmurando uns aos outros, perguntando o que tinha acontecido com Yusal. Um de seus tenentes, mais corajoso do que o resto, saltou para cima

da barraca em lugar de seu líder e tentou re-organizá-los.

"Guerreiros Tualaghi!" ele gritou, a voz embargada. "Agora é a hora de -"

Novamente houve um som e, como Yusal, as mãos do homem voaram para se agarrar a uma ferida súbita que apareceu em sua testa. Ele cambaleou, pegou toldo da barraca, errou e caiu no chão. Ele ajoelhou-se ali, dobrado, segurando seu rosto e gemendo de dor.

Desta vez, Halt viu Evanlyn, na parte traseira da plataforma, diminuindo lentamente o estilingue. Ela chamou sua atenção e lhe deu um sorriso. Ele notou que o colar de pedras de mármore pesado já não estava em seu pescoço.

"Bem, o que você sabe sobre isso? Ele perguntou para ninguém em particular.

Desmoralizados, confusos e cheios de temor supersticioso, os Tualaghi começaram a recuar.

Depois, houve um coro de gritos de guerra e o choque de armas quando Umar e o resto de sua força de ruptura explodiram na praça. Os guerreiros Bedullin espalharam rapidamente em um semi-círculo e os Tualaghi se viram cercados, com Omar e os seus homens à sua volta e os quarenta defensores determinado antes deles.

Os Tualaghi eram essencialmente bandidos e ladrões. Eles iriam lutar sem piedade, mas apenas quando as chances eram solidamente em seu favor. A vantagem de 4-1 era o tipo de relação que eles procuravam em uma batalha. Quando os números eram praticamente iguais, e sem líder para estimulá-los, sua ânsia para a batalha tendia a desaparecer.

Lentamente no início, em seguida, com frequência crescente, as armas começaram a cair no chão a seus pés.



"Há uma última coisa para cuidarmos", Erak disse.

As tropas de Umar tinham desarmado os Tualaghi restantes e estavam ocupados os dominando, amarrando suas mãos atrás das costas e os deixando sentados de pernas cruzadas no quadrado. Yusal tinha sido amarrado e levado sob escolta para o armazém que ele tinha usado como uma prisão. O Aseikh ainda estava atordoado e apenas semiconsciente. A pedra de mármore pesado do estilingue de Evanlyn tinha deixado uma contusão grave.

"Toshak? Svengal respondeu a ele.

Erak assentiu. "Toshak. O suíno traiçoeiro sumiu em algum lugar em toda a confusão."

"Ele estava na frente da plataforma, quando a coisa toda começou," Halt apontou.

Evanlyn assentiu. "Mas ele começou a se mover para as colunas quando Will começou a atirar", disse ela. Ela olhou em volta. "Onde está Will, afinal? O que está o mantendo?"



Will ajoelhou-se debaixo dos escombros da torre, seu arco e aljava descartados, a cabeça de Aloom descansando sobre o joelho. O tenente Arridi estava morrendo. A perda de sangue de seus ferimentos múltiplos tinha sido muito grande. Quando Will caiu levemente na parede para cuidar dele, ele olhou para cima e viu o comerciante gordo que tinha o traído, ainda de pé, paralisado, olhando para eles.

"Encontre um cirurgião," ele ordenou, e quando o homem hesitou, ele repetiu o comando. "Vá! Pegue um cirurgião! Faça isso rapidamente!"

Os olhos do homem gordo o traíram. Eles deslizaram afastados de Will, e ele virou-se para ir embora. A voz fria de Will o parou.

"Esperel!"

O homem se virou para trás. Ainda assim, ele não iria fazer contato visual com o Arqueiro.

"Olhe para mim," Will comandou e, lentamente, o homem ergueu os olhos. "Se você fugir, se você não voltar, é certo que eu vou te caçar," Will disse. "Eu prometo que você não vai gostar disso."

Ele viu o medo de represálias certo lentamente superar a traição aos olhos do homem e do profissional concordou rapidamente. Então ele virou-se e se esgueirou para fora do beco por trás dele.

Aloom estava resmungando febrilmente. Will pegou a garrafa de água do cinto do Arridi e escorreu algumas gotas de água na boca do homem. Aloom limpou os olhos por alguns instantes e ele olhou para Will.

"Será que nós ganhamos?" ele perguntou.

Will assentiu com a cabeça. "Nós ganhamos", ele assegurou-lhe. Ele viu o alívio nos olhos de Aloom. Em seguida, o tenente tentou lutar para uma posição sentada, e Will teve que segurá-lo suavemente.

"Descanse", disse ele. "Há um cirurgião que vindo."

"O Wakir?" Aloom disse, depois parou e pegou diversas respirações irregulares, como se o mero esforço de falar esgotava ele. "Ele está seguro?"

Will assentiu com a cabeça novamente.

"Ele está bem. Eu o vi com Halt quando tudo acabou. Algo aconteceu com Yusal", acrescentou inconsequentemente, ainda tentando entender o que tinha acontecido na praça. Ele tinha ouvido a voz de repente de Yusal cortar em um grito de agonia. No entanto, ele sabia que nenhum de seus amigos tinha um arco com eles.

Aloom voltou em um estado de delírio, novamente, como se a notícia de que seu senhor estava seguro era o suficiente para ele. Seus braços e pernas começaram a tremer e sua respiração vinha em rajadas irregulares.

Will ouviu um tamborilar macio de passos se aproximando da pista e pegou o cabo da faca Saxônica. Ele havia recuperado do corpo do morto Tualaghi quando ele desceu do muro. Duas figuras surgiram das sombras do beco, e ele reconheceu o gordo comerciante. Ao lado dele estava um homem mais velho, carregando uma mochila de couro sobre um braço.

"Este homem é um curandeiro", disse o comerciante e seu companheiro veio para frente, caindo de joelhos ao lado do tenente resmungando. Ele olhou em volta, viu a capa descartada de Will deitada perto e rolou em um travesseiro improvisado. Então ele colocou sob a cabeça Aloom, permitindo que Will movesse livre. Ele examinou o homem ferido rapidamente e olhou para Will.

"Seu amigo?" ele perguntou.

Will assentiu com a cabeça. Ele só conhecia Aloom por alguns dias, mas o homem tinha segurado três espadachins para dar a Will a chance de salvar os outros. Você não poderia pedir mais de um amigo do que isso.

O cirurgião sacudiu a cabeça.

"Eu posso lhe dar algo para aliviar a dor — nada mais", disse ele. "Ele perdeu muito sangue."

Will assentiu com tristeza.

"Faça isso", disse ele e viu quando o curador pegou um pequeno frasco de sua mochila e permitiu que várias gotas de um líquido claro caíssem na boca do Aloom, em sua língua. Em poucos segundos, Aloom começou a respirar mais livremente. Seu peito subia e descia mais uniformemente. Então as respirações vieram mais lentas, até que, finalmente, elas pararam.

O cirurgião olhou para Will.

"Ele se foi", disse ele e Will assentiu com tristeza. Ele olhou para cima e viu o comerciante olhá-lo com medo. O homem, obviamente, estava lembrando de como ele havia traído os dois estranhos aos Tualaghi. Agora, um deles foi morto e o outro tinha mostrado que, jovem como ele era, ele não era um homem a atravessar. O comerciante torcia as mãos e seguiu em frente, implorando misericórdia. Ele caiu de joelhos.

"Senhor, por favor... Eu não sabia que você era..." Ele começou.

Will o cortou com um gesto de desprezo. O homem tinha traído eles, ele sabia. Mas ele também tinha retornado com um cirurgião. De repente, Will sentia que tinha matado o suficiente neste dia.

"Ah, vá embora", ele disse calmamente. "Somente... vá embora."

Os olhos do homem se arregalaram. Ele não podia acreditar na sua sorte. Ele levantou-se lentamente e afastou-se. Então, ele hesitou, certificando-se que Will não tinha mudado sua mente. Por fim, assegurado, ele afundou no beco. Will ouviu os sapatos macios tamborilando sobre as pedras quebradas por alguns minutos, em seguida, houve um silêncio. O cirurgião o considerava com simpatia. Ele tinha estabelecido Aloom com as mãos cruzadas sobre o peito. Will recuperou sua capa — Aloom não tinha mais utilidade para ela. Ele estendeu o próprio manto do tenente ainda sobre a forma, cobrindo o rosto. Então ele sentiu no bolso e entregou ao cirurgião uma moeda de prata.

"Fique com ele?" ele perguntou. "Fique olhando ele até eu voltar."

Ele estendeu a mão, recuperou seu arco e aljava e partiu para o corredor da praça do mercado.



Toshak espreitou ao virar da esquina de uma rua estreita que conduzia para a praça. O início da via larga que levava até o portão principal estava a quarenta metros de distância. Ele olhou e viu agora Erak e seus amigos se deslocando para as colunatas que alinhavam ao lado da praça. Alguém deve tê-lo visto correr naquela direção, ele pensou.

Ele sorriu sombriamente. Ele tinha ido desse jeito inicialmente. Mas então ele tinha o dobrado em volta, cortando através de um labirinto de ruas e becos de volta a surgir aqui. Ele tinha um cavalo selado e pronto, em um estábulo a algumas portas de volta ao quarteirão. Agora, seus inimigos estavam se afastando, deixando o caminho livre para que ele escapasse. E os Arqueiros, ele notou com satisfação, estavam sem os seus malditos arcos longos. Tudo o que ele precisava fazer era buscar o cavalo, levá-lo a este canto, montar e cavalgar para a sua vida.

Uma vez que ele estava fora de Maashava, quem sabe? Ele teria uma vantagem, um cavalo fresco e água em abundância. Ele estaria a sessenta quilômetros de distância da costa. Seu navio, Wolfclaw, estava amarrado em uma pequena baía e ele era um navegador experiente estelar. Ele ia viajar de noite, para que os Arqueiros condenados não pudessem segui-lo. Em dois dias, ele poderia estar a bordo.

Mas, primeiro, ele tinha que sair de Maashava. E esta era vista como sua melhor chance. Ele recuou lentamente a partir do canto de alguns passos, virou-se e correu levemente para o estábulo.



"O problema é que ele poderia ter ido a qualquer lugar, uma vez que ele veio até aqui", disse Horace. Halt assentiu, mordendo os lábios, pensativo. Para além das colunatas que alinharam da praça do mercado, eles encontraram um labirinto de ruas estreitas e sinuosas e edifícios lotados.

"Nós vamos ter que continuar procurando até encontrá-lo," disse. "Pelo

menos ele vai ser fácil de ser identificado."

"O que são todos esses gritos?" Evanlyn interrompeu. A partir da praça, eles poderiam ouvir vozes levantadas chamando o alarme. Em grupo, eles correram de volta através da porta traseira da casa de café que tinham acabado de sair, em seguida, foram para a praça mais uma vez.

"É Toshak!" Svengal gritou.

Diagonalmente oposto a eles, o traidor Escandinavo estava sentado montado num cavalo empinado, batendo à esquerda e à direita com um machado de batalha contra um grupo de guerreiros Bedullin que tentava detê-lo.

Ele bateu seu caminho livre, deixando dois deles deitados, e pôs o seu cavalo para a grande entrada para a estrada que conduzia ao portão principal. Svengal correu alguns passos e lançou sua lança até o cavaleiro, mas foi um gesto fútil e o míssil caiu, barulhento, vinte metros além.

Então, Halt ouviu aquele zumbido estranho novamente, subindo gradualmente de tom. Ele olhou em volta para ver Evanlyn, os pés apoiados distante, girando o couro muito fundo em torno de sua cabeça, deixando a velocidade aumentar.

"Ele está vestindo um capacete", ele advertiu. Toshak tinha sido preparado para lutar por seu caminho. Ele estava armado e Halt sabia que o estilingue seria inútil contra o capacete de ferro pesado.

"Eu sei", disse brevemente Evanlyn, a testa franzida de concentração.

Depois houve um tapa assobiando quando ela lançou a bola de mármore pesado até o Toshak em fuga. Ela voou em toda a praça, rápida demais para o olho a seguir, e bateu dolorosamente no alvo ela mirava — a garupa do cavalo.

Picado pelo impacto súbito ardor, o cavalo relinchou e perdeu sua posição sobre o calçamento da praça. Ele cambaleou para o lado em suas pernas traseiras, tentando recuperar o seu equilíbrio. O movimento, violento e a inesperada mudança de direção foram demais para Toshak e ele deslizou para trás, a caindo com um estrondo sobre as pedras.

"Bom tiro", Halt disse a Evanlyn. Ela sorriu.

"Eu imaginei que ele iria sentar-se em um cavalo como a maioria dos Escandinavos", disse ela.

Momentaneamente sem fôlego, Toshak levantou para encontrar-se rodeado por um anel de Bedullins vingativos. Os guerreiros do deserto o circulavam com cautela, mantidos à distância pela ameaça do maciço machado de batalha. Um verdadeiro Escandinavo, Toshak não tinha largado seu controle sobre a arma quando ele caiu.

Ele olhou para o círculo de inimigos, agora, decidido a vender caro a sua vida. Toshak podia ser um traidor, mas ele não era covarde.

"Tudo bem", disse ele, para ninguém em particular. "Quem vai ser o primeiro?"

"Eu acho que seria eu."

Erak fez o seu caminho através dos guerreiros Bedullin e ficou de frente para o inimigo. Toshak assentiu com a cabeça várias vezes, e sorriu. Ele sabia que ia morrer, mas pelo menos ele teria a satisfação de levar o odiado Oberjarl com ele. Ele olhou para baixo com desdém ao sabre Tualaghi que Erak estava carregando. Parecia não maior que uma adaga no enorme punho do Oberjarl.

"Você está lutando com um machado palito, Erak?" ele zombou. Erak estudou a arma e apertou os lábios. Ele olhou em volta do círculo assistindo e viu uma alternativa melhor. Tirou a sua kheffiyeh e envolveu a ao redor da palma e dos dedos da mão esquerda. Em seguida, ele jogou fora o sabre e estendeu a mão direita para Horace.

"Você acha que eu poderia pegar emprestado esse punhal de vocês, Horace?" disse ele.

Horace adiantou, inverteu a espada enorme do carrasco e colocou o punhal na mão estendida Erak. "Seja meu convidado", disse ele.

Erak girou a espada longa frente e para trás várias vezes e depois balançou a cabeça em satisfação.

"Isso vai fazer", disse ele. "Agora passo para trás, todos. Eu tenho trabalho a fazer."

O círculo de espectadores rapidamente recuou alguns passos quando ele lançou-se em Toshak, balançando a espada para baixo em um golpe que teria dividido o traidor para baixo da cintura.

Houve um som estridente soando enorme quando Toshak pegou o golpe em cima da cabeça do machado de duas lâminas. Ele torceu o pulso, empurrando a espada de um lado, depois foi a vez dele e ele virou em um golpe rodando o braço com o machado.

Erak pulou para trás apenas a tempo, a cabeça pesada de lâmina dupla cortando através do ar a poucos milímetros de suas costelas. Ele já estava contra-atacando com a espada e nesse tempo Toshak balançava de um lado, deixando a lâmina enorme fatar para baixo logo acima dele, golpeando as faíscas das pedras no chão.

Ele tentou um corte em cima e agora Evanlyn entendeu porque Erak tinha rodeado a mão com o kheffiyeh. Ele segurou a lâmina com a mão esquerda e o punho em sua direita para bloquear a força do golpe do machado.

Um aperto no punho sozinho não teria força suficiente para parar o machado enorme, ela percebeu.

Os dois homens encararam uns contra os outros durante alguns segundos, as suas armas travadas juntas. Ambos eram enormes, cada um tão poderoso quanto um boi. Mas Erak tinha estado preso por algumas semanas e agora a sua força foi reduzida pela dieta pobre e o castigo que ele tinha tomado de seus captores. Em uma competição em linha reta fora da força bruta como esta, Toshak tinha a vantagem e começou a forçar o Oberjarl a recuar, um ritmo de uma vez.

Percebendo que ele estava perdendo, Erak atingiu rapidamente com um chute surpresa a coxa de Toshak. O golpe cambaleou o traidor e Erak foi capaz de girar longe, saltando de repente para evitar um curso relâmpago rápido de machado quando Toshak recuperou seu equilíbrio.

Então eles correram para o outro de novo e ficaram frente a frente, batendo golpes uns nos outros. Desviando e bloqueando, deslizando de um lado para fugir um do outro e batendo as armas um para o outro em um julgamento final de força e velocidade. Não havia ciência ou sutileza nisso. Cada um usava a vantagem que sua arma lhe dava — Erak o alcance extra da espada, Toshak o peso do maciço do machado de batalha.

E foi o peso que começou a contar enquanto ele fazia chover golpe após golpe baixo em Erak, forçando o enfraquecido Oberjarl para a defensiva.

Svengal assistia em uma agonia de concentração enquanto o seu líder começava a ceder terreno, alguns centímetros em um momento primeiro, em seguida, em quantidades progressivamente maiores. A luz da vitória surgiu nos olhos Toshak quando viu o Oberjarl vacilante, sentiu-lhe cedendo. Ele redobrou o esforço que ele estava colocando em seus golpes, sentindo a resistência de Erak enfraquecer, vendo seus joelhos se dobrarem ligeiramente com cada golpe. Agora Toshak estava balançando dois golpes para cada um de Erak e o ímpeto da batalha estava com ele e poderia ser apenas uma questão de tempo.

Os olhos de Erak estavam assombrados e sua respiração saía em arquejos irregulares.

Ele recebeu um golpe final avassalador do machado na lâmina da espada e a enorme força o jogou para trás curvando os joelhos e fazendo recuar e descer para a calçada.

Houve um gemido dos espectadores quando eles viram a queda do Oberjarl. Toshak deu um salto com um grunhido de triunfo, o machado poderoso crescendo em um aperto de duas mãos para o golpe final. Então ele

viu algo estranho.

Erak estava sorrindo.

Tarde demais, Toshak percebeu que ele tinha sido enganado. Erak não estava nem de longe tão cansado e infeliz como ele parecia. E ele estava segurando uma arma com um alcance muito maior do que qualquer machado de batalha. Com um rugido poderoso, Erak usou seu braço esquerdo para empurrar-se acima das pedras, enquanto ele dirigia a espada em toda a profundidade do corpo desprotegido de Toshak. Então, lançando a espada, ele evitou o golpe do machado que chegou meio segundo tarde demais e viu seu inimigo, empalado pela espada terrível, cambalear, derrubar o machado e cair no chão.

Os olhos de Toshak estavam abertos, com dor e medo. Seus dedos raspavam desajeitadamente sobre as pedras e ele estava murmurando algo para Erak. O Oberjarl entendeu e balançou a cabeça. Com a ponta da bota, ele cutucou o machado ao lado da mão raspando do inimigo. Os dedos de Toshak se fecharam sobre o punho e ele balançou a cabeça uma vez.

Escandinavos, Horace sabia, acreditavam que, se eles estavam a morrer no campo de batalha sem uma arma em sua mão, sua alma iria vagar por toda a eternidade. Mesmo Toshak não merecia isso.

"Obri...gado..." Toshak suspirou, as palavras quase inaudíveis. Então os olhos fecharam e ele morreu.

"Você deveria ter deixado ele vagar" Svengal disse friamente. Erak olhou para ele, as sobrancelhas levantadas.

"Você deixaria?" ele perguntou e Svengal hesitou. No final, Toshak lutou bem e isso contou demais com Escandinavos.

'Não', ele admitiu.



A coluna longa ferida lentamente atravessava o deserto, rumo ao oásis onde a tribo Khoresh Bedullin estava acampada.

Os guerreiros montados Bedullin arrebanhavam uma fila de prisioneiros algemados Tualaghi antes deles, os bandidos forçaram a andar quando seus captores montavam. Os Tualaghi, não mais que flagelo do deserto, eram um grupo lamentável — mais como mendigos do que os invasores temidos que tinham sido. Em um símbolo final de sua queda, Selethen e três de seus oficiais haviam caminhado entre os bandidos, rasgando o véu azul do seu rosto e jogando-os no chão. Conscientes da maneira que eles trataram o seu guarda-costas, o Wakir também removeu suas botas, deixando os cortar e machucar os pés para a viagem.

Ao contrário de Yusal, no entanto, ele forneceu-os com água suficiente.

Antes que o grupo deixar Maashava, Selethen convocou o povo na praça do mercado. Erguendo-se acima deles, na plataforma que tinham sido destinados para a sua execução, ele discursou a multidão, lembrando-lhes de como eles haviam chorado por seu sangue apenas alguns dias antes. As pessoas da cidade abaixaram a cabeça e embaralharam seus pés culpadas. Ele garantiu que ele estaria em contato com o Wakir de sua província e que um pesado imposto seria cobrado. A primeira parte deste imposto seria uma exigência para Maashava reformar suas muralhas e torres de vigia e organizar uma força de defesa eficaz, ele disse a eles. Os Maashavites assentiram com tristeza. As muralhas estavam em estado precário e repará-las significaria meses de trabalho quente pesado. Mas, filosoficamente, eles aceitavam as suas palavras. Ele estava certo, afinal. Eles deveriam estar melhores preparados para se defenderem contra futuros saqueadores.

Houve pelo menos um pouco de boa notícia para alegrar o espírito dos habitantes da cidade. Selethen decidiu deixar trinta Tualaghi capturados para trás para fazer o trabalho pesado.

"Eles terão um tempo duro com isso", Erak disse ao Wakir quando ouviu sobre essa disposição. Selethen virou os olhos impiedosos com ele.

"Eles mataram os homens que o escoltavam, lembra?" ele disse friamente e Erak assentiu. Ele não tinha nenhuma simpatia real com os Tualaghi.

Os prisioneiros restantes seriam levados do Jass Par Oasis à Mararoc, onde iriam passar suas vidas no trabalho duro. Seletchen tinha negociado com Umar por uma escolta de guerreiros Bedullin para conduzi-los até lá. Umar concordou prontamente. Ele ficaria feliz em ver tantos inimigos em potencial levados e mantidos em cadeias. Como Erak, ele não tinha simpatia por eles.



O grupo da guerra, e os seus membros adicionais, receberam uma ruidosa e entusiástica saudação quando eles chegaram ao oásis. As mulheres Bedullin se situavam em duas linhas de boas-vindas, em um canto, enquanto seus homens andavam lentamente de volta para o bosque de árvores enormes.

Os prisioneiros Tualaghi, seguindo atrás, foram recebidos com um silêncio sinistro. Eles passaram pela linha dupla de mulheres em silêncio, suas cabeças inclinadas e seus olhos para baixo. Eles ainda não estavam acostumados a mostrar ao mundo seus rostos e eles estavam muito conscientes de que suas vidas descansavam no fio da navalha.

O ex-líder, Yusal, viajou em uma maca por trás de um camelo. Ele ainda estava atordoado do golpe maciço ele tinha levado para a testa quando míssil pesado de mármore de Evanlyn o ferira. Nas raras ocasiões quando ele recuperou a consciência, ele delirava e falava coisas sem sentido. Às vezes ele foi visto com lágrimas escorrendo pelo rosto. Evanlyn considerava o resultado de sua obra com algumas dúvidas.

"Você acha que ele vai recuperar seus sentidos?" ela perguntou o curandeiro que tinha acompanhado o grupo de guerra Bedullin. O homem mais velho tocou o hematoma enorme azul e amarelo, que desfigurou a testa do Tualaghi e encolheu os ombros.

"As feridas na cabeça são incertas," ele disse a ela. "Talvez amanhã ele vá melhorar. Talvez em um ano. Talvez não." Ele sorriu para ela. "Não se preocupe muito jovem senhorita. Ele não merece qualquer piedade."

Ela assentiu com a cabeça. Mas ela não estava completamente consolada. Ela não gostou do fato de que ela tinha reduzido um homem — não importa o quão mal ele poderia ser — a um idiota babando.

Seu animo melhorou na segunda noite de volta ao oásis, quando o Khoresh Bedullin organizou uma festa e celebração de boas-vindas.

Eles comeram cordeiro assado temperado, pimentas escurecidas no fogo

até que as suas camadas exteriores resistentes poderiam ser desmascaradas, em seguida, recheadas com arroz aromatizado e um cereal chamado pelos Bedullin de cuscuz — leve e macio, temperado com açafrão e cominho e o cardamomo e adornado com gorda sultanas e flocos finos de amêndoas tostadas.

Havia outros deliciosos pratos de carne de carneiro ou frango, cozidos em um estranho cone de barro chamado tagines e misturados com mais especiarias, tâmaras, damascos e vegetais de raiz. As tampas em forma de cone do vapor tagines mantinham o sabor do líquido de cozimento, deixando assim a carne tão suculenta e macia que caía do osso.

A refeição era comida com as mãos e pedaços de pão fresco eram tom até fazer implemento. Foi uma noite deliciosa, de dedos gordurosos de comer em excesso — um pedaço de indulgência o grupo sentiu que devia após as dificuldades de sua campanha no deserto.

Halt, Gilan, Evanlyn, Horace e os dois Escandinavos foram agraciados com uma posição de destaque no círculo sentados ao redor do fogo maciço. Selethen e Will, no entanto, estavam nos principais lugares de honra, sentados à direita de Omar e sua esposa, Cielema, respectivamente. Evanlyn sorriu para Horace e apontou o dedo para o jovem Arqueiro, atualmente envolvido em animada conversa com o líder Bedullin e sua esposa. As duas mais velhas pessoas caíram na gargalhada em algo que ele havia dito e ele abaixou a cabeça, sorrindo, satisfeito que ele os divertiu.

"Ele cai em seus pés por onde passa, não é?" ela disse, um pouco melancólica. Horace olhou através do fogo para seu velho amigo e balançou a cabeça.

"As pessoas gostam dele", respondeu ele. Em seguida, ele acrescentou, "Há muito nele para gostar, afinal."

"Sim", disse Evanlyn, os olhos fixos em Will. Por um momento, estudando-a, Horace viu uma sombra de tristeza breve passar em seu rosto. Ele movimentou-a com um cotovelo, um pouco mais entusiasmo que os bons costumes ditavam.

"Sling nos um pêssego?" disse ele. Ela levantou uma sobrancelha para ele e sorriu.

"Você não quer dizer isso, literalmente, não é?" disse ela. Ele sorriu, feliz por ver que se livraram de sua melancolia, sabendo que ela não seria capaz de resistir ao trocadilho com o uso da palavra sling (sling — estilingue e lançar/atirar/arremessar, por isso o trocadilho). Ele ergueu as mãos diante da sua face de horror simulada.

"Por favor! Poupe-me disso!" ele disse, e que ambos riram.

Os Bedullin, como regra geral, não usam álcool, mas em deferência aos dois Escandinavos frascos de vários arariki, uma aguardente feita a partir de tâmaras fermentadas e pêssegos, foram fornecidos. Agora Erak e Svengal, na sua própria insistência, decidiram que iriam realizar um mar cântico para a apreciação e educação do grupo reunido. Ficaram com as pernas um pouco instáveis e começou a sair do conto abaixo indecente de um pinguim que se apaixonou perdidamente por uma baleia jubarte.

Como a audiência habitada do deserto nunca tinha visto nenhum dos dois animais e, portanto não tinha idéia da diferença em seus tamanhos, grande parte do humor caiu. Então, fez muito da melodia. Mas eles aplaudiram o entusiasmo dos cantores, o grande volume em que eles realizaram, e os dois lobos de mar retomaram seus lugares, confiantes de que havia defendido a honra de Escandinávia.

Halt estava tranqüilo, Gilan pensou. Mas então, Halt normalmente era quieto em eventos como este. Os olhos de Halt tinham a intenção no jovem rosto animado de seu aprendiz quando ele falava e ria com o Aseikh Bedullin e sua esposa.

"Ele fez bem", disse Gilan e Halt se virou para ele, um sorriso raro tocando o rosto barbado.

"Ele fez," ele concordou.

"Te disse que ele faria" Gilan, disse, sorrindo.

Halt assentiu reconhecimento. "Sim. Você fez. Você estava certo".

Gilan girou para encarar Halt mais diretamente, lembrando algo que Halt havia dito alguns dias antes.

"Mas você sabia, não é? Você disse para nós quando estávamos em Maashava que Yusal tinha esquecido que Will estava lá fora. Então, você sabia que ele havia sobrevivido. Como foi isso?"

O rosto de Halt tornou-se sério enquanto ele considerava a pergunta. "Eu acho que sabia é um termo muito definido. Eu sentia isso. Eu sempre tive um senso sobre Will. Há um sentimento de destino para esse menino. Eu senti isso desde o primeiro dia que ele se juntou a mim."

"E agora está quase na hora de soltá-lo", disse gentilmente Gilan. Ele viu uma mistura de tristeza e orgulho competir nos olhos Halt. Em seguida, o grisalho Arqueiro suspirou.

"Sim, está", disse ele.



Após a festa acabar, o grupo de Evanlyn sentou-se com Umar e Selethen em torno de um pequeno incêndio. Cielema passava com café.

"Talvez seja hora de falarmos um pequeno negócio", Selethen começou, os olhos no Evanlyn. "Há a pequena questão do resgate de Erak."

Ele fez uma pausa, esperando por Evanlyn para produzir o mandato de dinheiro e seu anel de vedação. Ambos os itens foram recuperados de Yusal. Evanlyn, no entanto, não mostrou nenhum sinal de fazê-lo.

"Seu resgate?" ela perguntou e ele assentiu com a cabeça, impaciente. "Sim. Você concordou em resgatá-lo. Tenho certeza que você pode lembrar isso," ele acrescentou com ironia.

Evanlyn assentiu com a cabeça várias vezes, passou a falar, depois parou, a mão levantada no ar. Então, como se incerta, disse ao Wakir, "Só explique o conceito de resgate para mim, você faria?"

Selethen franziu a testa. Ele tinha a esperança de apressar este assunto e ter resolvido antes de qualquer pensamento muito profundo sobre isso. Parecia que ele não ia fugir com ela.

"Acho que todos nós sabemos que é um resgate", disse ele, evasivo. Evanlyn sorriu para ele.

"Humor de mim. Eu sou uma garota de cabeça oca."

Através do fogo, Cielema escondeu um sorriso por trás da mão. Umar, que tinha sabido do pano de fundo desta discussão por Will, inclinou-se prestativo.

"Se eu pudesse ajudar aqui. O resgate é pago por uma parte, quando uma segunda parte é um refém de terceiros."

"Isso é um monte de partes," Horace sussurrou para Will e o Arqueiro jovem sorriu.

"Entãoooo," Evanlyn disse: "se eu fosse a primeira parte, gostaria de pagar uma quantia acordada para a segunda parte que está segurando a terceira? Isso está correto?"

"Correto", disse Selethen, de lábios finos. Evanlyn franziu o cenho para ele, uma expressão perplexa no rosto.

"Você não pode esperar realmente que eu pague sessenta e seis mil rolos de prata por Yusal, pode?"

"Por Yusal!" o Wakir exclamou, aproximando-se engasgando com o café. "Por que em nome de tudo que é santo você pagaria por Yusal?"

Evanlyn estendeu as mãos num gesto ingênuo. "Bem, ele era a segunda parte, não era? Ele estava mantendo Erak refém quando o encontramos. Não você", ela acrescentou, depois de uma pausa significativa.

"Isso é um detalhe técnico", Selethen começou em tom vociferante. Mas ele tinha um sentimento de naufrágio. Ele estava sendo enganado. Ele pensou que poderia ser uma boa tática de mudar de assunto, então trabalhar de volta à questão do resgate posteriormente. "Além disso, o futuro de Yusal ainda está para ser decidido", disse ele.

"É um bom ponto", Halt acrescentou "O que vai acontecer com Yusal?"

Selethen gesticulou para Umar. "Isso é para os Bedullin decidirem, eu diria. O que você quer fazer com ele, Aseikh Umar?"

Umar encolheu os ombros. "Eu não quero ele. Você pode ter-lhe se você quer ele."

Selethen sorriu pela primeira vez desde que esta discussão começou.

"Oh sim, eu quero ele. O homem é um assassino e um rebelde e temos uma cela pronta e esperando por ele em Mararoc. Ele tem sido um espinho no nosso lado por mais tempo do que eu lembro. Com ele fora do caminho, os Tualaghi serão muito mais fáceis de manusear. Por uma questão de fato, o Emtikir vem oferecendo uma substancial re-"

Ele interrompeu-se uma fração de segundo mais tarde, percebendo que tinha falado demais. Ele fingiu um acesso de tosse para cobrir a sua caducidade.

Evanlyn esperou até ele terminar, em seguida, puxou-o pela manga, forçando-o a fazer contato visual.

"Uma substancial 're'", disse ela, imitando sua hesitação. "Teria que ser 'recompensa' que você ia dizer?"

"Sim". A palavra foi forçada a sair por entre os lábios finos Selethen de repente.

"Agora vamos ver se eu entendi," Evanlyn disse pensativa. "Quem realmente capturou Yusal? Quero dizer, quem realmente o derrotou? Ela olhou para as estrelas, sua testa franzida no pensamento. Em seguida, ele limpou e disse alegremente: "Oh, eu me lembro! Eu fiz! Com o meu pequeno estilingue!"

"Ela está certa," Umar disse, sorrindo ferozmente. "Se alguém tem o direito de determinar seu destino, é ela."

"Então eu tenho direito a essa 'substancial recompensa' que você mencionou?"

Selethen estava em uma situação constrangedora. Se eles tivessem vindo a realizar essa discussão em Al shabah ou Mararoc, ele teria a vantagem de negociação que vinha com um grande número de homens armados para defender seu argumento. Mas a única força grande aqui eram os Bedullin — e seu líder parecia estar de acordo com Evanlyn. Em cima disso, o Wakir admitiu, houve certa validade para todas as suas reivindicações. Ele não estava

segurando o Escandinavo Erak quando foi resgatado — e a princesa Araluan foi quem derrubou Yusal. Tecnicamente, o líder da guerra Tualaghi era seu prisioneiro. Tecnicamente, ela não devia nada Selethen e que lhe devia a recompensa. Isso não era como ele tinha planejado as coisas, ele pensou.

"Tudo bem, vamos começar para baixo", disse Evanlyn, deixando o ato menina e de repente tornando-se toda a negócios. "Selethen, creio que lhe devo alguma coisa. Mas não sessenta e seis mil carretéis. E nós definitivamente devemos algo a Umar e aos Bedullin porque, sem eles, Erak ainda estaria no cativeiro de Yusal."

"Nós não fizemos isso por dinheiro. Fizemos por amizade", disse Umar, indicando Will quando ele mencionou a amizade. Evanlyn assentiu em reconhecimento.

"Você sempre pode devolvê-lo se quiser," ela disse, e como Umar apressou-se a fazer um gesto negativo, sorriu. "Então aqui está a oferecer: eu estou disposto a pagar Umar e seu povo vinte mil carretéis por sua ajuda."

Ela fez uma pausa, tendo nos olhares de concordância e aprovação em torno do fogo. Era uma quantia razoável. Ela continuou:

"Eu vou pagar o mesmo valor para você, Selethen. Vinte mil. Eu acho que você devia alguma coisa." Antes de que Wakir pudesse dizer alguma coisa, ela acrescentou: "E eu vou renunciar a 'substancial recompensa' para Yusal. Você pode tê-lo. Mantê-lo. Cortar-lhe as orelhas. Deixá-lo cair em um poço, se quiser. Eu não quero ele. É isso justo?"

Selethen hesitou, então seu próprio senso de justiça cortou isso. A oferta era efetivamente mais de quarenta mil. Ela poderia oferecer nada e fugir com isso.

"É justo. Eu aceito com gratidão", disse ele.

Erak assentiu sua aprovação também. Ele pensou que Evanlyn tinha tratado o assunto como todo grande estadista. Toda estadista, ele se corrigiu.

"Você é muito generosa, princesa", disse ele, sorrindo com indulgência para ela. Evanlyn olhou para ele, uma sobrelanceira levantada.

"Não, eu não sou", disse ela. "Você é. Você está reembolsando os quarenta mil para meu pai, lembra-te?"

"Oh, sim... naturalmente," Erak disse. Ele sentiu uma sensação de pontadas no coração. Escandinavos as vezes tinham essa sensação quando eles perdiam dinheiro. De repente, ele não se sentia sorridente mais.



O encontro terminou pouco depois e Evanlyn passeava de volta à sua tenda, descansando a mão levemente no braço de Halt. Quando eles estavam fora do alcance da voz de ambas as orelhas Bedullin e Arridi, ela se virou para ele, um pouco ansiosa.

"Assim, Halt, como eu fui?"

Como todos eles, ela pensou, ela queria a aprovação de Halt acima de tudo. Ele virou aquela face sombria barbuda sobre ela e balançou a cabeça lentamente.

"Senhor me perdoe, eu criei um monstro", disse ele. Então ele sorriu e acariciou-lhe a mão suavemente. "E eu estou muito orgulhoso de você."

EPÍLOGO



Will e Halt se sentaram de frente uns dos outros, em ambos os lados da mesa de madeira lisa na cabine de Halt na borda da floresta.

Pela quinta vez nos últimos minutos, Will olhou para baixo para certificar-se que seu uniforme estava limpo e arrumado, a bainha de couro do cinto dupla encerada e brilhante. Tanto discretamente quanto podia, ele estendeu a mão e alisou o cabelo. Então ele verificou as unhas, certificando-se de que, quarenta segundos desde que ele tinha verificado pela última vez, eles não tinham de alguma forma tornado-se incrustadas com sujeira e graxa.

"Não é um desfile de moda", disse Halt. Ele parecia totalmente à vontade. Mas então, Halt sempre parecia à vontade. Will, por outro lado, estava nervoso como um gato. Havia uma coisa que estava agradecido que era que ele não tinha que vestir o novo uniforme formal que Crowley tinha planejado para o casamento de Halt. A tradição diz que os aprendizes usavam o uniforme normal de todos os dias para o dia da formatura. Will duvidava que ele poderia ter mantido a camisa de seda branca e túnica de couro fino limpa em um dia. Até agora, certamente teria derramado algo sobre si mesmo.

"Queria saber o que está segurando Crowley?" Halt disse preguiçosamente. E, como se na sugestão, eles ouviram passos na varanda pequena na frente da cabine. A porta abriu de repente e Crowley entrou, cabeça para baixo, uma pasta de couro debaixo do braço.

"Certo! Certo! Desculpa por mantê-lo esperando! Fiquei preso em um caminho, mas aqui estou eu finalmente, né?"

Na aparição repentina do comandante do Corpo, Will tinha saltado para fora do seu lugar para ficar em atenção. Agora, ele se perguntou por que, uma vez que ele jamais sentira a necessidade de fazê-lo na presença de Crowley. Crowley olhou para ele, um pouco confuso, e acenou de volta em seu lugar.

"Sente-se, Will, há um bom companheiro. Nós não estamos em cerimônia muito, você sabe."

"Sim, senhor", disse Will.

Halt levantou uma sobancelha para Crowley. "Ele nunca me chamou de

senhor", disse ele.

Crowley deu de ombros. "Provavelmente tentando entrar no meu lado bom. Certifique-se que eu não mudo minha mente e o mandarei estudar por um ano antes da formatura."

Halt assentiu sabiamente. "Isso poderia servir."

Will olhou de um para o outro, nervoso, molhando os lábios. Ele não tinha certeza do que ele esperava no dia da formatura. Ele tinha assumido que haveria mais de uma cerimônia. Mais de um senso de ocasião. Mas então, como Crowley disse, eles eram Arqueiros. Talvez o Dia da Graduação era como qualquer outro dia. Exceto que você se graduava.

Crowley puxou outra cadeira para a mesa e sentou-se, derramando documentos para fora da pasta de couro, levando a uma caneta de pena e tinta também. Ele molhou a pena e começou a folhear as páginas, resmungando para si mesmo enquanto lia os formulários oficiais.

"Certo! Vamos continuar com isso! Tudo bem ... você ... Will... tem treinado como aprendiz do Arqueiro Halt do Feudo Redmont nestes últimos cinco anos e blá blá blá e assim por diante e assim por diante. Você mostrou o nível necessário de proficiência no uso das armas que um Arqueiro usa — o arco longo, a faca Saxônica, a faca de arremesso."

Ele fez uma pausa e olhou para Halt. "Ele mostrou essa proficiência, não? É claro que ele mostrou", ele prosseguiu, antes que Halt pudesse responder. "Além disso, você é um oficial de confiança no serviço do Rei e assim por diante e assim por diante e oi Diddle Diddle Dee Dee ..." Ele olhou para cima novamente. "Essas formalidades realmente continuam um pouco, não? Mas eu tenho que fazer uma simulação de lê-las. E assim por diante e assim por diante e, como tal". Ele fez uma pausa, balançou a cabeça várias vezes, e depois continuou.

"Então, basicamente..." Ele virou mais algumas páginas, encontrou o que ele estava procurando e, em seguida, continuou, "Você está em todos os meios prontos para assumir a posição e a autoridade de um Arqueiro totalmente operacional no Reino de Araluen. Correto?"

Ele olhou para cima novamente, as sobrancelhas levantadas. Will percebeu que ele estava esperando por uma resposta.

"Correto", disse ele às pressas, em seguida, caso isso não fosse suficiente, ele acrescentou, "Sim. Quero dizer ... Eu faço ... Eu estou. Sim".

"Bem, bom para você. Então... Um outro detalhe. Você sabe que nós precisamos dar-lhe mais do que um título de Arqueiro Will, pois existem três outros Wills no Corpo. Não é um problema que se aplica ao Halt, é claro,

porque há apenas uma único Halt.

Normalmente nós usamos seu nome de família, mas você era órfão. Assim, no seu caso, buscamos um nome que refletisse suas conquistas ao longo dos últimos cinco anos. Nós olhamos Will Matador de Javali. Ele fez um movimento de aversão. "Não gosto disso. Alguém sugeriu Will o' a Ponte para comemorar a destruição da ponte de Morgarath. Mas soou muito parecido com Will o 'o espanador assim largamos esse também.

"Finalmente, o seu mentor," ele acenou para Halt, "sugeriu um nome que tivesse a ver com uma de suas contribuições mais significativas para o Reino. Ele lembrou que você era um daqueles instrumentais na criação do tratado entre Araluen e Escandinávia — um marco muito importante na história do nosso país. Então a sugestão é que você seja conhecido a partir de agora Will do Tratado. Como isso se parece?

Will balançou a cabeça lentamente. "Eu gosto muito desse. Obrigado, Crowley... senhor", ele emendou, sentindo que a ocasião exigia a formalidade.

"Excelente! Então Will do Tratado você será! Crowley escreveu o nome no fundo de um formulário e ele virou para encarar Will, entregando-lhe a caneta de pena. "Basta assinar lá no fundo e nós estamos feitos."

Ele viu quando Will coçou a assinatura na parte inferior do formulário de pergaminho, em seguida, bateu as mãos sobre o tampo da mesa em satisfação.

"Pronto, tudo feito! Parabéns, Will, você é um Arqueiro agora. Bem feito! Existe alguma coisa para beber?" Ele dirigiu essa última parte para Halt.

Will sentou atordoadado. Era isso? Ele tinha esperado... ele não sabia o que ele tinha esperado, mas ele certamente não esperava este rápido e cortado "Assine aqui e você está aprovado como Arqueiro."

"É só isso?" ele deixou escapar.

Crowley e Halt trocaram olhares pouco confusos. Em seguida, Crowley franziu os lábios, pensativo.

"Um... parece ser... Listado a sua formação, mencionadas algumas realizações, a certeza que você sabe que final de uma flecha é a parte afiada ... decidido sobre o seu novo nome ... Eu acho que é ... " Então pareceu que a compreensão amanheceu sobre ele e seus olhos se arregalaram.

"Claro que sim! Você tem que ter a sua Prata ... o que é, não é?" ele pegou a corrente que prendia a sua própria Folha de Carvalho de Prata em torno de seu pescoço e a sacudiu levemente. Era o emblema de um Arqueiro de pleno direito. Então ele começou a pesquisar em seus bolsos, franzindo a testa.

"Isso estava aqui! Tinha isso aqui! Onde diabos está isso ... espere. Eu ouvi algo cair sobre as placas quando eu vinha! Devo ter deixado cair. Basta

verificar fora da porta da frente, vá lá, Will?

Muito chocado para falar, Will se levantou e foi até a porta. Quando ele colocou a mão sobre o fecho, ele olhou para os dois Arqueiros, ainda sentados à mesa. Crowley fez um pequeno movimento com as costas da mão, pedindo-lhe para ir lá fora. Will estava ainda olhando para trás, para eles, quando ele abriu a porta e saiu por sobre a varanda.

"PARABÉNS"

O grito enorme subiu de pelo menos quarenta gargantas. Ele girou em estado de choque para encontrar todos os seus amigos reunindo-se na clareira de fora, ao redor de uma mesa posta para um banquete, os seus rostos com um sorriso radiante. Barão Arald, Sir Rodney, Lady Pauline e Mestre Chubb estavam todos lá. Assim, estavam Jenny e George, seus ex companheiros de protegidos. Havia uma dúzia de outros com o uniforme Arqueiro — homens que ele conheceu e trabalhou ao longo dos últimos cinco anos. E maravilha das maravilhas, havia Erak e Svengal, berrando seu nome e acenando seus enorme machados em seu louvor. Perto deles estavam Horace e Gilan, ambos empunhando suas espadas em cima também. Parecia uma seção perigosa da multidão para estar, Will pensou.

Após a primeira mensagem concertada, as pessoas começaram a aplaudir e chamar seu nome, rindo e acenando para ele.

Halt e Crowley se juntaram a ele na varanda. O comandante estava curvando de tanto rir.

"Ah, se você pudesse ter visto a si mesmo!" ele ofegou. "Seu rosto! Seu rosto! Foi impagável! 'É só isso?'" Ele imitou o tom lamentoso de Will e dobrou novamente.

Will virou-se para Halt acusadoramente. Seu professor sorriu para ele.

"Seu rosto era um estudo", disse ele.

"Você faz isso para todos os aprendizes?" Will perguntou.

Halt acenou vigorosamente. "Cada um. Evita os deixar com a cabeça inchada no último minuto. Você tem que jurar nunca deixar um aprendiz saber o segredo."

Ele tocou a manga de Will e apontou.

"Mas só o sortudo, ou melhor, consegue isso."

Will olhou na direção indicada e ele sentiu um aumento fixo de sua garganta. Lado a lado, Alyss e Evanlyn estavam caminhando lentamente através da clareira em direção a ele, carregando uma almofada de cetim vermelha pequena entre elas.

Alyss, alta, firme, loira cinza e linda em seu vestido elegante de

Mensageira.

Evanlyn, moleca, sorrindo, loira mel e linda a seu modo.

E sobre a almofada entre elas, brilhando sob os raios do sol errante na tarde que encontrava o seu caminho através das árvores, estava um simples amuleto de prata de folha de carvalho em um cordão — o símbolo de tudo o que Will tinha se esforçado nos últimos cinco anos. Agora seu.

As duas meninas o levantaram da almofada e, juntas, abaixaram sobre sua cabeça baixa enquanto a multidão aplaudiu rouca. Em seguida, conduzido pelo mesmo impulso, elas o beijaram — Alyss na bochecha esquerda, Evanlyn à direita.

E então adagas brilharam para uma e outra.

"Vamos começar essa festa! " Crowley disse apressadamente. E pegando Will pelo braço, puxou-o para o grupo de amigos esperando para cumprimentá-lo.



Foi uma festa que iria para baixo nos anais do Castelo Redmont. Os últimos convidados ainda estavam comemorando quando o sol começou a subir. Will e Horace, seu velho amigo, sentados na pequena varanda vendo os últimos dançarinos saírem da clareira e irem para casa.

"Você se sente como um Arqueiro pelo menos?" Horace perguntou ele.

Will balançou a cabeça tristemente. "Eu me sinto absolutamente dominado pela coisa toda", disse ele. Então, após alguns segundos, ele confidenciou: "Você sabe, algumas semanas atrás, eu não acho que eu estava pronto para isso."

"E agora?" Horace perguntou.

"Agora eu sei que se você esperar até que você achar que está pronto, você vai esperar a vida toda."

O jovem cavaleiro concordou. "Eu não poderia ter dito melhor", disse ele. "É exatamente como me senti quando voltei da Escandinávia e Duncan me tornou cavaleiro. "Eu não estou pronto", eu continuei querendo dizer.

"Mas você estava", disse Will.

Horace assentiu. "Sim. Talvez nossos professores sabem o que estão fazendo, afinal. Halt acha o mundo de você, você sabe. Quando estávamos na prisão em Maashava, ele sabia que você ia aparecer para nos tirar. Ele deve ter ficado orgulhoso em vê-lo graduando hoje. Seguindo seus passos."

"São grandes passos a seguir", disse Will. "Eu acho que é por isso que eu

pensava que eu não estava pronto. Eu sabia que nunca ia ser tão sábio ou tão capaz ou tão corajoso como Halt. Eu nunca poderia ser como ele. Crowley disse isso hoje: há apenas um Halt."

Horace olhou para ele muito seriamente, avaliando ele, pensando em tudo o que tinha aprendido sobre este notável jovem homem nos últimos cinco anos.

"Você pode nunca ser exatamente como ele", disse ele. "Mas não haverá muito a ele."

Em seguida, os dois amigos se inclinaram para trás e viram o nascer do sol clarear das árvores.

"Melhor hora do dia", disse Will.

"Sim", Horace acordado. "O que tem para o café da manhã?"



Este *ePub* foi criado em Março de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Máfia dos Livros

